



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ALINE OLIVEIRA RAMOS

**PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: SENTIDOS DE PROFESSORAS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

ALINE OLIVEIRA RAMOS

**PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: SENTIDOS DE PROFESSORAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa 2: Currículo e Práticas Educacionais

Orientadora: Dra. Nilma Margarida de Castro Crusoé

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

R141p

Ramos, Aline Oliveira.

Práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental: sentidos de professoras / Aline Oliveira Ramos, 2015.

235f.

Orientador (a): Nilma Margarida de Castro Crusoé.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Educação, Vitória da Conquista, 2015.

Inclui referências.

1. Ensino fundamental - Discriminação racial. 2. Docência – Práticas de discriminação racial (Ensino fundamental).

I. Crusoé, Nilma Margarida de Castro. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. T.

CDD: 372

ALINE OLIVEIRA RAMOS

**PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: SENTIDOS DE PROFESSORAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Data da Aprovação: 6 de abril de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nilma Margarida de Castro Crusoé (PPGED/UESB)
Orientadora

Prof. Dr. Edimilson Menezes (NPGED/UFS)
Titular Externo

Profa. Dra. Núbia Regina Moreira (PPGED/UESB)
Titular Interno

Profa. Dr. Maria Eliete Santiago (PPGED/UFPE)
Suplente Externo

Profa. Dra. Maria Cristina Dantas Pina (PPGED/UESB)
Suplente Interno

Aos meus pais - Maria José e Gildásio– Pelo amor e admiração.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pela oportunidade dada à educação da região.

Aos colegas professores colaboradores da pesquisa.

À professora, orientadora, Nilma Margarida de Castro Crusoé, ao agregar as funções de coordenadora, orientadora e professora, demonstrou total competência técnica e intelectual, rigor científico, comprometimento, liderança ímpar. Sua seriedade profissional faz sobressair características como a pontualidade, a organização, a objetividade e nos presenteia ainda com sua generosidade. Agradeço pelo cuidado e paciência, mas principalmente pela contribuição à minha formação intelectual e humana.

À professora Núbia Regina Moreira pela colaboração substancial.

Aos professores do mestrado e aos professores convidados, pelo empenho ao ministrar suas aulas e/ou cursos.

À Janaina secretária do programa pela atenção.

Aos colegas do mestrado que se mostraram sempre solidários.

Aos professores do ensino fundamental, ginásio, magistério, graduação e pós-graduação.

À minha irmã Adriana, ao seu esposo Antonio e meu sobrinho Davi, por me receberem em sua casa durante todo o mestrado, ao cuidado e atenção doados a mim.

À minha irmã Caline, ao seu esposo João e a minha sobrinha e afilhada Maria Eduarda pelo amor, generosidade e por ligar todos os dias.

Aos meus pais pela força.

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nas series iniciais do Ensino Fundamental I. A pesquisa foi realizada no município de Itapetinga, Bahia. Foram entrevistadas 06 (seis) professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Optamos por um processo de investigação baseado no conceito weberiano de sentido e nos seguintes conceitos da fenomenologia sociológica de Alfred Schutz: experiência, motivo e realidade. Sabemos que tais aportes teórico-metodológicos, retirados da Fenomenologia Social de Alfred Schutz e da Sociologia Compreensiva de Weber são de raiz sociológica e entendemos que fazem parte do quadro analítico da investigação qualitativa em educação, de acordo com Amado (2013). Para tal, constituíram-se os seguintes objetivos específicos: Identificar sentidos atribuídos por professoras às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental; comparar os diferentes sentidos atribuídos por professoras às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental, observando em quais aspectos se aproximam e se diferenciam. O suporte teórico que orientou a análise dos dados baseou-se, principalmente, nos trabalhos de Santos (1983); Fanon (2008) Guimarães (2002; 2012), Gomes (1995; 2003; 2004; 2008); Munanga (2008; 2012) Moore (2012); Moura (1977), Moreira (2011). Esta pesquisa revelou que as professoras pesquisadas se dão conta do impacto do fenótipo, nas relações raciais, tanto na sua vida pessoal como entre os estudantes, no contexto das relações construídas, na escola. Os sentidos das professoras, sobre práticas de discriminação racial, apontaram preocupação em compreender sobre as relações raciais. De outro modo, revela um fato preocupante, não conseguem articular às práticas de discriminação racial a uma ordem sistêmica e perversa que é o racismo.

Palavras-chaves: Anos iniciais. Ensino Fundamental. Práticas de Discriminação racial. Sentidos.

ABSTRACT

This research aims to analyze teachers' perceptions on racial discrimination practices in the initial grades of elementary school. The survey was carried out in the city of Itapetinga, Bahia. We interviewed six (06) teachers of early elementary school. We opted for a process of investigation based on the Weberian concept of meaning and on the following Alfred Schutz's social phenomenology concepts: experience, reason and reality. According to Amado (2013), such theoretical and methodological contributions, taken from Alfred Schutz's Social Phenomenology and from Weber's Comprehensive Sociology, come from sociological roots, and we also understand that they take part of the analytical framework of the qualitative research in education. For that purpose, the following specific objectives were established: identification of the meanings attributed by teachers to the practices of racial discrimination in the early years of elementary education; comparison between the different meanings attributed by teachers to the practices of racial discrimination in the early years of elementary school, checking on what aspects they are similar and/or different. The theoretical support which guided the analysis of the data was based mainly on the works of Santos (1983); Fanon (2008) Guimarães (2002; 2012), Gomes (1995; 2003; 2004; 2008); Munanga (2008; 2012) Moore (2012); Moura (1977), Moreira (2011). This research has revealed that the surveyed teachers are aware of the phenotype impact, in the racial relationships, not only in their own personal one, but also among the students, in the context of the relationships which have been built at school. The senses of the teachers about the practices of racial discrimination showed concern in understanding the racial relationships. In other words, the study has revealed a worrying fact: they don't get to articulate a systemic and perverse order as is racism, to the practices of racial discrimination.

Keywords: Early years. Elementary Education. Racial discrimination practices. Senses.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
ENDIPE	Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino
EPENN	Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste
FPA	Fundação Perseu Abramo
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

1 DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO AO CONTEXTO DE PESQUISA: CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	11
2 PERCURSO INVESTIGATIVO EM BUSCA DE SENTIDOS DE PROFESSORAS SOBRE PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	29
2.1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA QUALITATIVA/INTERPRETATIVA DESENVOLVIDOS NESTA PESQUISA.....	29
2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA E SEU CONTEXTO DE TRABALHO	33
2.3 ENTREVISTA	38
2.4 PROCESSO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO PRATICADA NESTA PESQUISA	41
3 HISTÓRIA DE SER PROFESSORA E O PENSAMENTO DO PROFESSOR.....	45
3.1 MOTIVAÇÃO INICIAL PARA SER PROFESSORA	45
3.2 TORNA-SE PROFESSORA NA FORMAÇÃO INICIAL E APRENDIZAGENS DE SER PROFESSORA NA ESCOLA.....	47
3.3 CONCEITO DE EDUCAÇÃO E ESCOLA.....	49
3.4 CONCEITOS DE CONHECIMENTO E CURRÍCULO	51
3.5 CONCEITO DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL	54
4 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL	58
4.1 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA FAMÍLIA DE ORIGEM E NA FAMÍLIA NUCLEAR	61
4.2 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO MERCADO DE TRABALHO, NO CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO	66
4.3 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA, NA CONDIÇÃO DE ESTUDANTE E DE PROFESSORA.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	100
APÊNDICE A –ROTEIRO DE ENTREVISTA GRAVADA	100
APÊNDICE B –LEITURA VERTICAL	104
APÊNDICE C –MATRIZ INICIAL	105
APÊNDICE D –TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	173
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LUCIMARIA	178

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROSÂNIA	187
APÊNDICE G – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARTA	194
APÊNDICE H – ENTREVISTA COM A PROFESSORA RITA	203
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LUCIANA	208
APÊNDICE J – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MÔNICA	211
ANEXOS	217
ANEXO A - OFICIO ENCAMINHADO À SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, DE SALVADOR, PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO EXPLORATÓRIO NA ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANA DOS SANTOS	217
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIDO (TCLE).....	218

1 DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO AO CONTEXTO DE PESQUISA: CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Esse capítulo tem como objetivo “problematizar” o objeto de estudo “práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental”, e para tanto toma como referência sentidos atribuídos por quem lida cotidianamente com o problema: o(a) professor(a). Inicialmente, torna-se importante destacar que a prática de discriminação racial, de um lado é

[...] sustentada pela ideologia de supremacia branca e patriarcal, que funciona como um sistema de representação fortemente carregado de desafetos que se manifestam na subjetividade, através das ideias e das imagens que se fazem desses outros, e no comportamento objetivo, através de atitudes, das condutas e do discurso discriminatório (SANTOS, 1983, p. 54).

Além disso, tal situação marca historicamente a vida de vários descendentes de negros¹ no Brasil, inclusive a minha. Desse modo, as experiências contextuais de discriminação racial serão traduzidas, inicialmente, como uma narrativa em primeira mão, aliada a outras traduções de segunda mão, contidas em narrativas de outras professoras, resultado de estudo exploratório² com enfoque em trabalhos teóricos que versam sobre o tema, com o intuito de deslindar um quadro empírico-teórico, como pesquisadora, dos sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial e torná-los estudáveis cientificamente.

Inicialmente, o cenário de descoberta do conhecimento, a meus olhos, foi o momento da percepção do preconceito de cor, na escola pública, da década de 1990, na condição de estudante. Por meio de repetidos comportamentos hostis que se reproduziam durante as aulas e no intervalo, a “minha” cor inspirava em alguns colegas a manifestação de vários tipos de deboche e xingamento. Desse modo, fui me tornando, usando as palavras de Fanon (2008, p. 108), “[...] sobredeterminado pelo exterior; não sou escravo da ideia que os outros fazem de mim, mas da minha aparição”. Com aquelas reações hostis, percebi que meus colegas

¹Nesse trabalho, entendemos como negro os pretos e pardos “[...] já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua ascendência africana” (BRASIL, 2004, p.15).

²Realizamos um estudo exploratório, antes da entrada oficial no campo de pesquisa, no intuito de conferir a pertinência do objeto proposto, no que tange as questões raciais. Este foi realizado no primeiro ano do mestrado (2013), numa escola pública de Salvador-Bahia, inserida na comunidade do terreiro *Ilê Axé Opo Afonjá* e que trabalha com o projeto *IrêAyó*, cujo objetivo é estudar e utilizar nas atividades pedagógicas, aspectos da cultura de matriz africana, tais como a linguagem, modos de ser e de ver o mundo. Entrevistamos duas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, utilizamos um roteiro de entrevista semi-estruturada (o roteiro inicial consta no capítulo II que trata da metodologia e sua reconfiguração está no Apêndice A) e apresentamos a análise dos resultados nesse item, por acreditarmos que permitem delinear melhor o nosso objeto de estudo, sua pertinência e atualidade, tendo a empiria como referência.

pretendiam me mostrar que a “cor escura” não correspondia a um padrão de estética aceitável. Durante muito tempo, recebi aquele tratamento e o silêncio era minha única resposta.

Lembro-me de uma aula de história, cujo conteúdo apresentado era a *escravidão dos negros no Brasil*, e utilizamos como material complementar, o livro didático. Nele havia uma representação estereotipada do negro escravizado, o que provocou uma reação negativa entre meus colegas. Naquele momento, já era identificada como negra, e assimilei parte daquelas ofensas. Fiquei aturdida, quando um colega se virou, apontou em minha direção e disse: “olha outro *macaco* ali”. Fiquei arrasada, pois, como viria a perceber, mais tarde, pelas palavras de Gomes (1995, p. 16), “a verdadeira dimensão da discriminação racial só pode ser dada por aquele que a sofre”. Esse fato marcou o meu comportamento de forma definitiva, apresentou-me o estigma, bem traduzido pela fala de Goffman (1988, p. 7), ao afirmar que “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”.

Ademais, a permanência da veiculação da imagem do negro na condição de escravo, no livro didático, pode ser vista como um esforço empreendido pelo segmento dominante de cristalizar a imagem do negro como submisso, levando-me a concordar com Silva quando diz que é “uma estratégia de manter a inferioridade e a subordinação” (SILVA, 2004, p. 58). Assim, é intencional a ação de firmar, por meio de imagens e/ou palavras a inferioridade do negro, pois “[...] a dinâmica própria do racismo se desenvolve dentro do universo de atitudes, valores, temores e, inclusive, ódios [...]” (MOORE, 2012, p.226).

Retomando ao episódio da minha sala de aula, a professora estava na sala e reagiu da seguinte forma: “façam silêncio, preciso continuar a aula”. Confesso que esperava um posicionamento de recriminação àquela violência que sofri, pois entendemos como Silva (2004, p.73) que o professor é o “principal mediador dos estereótipos veiculados no livro didático”; contudo, essa ação mediadora parece ser inconsciente por parte dele. A professora, naquela ocasião, ao presenciar aquele ato de discriminação racial, não demonstrou ter relacionado aquele fato ao sistema racista que impregna as sociedades “racializadas”. Pode-se inferir que as barreiras que foram construídas historicamente para impossibilitar a visão e a compreensão do sistema racista no Brasil produzem efeito, inclusive, sobre a atitude da professora, a exemplo da ideologia da democracia racial³, que traduz a ideia de que o Brasil era uma sociedade “sem

³ A expressão que foi usado pela primeira vez por Roger Bastide num artigo publicado no Diário de S. Paulo em 31 de março de 1944, no qual se reporta a uma visita a Gilberto Freyre, a Apipucos. [...] Em suas conferências na Universidade do Estado de Indiana, no outono de 1944, [...], usou-se a expressão sinônima- “democracia étnica”- para referi-se à catequese jesuíta. [...] a expressão de Freyre parece datar de novembro de 1943, quando se refere à tradição democrática baiana. A origem da ideia de democracia em Freyre, no entanto, já desvendada por Elide Rugai Bastos (2001) remonta a sua crença num suposto caráter ibérico da civilização brasileira. [...] a disseminação e aceitação política da expressão democracia racial [...] tendo ela sido de uso corrente no movimento negro dos

linha de cor”, ou seja,

[...] uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou a posições de riqueza ou prestígio, era já uma ideia bastante difundida no mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, bem antes do nascimento da sociologia. Tal ideia, no Brasil moderno, deu lugar à construção mítica de uma sociedade sem preconceito e discriminações raciais (GUIMARÃES, 2002, p. 139).

A aceitação da democracia racial tornou-se uma grande barreira no desvelamento e enfrentamento do racismo existente no Brasil, já que promoveu a perpetuação das desigualdades sociais que, por sua vez, são justificadas por discursos que apontam suas vítimas como as únicas responsáveis por sua marginalização, pobreza, analfabetismo, entre outras mazelas sociais. Tal ideia é, ainda, muito comum, exatamente por não haver um desnudamento do sistema racista imperante no mundo e, de modo peculiar, o racismo desenvolvido entre nós. O professor, quando presencia situações de discriminação e não a problematiza, contribui para sua naturalização e conseqüentemente sua reprodução. A respeito dessa ausência de um questionamento crítico sobre essa questão, assim se pronunciava Cavalleiro (1999, p. 91):

[...] pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas, muitas vezes no comportamento acrítico dos adultos à sua volta. [...] O silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece para que as diferenças sejam entendidas como desigualdade e o negro como sinônimo de desigual e inferior.

Entendemos, seguindo a linha de raciocínio de Moore (2012, p. 233), que o racismo “[...] constitui um fator majoritário no universo onde ele se sustenta emocional e historicamente, permeando todas as camadas da sociedade”, se renovando a cada instante e, nesse sentido, fizemos a seleção de alguns estudos, no intuito de situarmos o tratamento da questão racial no Brasil, no âmbito da educação, e assim reafirmarmos a pertinência do tema de estudo.

Encontramos nos Anais do XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN, 1999)⁴, a pesquisa de Cunha Jr. (1999) intitulada: *Identidade da Escola de Periferia, Identidades Negras e Nordestinas dos Estudantes*, realizada em uma escola pública de São

anos 1950. [...] na literatura acadêmica especializada, no entanto, o uso primeiro parece caber a Charles Wagley. “O Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial” (GUIMARÃES, 2002, p.138-139).

⁴⁰ levantamento que realizamos no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), no Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN) e, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) tem o intuito de mostrar a dinâmica das práticas racistas, como elas vêm se configurando desde 1990 até os dias atuais. Esses encontros de educação, que tomamos como referência, ocorrem a cada dois anos. Escolhemos começar em 1990 que foi a década em que os Parâmetros Curriculares Nacionais chegaram à escola e contemplavam de modo transversal a questão da diversidade cultural e racial brasileira (BRASIL, 1997).

Paulo, que trata de questões de cor, classe e racismo como fatores que incidem na construção da identidade do estudante pobre, apontou a necessidade de se avançar no que diz respeito ao entendimento do termo etnia que: “[...] funciona com dupla significação para a população participante [...], tratando-se da descendência africana por um lado e por outro de uma parcela significativa da origem nordestina” (CUNHA JR, 1999, p. 5). O trabalho aponta a escola e a educação como meios possíveis para o combate ao racismo, além de ser uma possibilidade da construção de uma “pedagogia da igualdade entre as etnias” e, para tanto, aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais como um caminho possível no avanço diante dos “radicalismos eurocêntricos”. Devemos observar a escola de periferia pesquisada é vista como um lugar que não promove uma identidade positiva dos estudantes negros e nordestinos, criando lugares sociais demarcados para esses.

Nove anos antes do início da década de 1990, a temática racial, ainda, não havia chegado à escola, formalmente, mas, em meados da década de 1990, entre 97 e 96, 95/96, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), surge a possibilidade para a entrada objetiva das discussões sobre a questão racial na escola, mesmo que de modo transversal. Sabemos que, diferentemente do que os estudiosos das questões raciais e o movimento negro esperavam, os PCNs não apresentaram a questão racial como eixo central. Quase sete anos depois, as diretrizes para o ensino da história e cultura africana, foram formuladas e tornou-se realidade por meio da lei 10.639/2003. A esse respeito, torna-se conveniente resgatar o que diz Abramowicz (2006, p. 48),

O que vem sendo proposto em relação ao trabalho com as diferenças, inclusive pelos parâmetros curriculares nacionais, tem sido inócuo, a tolerância, como proposta de atuação, é uma maneira de nada fazer. Tolerar-se como se fosse uma deferência ao outro. Nenhuma criança que possui alguma marca da diferença pede tolerância, não há nada a tolerar. Há que tornar a diferença uma positividade, uma afirmação.

Em trabalho apresentado no GT12 de currículo, no EPENN (1999), tendo como título: *Refletindo sobre a Discriminação Escolar*, Santos (1999) teve como objetivo mostrar que a escola pública e gratuita não atende aos reais interesses da clientela pobre e de cor. Para essa investigação, o local de estudo são as escolas públicas localizadas no Bairro da Liberdade, em São Luís no Maranhão. Esse estudo revelou que, no “âmbito educacional, várias são as manobras discriminatórias”; além disso, elas são encontradas no currículo escolar que nega a produção do conhecimento em outras culturas como a africana e indígena, e no livro didático que “só inclui o negro na sua posição caricatural”. Publicado há quinze anos, o trabalho de Santos (1999), nos mostra a dificuldade que o sistema educacional brasileiro tem em avançar

no que tange ao enfrentamento do problema racial brasileiro presente ainda, indiscutivelmente, na educação pública. Embora os livros didáticos tenham modificado a forma caricatural com que os negros são representados, a discriminação racial perpassa o cotidiano escolar, a seleção e exposição de conteúdos, e, por isso não pode ser negligenciada. Situações de discriminação, na escola, pressupõem um currículo pensado como prática de significação que considera as questões entre cultura e educação como “um campo de luta em torno da construção e da imposição de significados sobre o mundo social” (SILVA, 2006, p. 14).

O currículo aparece como questão imprescindível para pensar a questão do negro na escola, na pesquisa educacional da década de 1990. O trabalho intitulado: *A relação entre o currículo escolar e o estudante negro: um estudo de caso numa escola pública do ensino fundamental em Teresina – PI*, sob a autoria de Gomes (1999), está registrado nos anais do EPENN (1999). O objetivo foi descrever a relação entre o currículo escolar e o estudante negro, por meio da prática pedagógica dos professores da 4ª série do ensino fundamental. Considerou-se na pesquisa que as manifestações de racismo que afloram no sistema educacional podem, também, ser causadas pelas formas como são trabalhados os elementos básicos do currículo, como o planejamento e a avaliação. Na maioria das escolas públicas, o planejamento, geralmente, não prioriza a realidade dos estudantes e os conteúdos que deveriam ser explorados. Diante dessa realidade, são necessários estudos e intervenções pedagógicas, no sentido de descentralizar a cultura eurocêntrica que é bastante acentuada nos conteúdos de ensino e recuperar o conhecimento produzido pelas culturas oprimidas e negadas, principalmente, nas nossas escolas públicas. Dessa forma, pensar e elaborar estratégias que reconheçam e valorizem o conhecimento cultural dos estudantes na busca de uma pedagogia que os contemple de modo mais abrangente, trabalhando seu “mundo social”, torna-se um aliado vital no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Sousa (2007)⁵ apresentou o trabalho *Cultura Escolar: a reprodução social da condição étnico-racial*, que chama à atenção para a estrutura educacional brasileira herdeira do sistema colonial europeu, que criou um sistema de ensino em que a Cultura Educacional prossegue dissimulando, em diversas estratégias racistas, a subalternização étnico-racial em outros saberes. Os mecanismos institucionais utilizados para a manutenção e reprodução desses privilégios civilizatórios têm na “Cultura Escolar” seu principal representante, na garantia de

⁵Tivemos acesso aos trabalhos publicados nos anais do EPENN nos seguintes anos: 1999; 2001; 2003; 2007; 2011; 2013 respectivamente. Ressaltamos que o GT21 do EPENN que discute especificamente a temática racial brasileira foi criado após a lei 10.639/2003, no ano de 2005. Os trabalhos publicados e selecionados nos anos de 1999; 2007; 2011 tratam diretamente da questão racial na educação. Intercalamos os trabalhos selecionados no EPENN e na ANPED, organizando-os de acordo com o ano.

seleção dos herdeiros dos privilégios, que foram e são transmitidos como capital étnico-racial, fazendo com que ser educado seja, de preferência, parecer com o europeu, já que este é o modelo ideal.

A urgência no enfrentamento da questão racial, registrada nos trabalhos, ainda, recai com maior responsabilidade sobre os próprios negros dentro do sistema educacional. Essa questão continua sendo uma questão incômoda, já que a escola pública como mostra a pesquisa de Sousa (2007) apropria-se de uma cultura hegemônica, classificatória, hierárquica que escolhe os melhores e punem os inferiores, no segmento tido como inferior o negro é seu principal representante, com poucas exceções, segundo os resultados das pesquisas que tivemos acesso.

Outro trabalho destaca a relevância de se repensar um currículo que contemple as relações raciais e, está registrado nos anais da ANPED (2010), no GT 12, de autoria de Costa (2010) tendo como título: *Currículo de história e fixação de sentidos sobre o “negro”: imagens da escravidão que circulam em livros didáticos*. O objetivo foi analisar os sentidos de “negro” que as imagens da escravidão dos livros didáticos de História procuram fixar. O autor questionou a imagem cristalizada do negro e de sua cultura “[...] reforçando sentidos essencializantes que apostam na produção de identidades fixas”. O livro didático, segundo a pesquisa, é um instrumento tão perigoso na produção de identidades fixas quanto na reprodução de estereótipos racistas e discriminatórios. Pensar um currículo que contemple a diversidade inclui planejar, também, o uso dos instrumentos e materiais que o acompanhe nesse avanço. O livro didático não pode ser pensado fora do currículo que a escola propõe. Assim, podemos pensar que há uma instabilidade de sentidos ou infinitos sentidos que desafiam a identidade “negra” com significados fixos.

O trabalho de Cruz (2010), registrado no GT 21, da ANPED (2010), tem como título: *Dimensões de Educar para as Relações Étnico-Raciais: refletindo sobre suas tensões, sentidos e práticas*. O objetivo foi compreender significados de práticas pedagógicas que têm como mote a diversidade e a diferença, com enfoque em uma educação para as relações étnico-raciais. O objeto da pesquisa são os projetos finalistas do Prêmio Educar para a Igualdade Racial, realizado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). A investigação dirigiu o foco a uma análise qualitativa com uma amostra das práticas pedagógicas e verificou-se que há variadas interpretações para cultura, escola, diversidade, diferença, história, relatadas nas experiências. Os projetos retomam a perspectiva de interpretar a história como resgate de uma trajetória perdida ou extraviada, como no caso das populações negras. Em

síntese, a pesquisa demonstrou que a escola é concebida criticamente, como espaço de conflito e reprodutora de preconceitos (CRUZ, 2010).

O trabalho de Cruz (2010) aponta que o trato com a questão racial é complexo, não há receita que venha ser utilizada e reproduzida no trabalho com essa questão. Cada projeto elaborado propõe diferentes questões a serem enfrentadas. No entanto comungam do mesmo entendimento de ser a escola uma reprodutora de preconceitos, um lugar de conflito exatamente por se encontrar nela um aglomerado de culturas, etnias, religiões que acabam por estarem subordinadas a concepção *brancocêntrica* “[...], pois é incapaz de se instruir sobre a cultura e participação negra na formação brasileira [...]” (CUNHA JR, 1999, p. 16).

A pesquisa de Damasceno (2011) registrada nos anais do EPENN (2011) tem como tema: *A importância do movimento para a rediscussão do pensamento sobre as relações raciais no Brasil*. Neste trabalho, apresenta-se o percurso realizado pelo movimento negro no Brasil e sua relação com a necessidade de a população negra reverter à intensa disparidade que há entre negros e brancos, a qual é fruto das relações de dominação forjadas, ainda, no período da escravidão e que se perpetuaram mesmo após o fim desse sistema. Aponta que importantes pautas debatidas pelo Movimento Negro Unificado [...] foram incorporadas à Constituição: a) o reconhecimento da propriedade definitivas das terras de remanescentes de comunidades de quilombos, no Artigo 68; b) das Disposições Transitórias da Constituição; c) a criminalização do racismo, que passou a ser considerado crime inafiançável e imprescritível, Artigo 5º.

A pesquisa de Damasceno (2011) é relevante, pois reforça a importância social do movimento negro. Tomamos como marco do movimento a década de 1970 quando assumiu uma nova fase da luta política. A questão educacional sempre foi prioridade para o movimento negro, prova disso que ele promovia espaços educacionais e formação de qualidade quando o Estado brasileiro ainda lhes negava esse direito. Os movimentos negros assumiram a “questão do negro” e, buscaram por meio do conhecimento e da educação colocar o negro dentro do processo democrático e, assim, fazê-lo cidadão de fato e de direito, seja na política, na academia que tanto negou essa discussão, seja no sistema educacional.

Mais recentemente, Oliveira (2014) realizou um breve balanço da produção acadêmica do GT 21, ANPED, com o título: *Dez anos do GT Educação e Relações Étnico-Raciais da ANPED (2002-2012): contribuições e perspectivas*. Segundo esse levantamento, a contribuição dos diversos entendimentos sobre as relações raciais no Brasil leva “[...] a compreensão de que tais relações são fundamentais para se pensar o país, na medida em que são constitutivas do que nós somos” (OLIVEIRA, 2014, p. 157). Outra questão trazida pelo estudo é sobre a importância

do GT21 junto com o movimento negro e o desdobramento dessas forças que resultaram na elaboração de políticas públicas no início dos anos 2000. Ele destaca três ações:

[...] a) da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, seguida pela lei 11.645/08, que inclui a questão indígena; b) a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- SECAD, em 2004, que apresentaria como intuito, a articulação, dentre outras questões, o tema da diversidade nas políticas educacionais; c) e por fim, talvez a questão mais polêmica, as ações afirmativas (OLIVEIRA, 2014, p.161).

A visão panorâmica das questões raciais apresentada por Oliveira (2014) reforça a necessidade de se pesquisar e ampliar o debate no campo das relações raciais, na esfera educacional.

Por fim, um importante levantamento sobre os estudos raciais, com foco na educação básica e inspirado no campo teórico dos estudos culturais, foi apresentado no XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), em 2012 e apresentou os seguintes pontos:

- a) O racismo é resultado de uma articulação complexa;
- b) As identidades e diferenças são uma construção radicalmente histórica e cultural;
- c) A educação básica, além de se ocupar com o conhecimento fruto de uma seleção arbitrária, produz identidades e diferenças;
- d) A educação básica contribui para a manutenção do racismo e da desigualdade;
- e) O conteúdo e cultura valorizados do grupo hegemônico;
- f) A educação básica contribui para a inferiorização dos sujeitos negros;
- g) A educação básica trata os diferentes como inferiores reforçando o processo de discriminação e racismo;
- h) A educação básica discrimina geralmente de forma implícita e silencia sobre práticas racistas;
- i) As questões raciais ainda são tidas como coisa ou questão de negro (BACKES, 2013).

O resultado apresentado por Backes (2013) ajuda-nos a compreender os desdobramentos do racismo na educação básica. Observamos semelhanças do exposto no ENDIPE (2012), com os relatos do estudo exploratório que realizamos em 2013, os quais passaremos a apresentar e, a implicação com o tema dessa pesquisa. O racismo está problematizado na maioria dos trabalhos. É perceptível que mais de 90% da literatura sobre a

questão racial e o racismo está focada na análise desse fenômeno a partir do século XVI, concentrando-se majoritariamente no período seguinte à Segunda Guerra Mundial. No entanto, a gênese do racismo pode ser compreendida para além do sistema escravista e das ideologias raciológicas. O racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos (MOORE, 2012, p. 31) e, é a partir dele que se torna possível a compreensão das práticas de discriminação racial e das desigualdades sociais.

Sobre o estudo exploratório realizado por nós em 2013, Dara⁶ (2013) professora entrevistada diz que *entre os estudantes é comum [...] um chamar o outro de preto, de macaco, botar o macaco no meio*⁷. Após o fim do sistema escravista, ainda veicula-se no imaginário social a associação do negro escravizado, caricaturado como macaco, “[...], com expressão fisionômica desumanizada e associada a animais [...]” (SILVA, 2004, p. 55). Comparações entre o negro e o macaco continuam acontecendo, nos diferentes contextos sociais e nas diferentes instâncias sociais, a exemplo da escola. É nesse sentido que se faz necessário entender à ordem racista que faz perpetuar tais comportamentos. O racismo é um sistema permanente e de renovação constante de seus mecanismos, independe do tempo, sendo ele um fenômeno universal, como podemos depreender da fala de Ianni (2004, p. 21): “A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente”.

Portanto, as palavras de Moore aplicam-se ao nosso caso em estudo, já que longe de recuar “[...] diante da educação e da ciência, e em vez de ser contido pelo acúmulo crescente de conhecimento, o racismo adentra-se na ciência e converte-se em modo de educação” (MOORE, 2012, p.232). É o sistema racista que produz os padrões com base na superioridade que corresponde ao grupo dominante, fenotipocêntrico, ou seja, branco, e produz o Outro, inferiorizado possuidor do fenotípico preto.

Além disso, dentro dessa correspondência de padrão estético superior e inferior, Gomes (2008) mostra como o cabelo e o corpo, do negro, são elementos simbólicos imprescindíveis na construção da identidade. O cabelo do negro é alvo de incessantes ataques, como apresenta a professora Dara (2013): *[...] uma (criança) diz a outra até na brincadeira seu cabelo é duro, seu cabelo não presta, é duro[...] a própria sociedade incutiu, que o bom, que tem mais valor é o liso.*

⁶ Optamos por colocar nomes fictícios para não expor as entrevistadas, participantes do estudo exploratório.

⁷ Optamos por colocar a fala dos entrevistados em *itálico* para diferenciar da fala dos teóricos. A transcrição encontra-se no Apêndice D.

Padrões estéticos são produzidos culturalmente e organizados em dois pólos o da beleza e o da feiúra; nesse sentido, o sistema racista, posiciona o negro naquele que é caracterizado como feio e inferior. As noções de bonito e feio, bem como superior e inferior, são aprendidas desde a infância e refletem-se ao longo da vida. Os negros aprendem a se inferiorizar e vêem o branco como superior, mas, também, a lutar e reconhece-se como um ser de valor. Todas essas aprendizagens estão registradas na trajetória social de cada indivíduo, é a partir dela que ele constrói sua identidade. Cabe-nos repetir as palavras de Gomes (2003, p. 80) quando afirma que,

Sabendo que a identidade negra em nossa sociedade se constrói imersa no movimento de rejeição/aceitação do ser negro, é compreensível que os diferentes sentidos atribuídos pelo homem e pela mulher negra ao seu cabelo e ao seu corpo revelem uma maneira tensa e conflituosa de lidar com a corporeidade enquanto uma dimensão exterior e interior da negritude.

São os traços morfológicos e o fenótipo do negro que são logo ativados diante do sistema racista e por ele manipulados, “[...] é na corporeidade que se atinge o preto. É enquanto personalidade concreta que ele é linchado [...]” (FANON, 2008, p. 142). O negro é julgado pelo seu corpo, as relações são estabelecidas a partir do olhar do outro diante do corpo negro. Doutra modo, somos levados a recordar o que nos disse Gomes, já que “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1988, p. 11). O corpo negro torna-se um instrumento efetivo de comunicação em uma sociedade racializada, os estereótipos são posicionados para marcar negativamente a imagem do negro, como bem salienta Silva (2006, p. 51):

No estereótipo, a complexidade do outro é reduzida a um conjunto mínimo de signos: apenas o mínimo necessário para lidar com a presença do outro sem ter de se envolver com o custoso e doloroso processo de lidar com as nuances, as sutilezas e as profundidades da alteridade.

Na escola, as crianças negras são apresentadas, por meio da discriminação racial, ao seu estigma, ou seja, sua cor. Desde a infância, no processo de desenvolvimento e de interação social, os seres humanos aprendem a discriminar e a estabelecer comparações e conceitos que corresponderão aos comportamentos aprovados socialmente (SILVA, 1999, p. 62). O cabelo considerado ruim e apontado como um elemento que afirma a beleza da mulher traz para a criança negra marcas em sua subjetividade, “[...] o cabelo crespo é um dos argumentos usados para retirar o negro do lugar da beleza. [...]” (GOMES, 2003, p. 80). Tal prática pode ser uma

tentativa de ofuscar a força e ousadia desse segmento que nunca se intimidou diante da imposição do *status quo* imperante. A negação da estética negra é reforçada pelos veículos sociais de reprodução de ideologias que se ajustam a um modelo classificatório de superioridade e inferioridade. Tal negação, é apresentada como verdade incontestável, urge então a necessidade de compreendermos que, tal qual demonstrou Munanga (2008, p. 15),

O corpo humano com suas características perceptíveis, como a cor da pele, do cabelo e dos olhos; a textura do cabelo; os traços morfológicos, tais como o formato do nariz, dos lábios, do queixo, do crânio, etc., fornece a matéria-prima a partir da qual foi formulada a teoria racialista.

A disseminação de estereótipos racistas pode ser encarada, problematizada, questionada e denunciada dentro da escola. Os “[...] materiais pedagógicos têm papel fundamental na reprodução das ideologias, uma vez que expandem visões estereotipadas dos seguimentos oprimidos da sociedade” (SILVA, 2004, p. 50-51). O projeto político pedagógico da Escola Eugenia Anna dos Santos, campo de nossa pesquisa exploratória, investe no respeito à diferença humana, segundo a professora entrevistada Ideracy⁸ (2013): *A gente valoriza a pessoa que tem uma cor negra, a gente faz com que essas crianças se percebam como pessoa, como gente [...] por que somos diferentes, todos nós, aquela questão de você valorizar o outro, como ser humano*. A luta pela igualdade de tratamento dos grupos étnicos dentro dessa escola, além do reconhecimento positivo da diferença são passos importantes na luta antirracista, pois se trata de uma ação valiosa, mas que deve ser exercida observando a dinâmica do racismo.

É necessário avançar no entendimento do racismo para além da ideia, amplamente arraigada e estimulada na consciência popular, segundo a qual, o racismo é uma elaboração intelectual com fins políticos e econômicos, e assim facilmente desmontável, sendo uma construção ideológica de fácil dissolução. Pensar nesses moldes é crer que o racismo é apenas uma questão de indecência, falta de moral e acreditar que uma boa educação ou formação religiosa resolveria essa questão. Nesse caso, parece que estamos no controle e essa não é uma realidade, pois desde a Segunda Guerra Mundial se busca incessantemente, por meio da educação, destruir o “monstro” do racismo e os resultados incipientes, o que se presencia é a sua repetição usando sempre de novos mecanismos. Nesse sentido, é preciso atentar para o sistema racial elaborado e normativo que rege as sociedades. A questão racial torna-se cada dia mais complexa, e nas palavras de Ianni (2004, p. 22),

⁸Transcrição Apêndice D

[...] Mais uma vez, no início do século XXI, muitos se dão conta de que está novamente em curso um vasto processo de racialização do mundo [...] quando indivíduos e coletividades, povos e nações, compreendendo nacionalidades, são levados a dar-se conta de que se definem, também ou mesmo principalmente, pela etnia, a metamorfose da etnia em raça, a transfiguração da marca ou traço fenotípico em estigma.

Essa questão é de responsabilidade da sociedade brasileira, da educação, por ser um problema que exige um posicionamento abrangente, pois afeta todas as camadas e instituições sociais e resiste com tamanha força, como afirma Moore (2012, p. 230-231),

[...] expandindo-se apesar dos esforços morais e culturais e de todos os avanços no conhecimento científico sobre o desenvolvimento das sociedades humanas, é porque ele tem se convertido, ao longo do tempo, numa realidade tenaz, arraigada na consciência e na prática social, e que ele beneficia materialmente, em todos sentidos, aos usufrutuários de um sistema racializado e fenotipocêntrico. Não por outro motivo, ele se insere numa trama social global em que os evidentes benefícios obtidos na sua sustentação são muito maiores do que seus custos.

Retomo parte do meu percurso de estudante, agora no curso de magistério. Naquele período dois diálogos, entre estudante e professor, fizeram vir à tona a questão racial em sala, apesar de ser uma temática silenciada nas disciplinas, mas que estava presente no cotidiano, ou seja, nas relações ali estabelecidas.

O primeiro diálogo surgiu de um questionamento de uma estudante a uma professora negra sobre sua cor⁹: “*Se tivesse opção não seria professora, pobre ou preta, mas é necessário viver com o que se tem*” (Professora negra magistério). O discurso da professora possibilita várias inferências interpretativas se consideramos o contexto que foi pronunciado, assim dentro das possíveis conotações desse discurso, emerge a relação entre cor/pobreza, como fator que favorece uma posição social de menor prestígio reforçado na condição do exercício do magistério. No discurso, a relação cor/pobreza/magistério permite pensar qual concepção de negro o discurso da professora faz emergir, pois como Santos (1983, p. 77) torna evidente:

Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negróide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

⁹É importante frisar que ao trabalhar com a memória, posso não estar de posse das falas em sua ordem original, mas uso de uma aproximação dos dados que me foram revelados por ela, sem a pretensão de alterá-los.

Segundo Gomes (1995) ser mulher negra no Brasil é sustentar uma sobrecarga de lutas, desafios constantes, conflitos, negando e afirmando suas origens étnico-raciais. E como professora todos esses desafios se ampliam, pois esta é uma função pública, historicamente marcada como nobre, requerendo domínio intelectual, moral, etc., a professora negra está quase sempre em um processo de desconstrução dos estereótipos ligados ao seu segmento, preguiçoso, sem possibilidades intelectuais.

Um segundo diálogo ocorreu em torno dos traços morfológicos do negro. A estudante pergunta à professora branca: “[...] *aquele rapaz que você estava conversando, na praça, é seu namorado?*” A resposta “[...] *Jamais iria namorar um ‘nego’ do ‘beijo’ daquele tamanho*” (Professora “branca”). O discurso da professora de pele clara (branca) nos remete, por um lado, a uma interpretação imediata de discriminação racial ratificada pelas brincadeiras e piadas relativas aos traços morfológicos do negro. Entretanto, é possível perceber uma clara definição do que é ser negro, por meio do corpo, do fenótipo, dos traços morfológicos. Surge desse discurso uma definição *a priori* do que seja o negro, esse é representado de modo caricatural. Entende-se que os estereótipos podem ser reforçados de modo positivo ou negativo nos discursos cotidianos, bem como as práticas de discriminação racial que podem se manifestar de modo explícito ou implícito em brincadeiras, piadas e de outros modos.

Na busca de um possível panorama sobre as práticas de discriminação racial no Brasil, no que se refere ao segmento negro, apresenta-se a seguir alguns pontos que consideramos relevantes da pesquisa sobre discriminação institucional e identidade racial de iniciativa da Fundação Perseu Abramo (FPA) em parceria com a fundação alemã Rosa Luxemburg Stiftung (2003), realizada pelo pesquisador Gustavo Venturi e a analista Vilma Bokany, teve como preocupação central investigar a percepção da desigualdade racial e do racismo no país. Foram efetuadas 5.003 entrevistas, na zona urbana e rural, em 266 municípios de 25 unidades da Federação sobre a questão do racismo. Segundo a pesquisa, o brasileiro admite a existência do racismo,

[...] quase a totalidade da população (90%) reconhece que há racismo no Brasil, acredita que os brancos têm preconceito de cor, sobretudo em relação aos negros (89%), mas também em relação aos índios (53%), e que os negros também têm preconceito com relação aos brancos (62%) (VENTURI; BOKANY, 2005, p.35).

Segundo os pesquisadores muitos entrevistados tiveram dificuldade em assumir seus preconceitos, isso ocorre por inúmeros fatores, entre eles destacamos:

Por temor ou desconforto com o estigma de ser preconceituosa, ou ainda pela dificuldade de encarar o próprio preconceito, a maior parte das pessoas considera este um problema dos outros, projetando o preconceito de cor e o racismo para o conjunto da sociedade (VENTURI; BOKANY, 2005, p.35).

A pesquisa mostra, que a maioria, dos entrevistados, admitiu a existência do racismo, mas os mesmos entrevistados não percebem o racismo como o sustentáculo das diferenças e das desigualdades sociais, “[...] o racismo se encontra na raiz dos desarranjos sociais extremos vivenciados em praticamente todos os países do mundo, tornando-o a última fronteira do ódio no planeta” (MOORE, 2012, p. 225). A propaganda fundamentada na *ideologia da democracia racial* versando sobre as harmoniosas relações raciais vivenciais entre branco, negro e índio no Brasil foi desmascarada. Esse fato deve ser reconhecido como uma grande conquista nacional, principalmente para os grupos marginalizados que em nada se beneficiava com essa farsa ideológica. A democracia racial brasileira passa desde então, a ser denunciada e assume a condição de mito. É importante destacar a visão de Fernandes (2008, p. 309) nesse sentido:

Pois é patente a lógica desse padrão histórico de *justiça social*. Em nome de uma igualdade perfeita no futuro, acorrentava-se o “homem de cor” aos grilhões invisíveis de seu passado, a uma condição subhumana de existência e a uma disfarçada servidão eterna. Como não poderia deixar de suceder, essa orientação gerou um fruto espúrio. A ideia de que o padrão brasileiro de relações entre brancos e negros se conformava aos fundamentos ético-jurídicos do regime republicano vigente.

A afirmação nos faz compreender a ambiguidade das relações raciais no Brasil e demonstra como, segundo Fernandes, “[...] Engendrou-se, assim, um dos grandes mitos de nossos tempos: o mito da ‘democracia racial brasileira’”. A democracia racial poderia de fato ter ocorrido no Brasil após a Abolição da Escravatura se a sociedade brasileira representada pelos seus dirigentes se preocupasse: “[...] no modo de lidar com os problemas suscitados pela destituição do escravo, pela desagregação das formas de trabalho livre [...] pela assistência sistêmica a ser dispensada à ‘população de cor’ em geral” (FERNANDES, 2008, p. 309-311). Esse comportamento foi negado à população livre de negros e mulatos, que aspirava um lugar social e o direito de torna-se cidadão. O mito da democracia racial, teve alguma utilidade, ainda, nos valendo do testemunho de Fernandes (2008, p. 309):

Primeiro, generalizou um estado de espírito farisaico, que permitia atribuir à incapacidade ou a irresponsabilidade do “negro” aos dramas humanos da “população de cor” da cidade, [...]. **Segundo**, isentou o branco de qualquer obrigação, responsabilidade ou solidariedade morais, de alcance social e de natureza coletiva, perante os efeitos sociopáticos da espoliação abolicionista e da deterioração progressiva da situação socioeconômica do negro e do mulato. **Terceiro**, revitalizou

a técnica de focalizar e avaliar as relações entre “negros” e “brancos” através de exterioridades ou aparências dos ajustamentos raciais (grifo meu).

A ideologia da democracia racial foi uma grande barreira para o fim das práticas racistas na sociedade brasileira e para o avanço nas políticas de reparação, um perfeito mecanismo da ordem racista. Dessa forma, o “mito da democracia racial” deve ser tratado como conteúdo efetivo para o avanço do entendimento da questão racial, na escola, pois urge compreender que a “ideologia é o mito que não mais se deixa narrar” (SODRÉ, 2005, p. 48).

Em suma, práticas de discriminação racial registradas em minha trajetória não podem ser entendidas como uma questão pessoal e sim coletiva, pois existe uma ordem sistêmica que comanda os mecanismos que inferiorizam os alunos negros e produzem desigualdades sociais, entre outros, tendo como alvo o segmento negro. Ressalto que aqueles membros com o fenótipo mais escuro e traços morfológicos mais marcantes são atingidos diretamente, tal como afirma Moore (2012, p. 19):

[...] O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta à negação ou à confusão. É ele, não o genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social; que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações raciais.

As diferenças marcadas pelo fenótipo (cor) e traços morfológicos (formato do nariz) chamadas de *morfofenotípicas*, são a forma mais rápida de identificação entre as espécies, tornando-as alvo de uma linha de demarcação.

Torna-se relevante trazer à baila dois momentos de minha formação. O primeiro refere-se à graduação em pedagogia e o segundo em curso de especialização. Os enfoques de minhas pesquisas naqueles dois momentos foram essenciais para a compreensão do que agora discuto nessa etapa de minha formação acadêmica. Assumo a descrição deles por ordem cronológica. A graduação em pedagogia foi uma oportunidade para iniciar a pesquisa sobre relações raciais. O trabalho de conclusão da graduação teve como título: Como os estudantes e professores do Ensino Fundamental I lidam com as diferenças étnico-raciais e o racismo no ambiente escolar? O objetivo geral foi: investigar como os estudantes e professores do Ensino Fundamental I de uma escola pública, localizada no Município de Itapetinga/BA, lidam com as diferenças étnico-raciais e o racismo no ambiente escolar.

Na especialização em Antropologia com ênfase em culturas afro-brasileiras título: Relações étnico-raciais no ambiente escolar: dissabores e perspectivas em uma escola Pública no Município de Itapetinga, o estudo teve como objetivo geral compreender como os estudantes

e professores do Ensino Fundamental I de uma escola pública, localizada no Município de Itapetinga/BA, lidam com as diferenças étnico-raciais e práticas de racismo no ambiente escolar.

Os resultados das duas pesquisas, tanto da graduação quanto da pós-graduação, apontaram para os seguintes aspectos, em relação aos estudantes: a) no ambiente escolar ainda é um tabu declarar a cor da pele; b) os estudantes negros assumem uma atitude de inferioridade no interior da sala de aula e nos outros ambientes da escola, além de serem considerados os estudantes mais problemáticos da escola; c) apesar de os estudantes não conseguirem distinguir uma ação preconceituosa ou racista eles assumem terem sofrido ofensas por causa da cor, sentem-se marcados por uma diferença que os tornam inferior; em relação às professoras; d) um das maiores dificuldades residiu em organizar a ideia sobre a concepção de raça; e) o racismo é visto como uma prática do outro, sendo normalmente esse outro distante do ambiente escolar; f) nenhuma das entrevistas identificaram o ambiente escolar como sendo um dos espaços onde o racismo se manifesta; g) para os educadores é muito recente a Lei 10.639/2003 e por isso é difícil trabalhar com a mesma no planejamento escolar.

Os professores parecem não vislumbrar o processo discriminatório que atinge a maioria dos estudantes negros no espaço escolar. Quando admitem a presença de conflito grave entre estudantes, com base em motivação racial, tomam o caminho mais fácil e menos conflituoso para solucionar o impasse que é o de responsabilizar alguns indivíduos isoladamente em vez de propor uma ampla discussão na comunidade escolar, envolvendo os atos discriminatórios de motivação racial, entre outras.

A professora não se percebe como peça chave na transformação de atitudes discriminatórias no ambiente escolar, exatamente pelo fato de o racismo ser tão complexo. Os professores negam a existência do racismo na escola, apesar dos relatos dos estudantes que são agredidos verbalmente por pertencerem ao grupo racial negro e serem ridicularizados pela sua cor. Não há um enfrentamento do racismo nas escolas pesquisadas pelo fato dos educadores acreditarem que ele não existe no ambiente escolar.

Com esta pesquisa evidenciou-se o preconceito racial na educação escolar. As brincadeiras pejorativas são naturalizadas e relativizadas como “coisa” de criança; as intervenções dos professores continuam incipientes, nega-se a existência do racismo e atribui os apelidos dados aos negros à falta de assistência dos pais. Um dos motivos está na notória negação étnica (negra/indígena) das pessoas que compõem a educação e a grande valorização do padrão branco/europeu. As escolas pesquisadas, no período de 2005 a 2011, remetem à escola em que estudei nas décadas de 1980 e 1990, cujas práticas de preconceito eram

naturalizadas. Foi durante essas pesquisas, na graduação e na especialização, que comecei a refletir sobre o meu papel diante das situações de racismo e discriminação na sala de aula. Entendi que os professores, de modo geral, nesse sentido me incluo, não foram contemplados no processo de formação para a diversidade de classe, étnica, racial, religiosa, presente na escola. Mesmo com a aprovação da Lei 10.639/2003 que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas no currículo escolar do ensino fundamental e médio, a negação de práticas racistas na escola permanece. Contribui para o entendimento desse contexto o pensamento de Cavalleiro (1999, p.54) “O pouco conhecimento que os profissionais da educação têm sobre o racismo e suas conseqüências podem levá-los a distorcer e minimizar os problemas, em diversas situações”.

Desse modo, por meio dos sentidos das professoras sobre as práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental, pretendemos contribuir para as discussões em torno da temática. Partimos do ponto de que o racismo é um fenômeno universal e as pesquisas comprovam que dentro da escola ele encontra vários mecanismos de atuação, ou seja, o preconceito. Meu percurso escolar na década de 1990 retrata uma educadora alheia às questões raciais. De fato, como aponta Cavalleiro (1999, p. 51),

No cotidiano escolar, são muitos os profissionais da educação que não percebem os conflitos raciais entre estudantes e também não compreendem em quais momentos ocorrem atitudes e práticas discriminatórias e preconceituosas que impedem a realização de uma educação democrática.

As primeiras pesquisas ou resultados de pesquisas voltadas para a educação ocorreu de modo simultâneo ao tempo em que eu e tantos outros negros éramos vítimas de práticas racistas na escola. Aqueles professores foram educados nos mesmos moldes que nos educaram. Nesse sentido, a minha implicação pessoal se insere em um contexto histórico e social amplo, pois “[...], é na história que encontramos as respostas para a especificidade do racismo brasileiro, que já não se esconde mais na imagem indelével da democracia racial, [...]” (SCHWARCZ, 2012, p. 116), atravessa os muros da escola e se faz presente de formas diversas no seu cotidiano.

A pesquisa exploratória que optamos fazer, antes da entrada oficial no campo de pesquisa, nos dá suporte para continuarmos a sustentar a relevância do nosso objeto de estudo. O que pudemos apreender como resultado foi: a) O professor que tem acesso a formação assume a educação como uma responsabilidade social, luta por meio de sua prática, articulada ao projeto político pedagógico, e do currículo escolar para a promoção de uma educação que se

reflita na vida intelectual, psicológica, social, moral e cultural de seus estudantes; b) a escola, ao elaborar um projeto que privilegia a questão racial, avança ao desmascarar a fajuta democracia racial e conseqüentemente enfrenta o racismo; c) o estudo mostrou que a questão racial é complexa e seu enfrentamento é diário; d) práticas de discriminação racial podem ser compreendidas de forma distinta, pois os sentidos das professoras são peculiares, estão relacionados a sua formação e ao modo de se posicionar diante da sociedade. Contribui para nosso estudo ainda o seguinte entendimento:

Os profissionais da escola devem valorizar cada reclamação de ocorrência de discriminação e preconceito no espaço escolar. As vítimas dessas situações não devem ser culpadas por tal acontecimento. [...] silenciar diante do problema não apaga as diferenças. Permite porem, que cada um construa, a seu modo, um entendimento do outro que lhe é diferente (CAVALLEIRO, 1999, p.55-56).

Desse modo, o enfrentamento desse problema social depende, também, da compreensão dos sentidos que os professores atribuem à discriminação racial, pois eles são os principais atores na construção de uma educação que promova e contemple a *diferença* em toda sua dimensão. Com isso, finalizamos a nossa problemática e no capítulo seguinte, trataremos do percurso teórico-metodológico para compreender sentidos de professoras sobre as práticas de discriminação racial na escola.

2 PERCURSO INVESTIGATIVO EM BUSCA DE SENTIDOS DE PROFESSORAS SOBRE PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Este capítulo tem como objetivo apresentar princípios teóricos e metodológicos que permitiram explorar nosso objeto de estudo: sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, buscamos caracterizar, também, a escola campo de estudo, as participantes da pesquisa, os procedimentos e instrumentos para apreensão dos dados. Por fim, destacamos princípios e procedimentos que adotados na análise dos depoimentos das professoras participantes do estudo, tendo a análise de conteúdo os trabalhos de renomados pesquisadores da área (BARDIN, 1977; CRUSOÉ, 2010; AMADO; COSTA; CRUSOÉ, 2013), como técnica de análise do discurso.

2.1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA QUALITATIVA/INTERPRETATIVA DESENVOLVIDOS NESTA PESQUISA

Entendemos que a escolha de uma metodologia de investigação não pode ausentar-se de um processo de fundamentação teórico-metodológica que, como aponta Amado (2013, p. 17), “confere os instrumentos necessários para a interrogação do real, [...] para que ultrapasse a mera visão do senso comum sobre os fenômenos”. Cientes dessa obrigação, optamos por um processo de investigação baseado no conceito weberiano de sentido e nos seguintes conceitos da fenomenologia sociológica de Alfred Schutz: experiência, motivo e realidade. Sabemos que tais aportes teórico-metodológicos, retirados da Fenomenologia Social de Alfred Schutz e da Sociologia Compreensiva de Weber são de raiz sociológica e entendemos que fazem parte do quadro analítico da investigação qualitativa em educação, de acordo com Amado (2013). Por meio de um plano de investigação adequado ao problema de pesquisa formulado, tais aportes nos ajudarão a responder à questão norteadora do nosso trabalho: que tipos de práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental, são revelados pelos sentidos de professoras?

Ao pretendermos investigar sentidos de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, sobre práticas de discriminação racial na escola, posicionamos a nossa pesquisa no campo das significações, das idiosincrasias, da interpretação. Acreditamos, pois, que buscar significações implica fugir, na perspectiva qualitativa que adotamos, de uma modelação conceitual *a priori* e pressupõe que o investigador

[...] permanecerá sempre em torno do mundo subjetivo do ou dos participantes da sua pesquisa - numa tentativa de entender o significado que eles dão as suas próprias ações, o sentido que dão as suas vidas ou a aspectos circunscritos dela, as interpretações que fazem das situações em que estão ou estiveram envolvidos (AMADO, 2013, p. 12).

Identificamo-nos, neste ponto, com a perspectiva fenomenológica social porque “os investigadores fenomenologistas tentam compreender o significado que os acontecimentos e interações tem para as pessoas vulgares, em situações particulares” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 53). Nesse ínterim, ao pretendermos analisar sentidos sobre práticas de discriminação racial na escola entendemos que são atravessados por contextos idiossincrásicos, tais como: familiar, escolar, religioso e envolvem crenças e valores. Também, nos preocupamos em conhecer suas motivações para serem professoras e aprendizagens formativas adquiridas ao longo da formação escolar e universitária, com o objetivo de caracterizar os colaboradores de nossa pesquisa.

Nesse sentido, a fenomenologia social de Schutz (2012) nos leva a compreender que o mundo intersubjetivo existe antes mesmo do nascimento do homem e esse mundo é o “mundo da vida cotidiana”, composto por relações, elementos e experiências de uma coletividade. Assim, o homem adulto, ao perceber-se como parte desse mundo, tomará como base o arsenal de valores, experiências, interpretações dos seus antecessores. Ele parte das experiências e dos conceitos pré-existentes, para daí articular seu próprio sentido sobre as coisas. Nesse “mundo cotidiano”, interagimos e agimos nele e sobre ele, nossos gestos, movimentos, interpretações, ações, modificam os objetos e relações sociais, mas não é passivamente que a nossa intervenção é aceita, existe resistência. Esse “mundo cotidiano”, também, nos transforma por meio de reivindicação e resistência (SCHUTZ, 2012).

Se considerarmos que os sentidos atribuídos pelas professoras às práticas de discriminação racial na escola podem ser compreendidos com base na ideia schutziana de que o homem, ao nascer toma como referência valores e experiências construídas coletivamente, podemos inferir que as práticas de discriminação racial, postas na estrutura das instituições das sociedades racializadas, como a brasileira, atravessam o sentido da ação das professoras, frente a essa prática. Entendemos que não há um único modo de interpretar a vida, os fatos, os acontecimentos, por isso os diversos modos de ver, perceber, interpretar a vida social nos interessam, os vários pontos de vista são fundamentais na abordagem que escolhemos, pois “[...] a realidade só se dá a conhecer aos humanos da forma como é percebida” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 54). A esse respeito, Schutz (2012, p. 59) acrescenta que “a realidade é como algo criado pelo homem a partir de suas experiências intersubjetivas”. Ou seja, a realidade é

sempre construída, é um deslocamento apropriado para as pessoas fazerem a observação dos acontecimentos ocorridos no mundo da vida; logo, a experiência se desenvolve na duração que seria um movimento de experiências vivas, ou seja, “[...] em um dado momento a experiência se ascende, e logo em seguida desvanece. Enquanto novas experiências surgem a partir daquilo que era antigo, e então dá lugar a algo ainda mais novo” (SCHUTZ, 2012, p. 74). Nesse processo, o sujeito experiencia a duração em uma única direção de modo inconvertível e somente diferencia entre o Agora e o Antes “quando consegue perceber que aquilo que acabou de ser é diferente daquilo que Agora é” (SCHUTZ, 2012, p. 74).

A rememoração é fundamental nesse processo, pois é ela “[...] que coloca a experiência fora do fluxo irreversível da duração e assim modifica a consciência, tornando-a memória” (SCHUTZ, 2012, p. 74). É por meio da memória que temos conhecimento das experiências mais significativas dos sujeitos dessa pesquisa. Ao relatar os fatos, eles, no processo de rememoração, selecionam e os organizam compondo assim um possível quadro de suas histórias, ou como nos ensina Schutz (2012, p. 75):

[...] quando por um ato de reflexão eu volto minha atenção para minha experiência de vida, eu já não estou mais no fluxo da pura duração [...] as experiências são aprendidas, distinguidas e colocadas em relevo, diferenciadas umas das outras; as experiências que se constituíam enquanto fase durante o fluxo da duração agora se tornam objeto da atenção enquanto experiências constituídas.

São experiências assim que são reveladas pelos sujeitos desta pesquisa. Elas só foram apreendidas por um ato de atenção, busca à memória de modo criterioso e essas experiências são significativas porque já passaram, já foram experienciadas.

É a perspectiva dos sujeitos que nos é relevante, nesta pesquisa e nesse aspecto, nos utilizamos de uma postura flexível, ao tentar praticar uma relação de comunicação com os entrevistados em que eles se sentissem à vontade para falar das suas vidas, das suas motivações, das práticas de discriminação racial. Nesse aspecto, observamos em Schutz (2012) que a motivação centra-se em uma finalidade e que:

As ações humanas só se tornam compreensíveis se encontrarmos nelas as motivações [...]. Ora, segundo Schurtz, os nossos atos são motivados pela ação do Outro, ou seja, quando faço algo é a reação do Outro que tenho em vista (AMADO; CRUSOÉ; VAZ-REBELO, 2013, p. 82)

O termo motivo, assumido por nós ao longo da pesquisa, pode ter um significado subjetivo, ou seja, se refere à experiência do ator que vive a experiência em curso. Só depois de executar a ação ela se torna um ato, pois durante a execução o ator não tem em mente seus

motivos. Nesse caso, quando a ação se torna um ato, o ator pode voltar-se para sua ação passada como um observador de si mesmo e analisar sobre quais circunstâncias ele realizou aquela ação. Nesse aspecto, no momento da entrevista, nossos sujeitos de pesquisa acessam a ação que se tornou ato ao revelar as práticas significativas de discriminação racial, vivenciadas ao longo das suas experiências com a família, com a escola na condição de estudante e professora e na universidade, na condição de estudante. Nesses termos, é imprescindível recuperar o que diz Amado (2013, p. 40-41):

[...] é a compreensão das intenções e significações [...] o *que*, na realidade, faz-se sentido e *como* faz para os sujeitos investigados [...] procurando atingir a sua ‘compreensão’ através de processos inferenciais e indutivos (construindo hipóteses durante e depois da análise dos dados).

Chegamos ao ponto em que se torna necessário definirmos o conceito de sentido e de discriminação racial que utilizamos nessa pesquisa. Arriscamos-nos, nesse trabalho, a pensar que a prática de discriminação racial é uma ação social dotada de sentido “[...] na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento” (WEBER, 2001, p. 400). O conceito de discriminação racial é tomado do documento elaborado na Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, no seu artigo I,

[...] “discriminação racial” significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência fundadas na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por fim ou efeito anular ou comprometer o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em igualdade de condições, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais nos domínios político, econômico, social, cultural ou em qualquer domínio da vida pública. (NAÇÕES UNIDAS, 1965).

Destacamos que os sentidos que constituem a prática de discriminação racial estão inseridos no processo histórico de racialização brasileira e na análise dos sentidos das professoras sobre práticas de discriminação racial iremos perceber que faz parte da história da humanidade e que tem como principal função “[...] blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, [...] ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado” (MOORE, 2012, p. 229). Para reafirmamos a perspectiva do racismo como um fenômeno histórico, entendemos que:

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente (IANNI, 2004, p. 21).

Esclarecemos, portanto, que a prática discriminatória como uma ação social não é uma “ação racional” nos termos weberianos, pois não prevemos hipótese, probabilidades, e sim de uma “ação razoável” para utilizarmos a ideia hultziana de que o percurso da ação admite mudanças (SCHUTZ, 2012).

Os sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental, conforme demonstrado no item da problemática, tem uma implicação com a experiência de vida da própria investigadora e neste caso, precisar os princípios metodológicos que fundamentam o trabalho foi fundamental para evitar que a pesquisadora se tornasse um sujeito da pesquisa. Contudo, entendemos, também, que “promover a consonância entre pesquisa e biografia é altamente estimulante, pois atribui vida ao estudo, retirando da produção intelectual poeiras de artificialismos [...]” como nos informa Oliveira (1998, p. 19). Assumimo-nos, então, como “artesão pertinaz, paciente, atento, sensível e, ao mesmo tempo, despretenso, zelador do consórcio entre teoria e prática [...]” (OLIVEIRA, 1998, p. 20). Desse modo, prosseguimos caracterizando as participantes da pesquisa, a escola campo de estudo, os procedimentos e instrumentos para apreensão e análise dos dados.

2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA E SEU CONTEXTO DE TRABALHO

Os sujeitos desta pesquisa são seis professoras, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede municipal de ensino de Itapetinga, Bahia. A escolha de estudar escolas da rede municipal de Itapetinga se deve ao fato de existir discriminação racial no interior de escolas (RAMOS, 2008; 2011) e, desde o ano de 2010, constar em sua grade curricular a disciplina História e Cultura Afro-brasileira. As escolas do Ensino Fundamental II incluíram em sua grade de disciplinas “cultura afro” e por meio de materiais atinentes às questões raciais buscam organizar suas práticas. Embora não haja encontros de formação continuada, relacionados a essa disciplina, os professores têm se empenhado em buscar matérias disponibilizadas pelo Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECAD). Esta pesquisa volta seu foco para os anos iniciais do ensino Fundamental I, na busca de compreender como o sentido de professoras as práticas de discriminação racial e de qual modo à disciplina história e cultura afro-brasileira estão articuladas nas series iniciais, já que é uma disciplina obrigatória da grade curricular daquele município. Nesse aspecto, Itapetinga se constitui um campo de pesquisa peculiar, pois abre possibilidades para analisarmos, a partir do discurso das professoras a relevância ou ausência dela diante da disciplina História e Cultura afro-brasileira.

Itapetinga começou ser conhecida a partir de 1912, quando Bernardino Francisco de Souza e alguns parentes e trabalhadores, tentando encontrar a estrada pedestre entre Vitória da Conquista e Ilhéus, fixaram-se às margens do rio Catolé dedicando-se a atividades agrícolas. Em 1916 chegou à região Augusto Andrade de Carvalho e adquiriu uma propriedade rural, visando a dedicar-se à agrigultura e à pecuária. Augusto Andrade de Carvalho demarcou em suas terras uma área de 10 hectares para nela ser erguida uma vila, um pequeno povoado. Nasceu então, no ano de 1924, o povoado de *Itatinga*. Em 1926 Mariano Soares de Oliveira Campos, oriundo do município de Itambé resolveu fixar residência na região. Ao chegar, conheceu Augusto Andrade de Carvalho, que lhe mostrou algumas pequenas casas, e disse que ali estava a vila de Itatinga. Com efeito, Itatinga foi o primeiro nome de Itapetinga, nome de origem tupi-guarani com o significado de “pedra branca” (“itá=pedra”; “tinga=branca”).

Em 22 de junho de 1933, pelo Decreto Estadual de nº 8.499, o povoado de Itatinga passou a ser distrito do município de Vitória da Conquista. Em 14 de novembro de 1934 sob a liderança de Dr.Orlando Bahia, Juvino Oliveira, Mariano Campos, Augusto Andrade de Carvalho, José de Sousa Paim e outros foi criada a Associação Cultural Itatinguense (Itapetinguense), posteriormente organizada sob a forma de fundação com o fim de divulgar o conhecimento e a cultura no seio do pequeno povoado. Seguindo o seu progresso, Itatinga cresceu, e no dia 30 de março de 1938 teve a sua sede elevada à categoria de Vila, permanecendo integrada ao município de Vitória da Conquista. Porém, no mesmo ano, em 30 de novembro, a Vila de Itatinga foi desmembrada do município de Vitória da Conquista e é anexada ao de Itambé. A mudança no nome de Itatinga ocorreu no ano de 1944, com o Decreto-Lei Estadual nº 12.978, no qual o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, determinou que nenhum município do estado poderia ter nome semelhante a outro. Como os municípios mais antigos tinham preferência em manter os seus nomes, foi adicionada a sílaba “pe” ao nome de Itatinga, formando então o novo nome da vila: *Itapetinga*. O crescimento foi rápido, tanto sob o aspecto humano quanto econômico e através da Lei nº 508, de 12 de dezembro de 1952, foi criado o Município de Itapetinga, sendo o seu território desmembrado do município de Itambé.

Em março de 2013, iniciamos o processo de seleção dos sujeitos de pesquisa em função da atuação nos anos iniciais do ensino fundamental. Nosso interesse nos anos iniciais é por compreendermos a importância desse momento da inserção da criança no ensino fundamental como o momento da concretização e formulação de conceitos, aperfeiçoamento das relações com os outros. Assim Nascimento (2007, p. 21) afirma que: “Sem conhecer as interações, não há como educar crianças e jovens numa perspectiva de humanização necessária para subsidiar políticas públicas e práticas educativas solidárias entre crianças jovens”. E o papel do professor,

nesse momento, é fundamental, pois cabe a esse uma atitude reflexiva diante das interações entre as crianças, o resultado da reflexão poderá possibilitar a construção de uma prática pedagógica que possibilite uma educação solidaria e justa.

A infância é uma etapa da vida humana que sofreu ao longo do tempo inúmeras intervenções, nesse sentido estudos sobre a infância ganham cada vez mais atenção e aprofundam interesse de pesquisadores. O entendimento de que a infância é um conceito construído historicamente nos permite compreender o processo que os sujeitos nessa etapa são socialmente submetidos. Estudos sobre a infância nos permite entender que as crianças, conforme evidencia Kramer (2007, p. 17),

[...] não formam uma comunidade isolada; elas são parte do grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento. Elas não são filhotes, mas sujeitos sociais; nascem no interior de uma classe, de uma etnia, de um grupo social. Os costumes, valores, hábitos, as práticas sociais, as experiências interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações.

A partir do convívio com as crianças, na escola, os professores revelam o comportamento e a forma de relacionamento entre elas e seus pares. O professor, como mediador intelectual, poderá interferir no processo de socialização das crianças, que são capazes de compreender a realidade de modo peculiar e nela inserir suas concepções, e reproduzir comportamentos, por meio de brincadeira, fala e atitude. Chamamos atenção para o tipo de sociedade que estão inseridas essas crianças, conforme podemos ver nas palavras de Del Priori (2000 apud NASCIMENTO, 2007, p. 27),

[...]a história da criança brasileira não foi diferente da dos adultos, tendo sido feita à *sua sombra*. Sombra de uma sociedade que viveu quase quatro séculos de escravidão, tendo a divisão entre senhores e escravos como determinante da sua estrutura social.

Neste trabalho, levamos em consideração o princípio da proporcionalidade com relação ao número de escolas que atendem aos três anos iniciais do ensino fundamental e a quantidade de professores por ano, temos: onze (11) turmas do 1º ano, vinte e três (23) do 2º ano e trinta e oito (38) do 3º ano. Em seguida, aplicamos o princípio da proporcionalidade ao número por ano: duas (2) professoras do 1º ano; quatro (4) professoras do 2º ano e seis (6) professoras do 3º ano. Ao entrarmos em contato com esse universo, as duas professoras do primeiro ano aceitaram participar; das quatro professoras do segundo ano, apenas duas concordaram e desse modo, decidimos entrevistar somente duas professoras do terceiro ano para equiparar à quantidade dos anos anteriores. A adesão voluntária das referidas professoras aconteceu durante

uma visita à escola para apresentamos nossa proposta de pesquisa e prontamente se dispuseram a participar. Nas escolas visitadas, não há professores do sexo masculino lecionando nas séries iniciais, o que justifica os sujeitos deste trabalho serem do sexo feminino. O campo de atuação dos sujeitos desta pesquisa são escolas localizadas em área urbana, município de Itapetinga-BA, e que atende ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano).

Além do critério de conveniência, tendo em conta o voluntariado, privilegiamos também a capacidade de oferecer uma reflexão crítica sobre o tema como “uma espécie de informantes privilegiados”, pois como professora do município a aproximação com o tema e sujeitos, no contexto de trabalho, permitiu identificar. Como resultado da escolha voluntariada¹⁰ e contingente, chegamos às seguintes entrevistadas, que aceitaram a identificação pelo nome próprio, conforme Quadro 1¹¹ contendo nomes das nossas entrevistadas, tempo de profissão, formação inicial, área de atuação e situação de pesquisa.

¹⁰Anexo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

¹¹ “O quadro dos entrevistados é um dispositivo da Entrevista Compreensiva” (CRUSOÉ, 2014). Optamos por colocar o quadro de entrevistados no corpo do texto por entendermos que não se trata de coleta de dados, mas sim de produção de dados que se inicia desde a escolha do campo empírico, os sujeitos e a escolha dos instrumentos e procedimentos de pesquisa. O campo empírico, nessa perspectiva, é um campo de problematização (CRUSOÉ, 2014).

Quadro 1 – Entrevistados

(continua)

NOME	TEMPO DE PROFISSÃO	FORMAÇÃO INICIAL	ÁREA DE ATUAÇÃO	SITUAÇÃO DA PESQUISA
Lucimaria	17 A	Magistério Pedagogia	Professora 1º Ano	Entrevista realizada na residência da professora, 30/03/2013, as 14h00min horas. O local de entrevista foi escolhido pela entrevistada por não haver tempo de realizá-la na escola. Duração: 1h15min. O local era silencioso, pois só estava à entrevistada e a entrevistadora. Ela se prontificou em ser um dos sujeitos de pesquisa assim que recebeu o convite.
Mônica	16 A	Pedagogia	Professora 1º Ano	Entrevista realizada na escola, 14/11/2014. Iniciou as 08h: 40min da manhã. A professora optou por organizar uma atividade para as crianças e permanecer na sala durante a entrevista. Fomos interrompidas algumas vezes pelos estudantes, apesar dos mesmos terem sido instruídos a não incomodar durante a entrevista e permanecer fazendo o exercício proposto. Paramos um período para a distribuição do lanche que foi feito pela professora. Sai da sala por um período de 00h:15min e retornei quando os estudantes estavam no recreio, quando demos continuidade a entrevista e finalizamos antes das crianças retornarem para sala. O período de duração da entrevista de Isis foi 1h15min.
Rosania	15 A	Pedagogia	Professora 2º Ano	Entrevista ocorreu na residência da professora. Na data do dia 12/06/2014. Os dois filhos dela estavam em casa, uma das crianças sempre chamava a atenção da mãe. Iniciamos a entrevista às 14h30min horas mais fomos interrompidas em alguns momentos. O tempo da entrevista foi de 1h: 06min. Como era um dia de jogo da Seleção brasileira e o dia da abertura da Copa do Mundo no Brasil, ela pediu para que parássemos por um breve tempo para acompanhar a abertura, fizemos um intervalo de 00h30min minutos e retomamos a entrevista.
Marta	13 A	Magistério Pedagogia	Professora 2º ano	Entrevista ocorreu na residência da entrevistada, iniciando-se às 15 horas. Na data do dia 13/06/2014. Ela nos recebeu com muito entusiasmo, preparou um lanche para nos receber. Conversamos sobre assuntos diversos e iniciamos a entrevista que durou 1h 15 min.
Rita	28 A	Magistério Pedagogia	Professora 3º Ano	Entrevista ocorreu na residência da entrevistada. Na data do dia 14/06/2014. Iniciando às 14 horas, em uma tarde tranquila. Tempo de duração foi de 00h: 56 min.

(conclusão)

NOME	TEMPO DE PROFISSÃO	FORMAÇÃO INICIAL	ÁREA DE ATUAÇÃO	SITUAÇÃO DA PESQUISA
Luciana	12 A	Magistério	Professora 3º ano	Pesquisa realizada na escola Dona Maria Sales, 13/11/2014, às 14h00min. O local de entrevista foi escolhido pela entrevistada. Duração: 1h. Utilizamos o horário do intervalo ou recreio, como é nomeado o período que os estudantes saem para brincar, após o retorno das crianças do recreio outra professora que dá suporte aos trabalhos da secretaria, foi designada a sala de Luiza, para terminarmos a entrevista que transcorreu tranquilamente.

Fonte: Organização Própria (2014).

Por pesquisarmos práticas de discriminação racial na escola compartilhamos da ideia de que a escola, como nos ensina Gomes (2003, p. 77),

[...] enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas.

A escola é organizada em torno de uma diversidade de pessoas e, por isso mesmo, deve ser o lugar em que a *diferença* deva ser considerada como fundamental para pensar o respeito e o enfrentamento de práticas de discriminação; o lugar de questionamentos e posicionamentos, fato que perpassa o currículo, as práticas pedagógicas e a formação de professores.

2.3 ENTREVISTA

A pesquisa centrou-se na investigação de uma realidade interpretada, entendida, experienciada e produzida pelas professoras da escola. Como dispositivo de produção de sentidos escolhemos a entrevista semiestruturada e estabelecemos o seguinte roteiro inicial e flexível:

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1¹² (Entrevista gravada)

Entrevistador _____

Entrevistado _____

Data ____/____/____ (_____) Local _____

Recursos _____

BLOCOS	OBJETIVO DO BLOCO	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE RECURSO
BLOCO 1 Legitimação da entrevista	Procurar as professoras conversar com elas para saber da possibilidade de colaborar no desenvolvimento da pesquisa; informar sobre o uso do gravador; explicitar o problema, o objetivo e as contribuições do estudo; colocar as entrevistadas na condição de colaboradoras; garantir confidencialidade dos dados; explicar o procedimento.		
BLOCO 2 HISTÓRIA DOS SUJEITOS Motivações para ser professora e experiências formativas	Obter dados sobre motivações para ser educadora e experiências formativas das professoras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental com o objetivo de identificar elementos que possibilitem conhecer suas características em termos de experiência de vida e relacionar com o objeto de estudo.	Fale sobre suas motivações para ser professora e suas experiências formativas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que a levou a ser educadora? ▪ Como foram as suas experiências na escola infantil, no ensino fundamental, médio, superior e no contexto de trabalho? ▪ Quais as limitações? Quais as contribuições? Citar exemplos
BLOCO 3 CONCEITOS Conceituação: educação, escola, currículo, conhecimento escolar, prática pedagógica, cultura, raça.	Obter dados sobre como as educadoras conceituam: educação, escola, currículo, conhecimento escolar, prática pedagógica com o objetivo de identificar elementos que caracterizam a prática pedagógica realizada na escola campo de estudo das participantes.	Como você conceitua educação, escola, currículo, conhecimento escolar, prática pedagógica e?	

12“Roteiro de entrevista re-elaborado, em termos de formatação, a partir de modelo sugerido por Amado, durante Estágio de Doutorado na Universidade de Coimbra, Portugal, com o objetivo de oferecer maior organicidade ao instrumento de produção coleta de dados, a entrevista semiestruturada, conservando o conteúdo inicial das entrevistas. Por isso, podemos denominá-lo de roteiro inicial (AMADO, 2009). Optamos por apresentá-lo no corpo do texto por entender que a entrevista é parte integrante e fundamental no processo de produção dos dados e não somente um instrumento de coleta de dados. A entrevista concentra os dados qualitativos a partir da palavra recolhida e gravada (SILVA, 2009, informação coletada no Seminário Doutoral II, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, pelo Programa de Pós-graduação em Educação, realizado em 9 de junho de 2009) (CRUSOÉ, 2014, p. 56).

BLOCOS	OBJETIVO DO BLOCO	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE RECURSO
BLOCO 4 RELAÇÕES Relações entre: ensino-aprendizagem; saber-conhecimento escolar; educadora-saber-conhecimento escolar; educadora-estudante; educadora-educadora e educadora-equipe pedagógica. Educadora-família	Obter dados sobre como as educadoras veem às relações entre: ensino-aprendizagem; saber-conhecimento escolar; educadora-saber-conhecimento escolar; educadora-estudante; educadora-educadora e educadora-equipe pedagógica, com o objetivo de identificar elementos que caracterizam a prática pedagógica realizada na escola campo de estudo.	Como você vê as seguintes relações: ensino-aprendizagem; saber-conhecimento escolar; educadora-saber-conhecimento escolar; educadora-estudante; educadora-educadora; educadora-equipe-pedagógica.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma boa relação interpessoal na escola ajuda o bom andamento das atividades? Citar exemplos
BLOCO 5 ESTRATÉGIAS Estratégias para: orientar a ação na escola e na sala de aula; vivenciar o cotidiano da escola;	Obter dados sobre as ações que orientam ou deveriam orientar o comportamento das educadoras no local de trabalho,	Fale sobre as estratégias utilizadas por você e pela escola para orientar a ação na escola e na sala de aula; vivenciar o cotidiano da escola; pensar a relação entre a professora e o trato com as discussões sobre (pegar a lei e o negro; relação, como você discute esses temas e como você sente nessas discussões). Otrato com o estudante.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês têm momentos de estudo, de planejamento coletivo? ▪ Como você pensa a relação entre saberes? Citar exemplos
BLOCO 6 CRENÇAS E VALORES Crenças, valores, atitudes, que permeiam o cotidiano da prática pedagógica.	Obter dados sobre a importância, os valores, as atitudes, os limites e as possibilidades que permeiam o cotidiano da sua prática pedagógica com o objetivo de conhecer os sentidos atribuídos pelas professoras Crenças, valores, atitudes, que permeiam o cotidiano da prática pedagógica.	Você acha que existe desigualdade? Que tipo de desigualdade? Como você percebe essas desigualdades no cotidiano da escola? Como você as enfrenta? O que você faz nas horas de lazer. Qual sua militância Qual a religião. Como é ser mulher e ser negra? Como é sua relação no ambiente familiar? Os tipos de laços que ela tem com os amigos?	<ul style="list-style-type: none"> ▪ De que forma esses valores e atitudes interferem na vida que você vive dentro da escola?

Fonte: Organização Própria (2014).

Podemos nos aproximar do entendimento de que a entrevista consiste em uma conversa informal, flexível e possibilita “[...] ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134). Por esta razão, deixamos nossas entrevistadas à vontade, ou pelo menos propusemos que ficassem, pois o que nos importava era a sua perspectiva, a perspectiva dos sujeitos. Tanto

Lucimaria quanto Rosania, sujeitos iniciais dessa pesquisa, aderiram voluntariamente e se dispuseram a uma nova entrevista, caso fosse necessário. Tal disposição abre possibilidades para conceber o campo empírico como um campo de problematização e produção de dados.

Dessa perspectiva, os dados que resultam das entrevistas “[...] não são apenas aquilo que se recolhe no decurso de um estudo, mas a maneira como as coisas aparecem quando abordadas com um espírito de investigação” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 200).

Ao tentar dirimir o processo de hierarquização que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, propusemos a construir uma pesquisa na tríade: pesquisador, campo e teoria (CRUSOÉ, 2014). Nesse processo, permitimo-nos uma escuta que levasse em consideração que a melhor pergunta de uma entrevista pode estar no próprio campo empírico, o que nos fez reconfigurar o roteiro inicial da entrevista (APÊNDICE A). Mesmo considerando a nossa abertura para a escuta do outro em termos de estabelecer uma comunicação menos “intrusiva” compartilhamos com Bourdieu (1997) da ideia de que a relação entre pesquisador e pesquisado é uma relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos e produz distorções que devem ser percebidas e dominadas, pelo pesquisador.

A escuta que praticamos pode se configurar como uma forma de “reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer” (BOURDIEU, 1997, p. 695) no processo de entrevista e, ao acolhermos como objeto de investigação a fala dos sujeitos na sua totalidade, haja vista a escolha de categorias de análise *a posteriori*, o fizemos na tentativa de “construir cientificamente esse discurso de tal maneira que ele forneça os elementos necessários a sua própria explicação” (BOURDIEU, 1997, p. 698).

2.4 PROCESSO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO PRATICADA NESTA PESQUISA

Adotamos como procedimento de análise de conteúdo a análise praticada por Bardin (1977) e seus desdobramentos na análise de conteúdo praticada por Amado, Costa e Crusóe (2013). Tomando como referência Bardin (1977, p. 42), definimos a análise de conteúdo como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Definida como um conjunto de técnicas de análise, optou-se por uma análise que, de modo geral, buscasse diferenças e semelhanças entre os discursos. Inicialmente, realizamos a

escuta e organizamos a entrevista. No processo de escuta, procuramos retomar os gestos, a emoção, conforme relatamos no item da entrevista, para nos aproximar do dizer do entrevistado.

Nesse trabalho, “Não vamos tomar a mulher negra por ela mesma e nem como categoria universal [...] mas situá-la nas relações” (MOREIRA, 2011, p. 24). No Brasil, a imagem da mulher negra historicamente esteve atrelada a um modelo estigmatizado, negativo, e no movimento, em muitos aspectos, as histórias das mulheres negras se aproximam e como temos duas professoras que se declaram negras, sendo Lucimaria (APÊNDICE E) e Marta (APÊNDICE G). As outras quatro professoras se declaram pardas¹³, dizem se aproximar do grupo negro por descendência familiar. Rosânia, (APÊNDICE F) Rita (APÊNDICE H), Mônica (APÊNDICE J) e Luciana (APÊNDICE I) têm pele clara, e usam a certidão de nascimento como referência para se declararem pardas; no entanto, admitem terem na família de origem uma variação e mistura entre brancos, negros e indígenas.

Entendemos que já existe um mundo antes de o homem nascer, esse mundo é físico e sociocultural, conforme descrevemos sobre os princípios teórico e metodológico da pesquisa e retomamos agora para reafirmar que o contexto sociocultural é diferente em cada sociedade, levando-se em conta as peculiaridades de cada momento histórico e a cultura de cada lugar. O mundo social, no qual o homem nasce, é experienciado por ele como “uma estreita rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos [...]” (SCHUTZ, 2012, p. 92). O que nos chama à atenção é o significado subjetivo de pertencimento do grupo que “[...] consiste em seu conhecimento de uma situação comum com o decorrente sistema de tipificações e relevâncias” (SCHUTZ, 2012, p. 95).

O estrangeiro, ao aproximar-se de um grupo, caracteriza-se por ser “um homem sem história” o que não condiz com o perfil de nativa que assumo nesta pesquisa, por ser professora, negra e ter sofrido práticas de discriminação racial e compartilhar de experiências comuns a alguns dos pesquisados. Mas, essa condição de identificação com o grupo que pesquiso possibilita um afastamento proposital e necessário, a partir das histórias únicas, que se apresentam a luz dos teóricos e das teorias que cercam esse trabalho.

Todo o processo de análise foi construído *a posteriori*, a partir das falas das entrevistadas e, segue abaixo, os passos da análise de conteúdo que praticamos, com base no trabalho de Crusoé (2014):

¹³O termo negro é usado neste trabalho com o sentido político, o mesmo adotado pelo Movimento Negro e inclui aqueles que os Censos Demográficos classificam como pretos e pardos, quanto à cor. Dentro desse critério, [...] podem se considerar negras as mulheres que são consideradas na sociedade brasileira como pretas e pardas (incluindo, nessa categoria, as morenas e mulatas) (GOMES, 1995, p. 46-47).

1º. Transcrição das entrevistas, pela pesquisadora, ressaltando a importância de nos aproximarmos de outras linguagens que não a verbal, dado importante para quem se propõe a trabalhar numa perspectiva compreensiva. Assim sendo, no primeiro contato com os dados nos importamos com todos os detalhes, a descrição minuciosa deles e ao transcrevê-los nos preocupamos em sermos fiéis ao que ouvimos, retomando as falas quantas vezes se fizesse necessário, para fazer o registro mais próximo do que nos foi relatado. Os sentidos que os sujeitos dessa pesquisa atribuem às práticas discriminatórias estão para além da resposta objetiva às questões, pois estão nas entrelinhas, nas relações que estabelecem com o outro nos diferentes contextos de vida e no entendimento conceitual que produzem ao longo de seu percurso profissional e são esses aspectos que procuramos “captar”, por meio da escuta e transcrição das falas;

2º. Foi realizada uma leitura vertical de cada entrevista e retirado possíveis temas¹⁴. Tais temas foram retirados tendo em conta indicadores da fala dos entrevistados que, a nosso ver, é o primeiro esboço do texto, são tópicos fundamentais que podem dar origem a subcategorias, que, no nosso caso, encontramos ainda que muito intuitivamente “Sentidos sobre a prática de discriminação racial na escola”, para apresentar no texto final de dissertação. Desse modo, a pesquisa atende ao primeiro objetivo específico de identificar sentidos atribuídos pelas professoras às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental.

3º. Com o auxílio do computador, selecionamos o texto e demos um código (cor) para diferenciar os entrevistados no momento de construção da matriz conceitual;

4º. Listamos os temas retirados da leitura vertical (item 2);

5º. Organizamos logicamente os temas listados (item 4) – Mapa dos conceitos, matriz inicial¹⁵ e atendemos ao segundo objetivo específico de comparar os diferentes sentidos e observar em que se aproximam e se diferenciam;

6º. Escolhemos um aspecto do Mapa conceitual para trabalhar primeiro e escolhemos como unidade de sentido a frase. No processo de análise, a partir do diálogo entre a teoria, o campo e a pesquisadora, foram realizados reagrupamentos de algumas categorias o que permitiu compreender melhor os sentidos atribuídos às motivações para ser professora, as aprendizagens formativas, aos conceitos subjacentes à prática desenvolvida e às práticas de discriminação racial;

7º. Abaixo, apresentamos um recorte da nova matriz conceitual, que surgiu durante o processo de análise dos dados, explicitando o entendimento de cada categoria:

¹⁴APÊNDICE B da leitura vertical

¹⁵APÊNDICE C da Matriz inicial.

Quadro 2 – Recorte da Nova Matriz Conceitual

TEMA	CATEGORIA	NOTA EXPLICATIVA
História de ser professora e o Pensamento do professor	Motivação inicial para ser professora	As categorias nos permitiram conhecer as motivações das professoras para ingressar no magistério, as aprendizagens advindas da formação inicial e da prática docente e como as professoras conceitualizam: conhecimento, currículo, educação, escola e discriminação racial de modo a perceber os princípios que conduzem a sua prática docente.
	Tornar-se professora e aprendizagens na função de professora	
	Conceito de educação e escola	
	Conceito de conhecimento e currículo	
Práticas de discriminação racial	Conceito de Discriminação racial	Esse tema e as categorias nos permitiu conhecer o modo como as professoras vivem as relações raciais em seu cotidiano, dentro e fora da escola, para melhor compreender sentidos que elas atribuem as práticas de discriminação racial e como se posicionam diante delas, na escola.
	Na família de origem e na família nuclear	
	No mercado de trabalho, no contexto social e religioso	

Fonte: Organização Própria (2014).

Desse modo, nos próximos capítulos, apresentaremos a análise dos dados obedecendo aos temas e categorias produzidas pelos sentidos das professoras entrevistadas, sobre a prática de discriminação racial na escola.

3 HISTÓRIA DE SER PROFESSORA E O PENSAMENTO DO PROFESSOR

Neste capítulo, se evidenciam os sentidos atribuídos às motivações iniciais para ser professora, surgidas na infância, por incentivo dos pais, a partir da tradição familiar, ou pela falta de opção. O processo de tornar-se professora se torna evidente no magistério, durante o estágio, na prática docente, ou ainda no curso universitário. Trataremos, também, da forma como as professoras percebem: a educação, a escola, o conhecimento, o currículo e a discriminação racial, alguns princípios que conduzem a prática docente são evidenciados, a partir desses fatores.

3.1 MOTIVAÇÃO INICIAL PARA SER PROFESSORA

Este item apresentará as motivações para o ingresso no magistério. Essas são essenciais no processo de compreensão da docência. O motivo fica em torno do mundo subjetivo dos sujeitos e se revela em dadas circunstâncias. Desse modo, Lucimaria¹⁶ diz: [...] *Eu me tornei professora não foi por opção [...] filho de pobre tem que ser professora; Rosânia [...] não queria seguir a carreira do magistério, [...] minha mãe me obrigou; Mônica [...] na minha cidade só tinha magistério [...] e Rita: [...] no interior da Bahia não tinha muita opção.* O curso de magistério, para além de uma formação escolar abre “[...] a perspectiva de uma atividade remunerada externa a vida familiar [...] passível de ser pensada como carreira, aberta ao ainda por vir” (FONTANA, 2005, p. 87). No panorama que se apresenta sobre a motivação para ser professora, observam-se que elementos externos, sobrepuseram à vontade de cada uma no processo da escolha da formação profissional. Todavia, na busca de se adequar à realidade que lhes foi imposta, os sujeitos dessa pesquisa apresentam justificativas, para a permanência no magistério. Lucimaria diz: [...] *Mas eu já tinha um relacionamento bom com criança. [...] Rosânia: tinha uma professora que eu ainda considero [...] ficava encantada com a forma que ela ensinava.* Entre as possibilidades, essa narrativa suscita a ideia do magistério como uma profissão ligada ao afeto, gostar de criança, como sendo uma condição inerente ao exercício docente.

¹⁶A entrevista de cada professora na íntegra se encontra, respectivamente, nos apêndices **E**-Lucimaria; **F**- Rosânia; **G**- Marta; **H**- Rita; **I**- Luciana; **J**- Mônica. Não colocamos o ano em que cada entrevista foi realizada no capítulo de análise porque já conta no quadro de entrevistadas, na metodologia. Optamos por colocar a fala das entrevistadas em itálico para diferenciar da fala dos teóricos.

Para o segundo grupo de sujeitos dessa pesquisa, a motivação para o ingresso no magistério, surge na infância, desejo manifestado nas brincadeiras de criança. Rita diz: [...] *sempre brinquei [...] brincava com as bonecas dando aula*; Luciana: [...] *quando era pequena, era invocada [...] em ser professora tenho dois irmãos os colocava pra serem os meus estudantes [...]* e Marta: [...] *brincava de dar aulas para crianças[...]*. Embora tenha surgido na infância a admiração pela profissão docente, Luciana e Marta optaram, no 2º grau, por outro curso de formação profissional, Marta diz: [...] *o meu sonho ¹⁷era ser professora. [...] com certo medo de ser professora fui fazer contabilidade [...] terminou a primeira unidade e vi [...] não é minha área tenho que ser professora*. Luciana diz: [...] *fui fazer o 1º ano científico, achei muito complicado, [...], minhas colegas começaram a me incentivar, [...] vem fazer magistério*. Mediante insatisfações com as respectivas escolhas, Marta diz: *conversei com o pessoal da secretária e eles me deram a chance de mudar[...]] fazer o magistério*. Luciana diz: [...] *terminei o 1º ano científico, conversei na direção da escola e no ano seguinte de 1991, fui fazer o magistério*. Por fim, Rita diz: *meu sonho [...] era e não era trabalhar na educação [...]. Minha mãe é professora, minhas primas são professoras, na família quase toda só tem professora, [...]*. Era tradição de as mulheres da família optarem pelo magistério. Rita: [...] *fui fazer magistério, com vontade mesmo, já gostando, gostava mesmo de ser professora, sempre gostei, [...]*.

Os sujeitos desse trabalho podem ser agregados, na categoria negro, porém, algumas só vão se descobrir e se afirmar como negras no processo de relação com o outro, nas diversas instâncias que se mobilizam. Talvez, por esse mesmo motivo, não consigam relacionar o ingresso da mulher negra no magistério a uma conquista para o segmento negro. Na sociedade brasileira, por muito tempo, as mulheres negras ocupavam funções consideradas sem prestígio, para as quais acreditava não se exigir esforço intelectual,

[...] as professoras não associam a escolha profissional do magistério a uma conquista da mulher negra e nem com o rompimento do lugar a ela imposto pela sociedade racista brasileira: mucama, ama-de-leite e objeto sexual (GOMES, 1995, p. 151).

A professora negra não vê o magistério “[...] enquanto uma ocupação de um espaço público que se relaciona diretamente com o saber formal ou que desmitifica a suposta incapacidade intelectual do negro apregoado pelo pensamento racista” (GOMES, 1995, p. 151-

¹⁷O sonho é uma experiência que possui significados distintos se for ampliado um debate que envolva religião, ciência e cultura. Para a ciência, é uma experiência de imaginação do inconsciente durante nosso período de sono. Para Freud, os sonhos noturnos são gerados, na busca pela realização de um desejo reprimido. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sonho>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

152). O que significa mais que uma simples entrada no campo profissional constitui de fato o rompimento com estereótipos produzidos ao longo da história do negro brasileiro.

No ocidente a origem do magistério, como nos ensina Krentz (1986, p. 13),

[...] remonta do Século XVI, quando se abriam escolas, de ensino básico para a camada popular. O motivo era religioso instrumentalizar para a leitura da Escritura. As escolas eram de igrejas e conventos. Os professores o respectivo clero. E quando este não deu mais conta da demanda, chamou colaboradores leigos, que deveriam fazer previamente uma profissão de fé e um juramento de fidelidade aos princípios da igreja. Daí vem o termo professor, o que professa fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos estudantes [...].

Essa forma de se apreender a profissão docente foi reconstruída, assumindo um caráter profissional, agregando elementos indispensáveis, como formação, titulação, experiência, e retirando a centralidade de outros elementos como a ternura, bondade, nobreza, pureza, obediência, “[...] a associação dos valores morais a determinantes biológicos” (VIDAL; CARVALHO, 2001, p. 214). Os valores atribuídos à docência foram ressignificados, a partir do processo de interação, levando-se em consideração o tipo de sociedade que se pretende construir. No entanto, alguns conceitos, valores, posturas, tidos como tradicionais e ultrapassados persistem aos novos modelos e parâmetros sociais.

Em suma, o panorama que se apresenta inicialmente, pelos sujeitos dessa pesquisa, em termos de sentido, no que tange à motivação para ser professora é marcado pela falta de opção, associado à classe social, além do sonho da infância e influência da família. Tais sentidos reafirmam sua referência ao comportamento de outros sujeitos (família e professora) e contextos (mercado de trabalho) e que se orienta nele, como nos indica Weber (2001). Além disso, nos permite inferir a ideia de que a realidade é sempre construída e que “[...] em um dado momento a experiência se ascende, e logo em seguida desvanece. Enquanto novas experiências surgem a partir daquilo que era antigo, e então dá lugar a algo ainda mais novo” (SCHUTZ, 2012, p. 74). Essas considerações lançam luz sobre os enfrentamentos e direcionamentos que poderão emergir diante da escolha pela profissão docente.

3.2 TORNA-SE PROFESSORA NA FORMAÇÃO INICIAL E APRENDIZAGENS DE SER PROFESSORA NA ESCOLA

Neste item, trataremos do torna-se professora na formação inicial e na profissão, pelo fato de os sujeitos revelarem que foi no trabalho docente que desenvolveram o gosto pela profissão e aprenderam a ser professora. O descortinar da profissão docente ocorre durante o

magistério para Lucimaria: [...] *Fui me descobrindo como professora [...] apaixonei-me durante o curso, fui descobrindo que era aquilo que gostava, [...];* Mônica: [...] *eu criei amor mesmo pela profissão foi quando vieram os estágios.* Rosânia; [...] *Palmares [...] menino de pré [...]. Mais aquilo ali foi me encantando, foi difícil (no início).* Foi no envolvimento com as crianças, no curso, durante o estágio e a prática efetiva da sala de aula que se desperta o interesse pela profissão docente. É na interação com as crianças que Lucimaria e Monica se descobrem professora. Para Rosania o encantamento pelo magistério aconteceu depois de ter sua primeira turma como professora efetiva, diante de inúmeros contratemplos, como a falta de experiência e a superlotação da sala. Essas professoras foram submetidas a um processo de ressignificação e reconstrução do sentido do magistério, sendo capazes de produzir novas representações do ser professora. Parafraseando Santos (1983), ser professor não é uma condição dada, *a priori*, é um vir a ser.

[...]. Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente (FONTANA, 2005, p. 50).

A profissão docente situa-se dentro do campo das possibilidades, dos desafios, dos conflitos, condições inerentes a todas as profissões. Desse modo, Luciana relata: [...] *uma menina chegou à turma, [...] disse que não queria ficar comigo, [...] acabei conquistando ela [...] você tem que ter amor e a criança não vai à base do grito não.* A fala suscita que a relação afetiva com a criança está vinculada a ideia do que seja uma boa professora. Nesse aspecto, a dimensão afetiva é um componente das relações, mas não é uma pré-condição para o exercício do magistério. A “identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de ser e estar na profissão” (NÓVOA, 2007, p. 16), não se limita a esfera da escola, perpassa outras esferas e nas palavras de Fontana (2005, p. 50):

[...] somente o distanciamento da experiência imediata e o confronto com outras perspectivas emergentes na prática social tornam possível a esse indivíduo perceber-se no contexto em que se foi constituindo professor (a), analisar a emergência, a articulação e a superação das muitas vozes e das categorias por elas produzidas, para significar os processos culturais, e então critica-se (ou não) e rever-se (ou não) a um outro projeto de escolarização.

A construção da identidade docente está veiculada à prática pedagógica, articulada a sua formação, a sua experiência de vida e, sobretudo, no processo contínuo de aprendizagem, retoma-se aqui a ideia da ação social dotada de sentido “[...] na qual o sentido sugerido pelo

sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento” (WEBER, 2001, p. 400).

Em termos de sentido, o tornar-se professora e as aprendizagens formativas revelam que é na prática efetiva da sala de aula que o professor se encontra frente aos desafios e é a partir da relação estabelecida com seus estudantes articulado ao conhecimento, que se negocia sua adesão à profissão docente. É na interação com as crianças que Lucimaria se descobre professora, mas vai se tornando professora na formação universitária, no planejamento coletivo e individual na escola, nos conflitos que se apresentam. Mônica se encanta pelo magistério ainda nos estágios e vai se tornando professora no exercício da profissão. Rosania se descobre professora e vai se encantando com a docência. Diante disso, inferimos que o tornar-se professora é processo, pois “[...] somos uma multiplicidade de papéis e de lugares sociais internalizados que também se harmonizam e entram em choque” (FONTANA, 2005, p. 66). Por fim, para Luciana ser professora constitui-se não apenas no exercício prestado dentro de uma escola formal, mas, também, no espaço privado, enfatizando sempre a relação profissional e a afetividade.

3.3 CONCEITO DE EDUCAÇÃO E ESCOLA

Para Lucimaria a [...] *educação vai além da informação [...] é o caminho da ética, da justiça*. Para Rosania: [...] *educação vem de casa. A questão educação é o agir do sujeito, é como ele vai se relacionar com os outros [...]*. Para Marta é: *um processo [...] a cada dia a vai aprendendo [...]*. Para Rita: *Educação é à base de tudo na vida do cidadão*. Para Luciana: *A educação é tudo, [...]* Já para Mônica: *é uma forma de se adquirir conhecimento [...]*. Lucimaria e Mônica apontam a educação no âmbito da formação intelectual e de valores como ética e justiça, pensando o aluno em sua formação plena. Rosania entende que a primeira educação se adquire na família e que educação tem relação com o modo de agir dos sujeitos. Marta aponta a educação como um processo inacabado, que se adquire a cada dia e Rita concebe a educação como pilar da cidadania. Elas compreendem a educação como um elemento que ultrapassa a dimensão do aprender na escola e está na base da formação cidadã. Os sentidos atribuídos à educação, pelas professoras, são amplos, como um campo, nas palavras de Amado (2013, p. 25), “[...] onde as dimensões ética, política, científica, experiencial, emocional e afetiva terão, forçosamente, que se articular de um ponto de vista prático para a realização plena de cada um, de cada *pessoa*, e do universo dos seres humanos; [...].”

A escola para Lucimaria *ainda é informação [...]*. Para Rosania: *[...] a escola seria para incentivar o conhecimento básico*. Para Marta: *[...] é um lugar onde você convive*. Para Rita: *A escola é lugar de aprendizagem*. Para Luciana: *[...] se a pessoa não for pra uma escola ela não vai aprender*. Para Mônica *[...] não vejo uma sociedade sem escola, [...]*.

A escola para as professoras entrevistadas é espaço de convivência e de aprendizagem. Com a escola, viu-se criar um espaço necessário e específico de transmissão e apropriação de um saber metódico. Em outros termos, pela mediação da educação, será possível construir uma cidadania ética e, igualmente, uma ética cidadã. Pela mediação da educação, se buscará instituir, em cada indivíduo singular, o cidadão ético correspondente ao lugar a ele atribuído na escala social. Além disso, torna-se oportuno citar Duarte (2000, p. 9) para quem:

Não se trata de defender uma educação intelectualista nem de reduzir a luta educacional a uma questão de quantidade maior ou menor de conteúdos escolares. A questão é a de que, ao defender como tarefa central da escola a socialização do saber historicamente produzido, a pedagogia histórico crítica procura agudizar a contradição da sociedade contemporânea, que se apresenta como a sociedade do conhecimento e que, entretanto, ao contrário do que é apregoado, não cria as condições para uma real socialização do saber.

Os sentidos que as professoras atribuem à situação da educação e a escola suscitam tendências pedagógicas distintas, como a difundida pela Pedagogia liberal que sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais; nesse sentido, a escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade. Os estudantes são ensinados a obedecer às normas vigentes e os valores na sociedade, sendo que tal postura nada mais é um do que uma tendência tradicional que afirma que o compromisso da escola é com a cultura, e que os problemas sociais pertencem à sociedade. Para tanto, são os conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações adultas e repassados ao aluno como verdades.

Induz-nos a pensar a tendência liberal renovada progressivista cuja finalidade da escola é adequar as necessidades individuais ao meio social e, para isso, ela deve se organizar de forma a retratar, o quanto possível, a vida, um ensino centrado no aluno e no grupo. A finalidade da escola é adequar as necessidades individuais ao meio social e, para isso, ela deve se organizar de forma a retratar, o quanto possível, a vida. O conhecimento resulta da ação a partir dos interesses e necessidades, os conteúdos de ensino são estabelecidos em função de experiências que o sujeito vivencia frente a desafios cognitivos e situações problemáticas.

Sinalizam a tendência progressista “crítico social dos conteúdos” quanto ao papel da escola cuja difusão de conteúdos é a tarefa primordial. Não conteúdos abstratos, mas vivos,

concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é, também, agir no rumo da transformação da sociedade. A condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida dos alunos. A valorização da escola como instrumento de apropriação do saber é o melhor serviço que se presta aos interesses populares, já que a própria escola pode contribuir para eliminar a seletividade social e torná-la democrática.

3.4 CONCEITOS DE CONHECIMENTO¹⁸E CURRÍCULO

Para Lucimaria: *o conhecimento é uma aquisição. [...] O conhecimento ainda é fragmentado.* Para Rosânia: *[...] acho que esse conhecimento este mais restrito [...] você acaba perdendo foco [...] porque você vai ensinar [...] a ter educação [...].* Para Marta: *é conhecer a estrutura da escola e as práticas pedagógicas. [...] qual é realmente a necessidade de seu estudante e procurar mudar para que isso venha atingir o conhecimento do estudante.* O processo de constituição do conhecimento escolar, segundo Lopes (1999, p. 104),

[...] ocorre no embate com os demais saberes sociais, ora afirmando um dado saber, ora negando-o; [...]. [...] o conhecimento escolar, por princípio, se propõe a construir / transmitir aos alunos o conhecimento científico e, ao mesmo tempo, é base da transmissão / construção do conhecimento cotidiano de uma sociedade.

Para Rita o conhecimento é *[...] inovar para atender a clientela da gente, a gente é cobrada para seguir aquilo, [...].* Para Luciana: *Tem o conhecimento que a pessoa já tem de berço. E tem o conhecimento escolar. [...].* Para Monica: *[...] É uma construção, a gente constrói nosso conhecimento nas relações com as pessoas, na escola, nos ambientes, [...] acho que ele é construído ao longo dos anos da sua vida, [...].* Esse grupo de professores aponta o conhecimento como inovação, cuja função social é atender às necessidades dos estudantes; separa, portanto, conhecimento de “senso comum”, mais próximo das suas relações fora da escola, do conhecimento escolar e por último, entende-os como uma construção social. Tais sentidos nos chama a, nas palavras de Tardif (2000, p. 10),

[...], examinar seriamente a natureza desses fundamentos e extrair daí elementos que nos permitam entrar num processo reflexivo e crítico a respeito de nossas próprias práticas como formadores e como pesquisadores. [...] chamamos de epistemologia da

¹⁸ Entende-se por conhecimento, nesta pesquisa, o que os professores entendem por conhecimento e que permeiam as suas práticas.

prática profissional o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos professores em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar sua tarefa.

Sobre o currículo, Lucimaria diz: *o currículo eu acho ainda distante da vivência do estudante, [...] currículo só conteúdo [...]*. Para Marta: *[...] penso nas matérias, os assuntos que nós trabalhamos com os estudantes [...]*. Para Luciana: *tem que ser um currículo bem preparado pra você conseguir preparar as crianças com todos os aspectos, [...]*. Para Mônica: *currículo são normas a ser seguidas, por exemplo, nós seguimos um currículo da grade de disciplinas [...]*. O currículo é elo entre a sociedade e a escola, o sujeito e a cultura, o ensino e a aprendizagem e, também, reflete práticas, experiências cotidianas, ideologias, crenças e valores. Peça primordial de uma prática pedagógica que visa ao desenvolvimento integral do indivíduo e a construção de sua identidade. As reestruturações e reformas educacionais têm como elemento central o currículo e várias são as concepções de currículo e de teoria curricular, vejamos:

A tradicional humanista, firmada em uma concepção conservadora da cultura (fixa, estável, herdada) e do conhecimento (como fato, como informação). Uma visão fechada. 2) a tecnicista, em muitos aspectos similar à tradicional, mas enfatizando as dimensões instrumentais, utilitárias e econômicas da educação; 3) a crítica, de orientação neomarxista, baseada numa análise da escola e da educação como instituições voltadas para a reprodução das estruturas de classe da sociedade capitalista: o currículo reflete e reproduz essa estrutura; 4) a pós-estruturalista, que retoma e reformula algumas das análises da tradição crítica neomarxista, enfatizando o currículo como prática cultural e como prática de significação (SILVA, 2006, p. 12-13).

É a visão tradicional de currículo que vemos sobressair nas falas, o conteúdo é priorizado, o conhecimento acumulado historicamente é selecionado e organizado em disciplinas e transmitido. O estudante é o receptáculo dos conteúdos. O currículo reflete uma imposição do sistema educacional, caracteriza-se por ser fixo, fechado, ou seja, conservador. No sentido atribuído pelas professoras ao conceito de currículo se percebe não haver um diálogo com as categorias como classe, cultura, raça, gênero. O “[...] currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades” (SILVA, 2006, p. 12). Para Rosânia: *[...] currículo ainda foge, dessa preparação para o mercado lá fora, [...]*. Para Rita: *[...] às vezes, na prática a gente vê, às vezes condiz com a clientela, às vezes não*. Embora prevaleça um posicionamento voltado para o currículo tradicional, fechado, as professoras não concebem o currículo como um campo de forças que organiza, seleciona o conhecimento a ser priorizado, e exclui outros que entende não ser importante. É a partir do currículo que se define o modelo de homem e sociedade que se pretende, na pertinente análise de Lopes (1999, p. 63):

O currículo é a forma institucionalizada de transmitir e reelaborar a cultura de uma sociedade, perpetuando-a como produção social garantidora da especificidade humana. Em dado contexto histórico, são selecionados os conteúdos da cultura, considerados necessários às gerações mais novas, constituintes do conhecimento escolar. A concepção que se tem de cultura será, portanto, definidora de como se compreende o conhecimento escolar.

A marginalização de seguimentos sociais, o silêncio diante de questões pertinentes à *diferença*, quando ausentes do currículo, não ocorre de forma despreziosa, às relações na escola se organizam em torno de uma formulação preestabelecida no currículo, sendo assim, nos termos de Silva (2006, p. 10),

[...] o currículo é o espaço onde se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e sobre o político. É por meio do currículo, concebido como elemento discursivo da política educacional, que os diferentes grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua “verdade”.

Currículo incide diretamente o enfrentamento das práticas de discriminação racial na escola. Nesse contexto, pode-se afirmar que o currículo compreende uma seleção de conteúdos culturais que vão fazer parte do projeto educativo proposto pela escola, porém, ultrapassa a simples seleção de conteúdos; logo, sua realização é possível, de acordo com as condições políticas e administrativas da instituição. Currículo é o centro da ação educativa, sua função inclui delimitar atividades, bem como os conteúdos a serem desenvolvidos pela escola somando as experiências transmitidas, pelos discentes e docentes envolvidos. Tendo como base a sociedade, as políticas, a escola, o professor e o aluno, o currículo é, conforme nos informa Sacristán (2000, p. 165),

[...] uma prática desenvolvida através de múltiplos processos e na qual se entrecruzam diversos subsistemas ou práticas diferentes, é óbvio que, na atividade pedagógica relacionada com o currículo, o professor é um elemento de primeira ordem na concretização desse processo. Ao reconhecer o currículo como algo que configura uma prática, e é por sua vez, configurado no processo de seu desenvolvimento, nos vemos obrigados a analisar os agentes ativos no processo. Este é o caso dos professores; o currículo molda os docentes, mas é traduzido na prática por eles mesmos – a influência é recíproca.

Sendo assim, o professor é o elemento fundamental na concretização desse processo “[...] O professor transforma o conteúdo do currículo de acordo com suas próprias concepções epistemológicas e também o elabora em ‘conhecimento pedagogicamente elaborado’” (SACRISTÁN, 2000, p. 185). A prática pedagógica deve estar todo tempo atrelada ao currículo.

3.5 CONCEITO DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Na tentativa de organizar, como as professoras sujeitos dessa pesquisa, conceituam discriminação racial, separamos as principais falas referentes a essa questão. É necessário dizer que uma pergunta, às vezes produzia várias respostas, algumas, referentes ao contexto racial, outras não. A ideia de racismo, raça, preconceito surgiu em algumas entrevistas, inicialmente nos limitamos ao conceito de discriminação racial, mas logo surgiu a necessidade de apresentar outras ideias que se mostraram relevantes.

Discriminação racial para Lucimaria é [...] *um ato de covardia, de separação de pessoas por causa de seu grupo étnico*. Para Rosânia: [...], *é uma ação do outro*. [...]. Para Marta: [...] *quando eu não aceito o outro* [...]. Para Rita: [...] *pela cor da pele* [...]. Para Mônica: [...] *é tratar mal o outro pela sua cor* [...] e para Luciana: [...] *é você se opor*. As expressões evidenciadas como: *separação de pessoas, não aceitação do outro pela cor da pele, tratar mal, opor-se*, assemelham-se às registradas na Convenção Internacional Sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial “[...] distinção, exclusão, restrição ou preferência fundadas na raça, cor” (NAÇÕES UNIDAS, 1965). Para as professoras, a discriminação racial é a não aceitação do Outro. O sentido se organiza em dois pontos: 1º) evidencia-se a ocorrência de repulsa à cor negra; 2º) a prática de discriminação racial é uma ação dotada de sentido, ou seja, há uma intenção em atingir de modo violento, o outro de cor escura. Essa violência pode ser física ou psicológica de modo que deixa marcas na subjetividade do sujeito negro.

A discriminação racial é “[...] uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se tem como estigmatizados, [...]” (NOGUEIRA, 2006, p. 292). O estigma que sustenta o preconceito racial incide, principalmente, sobre os traços físicos: cor da pele, nariz, boca e cabelo e “[...] quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, [...] a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca” (NOGUEIRA, 2006, p. 292). A marca, então, é que define o negro brasileiro, o preconceito, designado por “preconceito de marca” é o que se apresenta no Brasil¹⁹, cujas características determinam uma preterição; nas palavras de Nogueira (2006, p. 293-299):

¹⁹Geralmente, as discussões em torno do racismo na América Latina costumam utilizar, como padrão de comparação, o mundo anglo-saxônico- que se define em função da biologização do racismo e pela imposição de estruturas de segregação racial ostensivas (EUA, Europa Setentrional, Austrália, Canadá, África do Sul...) – corresponde a um contexto histórico recente e bem específico: a Modernidade industrial capitalista. Contrariamente a este modelo, a tipologia de relações raciais imperante na denominada América Latina conforma-se às realidades culturais e estruturais pré-modernas, pré-capitalistas e, conseqüentemente, pré-industriais (MOORE, 2012, p. 17).

Serve de critério o fenótipo ou aparência racial; Ele tende a ser mais intelectual e estético; Onde o preconceito é de marca, as relações pessoais, de amizade e admiração cruzam facilmente as fronteiras de marca (ou cor); No local onde existe preconceito de marca, a ideologia é, ao mesmo tempo, assimilacionista e miscigenacionista; O dogma da cultura prevalece sobre o da raça; a etiqueta de relações inter-raciais põe ênfase no controle do comportamento de indivíduos do grupo discriminador, de modo a evitar a susceptibilização ou humilhação de indivíduos do grupo discriminado; A consciência da discriminação tende a ser intermitente; Onde o preconceito é de marca a reação tende a ser individual [...]; a tendência é se atenuar nos pontos em que há maior proporção de indivíduos do grupo discriminado; [...] ficando o preconceito de raça disfarçado sob o de classe; A luta do grupo discriminado tende a se confundir com a luta de classes [...].

O sentido que atribuem à discriminação racial é o fio condutor para compreendermos como se desvela essa prática no percurso familiar, social, religioso e profissional, das nossas professoras. Emergiu da resposta sobre discriminação racial o conceito de racismo, para Rosânia o [...] *racismo já vem do desrespeito dessa cultura*. Para Marta: [...] *é você não aceitar o outro como ele realmente é; [...]*. Para Luciana: *racismo é não aceitar, por exemplo, não é só o racismo de cor, tem gente que se opõe ao homossexualismo [...]*. Para Mônica: *é [...] discriminar a outra pela sua cor ou pela sua cultura*.

O sentido que elas atribuem ao racismo²⁰ se confunde com preconceito, 1º) desrespeito e 2º) não aceitação do outro. Inferimos que o sentido exposto se distancia do que seja o racismo. Moore (2012) nos apresenta um caminho para compreendermos a gênese desse fenômeno e como esse deve ser definido conceitualmente. Até o século XX, os estudos acadêmicos voltados para o racismo se organizavam em torno de dois pontos: o holocausto judeu sob o III Reich e a escravidão negro-africana. A partir do século XV, entendia-se que o racismo “[...] era a sistematização de ideias e valores do europeu acerca da diversidade racial e cultural dos diferentes povos no momento em que a Europa entrou, pela primeira vez, em contato com eles” (MOORE, 2012, p. 18). Nessa perspectiva, o surgimento do racismo era atrelado à ideia de raça, fundamentada na biologia.

A discriminação racial é gerada pelo racismo e não pelo preconceito, isso parece óbvio, mas não é. A confusão entre racismo e preconceito é evidente, é necessário o entendimento de que, nem todo preconceito é uma manifestação do racismo, mas, segundo Morre (2012, p. 226): “[...] é o racismo que gera os piores e mais violentos preconceitos. Dentre eles o mais profundo

²⁰ “[...], o racismo não se estrutura em torno do conceito de raça, nem a partir da escravidão dos africanos, mas a partir do fenótipo, e tem uma profundidade histórica maior que os 500 anos e mais da hegemonia ocidental sobre o resto do mundo.” Moore aceita a tese de Benjamim Isaac que situa as raízes do racismo moderno na Antiguidade Greco-romana. Moore recua a origem do racismo a partir da tese de Gervásio Fournier-González e Cheikh Anta Diop, emitindo a hipótese de que “teria ocorrido em épocas longínquas, graves conflitos entre povos: melanodérmicos (negros); leucodérmicos (brancos)”. Esses conflitos hoje apagados da memória ativa da Humanidade e que brotaram sempre em torno de acirrados e sangrentas disputas pela posse dos recursos básicos de sustentação, os incubadores de vários racismos surgidos em diversas partes do mundo (MOORE, 2012).

e abrangente é a noção da inferioridade e superioridade racial inata entre os seres humanos.”

O racismo é um fenômeno universal e permanente na sociedade, “[...] corresponde a uma forma específica de ódio²¹; um ódio peculiar dirigido especificamente contra uma parte da Humanidade, identificada a partir de seu fenótipo” (MOORE, 2012, p. 228), está enraizado no imaginário coletivo dos diversos povos e sociedades. É um fenômeno transversal que perpassa todos os segmentos da sociedade. Para avançarmos na compreensão do conceito de discriminação racial é necessário compreendermos o que é, e, como nasceu o racismo. O homem cria representações simbólicas que reconhece, mas também, seguindo a linha de raciocínio de Moore (2012, p. 191-192),

[...] representações simbólicas que lhe escapam após tê-las concebido²² trata-se de formas de consciência determinadas historicamente e, conseqüentemente, desprovidas de sua própria memória. Desse modo, tem a capacidade de subjugar, individual ou coletivamente, o próprio sujeito que as criou. [...] A religião, os mitos cosmogônicos, o sexismo, o anti-semitismo, o racismo e a homofobia são exemplos característicos de irredutíveis formas de consciência determinadas pela história. De todas elas, o racismo aparece nitidamente como a forma de consciência mais violenta e abrangente, porquanto ele implica uma vontade e intenção de extermínio do Outro Total.

Desse modo, o racismo não pode ter surgido em um único lugar, não seria possível chegar ao momento específico do seu surgimento. O racismo seria uma ordem sistêmica de grande profundidade histórica e de ampla cobertura geográfica, que se teria desenvolvido, fundamentalmente, com o objetivo de garantir a separação automática de um determinado segmento humano do usufruto de seus próprios recursos.

O limite entre quem discrimina e é discriminado no Brasil é “[...] indefinido, variando subjetivamente” (NOGUEIRA, 2006, p. 293) e a peculiaridade do preconceito de “marca” ou “cor” na sociedade brasileira mostra a ambigüidade do racismo aqui manifestado e das

²¹Em si, o ódio é parte dos sentimentos catalogados como propriamente humanos, tanto quanto o amor, a inveja, a generosidade. No entanto, na medida que esse ódio é específico se vê concentrado em uma parte igualmente específica da comunidade humana, identificada principalmente pelo seu fenótipo, o ódio racista deixa de ser uma mera questão de sentimento ou interação puramente afetiva entre indivíduos para se converter em um sistema normativo da realidade social. De tal sorte, essa forma de ódio grupal, que denominamos racismo, torna-se uma estruturação sistêmica que rege o destino da sociedade racializada. Assim, é impossível virar as costas para uma das mais marcantes realidades da vida nas sociedades chamadas modernas, especialmente no século XXI, a saber, a gestão racializada e monopolista dos recursos da sociedade, tanto em nível nacional quanto em nível planetário (MOORE, 2012, p.228).

²²Estabelecemos uma diferença entre uma realidade simbólica, representação imaginada que o ser humano reconhece como sendo de sua criação, e uma representação simbólica, representação imaginada que emerge de uma reformulação distorcida dos próprios símbolos. Simbologização refere-se aos processos mediante os quais essas reformulações são operadas até constituir um novo imaginário coletivo; esse último passando a ter uma vida autônoma, constituindo-se numa nova realidade já não reconhecida pelo ser humano como sendo de sua própria autoria. Essa perda da memória autoral permite que a nova realidade imaginada possa governá-lo (MOORE2012, p.192).

múltiplas variações da prática de discriminação racial. Como evidenciado até agora a questão racial e, especificamente o racismo, tratados neste trabalho não se limita a uma temática em voga na academia, mais que isso é um problema histórico permanente em toda a história da humanidade e que se atualiza continuamente. O Brasil, sendo uma sociedade racializada, não foge das marcas próprias desse processo.

Algumas entrevistadas revelaram em sua fala o sentido de raça. Para Rosânia [...] *raça é a sua origem é a sua cultura*. Para Marta: [...] *raça pra mim, é a raça negra e a raça branca*. Para Rita: *a raça humana* [...]. Para Luciana: [...] *A raça negra, a raça branca* e para Mônica: [...] *quando falava em raça já pensava em raça negra, raça preta* [...] *hoje em dia eu já vejo como raça humana*. O sentido que atribuem à raça se organiza desse modo em torno: a) da origem e cultura; b) ao fenótipo; c) a condição humana. Elas não se dão conta do conceito de raça como uma construção, por isso, revelam sentidos distintos sobre raça. Os estudos avançaram e comprovaram que raça não pode ser definida segundo critérios biológicos, raça existe “[...] ela é uma construção sociopolítica, o que não é o caso do racismo, um fenômeno que antecede a sua própria definição [...] racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais²³” (MOORE, 2012, p. 31).

Em síntese, concluímos que, apesar de todas as entrevistadas apresentarem sentidos de discriminação racial, próximo da definição feita na Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, no seu artigo I, (1965), distanciam-se do entendimento do que é *racismo*, não o compreendem como “sistema normativo da realidade social”, tornando essa falta de conhecimento, uma questão extremamente danosa ao enfrentamento da questão racial na escola, também, não concebe raça como uma construção sócio-política, mas enfatiza o fenótipo ao se pensar raça.

²³O fenótipo de uma espécie desenvolve-se ao longo de complexo processos nos quais as mutações genéticas randômicas favoráveis são fixadas pela seleção natural. As taxas elevadíssimas de melanina nos primeiros representantes do gênero *homo* são um bom exemplo de uma solução evolutiva e adaptativa nas latitudes subequatoriais, onde o bombardeio de raios solares e ultravioletas era muito intenso e muito provavelmente tornou inviável a existência de homínídeos brancos durante um longo período da história da Humanidade. Estudos científicos já apontam que: a) o gênero humano surgiu somente no continente africano, há cerca de 2,0 milhões de anos; b) a humanidade anatomicamente moderna surgiu também, no continente africano, entre 150 e 200 mil anos atrás; c) o *Homo sapiens* migrou para fora do continente africano para povoar o restante do planeta, entre 40 e 50 mil anos atrás. [...] E nessa lógica, a mais recente e talvez mais dramática descoberta dos geneticistas foi a identificação, em 2007, do gene (com o codinome de SLC24A5), que aparentemente, é responsável pelo aparecimento da pele branca dos europeus, em uma de suas duas variantes, e pelo aparecimento da pele amarela das populações asiáticas [...] (BARTER, 2005; BROWNLEE, 2005 apud MOORE, 2012, p. 39). o fato é que os cientistas estimam que o processo de diferenciação racial aconteceu entre 4 mil e 10 mil anos a.C.

4 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Esse capítulo tem como objetivo analisar o modo como as educadoras vivenciam as relações raciais no convívio com o outro na família, no mercado de trabalho, no convívio social, no ambiente religioso e na escola, na condição de estudante e professora, que sentidos são atribuídos às práticas de discriminação racial vivenciadas nesses contextos e como se posicionam diante delas.

O processo de miscigenação acentuou ainda mais a complexidade do racismo agregando uma especificidade ao racismo desenvolvido no Brasil. Rosania diz: *eu me defino²⁴ como parda, porque assim, é, sabe que no Brasil a gente não é puro [...] não me considero branca porque não sou, sou descendente de negra, de índio, então não sou branca[...] a pele é clara[...].* A afirmação sobre a inexistência de pureza racial do brasileiro procede, pois vivemos em uma sociedade multirracial e, nesse aspecto, reside à dificuldade do mesmo em definir ou em declarar sua cor. Inicialmente, Rosânia nos permite adentrar nas discussões sobre *ser negro* e *ser branco* no Brasil.

O pensamento desenvolvido, no Brasil, sobre mestiçagem no final do século XIX e início do século XX, demonstra que “[...] A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, [...] uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma *nação*²⁵ que se pensava *branca*” (MUNANGA, 2008, p.48). A mobilização de intelectuais como: Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Edgar Roquete Pinto, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, e, outros²⁶, imbuídos em formular uma “teoria do tipo étnico brasileiro”, precisavam responder teoricamente como transformar a pluralidade racial e suas variáveis, em uma identidade nacional. A grande questão comum à maioria desses intelectuais era a influência exercida pelo “determinismo biológico do fim do século XIX e início deste, eles acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra, e na degenerescência do mestiço” (MUNANGA, 2008, p. 49). É no século XIX que se forja uma ideologia de uma *Brasil-cadinho*²⁷, veremos brevemente “[...] como a categoria do mestiço

²⁴ A autodefinição racial das outras entrevistadas aparecerá ao longo do texto, pois a explicitaram em momentos diferentes das suas falas.

²⁵ O conceito de Nação implica a noção de unidade, mas as disparidades socioeconômicas e raciais constadas no Brasil constroem uma nítida e cruel polarização da população (MOORE, 2012, p. 20).

²⁶ Não aprofundaremos sobre a mestiçagem no pensamento brasileiro, mas indicamos a obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (MUNANGA, 2008).

²⁷ A ideologia do *Brasil-cadinho* relata a epopeia das três raças que fundem nos laboratórios das selvas tropicais. Como nas sociedades primitivas, ela é um mito cosmológico, e conta a origem do moderno Estado brasileiro, ponto de partida de toda uma cosmogonia que antecede a própria realidade (ORTIZ, 1994, p. 38).

torna-se [...] uma linguagem que exprime a realidade social deste momento histórico, e que ela corresponde, no nível simbólico, a uma busca da identidade” (ORTIZ, 1994, p. 37).

De modo sintético, apresentaremos dois dos principais resultados das teorias defendidas sobre o típico brasileiro e seus respectivos defensores: Sílvio Romero e Nina Rodrigues.

Romero acreditava que o Brasil poderia chegar a ter um rosto original. Por meio da mestiçagem “[...] resultará a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar-se-ia a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos elementos não brancos” (MUNANGA, 2008, p. 49). Acreditava na prevalência do gene preponderante, no caso do homem branco e mais, acreditava no desaparecimento total do negro e indígena pelo processo de miscigenação.

Contrariamente à ideia defendida por Romero, Nina Rodrigues desenvolveu uma nova tese afirmando que “[...] era possível desenvolver no Brasil, uma civilização a partir da fusão da cultura “branca” com as contribuições negras e índias, sendo as duas últimas consideradas por ele espécies “incapazes” (MUNANGA, 2008, p. 51). Rodrigues admitia o branco como superior e os índios e negros como atrasados, colocando-os como dotados de “desequilíbrios e perturbações psíquicas”. Levando a risca a tese da incapacidade do não negro e do índio, sugere “[...] A institucionalização e a legislação da diferença [...] para responder à dificuldade de construção de uma única identidade nacional” (MUNANGA, 2008, p. 53). No entanto, o desejo de Rodrigues relativo a uma legislação da diferença, que separasse legalmente negros de brancos baseado na inferioridade mental do negro, não se concretizou. Vejamos a discordância de Rodrigues, da ideia de Romero, [...] Não acredito na futura extensão do mestiço luso-africano a todo o território do país, considero pouco provável que a raça branca consiga predominar o seu tipo em toda a população brasileira (RODRIGUES, 1894, p. 126 apud MUNANGA, 2008, p. 54).

No posicionamento exposto por Nina Rodrigues, é possível inferir que a miscigenação na sua complexa estrutura não seria capaz de determinar a “uniformização étnica da sociedade brasileira”, atingindo o padrão branco.

A questão que suscitamos é que, nas palavras de Moura (1977, p. 65),

[...] o *branco* como representativo do homem brasileiro, de acordo com os padrões arianistas de alguns estratos não significativos da população, ou estudiosos do nosso passado social, é mais um mito que deve ser descartado. Por outro lado, devemos salientar que na categoria de *branco* há muito pardo socialmente branqueado. Tudo isso serve para demonstrar a alienação daqueles que, fugindo de uma visão objetiva das raízes da nossa formação étnica e social, procuram apresentar-nos como um povo branco.

Retomando, Rosânia diz: [...] *não me considero branca porque não sou, [...] sou descendente de negra, de índio, então não sou branca [...] a pele é clara.* O processo de miscigenação permite aos indivíduos, “[...] das diferentes classes sociais e dos diversos grupos de cor, interpretar, dentro do padrão proposto, as relações raciais que eles próprios vivenciam” (ORTIZ, 1994, p. 44). A pele clara não necessariamente torna o sujeito pertencente ao grupo *branco*; no entanto, dentro das relações sociais parte dos indivíduos de pele clara *opta*, por se autodefinir branco. Essa opção é fruto do processo de construção da imagem *positiva* do grupo dominante.

[...] referir-nos ao *branco por autodefinição*, isto é, aquele elemento que, embora tendo mescla de sangue negro ou indígena, define-se como *branco*, porencontra-se em uma posição social capaz de branqueá-lo e fazê-lo passar por branco nos diversos níveis de contato com as classes dominantes. Ao falarmos de *negro* não objetivamos também o negro puro, mas, definir uma etnia que vinda de matrizes negras, conserva a sua cor próxima a essas matrizes, e , por elementos de cultura, posição social e econômica, formam uma unidade que é tida como representativa do negro, pela sociedade *branca*²⁸ (MOURA, 1977, p. 20).

Ser negro não se limita às características físicas,

[...] Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define. Em segundo lugar, cabe lembrar que preto é um dos quesitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – branco, pardo, indígena - a cor da população brasileira. Pesquisadores de diferentes áreas, inclusive da educação, para fins de seus estudos, agregam dados relativos a pretos e pardos sob a categoria negros, já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua ascendência africana (BRASIL, 2004, p.15).

A ambiguidade provocada pela mestiçagem²⁹ dificultou o processo de autodefinição racial no Brasil, conforme podemos extrair da leitura de Moore (2012, p. 210):

A política de miscigenação, por via de **cooptação racial**, faz emergir, permanentemente, setores fenotipicamente diferenciados na população. Por força da disseminação de ideologias de superioridade racial, esses mestiços, serão conduzidos a gravitar em torno do pólo social e racialmente dominantes (grifo do autor).

²⁸O branco por autodefinição, portanto, representa uma visão simbólica que as classes dominantes têm delas mesmas, reflexa da visão deformada de si e dos demais segmentos étnicos que compõem a sociedade brasileira. Escolhendo como padrão ideal para espelhar-se a cor branca, em decorrência do fato de sermos um país de visão reflexa, em consequência da nossa posição estruturalmente dependente e situacionalmente periférica como nação, essas classes querem se igualar, pela cor, à dos antigos colonizadores ou à dos países que lideram atualmente o neocolonialismo, a fim de se nivelarem àqueles que nos exploram (MOURA, 1977, p. 20).

²⁹ A mestiçagem constitui-se em uma política eugênica que, efetivamente, visa a eliminar o fenótipo adverso.

O sentido atribuído pela professora Rosânia a seu pertencimento racial é ambíguo, existe um apelo à mestiçagem, respaldando-se na ideologia do branqueamento. Ao se declarar *parda* faz menção a sua descendência negra, mas não se coloca dentro da categoria negro, socialmente consegue pular essa categoria, pois possui atributos capazes de branqueá-la.

4.1 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA FAMÍLIA DE ORIGEM E NA FAMÍLIA NUCLEAR

Este item se organiza em torno da experiência pessoal em torno das práticas de discriminação ocorridos no convívio com o outro, na família de origem e na família nuclear. A entrevistada Lucimaria³⁰ revela em sua fala a primeira experiência que lhe sobressai à memória sobre discriminação racial que ocorre na família de origem, quando ainda experimentava a transição da infância/adolescência, nas primeiras relações afetivas e sociais. Sua família era adepta do catolicismo, tendo pai de pele clara e a mãe de pele escura, os irmãos homens negros e irmãs brancas, sendo a única “negra” das filhas.

Lucimaria percebeu que nos momentos dos ritos religiosos, ocorridos no núcleo familiar, havia distinção racial [...] *as brancas recebiam as Santas Nossa Senhora Branca e a negra recebia a Nossa Senhora Negra* [...]. A simbologia representada na cor da Santa demonstra como se desenvolve a complexidade das relações raciais na instância familiar. Ela continua: [...] *eu não entendia aquilo [...] porque eu tinha que receber essa santa Preta [...] aquilo era confuso e dolorido porque que tenho que receber a mais feia?* O desconforto produzido revela a representação negativa da cor negra, adjetivada como feia “[...] É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nessa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos” (SANTOS, 1983, p. 29). Ocorria naquele núcleo familiar uma demarcação com base na cor, ou seja, no fenótipo que é, segundo Moore (2012, p. 19),

[...] um elemento objetivo, real, que não se presta à negação ou à confusão. É ele e não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social; que serve de linha de demarcação entre grupos raciais e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações “raciais”.

³⁰ Nesse item temos somente a fala de Lucimaria que fala sobre as experiências de discriminação racial na família e achamos importante trazê-la pela possibilidade de ampliar a discussão sobre práticas de discriminação racial que não se restringe, apesar dos contornos desse trabalho, à escola.

A marca da *diferença* começa em casa não só para Lucimaria, o negro faz parte de uma coletividade e muitas histórias se equiparam, mesmo em tempo e contextos distintos como podemos ler em Santos (1983, p. 26):

O garoto, filho de homem negro e mulher branca, vivia cedo a experiência que fixava: “o negro é diferente”. Diferente, inferior e subalterno ao branco. Porque aqui, a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá.

Logo o racismo existe no “mundo intersubjetivo [...], antes mesmo do nascimento do homem e esse mundo é o “mundo da vida cotidiana”, composto por relações, elementos e experiências de uma coletividade” (SCHUTZ, 2012). Retomando a relação apresentada da cor negra ao que é feio remetemos esse sentido a uma construção histórica, o que para Moore (2012, p. 198-199),

[...] a simbologização da ordem fenotipizada por meio da transferência do conflito concreto para a esfera do fantasmático (isso implica fenômenos como a demonização das características fenotípicas do vencido em detrimento da exaltação das características do segmento populacional vencedor).

É uma marca incontestável na história da Humanidade a rejeição ao Outro que possui a cor escura, o grupo dominante branco, converte o seguimento de pele escura em dominado, isso em um processamento simbólico. Historicamente, a cor escura está associada ao luto, ao diabólico, produzindo, como desvela Moore (2012, p. 40-41),

[...] a hostilidade e o medo da cor especificamente negra é um fenômeno francamente universal que se encontra nos mitos e nas culturas de praticamente todos os povos não negros. [...] Não vemos outra explicação válida para a ubiquidade da repulsa e do medo que causa a cor negra: “tenebroso”, “maléfico”, “perigoso”, “pecado”, “sujo”, “bestial”, “primitivo”, “inculto”, “canibal”, “má sorte”.

O racismo se dissemina de modo tão complexo nas sociedades humanas, que o sujeito não se dá conta, quando Lucimaria diz: [...] *tudo que era negro naquela época, era feio* [...], ela reproduz uma ideia construída historicamente, que se reflete na vida cotidiana de modo naturalizado. No decorrer da entrevista diz: [...] *minha mãe era uma pessoa preconceituosa* [...], *ela não gostava de negro*. A ideia de que o negro é racista, ou que discrimina o seu segmento racial, deve ser analisada no quadro da ideologia do branqueamento,

[...] que divulga a ideia e o sentimento de que as pessoas brancas seriam mais humanas, teriam inteligência superior e, por isso, teriam o direito de comandar e de dizer o que é bom para todos. O racismo imprime marcas negativas na subjetividade dos negros e também na dos que os discriminam (BRASIL, 2004, p. 16).

O branco é visto como modelo, a ideologia do branqueamento é perversa, é através dela que, segundo Gomes (1995, p. 83),

[...] no Brasil, milhares de negros são levados a assimilar os valores e a cultura do grupo branco como legítimos, negando a herança dos ascendentes africanos, desconsiderando a real contribuição da raça negra na formação da nossa sociedade e vivendo a construção de uma identidade étnico/racial fragmentada.

Ocorre uma ausência de reconhecimento dos valores culturais do negro, em alguns casos pelo próprio negro, “quando se diz que o negro se inferioriza, na realidade o inferiorizaram” (GOMES, 2008, p. 148). O caso apresentado por Lucimaria, relativo ao comportamento da mãe diante do negro, foi apreendido socialmente. O modelo de cultura, moral, estética legitimado é do seguimento branco. Para situar, retomamos o período pós-abolição, “[...] até a abolição, o negro não existia enquanto cidadão” (ORTIZ, 1994, p. 36), quando o negro deixa a condição de escravo para torna-se um, negro livre, quiçá um cidadão, o mesmo vai encontrar “barragens de peneiramento que lhe foram impostas”. Aqueles que se julgam *brancos* e desse modo, superiores criam uma nova imagem do negro, para eles, na visão de Moura (1977, p. 19),

[...] o negro, desde que conseguiu livrar-se do cativeiro vem demonstrando como, por uma questão de inferioridade congênita, incurável não tem condições de competir com o branco, que é visto como membro de uma raça mais inteligente, *limpo*, culto, que pauta o seu comportamento por padrões morais mais elevados aos quais o negro não poderá chegar.

As características negativas do segmento negro foram ensinadas dentro da escola, nos livros didáticos, e de modo mais amplo retratado pela imprensa, por meio de novelas, jornais. Ao negro foi ensinado perceber-se como portador de atributos negativos como a indolência, a preguiça, a feiúra, “[...] a história da sociedade brasileira é marcada por formas ideológicas racistas que desvalorizam a população negra” (SILVA, 2002, p. 11).

Dentro do núcleo familiar Lucimaria diz: [...] *questão do negro era jogada como se fosse uma coisa ruim; a [...] questão do negro começava em casa; [...] a filha negra era um problema para ela [...]*. Esse comportamento reflete o processo de internalização do padrão branco, de beleza, de comportamento, que atinge de modo as famílias negras, causando, comportamentos de repulsa à estética negra, nas palavras de Santos (1983, p. 36):

O contexto familiar é o lugar primeiro onde a ação constituinte do Ideal do ego se desenrola. É aí onde se cuida de arar o caminho a ser pensado percorrido, antes mesmo que o negro, ainda não sujeito, a não ser ao desejo do Outro, construa o seu projeto de chegar lá. Depois é a vida de rua, a escola, o trabalho, os espaços do lazer. Muitas vezes, é nesses lugares segundos, pleno de experiências novas, que o Ideal do Ego-cujas vigas mestras já foram erigidas- encontra ocasião de reforça-se, assim adquirindo significado e eficácia de modelo ideal para o sujeito.

A mulher é “[...] o primeiro agente de socialização dos seres humanos [...] muitas vezes, e até sem se dar conta, reforça e reproduz as diferenças sociais valorizadas na sociedade”. Ao reproduzir esses valores e costumes construídos socialmente as pessoas não se dão conta, nos alerta Ortner (apud SILVA, 2002, p. 12) “[...] fazem parte de uma realidade social, dentre as muitas outras possíveis, e que por isso podem ser transformadas”.

Dentro do contexto de discriminação racial vivido por Lucimaria ela diz: *[...] senti rejeição [...] A rejeição é algo muito ruim, [...] rejeição é pior que a dor de parir. Algo terrível.* É no contexto familiar que experimenta a rejeição, um processo de difícil assimilação “[...] nesse aspecto é possível pensar que [...] a rejeição do corpo negro pelo negro condiciona até mesmo a esfera da afetividade” (GOMES, 2008, p. 124). Para compreendermos esse processo é preciso entender que:

A rejeição é um desacordo sobre o conteúdo do julgamento e a negação uma recusa em considerar que houve julgamento: a ofensa infligida ao sujeito é bem mais grave. A rejeição é como a negação gramatical: esta, referindo-se a um só predicado, implica, com efeito, uma confirmação parcial do conteúdo da proposição expresso pelo sujeito (TODOROV, 1996, p. 95).

A internalização do ideal de cor branca, da estética branca, pelo negro é uma violência que diretamente contribui para negar a identidade social e cultural do seu povo e impedi-lo de construir uma identidade pessoal positiva, segundo Santos (1983, p. 6),

A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar.

As práticas de discriminação racial, provenientes da família de origem, foram fortes na subjetividade de Lucimaria, o sentido que ela atribui a essas práticas fica em torno do campo afetivo, não se dando conta do contexto histórico ligado ao racismo, mostra como a ideologia do branqueamento incidia na relação familiar.

Na família nuclear, as práticas de discriminação racial, segundo Lucimaria, acontece da seguinte forma: *às vezes as pessoas pensavam que eu era a babá de minha filha e isso me*

incomodava [...] esse sentimento de tristeza, quando o povo falava, ela é sua filha de verdade? Os filhos gerados de um casamento interracial podem suscitar desconfortos na relação dentro e fora da família.

No Brasil escravocrata, a relação sexual do *branco* com a mulher escravizada era uma relação de exploração sexual. Ela era instrumento de trabalho e objeto de uso sexual. “[...] os seus filhos, nascidos de relações com o senhor branco, continuavam escravos” (MOURA, 1977, p. 57). A miscigenação como vemos foi mais uma forma de uso do poder do dominador sobre seu dominado, não se estabelecendo laços afetivos ou sociais. Com o fim da escravidão “[...] esta racionalização foi reinterpretada, mas continuou funcionando na sociedade de modelo capitalista que a sucedeu” (MOURA, 1977, p. 59). Situamos que essas racionalizações são assimiladas ao longo do processo histórico e permanece presente na sociedade em novos moldes, “[...] As pessoas de cor são consideradas como fazendo parte de uma categoria biológica ou biotipológica caracterizada por traços que passam por inferiores aos dos brancos” (AZEVEDO apud MOURA, 1977, p. 67). Evidencia-se que diante de novas formas de preconceito, o negro está desprotegido, mesmo sabendo que, “[...] vigas mestras já foram erigidas” (SANTOS, 1983, p. 36), a situação de discriminação é sempre uma violência, portanto, gera desconforto. Depois de constituir família e se deparar na condição de mãe com o dilema racial por meio dos filhos.

O enfrentamento das práticas de discriminação racial foi empreendido quando Lucimaria diz: *O negro era associado, a marginal, aquela coisa que a gente já sabe, então quando, então falei vou estudar [...] eu era a negra da família.* Desde cedo, a educação é vista como um meio de superação da condição imposta a sua família e obviamente ao negro. Depreendemos que, apesar de não acreditar em um determinismo de sua situação social, por ser negra, vê como natural os estereótipos produzidos para definir o negro.

Nesse sentido, inferimos que, no Brasil esses estereótipos foram construídos desde o pós-abolição os negros foram marginalizados e jogados a própria sorte ao fim do regime escravista, obviamente encontraria dificuldades para se adequar a nova realidade, a ordem social competitiva, além de que o ex-escravo “[...] não tinha condições, [...] de estabelecer um novo tipo de ordenação social” (MOURA, 1977, p. 21). Essas dificuldades foram também produzidas, por meio de barragens de peneiramento, e o favorecimento dado ao imigrante, pelo segmento dominante, fortalecendo o sistema racista.

Lucimaria diz: *[...] A Filha Negra era eu. [...] Depois de adulta eu gosto de ser negra [...].* Mônica: *sou uma pessoa parda [...] é uma mistura eu entendo que é uma mistura, [...] nem entendo direito esse negócio de pardo.* Marta: *[...] já tinha certeza, sou negra, sou negra e estou*

pronta pra enfrentar qualquer situação. Três situações demarcam experiências de discriminação racial: 1º) Na infância era considerada a filha negra; b) Na vida adulta assume gostar de ser negra; 2º) assume-se parda (mistura); 3º) Assume-se negra e diz ser uma situação a ser enfrentada. Para Lucimaria e Marta, não foi um processo fácil aceitar-se e se assumir negra e para Mônica o termo parda é ambíguo, assim, como reafirma Santos (1983, p. 6-7),

[...] a partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar [...]. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro [...]. A discriminação de que seu corpo é objeto, não dá tréguas a humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de inferior.

Lucimaria foi apresentada ao seu estigma no seu núcleo familiar de origem na infância, era considerada a negra da família. Descobrir-se negra não foi um processo fácil para ela, muitos conflitos pessoais e sociais foram gerados. Só depois de adulta, em um longo processo de negação, descobertas, afirmação de sua identidade racial que admite gostar de ser negra. Marta depois de sofrer constantes práticas de discriminação racial, se vê diante do dilema de ser ou não ser negra e por força das evidências assume sua condição de mulher negra, “[...]. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é torna-se negro” (SANTOS, 1983, p. 77).

4.2 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO MERCADO DE TRABALHO, NO CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO

Nesse item, pretendemos apresentar como se manifestaram as práticas de discriminação racial ao se inserirem no mercado de trabalho, no convívio social e no contexto religioso. Começamos por definir a categoria mulher negra, por termos entre nossas entrevistadas professoras que se definem como negras e nesse sentido, a entrada no mercado de trabalho é diferenciada, conforme veremos nas falas das professoras.

“[...] entendendo aí todas as particularidades, singularidades que se configuram nas e entre as relações sociais. Portanto, é sempre necessário lembrar que não se pretende uma identidade (aqui como um constructo social) unívoca” (MOREIRA, 2011, p. 19).

A imagem da mulher negra, na sociedade brasileira, além de ter sido construída, aparece de modo cristalizado, associada a “mulher à-toa”, “ama de leite”, “babá”, “empregada

doméstica”, mulheres estas predestinadas a determinados ofícios. Outras mulheres como as mulatas são tidas como portadoras de uma sexualidade “diferenciada”. Podemos localizar o nascedouro de alguns desses atributos na ordem social escravocrata, já que, conforme Santos (1983, p. 20),

[...] a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato. Entretanto, a desagregação desta ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca, então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros e elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social.

Vejamos a citação relativa às experiências de Lucimaria, ao pleitear uma vaga de professora, em uma escola particular. Ela diz [...] *uma mãe não queria o filho dela estudando com uma mulher negra [...] perdi o emprego por que era professora negra [...]. E, a de pele clara mesmo não tendo a mesma competência, mesma formação que eu tinha, ficou.* Quando a sociedade se depara com a ascensão profissional da mulher negra em áreas historicamente ocupadas por mulheres brancas, como o magistério, questiona-se sua capacidade intelectual, a formação, a tradição familiar neste segmento.

[...] luta, de forma individual, em pé de igualdade no mercado de trabalho surgem novas barreiras mais agudas, estereótipos e racionalizações irracionais das quais o preconceito de cor é o mais representativo e abrangente. Quando um branco e um negro procuram emprego idêntico, dentro do mesmo nível técnico e profissional, o processo seletivo montado faz com que ele seja- na maioria das vezes preterido nesses locais de trabalho. Mesmo se ele tiver capacidade idêntica à do branco, é marginalizado pelo processo de peneiramento que a sociedade competitiva exerce (MOURA, 1977, p. 51).

No relato de Marta, veremos outras formas de barrar a mulher negra no mercado de trabalho formal. Ela diz: [...] *emprego era muito difícil, [...] fui até no comércio procurar emprego, mais senti que porque eu era negra, as portas não se abriram [...]* e acrescenta, [...] *se eu fosse de outra cor, se eu fosse bonita até que eu iria conseguir.* A dificuldade encontrada para arrumar emprego formal existia de fato para dois segmentos específicos, o negro e a mulher. O acúmulo das categorias mulher e negra resultou em constrangimento: a) Para Marta seu fenótipo e os traços morfológicos, tornaram-se motivos de conflito emocional, chegando a mesma desejar “ser branca”. b) Introjetou a ideia de que o bonito é o branco, reproduzindo um desejo de ser branca pelo inconsciente coletivo.

[...] E, como naquela sociedade, o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram os “serviços-de-branco”, ser bem tratado era ser tratado como o branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, torna-se gente (SANTOS, 1983, p. 21).

Neste panorama racial, a mulher negra é retratada como a menos adequada e capaz, não com base no currículo formal, na formação, mas estritamente pela cor da pele, “[...] O negro, em determinados momentos, fica enclausurado no próprio corpo [...]” (FANON, 2008, p. 186). Existe um fenômeno que manipula o fenótipo de acordo com seu interesse “[...] o racismo veda o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo” (MOORE, 2012, p. 229). O ataque ao fenótipo e atributos físicos do negro pode ser usado para discriminá-lo quando este entra no mercado de trabalho e disputa cargos que antes que lhe pareciam impossível, como nos informa Moura (1977, p. 52),

[...] e procura forçar a mobilidade social vertical, reivindicando posições, cargos e vantagens que eram reservados aos brancos, ele se aguça. O negro passa, assim, a tentar deslocar de posições já conseguidas pessoas e grupos que se sentiam seguros e estabilizados no rango que haviam adquirido na sociedade tradicional.

As professoras conseguem identificar o preconceito de cor, como um obstáculo na busca de uma vaga no mercado de trabalho, mas não o concebe como subproduto do racismo, este “está arraigado em todas as instâncias de funcionamento do mundo, tanto na economia como na política, na cultural e na militar” (MOORE, 2012, p. 229). É importante situar que em muitos momentos os sujeitos do segmento dominante, diante da disputa de igual para igual com o negro, sentem-se ameaçados, daí, segundo Moura (1977, p. 52),

[...] aproveitam as diferenças étnicas desses grupos ou segmentos, apresentando-as como sendo marcas inferiorizadoras. Esse pensamento racionalizado, por seu turno, funciona como uma ideologia resguardadora desses interesses e, depois de certo tempo, se automatiza e passa a integrar o conjunto do pensamento social global.

Quando o negro se prepara para disputar empregos, cargos, que estavam sendo ocupados por um único segmento, poderá se deparar com o pavor das classes dirigentes, podendo essas usar de mecanismos, tão perversos quanto à inferiorização do fenótipo negro, com intuito de impedir essa ascensão.

A relação entre brancos e negros na sociedade brasileira, desde sempre se constituiu conflituosa, no primeiro momento a relação era de imposição, em um pólo o dominador e no

outro o dominado. Na sociedade Democrática de direito, já ficou evidenciado que é um mito a democracia racial. Vejamos na citação de Lucimaria um exemplo do mito: [...] *minha amiga, psicóloga, classe média alta, ela me tratava de igual pra igual, [...] Ela não me olhava como a filha da lavadeira, ela brigava com a mãe dela, [...] a mãe dela dizia: minha filha você tem que ter amigas do seu nível [...].*

Nogueira (2006, p. 293) escreve “[...] Onde o preconceito é de marca, as relações pessoais, de amizade e admiração cruzam facilmente as fronteiras de marca (ou cor).” A amiga de Lucimaria consegue transpor a barreira da cor e estabelece uma relação isenta de preconceito com ela. Por outro lado, a amiga é pressionada pelos membros de seu segmento racial, no caso específico, pela mãe, a construir relações de amizade, apenas com membros de sua classe social e cor, ocorrem dissensões e oposições arraigadas, encontramos um foco de tensão e de conflito na permanência de tal relação. Essa postura nos faz lembrar os padrões de comportamento do período de transição do regime escravista, para a sociedade competitiva, mesmo no fim do período considerado, “[...] as disposições e as reações efetivamente democráticas e igualitárias eram largamente solapadas e neutralizadas pela ideologia racial dominante” (FERNANDES, 2008, p. 400). Motivos dessa natureza demarcam o lugar do segmento negro/pobre e do segmento branco/rico, na sociedade. A democracia racial, a cada fato narrado, se revela um mito, as relações entre negros e brancos, está marcada sempre por um sentimento de superioridade, este que é um dos preconceitos produzidos pelo racismo.

Em contraste, dois outros relatos das professoras apontam a existência da igualdade e nega a existência da diferença: Marta: *Eu acredito, [...] as pessoas vivem muito o preconceito, elas acham que a cor faz com que o outro seja diferente quando na realidade todos nós somos iguais [...].* Luciana: *Deus não faz acepção de pessoas, e a gente com esse conceito bíblico, a gente sabe que não existe isso, [...].*

Se infelizmente “[...] no passado a igualdade perante a Deus não prescrevia a escravidão, no presente, a igualdade perante a Lei só iria fortalecer a hegemonia do homem branco” (FERNANDES, 2008, p. 310). Em outros tempos, se o discurso religioso foi usado, a serviço do grupo dominante, para subverter a lógica natural das coisas em favor dos seus interesses, como por exemplo, justificar a escravidão, qual força teria esse mesmo discurso em uma sociedade multirracial tão complexa. O discurso de igualdade na Lei fortaleceu mais ao grupo dominante, que ficou isento da responsabilidade para com o negro após a extinção legal da escravidão. A igualdade respalda a distância entre negros e brancos.

O discurso de igualdade, das professoras não é neutro, está condicionado à assimilação da ideologia da democracia racial e pelas prédicas religiosas, se não se avança no entendimento

sobre a base sustentadora das desigualdades, das práticas discriminatórias permanecerá um discurso de indecência, vulgaridade, falta de Deus, justificando tais fatos, relegando a compreensão dessa questão a atos de boa vontade, impossibilitando um enfrentamento da real questão que sustenta esse comportamento. O que nos importa no momento é apreender o sentido que os professores atribuem às práticas de discriminação racial e nos deparamos neste caso específico, com professoras que não se dão conta do sistema que organiza e mantém de modo dissimulado, por via de ideologias, as desigualdades e violência racista.

Marta: *[...] a gente era mais discriminado [...] justamente pela questão da cor. [...] a sociedade visualiza mais o branco [...] você que é negro [...] não vai conseguir, não adianta [...].* Marta demonstra ter consciência de que o negro é discriminado pela cor, o descrédito é dado imediato, pelo fenótipo. “[...] Sou sobredeterminado pelo exterior; não sou escravo da ideia que os outros fazem de mim, mas da minha aparição” (FANON, 2008, p. 108). A racionalização empreendida por ela sobre o que sofreu por ser negra, nas relações entre os colegas, no mercado de trabalho, revela o sentido que ela atribui à exclusão que sofria manifestação que se dá pelo racismo, a esse respeito se pronuncia Santos (1983, p. 27):

Assim é que para afirmar-se ou para negar-se, o negro toma o branco como marco referência I. A espontaneidade lhe é um direito negado, não lhe cabe simplesmente ser – há que estar alerta. Não tanto para agir, mas, sobretudo para evitar situações em que seja obrigado a fazê-lo abertamente.

O negro se vê regulado pelo padrão estético branco. Remetendo ao regime escravista a violência sobre o corpo do escravizado se estendia ao cabelo, conforme Gomes (2008, p. 26), “[...] ao escravo e à escrava estava à raspagem do cabelo, para o africano escravizado esse ato [...] correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas, era considerado uma marcada identidade e dignidade”.

As relações raciais na sociedade brasileira se desenvolvem de modo conflituoso, também, na forma de se conceber a estética do corpo negro. [...]. O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, como tal, comunica e informa sobre as relações raciais. Como veremos na fala seguinte dividida em dois momentos: Mônica: *[...] meu cabelo é ruim [...] resolvi [...] assumir o meu cabelo [...] não passar mais alisante [...] a cobrança foi muita [...] então tive que ceder.*

Na estética do corpo negro, há rejeição ao cabelo crespo, o cabelo torna-se uma marca, que gera conflitos que o acompanha quando ele o assume ou quando o nega. Ao decidir não usar produtos químicos no cabelo, assumindo-o em sua condição natural, Mônica se viu diante

de manifestações contrárias, visto que a intervenção no cabelo do negro, como afirma Gomes (2008, p.21) é “[...] mais do que uma questão de vaidade ou tratamento estético. É identitária”. No caso exposto, a pressão social e familiar se sobrepôs ao esforço empreendido no processo de reconhecimento e aceitação de seu cabelo, aceitação de si, olhares hostis, comentários a enquadrava como fora do padrão. O cabelo adjetivado aqui como “ruim” coloca o indivíduo na condição de inferior, feio, como bem demonstra Gomes (2008, p. 21):

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como bom, expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo.

Essas representações negativas recaem sobre a construção da identidade do negro “[...] a identidade é construída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura” (GOMES, 2008, p. 21). Outra questão proposta por Mônica, [...] *tava feio [...], e que era melhor eu relaxar e o alisamento* aparece como controle do cabelo em uma sociedade de padrões brancos. O controle se exerce de vários modos, para a professora em questão, alisar o cabelo era ser aceita dentro do seu grupo de relações, o grupo a fazia acreditar que estaria mais bonita com o cabelo alisado, assim ilustra Santos (1983, p. 7):

Os esforços para curar a ferida vão então suceder-se numa escalada patética e dolorosamente inútil. Primeiro tenta-se metamorfosear o corpo presente, atual de modo penoso e caricato. São os pregadores de roupa destinados a afilar o nariz ou os produtos químicos usados para alisar o cabelo ruim. [...] São as uniões sexuais com o branco e a procriação do filho mulato [...].

O dilema do corpo negro parece se cristalizar a necessidade de aprovação do outro para uma convivência plena muitas vezes enclausura o desejo do negro de ser ele mesmo e acaba este sem força para lutar contra as imposições ao seu corpo, ou por ausência de uma consciência de seu direito de ser o que se é, opta por fugir da opressão dos comentários e assim, o sujeito negro acaba, como nos informa Santos (1983, p. 13),

[...] delegando ao branco o direito de definir sua identidade, renuncia ao diálogo que mantém viva a dinâmica do pensamento. Um pensamento privado do confronto com outro pensamento perde-se num solipsismo, cujas conseqüências são a autolegitimação absoluta da “verdade” pensada ou inversamente, sua absoluta negação.

Nas entrelinhas da situação apresentada por Mônica, depreendemos um inicial processo de luta para a afirmação de sua identidade negra, mas ao encontrar barreiras dentro da família, no trabalho e entre os amigos, a imagem que seu cabelo crespo oferece ao mundo é conflituosa, enfrentar tal situação tem um preço à rejeição, ou seja, está sujeita a um tratamento discriminatório. Vemos que o negro é aceito com ressalvas, na sociedade, ainda que essas ressalvas não sejam explícitas, elas encontram meios de se impor com força capaz de regular e controlar o comportamento do negro.

O enfrentamento da discriminação racial no contexto social é difícil como em qualquer outro, pois a discriminação marca a subjetividade, atinge a autoestima dos indivíduos, reflete na sua autoimagem, influenciando de modo positivo ou negativo na sua identidade. O que diz essas professoras, Lucimaria: *eu acho que ser negra em qualquer lugar do Brasil não é fácil; Marta: eles acreditam que são melhores nisso; fulano é branco, então fulano tem poder.* Contudo, Marta diz: *Eu agora já estou preparada, para enfrentar qualquer situação porque hoje tenho certeza que sou negra. O conhecimento me ajudou muito. Ajudou-me a crescer, [...].*

Para compreendermos o papel da mulher negra na sociedade brasileira faz-se necessário retornarmos ao período em que a mulher negra era escravizada e como um símbolo de força, precisava se mostrar incansável diante da violência, sempre se reinventava e demarcava sua condição agregando em torno de si uma figura de mulher resistente. Após cessar o período escravista, as mulheres negras se mostraram fundamentais no processo de sobrevivência das famílias negras. O trabalho ocasional e o ganho esporádico conduziram os homens a um estado tal de dependência e de penúria, que as mulheres se converteram no seu principal expediente na “luta pela vida” (FLORESTAN, 2008, p. 97). Não parece diferente da sociedade contemporânea quando é possível deparar-se com mulheres que assumem toda responsabilidade de suas famílias. No caso das professoras, elas nos revelam que ser mulher negra de fato é diferente, pois as imposições sociais a essa categoria sempre foram marcadas por desafios e preconceitos peculiares ao segmento negro, confundindo-se em alguns momentos os preconceitos. Ser mulher negra, diz Lucimaria, é difícil e o enfrentamento as barreiras impostas, devem ser questionadas e ultrapassadas, como observamos enfaticamente na fala de Marta. A trajetória das mulheres negras,

[...] desde quando elas foram trazidas para o Brasil, foi de luta e resistência. A mulher negra, apesar de desagregada de sua família e tendo que trabalhar na roça, na casa-grande, amamentando as crianças brancas enquanto lhe era negada a própria maternidade, e considerada objeto de prazer para satisfazer aos desejos dos senhores, conseguiu estabelecer-se com dignidade no espaço público (GOMES, 1995, p. 115-116).

As mulheres negras que ocupam espaços públicos, ou privados de destaque ou de relevância considerável na sociedade, podem ter registrado nas suas histórias pessoais: preconceitos, humilhações, violência física e psicológica, barreiras diversas, discriminação racial e de gênero. Muitas resistiram e se reinventaram, encontraram formas de burlar o determinismo produzido pelos racistas, marcaram e continuam marcando, de modo decisivo, a história das mulheres negras brasileiras.

Como que em uma síntese de condição no mundo Lucimaria diz: [...] *ser negra em qualquer espaço, lá na igreja eu não vejo o tratamento de Mara negra, vejo o tratamento de Mara.* [...]. Segundo Lucimaria no espaço religiosa ela é aceita sem contestações, mas nas palavras de Vidal e Carvalho (2001, p. 209),

[...] por se tratar de uma relação social construída a partir de uma diferença física, a diferença entre os corpos de homens e mulheres, [...] muitas vezes é expulso do campo da história, da cultura e da sociedade e reduzido a uma dimensão natural e essencial, de toda forma imutável. Contudo nenhuma experiência corporal existe fora dos processos sociais e históricos de construção de significados, fora das relações.

Os homens são identificados como ser universal e apenas recaem sobre a mulher as determinações de gênero. A mulher e o negro são definidos como o outro, um bloco homogêneo. A definição de gênero é, segundo Scott (1990, p. 16 apud VIDAL; CARVALHO, 2001, p. 209),

[...] a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mais sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais.

A questão do negro não se limita ao problema racial, é também um problema de gênero, de classe. Isso implica que o negro deve criar uma consciência ampla diante de si e do branco, diante da sociedade. Lucimaria diz: *Ser negra [...] não é fácil, ser mulher e agora solteira pior [...]. [...] evangélica, [...] cinquentona, [...] romper com o casamento não foi fácil. Ser mulher e ser negra nessa sociedade [...], machista, consumista [...].*

Os obstáculos já impostos pela barragem racial, acabam por se acumular quando o sujeito negro se depara com outros desafios como ser evangélica, ser divorciada, criar os filhos sozinha no interior da Bahia. A capacidade de reflexão acerca dos fatos ocorridos em sua trajetória marca uma identidade forte.

Lucimaria afirma: [...] *cheguei à igreja evangélica, [...], minha mãe não aceitava, nasceu católica tem que morrer católica: você deixa de ser minha filha hoje. [...]. Ela decide: vou pra igreja evangélica [...] não quero mais ir igreja católica.*

A cultura ocidental tem se apoiado na rejeição tanto ao segredo como à troca imediata e reversível, erigindo como dogmas a profundidade das coisas, o desvendamento de tudo, a mediação das trocas, a abstração, a irreversibilidade, a interpretação. No Ocidente, nada é deixado ao acaso, tudo se explica, tudo se diz, porque tudo se produz – principalmente o sentido (SODRÉ, 2005, p. 88).

O que marca o modelo “ocidental-europeu é sua definição como parâmetro único, forçosamente aplicável a toda humanidade” (NASCIMENTO, 2007, p. 59). A religião cristã faz esse papel. O rompimento com aquela religião provocou conflitos entre Lucimaria e sua mãe gerando rompimento.

4.3 PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA, NA CONDIÇÃO DE ESTUDANTE E DE PROFESSORA

Este item se organiza em torno das práticas de discriminação racial sofridas no convívio social, na condição de estudante e de professora. Primeiro situamos que a prática de discriminação racial perpassa todas as instituições sociais e, no discurso oficial,

A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política (BRASIL, 2004, p. 16).

Fatos ocorridos no ambiente escolar, na condição de estudante são relatados. Lucimaria: [...] *as meninas que mais destacavam eram as meninas brancas de cabelo liso, as meninas mais bonitas [...]eu tinha essa consciência de que era a mais feia [...].* Para Mônica: [...] *A indução é que sou muito feia, é, olho de boi, porque eu estava com o olho muito assim fixo na professora.* Para Marta: *O negro, antigamente as pessoas olhavam, mas não diziam, e hoje já falam, fazem questão de humilhar [...].*

Lucimaria atribui sentido à prática de discriminação racial contra o negro dentro da escola, ressalta a violência simbólica que ocorre na valorização do padrão de beleza branco e inferiorização do negro. Enquanto Mônica identifica a existência da discriminação a partir de uma ocorrência específica (depois de ser apelidada pela professora) sofrida por ela, limitando a

ocorrência da discriminação àquele episódio. Já Marta afirma que a discriminação ocorria na escola e revela o silêncio e a naturalização que tal questão suscitava. Imperava o silêncio do sistema racial “[...] O silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade e os negros como sinônimos de desigual e inferior” (CAVALLEIRO, 2008, p. 20).

Retomando a afirmação de Lucimaria sobre a *cor branca e o cabelo liso*, como padrão, sabe-se que esses elementos marcantes do corpo humano, são capazes de evocar sentimentos de afirmação ou negação no indivíduo negro, pois aquele que se autodeclara branco já tem a garantia de uma estética superior definida dentro do sistema racial, nas palavras de Gomes (2003, p. 174):

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela esfera da subjetividade. [...] Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. [...] [...]. O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo.

A internalização da imagem do branco como referência padrão, em todos os aspectos como de beleza, intelectualidade, moral, entre outros, é uma construção social complexa que atinge diretamente o negro. Lucimaria ao afirmar que na escola há endeusamento da beleza branca, não está dizendo que isso é dito verbalmente, mas explicitado nos modos de agir dos atores sociais presentes na escola. O próprio indivíduo que se diz branco busca mecanismos de sustentação dessa imagem.

A chegar ao mundo, o negro, recebe por meio da família ou nos outros espaços sociais a imagem ideal de homem, esse homem é branco. Esse padrão cultural é imposto e aceito de modo “irrefletido”. Existe um lugar demarcado para o negro que se explicita na superioridade do segmento branco, na sociedade brasileira. Nesse sentido, construir uma identidade negra “[...] positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, que desde muito cedo para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (GOMES, 2003, p. 171). A escola exerce uma influência importantíssima na construção dessa identidade, por meio de seus mecanismos de interação, socialização e formação poderá reforçar os processos culturais que inferioriza parte de um segmento da sociedade ou possibilitar uma construção que se pense uma formação que contemple todos os segmentos sociais como peças fundamentais, questionando o sistema hierárquico que sustenta a superioridade de uns e a inferioridade de outros, neste caso, produzida pelo racismo.

Enquanto professora/estagiária Lucimaria já conseguia perceber a diferença racial apresentada dentro da escola *às crianças de periferia negras, eram mais relegadas, [...] estudante de pele clara, limpinho tinha mais atenção [...]*. Para Lucimaria havia uma clara distinção no tratamento entre as crianças, todas eram provenientes da periferia da cidade onde moravam, mas as crianças negras sofriam discriminação racial, eram relegadas, excluídas, não recebiam o mesmo tratamento dado às crianças brancas. O professor ou professora ao educar ou exercer sua função docente não se desconecta de seus valores, formação, nem de sua concepção de homem, o modelo que deve ser seguido, ou seja, o branco. Sendo branca, provavelmente reproduz os valores de seu segmento, a identificação com as crianças de pele clara é a comprovação desse fato. Ocorre nesse caso uma distribuição desigual de afeto “[...], um tratamento diferenciado direcionado aos estudantes brancos- tais como doação de carinho, agradados, estímulos, incentivos, atenção entre outros- pautado no pertencimento racial” (CAVALLEIRO, 1999, p. 53).

O modo escolhido pelos pais, professores de tratar as crianças negras influenciará suas vidas, se os ensinam a idealizar o branco “[...] negro, possuído pelo ideal de embranquecimento, [...] querer destruir os sinais de cor do seu corpo e da sua prole” (SANTOS, 1983, p. 7). Outra cena se desvela na fala de Lucimaria, na sua condição de professora/estagiária [...] *naquele estágio, tinha uma menina pretinha, eu ouvia- ela fede. [...] aquela criança era muito rejeitada. [...] crianças pretas, pobres, e é hipocrisia dizer que hoje essas crianças não sofrem rejeição.* Apresenta-se uma relação entre negro e pobreza. Em muitos casos, considera o fato de o negro ser discriminado racialmente, não a seu fenótipo, mas a sua condição enquanto classe³¹ social. São categorias diferentes, negro/ classe social. O negro não necessariamente é pobre, nem todo pobre é negro, mas aquele que é pobre e negro poderá sofrer simultaneamente dois tipos de discriminação. Quando se tem a pretensão de fazer a categoria classe social abarcar a discriminação racial e assim dissipá-la, nesse fato há uma intenção de se camuflar a existência do racismo, inviabilizando o reconhecimento e o enfrentamento desse fenômeno. Desse modo, conforme sustenta Guimarães (2002 p. 43):

No Brasil, onde as discriminações raciais (aquelas determinadas pelas noções de raça e cor) são amplamente consideradas, pelo senso comum, como discriminações de classe, o sentido pré-sociológico do termo nunca deixou de ter vigência. Este sentido

³¹ “Classe ” pode ser referida com o sentido de um carisma ou estigma, significando o prestígio social associado a uma pertença grupal. Nesse sentido, classe é muito próximo de *status*. Este é o modo como é usado vulgarmente em expressões como “ fulano tem classe” ou “ um desclassificado”, popularizadas a partir do sentido do termo inglês *class*. Nas ciências sociais, tal sentido foi recuperado pelos estudos de comunidade feitos em Chicago, nos anos 1920 e 1930, para os quais a classe era, antes de tudo, um grupo de convivência e comensalidade possíveis (GUIMARÃES, 2002, p. 35).

ancien do termo classe pode ser compreendido como pertencendo à ordem das desigualdades de direitos, da distribuição da honra e do prestígio sociais, em sociedades capitalistas modernas, onde permaneceu razoavelmente intacta uma ordem hierárquica de privilégios, e onde as classes médias não foram capazes de desfazer os privilégios sociais, e de estabelecer os ideários da igualdade e da cidadania.

No Brasil, o sistema escravista marca essa relação, negro e pobreza, o homem negro escravizado “[...] produzia com o seu trabalho a riqueza econômica do Brasil, o fausto da classe senhorial, a prosperidade dos seus senhores [...]” (MOURA, 1977, p.18). Por outro lado, quando o negro tornou-se livre, no processo de abolição em 1888, encontrou no sistema competitivo “restrições feitas à sua cor no mercado de trabalho” e obviamente em outras instituições, o negro livre viu-se diante da falta de qualificação profissional e sem condições dignas de moradia, localizando-se em favelas, mocambos, cortiços, de fato situando-se nas mais “baixas camadas sociais”. A incorporação do negro livre à sociedade civil só ocorria formalmente, nas relações cotidianas ele era marginalizado, muitas foram às “barreiras de peneiramento” que foram impostas. Além disso, torna-se oportuno trazer à questão uma fala de Moura (1977, p. 19) para quem: “[...] Fazem uma ligação reificada, para usarmos a terminologia lukacsiana, entre a etnia negra e a situação de pobreza, exploração e delinqüência a que os seus elementos marginalizados pela sociedade capitalista chegaram [...]”.

O discurso e a prática racista sustentam e legitimam um lugar demarcado para o negro. O imaginário social sustenta essa ideia não somente com base em nosso passado escravista, mas também como um fato real, alimentado pelo fenômeno do racismo, este que é um sistema normativo, que visa tornar impotente (longe dos privilégios materiais e imateriais) o segmento subalternizado, e proteger o segmento que se define branco. Com isso, não seria diferente afirmar: a maioria dos pobres do Brasil é preta (negros e pardos) “[...] Tal afirmação não pode ocultar a existência de um amplo contingente de pessoas pobres e extremamente pobres que não são negras” (RELATORIO ANUAL DAS DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL; 2007-2008, p. 18).

Outra questão suscitada por Lucimaria refere-se ao comportamento do negro na escola: *ele se retrai ou ele se esconde [...]. Eu percebi que o negro que se destaca é o que se impõe, briguento [...] apesar de negro, você pode.* O estudante negro se retrai, pois traz introjetada a ideia de não pertencer ao grupo superior e comportar-se como lhe foi ensinado, assumindo a perspectiva de sua inferioridade. Lucimaria nos mostra um caminho para superar essa questão que é por meio de luta que o negro deve “[...] exigir do outro um comportamento humano” (FANON, 2008, p. 189), assim a imposição e a reivindicação a um tratamento digno é um

direito a ser conquistado por quem o desejar, o negro deve buscar seu lugar como qualquer outro e ultrapassar essa demarcação de espaço que lhe foi imposta.

Por pobreza neste trabalho, tomamos a definição que consta no Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil. O termo pobreza pode ser tratado de modo mais amplo do que simples acesso a bens materiais, como afirma Fanon (2008, p. 18): “[...] a pobreza também pode ser lida pelo ângulo da posse de ativos imateriais, como os educacionais, de promoção à vida, bem como o de reconhecimento da validade das reivindicações coletivas no plano político”.

Na condição de professora/substituta, Marta relata: [...] *no meu trabalho tinha um estudante fez uma crítica ao meu respeito sobre a cor fiquei arrasada [...] imitava um macaco e se referia a mim, batia no peito e emitia sons parecidos ao animal. É a própria sociedade que fornece os meios de rotular as pessoas e de exigir delas um perfil estético que seja considerado comum e natural, este perfil é representado pelo segmento de referência da sociedade, ou seja o branco. A ação do estudante diante da professora é um exemplo de que ele tinha introjetado um padrão estético de professora, possivelmente com cor e traços morfológicos brancos, diferentes da professora negra que ali estava. Em dado momento aquela criança acessou a imagem construída por ele e legitimada na sociedade, pois “[...] baseando-nos nessas preconceções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso”* (GOFFMAN, 1988, p. 12). No caso, específico outros elementos podem tê-lo conduzido a expor suas expectativas, produzindo uma ação racista. Marta, enquanto objeto da ação do estudante experimentou a sensação de ser desumanizada, exposta a uma condição de insignificância. Contudo, a comparação a **macaco** é uma violência racial comum dirigida ao segmento negro na sociedade brasileira, quando se busca desumanizá-lo, nas palavras de Santos (1983, p. 16): “A violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e deixa perplexos. Seria difícil encontrar o adjetivo adequado para nomear esta odiosa forma de opressão.

Em suas palavras, Marta busca relatar os complexos sentimentos produzidos diante daquela situação, o desejo de fuga, descobrir-se negra de modo violento, a cor como marca negativa de sua condição humana. Neste caso, os outros atributos da professora não foram colocados em questão, mas “[...] somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo. [...]. Acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano” (GOFFMAN, 1988, p. 13-15). Como desdobramento do ocorrido à professora Marta diz: *Foi a primeira vez que fui tão massacrada. E aí foi que comecei a me aceitar como negra também, [...] foi uma experiência que me fez mudar me colocar, crer realmente que a minha cor era negra [...].* O processo de se descobrir negra, ou seja, “[...] as

peessoas que têm um estigma particular tendem [...] a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu” (GOFFMAN, 1988, p. 41). É oportuno reler o que, a esse respeito, diz Santos (1983, p. 17):

A descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal, depois do trabalho de se descortinar muitos véus). Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Ao descobrir-se negro (a), o sujeito passa por uma fase de experiência durante a qual ele aprende que é “portador de um estigma” e o resultado dessa experiência irá influenciar sua forma de ver e se relacionar com os iguais, também estigmatizados, ou seja, negros. É uma situação ambivalente a vinculação do indivíduo com a categoria estigmatizada, “[...] Haverá ciclos de incorporação através dos quais ele vem aceitar as oportunidades especiais de participação intragrupal ou rejeitá-las depois de havê-las aceito anteriormente” (GOFFMAN, 1977, p. 47). Uma questão deve ser considerada no processo de reflexão, é possível que o estigmatizado conclua que ele é igual a qualquer outra pessoa e daí escolher como se posicionar diante da vida.

Depois de um longo período da primeira prática de discriminação racial sofrida a professora, Marta se depara com uma situação semelhante e tão difícil quanto à primeira, agora na condição de professora efetiva, vejamos: [...] *uma criança de oito anos, [...] falou assim- oh “tia”, [...] a negona está chegando aí, eu senti. [...]. Que estudante nenhum nunca mim falou assim [...].*

As crianças reproduzem naturalmente o discurso que lhe é ensinado, seja por meio de programas de TV, seja nas relações familiares, religiosas, é o que está sendo veiculado pela sociedade que a criança absorve e expõe sem um processo de análise. A idade da criança, a expressão por ela usada, diz do modo como ela vê a professora racialmente. Marta não se lembrou de imediato que já ocorrera com ela um fato semelhante, esta tensão, o choque não era um sentimento novo para ela. É pelo olhar do outro que o estigma se evidencia ou é apresentado e neste caso, reapresentado.

Ao selecionarmos outras falas de professoras, sobre práticas de discriminação dentro da escola, nos deparamos não apenas com a discriminação racial, mas, também, sexual e estético. E nesse aspecto é relevante lembrar que,

[...] o racismo e o sexismo são perfeitamente universais. Por exemplo, [...] a civilização Greco-romana foi impiedosamente racista e sexista. Com efeito, preconceitos e racismo não são realidades que se subsumem. Tanto o sexismo quanto o racismo compartilham a singularidade de serem dinâmicas determinadas e construídas historicamente e não ideologicamente (MOORE, 2012, p. 226).

Dentro da escola, a visualização de outros estigmas produz conflitos nas relações estabelecidas entre estudantes. A criança é capaz de interagir com as informações que recebe dentro e fora da escola, desenvolver a forma mais adequada para ela assimilar esse conhecimento é tarefa do professor na instancia educacional, além de ser um direito, o acesso ao conhecimento. Rosânia: *Na minha sala eu não vejo esse problema (de cor) [...]*. Luciana: *[...] ele é baixinho, ele gordinho e ele é pretinho, então geralmente surge*. Mônica: *[...] a própria criança negra [...] racista com o outro que é negro [...] não tem consciência [...] é da mesma cor*.

A afirmação da não existência de discriminação racial na escola onde atua, por uma das professoras, nos leva à afirmação de “Florestan Fernandes, ao tratar a questão racial no Brasil, afirmava que o brasileiro tem preconceito de não ter preconceito” (ORTIZ, 1994, p. 36). Para, além disso, tal afirmação pode ser analisada: 1^a) pela ausência do conhecimento do racismo como um sistema normativo e perverso que rege a Humanidade e particularmente as sociedades multirraciais como a brasileira; 2^a) E pela assimilação da “ideologia racial brasileira” como uma verdade. Contrariamente outras professoras expõem a existência da discriminação racial e dão exemplos, o corpo e o cabelo são o foco dessa violência, a ênfase na falta de consciência da criança do mesmo segmento racial que ofende a outra, utilizando de uma superioridade, por meio do racismo,

[...], cujas formas de dominação e de opressão conseguem abranger todas as esferas estruturantes da vida social, o racismo goza de uma extraordinária transversalidade. Concretamente, o racismo implica a seguinte situação: a supremacia total do segmento humano que se autodefine como raça sobre outro segmento humano percebido como outra raça. Essa supremacia se expressa por meio de uma hegemonia irrestrita tanto no plano material (poder econômico e político) quanto no plano psicocultural (sentimento de superioridade) (MOORE, 2012, p. 204).

As crianças, normalmente, são colocadas nesse conflito racial, são apresentadas ao seu estigma, logo cedo. A escola pública, lugar de atuação de todos os sujeitos dessa pesquisa, abarca uma demanda de sujeitos que provém do segmento racial negro, no entanto, muitos não se reconhecem negros, o conflito racial é instalado. Frequentemente se assinala “[...] o ingresso na escola pública como ocasião para a aprendizagem do estigma” (GOFFMAN, 1988, p. 42), ou seja, é na escola que muitas crianças descobrem-se portadoras de um estigma, no caso do

negro, a cor da pele pode suscitar insultos, caçoadas. A percepção da discriminação racial dependerá, também, da concepção de mundo do professor e de como ele concebe essa questão.

Rita, Luciana e Mônica apontam que os estudantes negros xingam outros estudantes negros. A fala da professora Mônica é enfática, ao afirmar que o estudante negro, nem sempre tem consciência que é negro, o cabelo, o nariz, traços morfológicos são alvos fáceis da violência racial, o negro faz parte de um mundo branco e nele “[...] o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. [...] Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas” (FANON, 2008, p.104). Esse conflito aparece nas relações de modo específico na escola. Além de que,

A história da pedagogia moderna só tem uma obsessão: a capacidade para autodeterminação racional da criança. A corporeidade e suas nuances de gênero e raça em verdade não entraram no campo de preocupações da pedagogia. Parece como se estivesse desterrado a corporeidade do processo de formação da infância. [...] enquanto o corpo não deixar de ser um estranho não equacionaremos devidamente as diferenças de gênero e de raça em nossa teoria e prática educativa (GOMES, 1995, p. 23).

É importante lembrar que é ensinado ao negro o processo de inferiorização e ele acaba por introjetar, “[...] bem divulgado, o retrato degradante acaba por ser aceito pelo negro e contribuirá para torná-lo realidade, portanto uma mistificação” (MUNANGA, 2012, p. 37). Contudo, a assimilação da imagem negativa, inferiorizada do negro, pode ser desconstruída por meio de uma nova perspectiva epistemológica, que pode ser fornecida pela escola por meio de uma nova pedagogia, nos movimentos sociais que “relocaram os corpos no processo de humanização. Obrigaram as teorias pedagógicas a pensar na totalidade da condição humana” (GOMES, 1995, p. 24) ou por outras instituições sociais que estejam imbuídas no avanço das relações raciais no nosso país.

É, na escola, o campo de atuação das entrevistadas, onde veremos como percebem e agem diante da discriminação racial e quais os sentidos elas atribuem “[...] na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento” (WEBER, 2001, p. 400). As professoras, Lucimaria e Marta, nos revelam como as marcas geradas por meio da discriminação racial, conduziram seu posicionamento diante da vida, nas relações que lhes foram impostas. Lucimaria: *[...] sou um ser humano determinado, [...]. Foi um processo e continua sendo, tem dia que choro, sofro [...] quando você é humilhado é rejeitado, a tendência a baixar a cabeça, você tem a tendência de escravizar.*

Qualquer instância social que se proponha enfrentar o racismo e de modo específico a escola é necessário, vincular e “simultaneizar”, uma ofensiva [...] orientada para três campos segundo Moore (2012):

- a) O dismantelamento da ordem de desigualdades socioeconômicas e políticas historicamente herdadas de um passado de conquista, colonização e escravização, mediante estratégias políticas especificamente voltadas para a equidade sociorracial em todos os âmbitos;
- b) a sustentação de uma campanha permanente de demolição do imaginário raciológico da sociedade, ancorado em fantasmas raciais coletivos;
- c) a colocação de todas as características fenotípicas das populações que compõem a sociedade em um mesmo plano de valorização estético-moral e afetivo.

É na escola, na condição de professora, que Marta se depara com o conflito sobre sua identidade racial. Em outros ambientes, as restrições não eram declaradas explicitamente. É por meio, dos fatos ocorridos, na escola, que ela passa a se questionar: Marta: [...] *quando [...] fazia o registro tinha lá parda [...] me achava como parda, [...]. [...] não me considerava negra, [...] foi um choque [...] quando o menino fez aquilo [...] senti que era negra.*

Marta diz que, em sua certidão de nascimento, é identificada como parda, o problema reside nos critérios utilizados para se chegar a essa definição, visto que em uma sociedade multirracial essa é uma definição imprecisa além de questionável. Outra questão: a cor parda, no imaginário social, parece ser utilizada como um meio termo que o distancia em determinada escala da cor preta. Ou como descreve Fernandes (2008, p. 134) “[...] O grupo pardo, constituído de numerosas tonalidades de pigmentação, tende a integra-se, não só estatisticamente, mas também de fato, no círculo dominante, no grupo branco [...]”. Depreendemos que para Marta a ideia formulada sobre a cor parda, a aproximava muito do segmento branco, o que ainda era reforçado pela soma de um atributo que era o cabelo liso. Ademais, para Santos (1983, p. 10-11),

O sujeito já não mais tenta converter o corpo negro em corpo branco. Contenta-se em renegar o *estereótipo do comportamento negro*, copiando e assumindo um *estereótipo de comportamento* que pensa ser propriedade exclusiva do branco e em cuja supremacia acredita.

Nesse caso, não foram suficientes a certidão de nascimento constando a cor parda e o cabelo liso para forjar a pertença ao seguimento branco, por via do branqueamento, pois o elemento chave para burlar ou se declarar pertencente a determinado grupo racial é a cor. Nesse caso, a cor escura dificulta essa mobilidade a Marta, apesar de se deparar com várias barreiras

por ter a pele escura, é na escola, que por duas vezes e em contextos diferentes, que ela ouve e sente ofensas racistas. É nesse momento que se encontra diante de algo que não tinha mais como esconder, assume-se negra. “A representação de si está, obviamente, ligada à representação que se faz do outro e, [...]. Há, na verdade, uma relação de interdependência entre a imagem que se faz de si e a imagem que se faz destes outros” (NOVAES, 1983, p. 21). O sentido que ela atribuía ao negro de certo era negativo e descobre que o outro não a via como imaginava foi um processo difícil.

Dando continuidade a questão citada por Marta sobre a complexidade desse processo de descoberta de sua pertença ao segmento negro, vejamos: [...] *foi um choque porque é uma criança pequena, [...] oito anos [...] fiquei com tanta raiva, [...] fiquei assim exaltada com ele [...].* O choque diante de tal situação discriminatória trouxe à tona o sentimento de raiva. O complexo processo de ser negra estava posto por uma criança que reproduziu as vivências, as experiências e os conhecimentos relativos a vários assuntos, inclusive a representação do negro, infectadas de juízos de valor. O posicionamento da professora diante da prática de discriminação [...] *“falei” ele é [...] uma criança, [...] vou agora fazer um projeto; [...] com menina bonita do laço de fita, [...].* Resultado: *Depois do projeto[...] “tia” queria tanto ser de sua cor, chorei de alegria [...]. Consegui sim, porque eu sei que ele agiu assim, foi porque ele não tem conhecimento.*

Verificamos, na ação da professora, o enfrentamento da questão proposta, visto a flexibilidade do planejamento, mas acima de tudo, o empenho na mudança de tal prática racista “[...] realizar um educação anti-racista é transformar o cotidiano escolar, fazendo impreterivelmente, uma reflexão profunda sobre o que sentimos e como agimos diante da diversidade” (CAVALLEIRO, 2001, p. 141). O problema levou à busca de solução, e a professora não escondeu o ocorrido, mas fez da sala de aula o espaço privilegiado para o aprofundamento da questão racial, com foco na *diferença*. Criaram-se condições para que as crianças pensassem as relações raciais desde cedo. Não utilizou da violência, da autoridade que possuía na condição de professora para punir a criança, mas ofereceu a ampliação de seus conhecimentos na medida do que era possível e de modo que promovesse a autoestima de todos. Nas palavras de Novaes (1993, p. 108),

São exatamente estas imagens refletidas a partir do outro que permitem alterações, tanto na minha auto-imagem como na minha conduta, e este termo deve ser aqui tomado em seu sentido literal, alter/ações – as ações que assumo em função do outro.

É importante assinalar que é a partir do olhar do outro que Marta se dá conta que é negra, a partir desse olhar, na escola, ela reflete e decide o que fazer, ao final posiciona-se. Estudos comprovam que a professora tem papel fundamental na escola, mas somente aliado à formação e ao currículo é possível “potencializar” o papel docente na escola.

Duas professoras acreditam que as crianças aprendem a ser preconceituosas na família, como veremos: Marta: [...] *acredito que ele vive no lugar onde as pessoas têm esse preconceito, [...] a criança é o que [...] vive [...].* Rita: [...] *às vezes já vem de casa essa atitude com o colega de cor. [...]. [...] em casa já ouve, [...] a gente tem que conversar [...].* É difícil, portanto, esclarecer de modo completo o que as crianças aprendem em casa com relação ao preconceito e qual o peso dos pais nesse aprendizado de práticas de discriminação. Em um estudo, foram investigadas as atitudes raciais de estudantes que frequentavam o terceiro ano das escolas públicas primárias de São Paulo e concluiu-se que,

A criança influenciada pelas atitudes dos pais com respeito às pessoas de cor, porém, que ela as reelabora, mantendo-as com maior ou menor tenacidade, segundo os afetos operantes nas relações com os pais (BICUDO, 1955, p. 292 apud FAZZI, 2012, p. 99).

Os pais desempenham um papel fundamental na educação dos filhos, muito do conhecimento compartilhado na escola primeiro foi compartilhado em casa, os valores, as escolhas, acesso e reprodução de algumas ideologias. Para reforçar esse papel dos pais diante do racismo e todo o seu arcabouço escreve Moore (2012, p. 227) “O racista, seja homem ou mulher, compartilha seus sentimentos anti-negros no interior de sua família sem necessariamente gerar conflito algum no seu lar”. As crianças aprendem e de alguma forma expressam o que aprenderam em suas relações, no caso específico na escola, pois elas têm a capacidade de se adequar e reelaborar o que aprendeu.

Um segundo enfrentamento diante das práticas de discriminação racial na escola se revela na seguinte questão apresentada por Marta: [...] *acredito que quebro essa barreira que existe dentro deles [...] já existiu dentro de mim. [...], desde pequena, [...].* Acrescenta: *me defini como negra, depois que estava lecionando, quando digo assim: sou negra, estou ajudando o meu estudante a se encontrar, a se definir o que realmente ele é.* Ela utiliza a própria situação de discriminação racial, em uma tentativa de contribuir para o enfrentamento do racismo na escola, disponibilizando meios para colaborar positivamente na constante construção da identidade dela e dos estudantes, pois ser mulher negra e professora é de fato ocupar um lugar onde as lutas, as indignações, os conflitos estão dados. Além disso, ocupar

profissionalmente esse espaço público requer estar sempre diante de enfrentamentos e saber ensinar seus estudantes a reivindicar o direito de serem diferentes e ensiná-los a se posicionarem diante de uma sociedade racista como a brasileira, tornando-se é um diferencial da professora em questão, mas a questão da diferença e da identidade não pode se limitar a ações específicas dos professores, mas ser inserida no currículo. A identidade, como afirma Novaes (1993, p. 25),

[...] não é algo dado, que se possa verificar, mas uma condição forjada a partir de determinados elementos históricos e culturais, sua eficácia enquanto fator que se instrumentaliza a ação é momentânea e será tanto maior quanto mais estiver associada a uma dimensão emocional da vida social.

O professor certo de sua responsabilidade intelectual, moral e social pode nesse caso contribuir na construção da autoestima dos seus estudantes, de modo específico dos estudantes negros, que são alvo de preconceitos raciais, devido a seu fenótipo. Alguns professores são favoráveis que a criança desde cedo tenha acesso ao conhecimento sobre História da África e Cultura Afro-brasileira, vejamos Luciana: *Tem que ser trabalhada viu, [...], a criança [...] de pequenininha, [...].* Marta: *[...] muito gratificante esse ensino de historia e cultura afro é realmente para incentivar as crianças[...]conviver com as diferenças [...].*

As professoras referem-se à Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira, na forma do artigo 26-A acrescido à Lei n. 9394/1996 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em todo o currículo do ensino básico. O currículo se alia à importância da formação dos docentes para trabalhar as relações raciais na escola nas series iniciais do ensino fundamental se reforça, pois, conforme nos ensina Silva (1999, p. 62),

[...] desde a infância, através do processo de desenvolvimento e de interação social, os seres humanos aprendem a discriminar e a estabelecer comparações e conceitos que corresponderão aos comportamentos aprovados socialmente. Ao mesmo tempo, vão aprendendo a empregar tais conceitos, ou etiquetas, a si mesmos.

Marta diz: *[...] somos da mesma raça e temos um único Deus [...]. [...] não deixo para depois não, [...].* Luciana: *[...] chamo a atenção de imediato e vou conversar com aquele que fez a discriminação com o colega, e vou explicar para ele que não é desse jeito, que a gente tem que respeitar o próximo.* Nas recorrentes práticas de discriminação racial na escola ou em outras manifestações de preconceito, normalmente, os professores optam por um discurso relativizador do preconceito racial, a ideia de que somos todos iguais, fundamentada na religião. Ainda segundo Fazzi (2012, p. 211),

[...] um discurso de igualdade circula entre as crianças e as faz condenar o preconceito racial, ao mesmo tempo em que se comportam preconceituosamente e expressam atitudes preconceituosas. [...] assim, o discurso relativizador e o preconceito racial são componentes do processo de socialização das crianças, e ambos não estão em processo de cristalização e de estabilização durante a infância.

O discurso de igualdade não é suficiente para impedir que as práticas de discriminação racial ocorram. Procurar tratar as questões raciais de modo sério na escola é um caminho, pois “[...] as crianças pobres estão menos aparelhadas para enfrentar o preconceito racial, apesar de terem que lidar com situações raciais estigmatizantes cotidianamente” (FAZZI, 2012, p. 212), cabe ao professor o papel de contribuir na formação para as relações raciais.

As professoras se dão conta da importância de se levar a sério a questão racial na escola, por meio do currículo, durante todo o ano, pois as relações raciais e seus conflitos ocorrem o tempo todo, não em momentos esporádicos, diz Marta: [...] *o professor não deve trabalhar preconceito [...] só como projeto, [...] ajudar o estudante [...] melhorar sua postura em relação ao preconceito.* Rita: [...], *não trabalha o ano todo somente [...] quando chega à data 20 de Novembro [...] deveria [...] trabalhar era durante o ano todinho no cotidiano [...].* Rosânia: [...], *vejo assim muito distante, praticamente não se é trabalhado, [...].* Mônica: [...] *sinto falta da disciplina cultura afro, [...] tinha até comentado com as minhas colegas.*

As professoras apontam o trabalho com projetos em datas específicas para se enfrentar as questões raciais como insuficiente, pois revelam que as situações de preconceito ocorrem no cotidiano e durante todo o ano letivo. Sugerem o enfrentamento das situações quando elas acontecem, e por isso, a intervenção pedagógica ajudará o estudante a melhorar sua postura diante do ocorrido. A espera de uma data específica para se valorizarem as diferenças ou denunciarem atos de discriminação racial, impede que o problema seja tratado no início.

O trato da diversidade não pode ficar a critério da boa vontade ou da intuição de cada um. Ele deve ser uma competência político-pedagógica a ser adquirida pelos profissionais da educação nos seus processos formadores, influenciando de maneira positiva a relação desses sujeitos com os outros tanto na escola quanto na vida cotidiana (GOMES, 2006, p. 30)

Marca nesse relato das professoras que o currículo da escola se distancia de questões sérias que ocorrem no cotidiano escolar, relativas às relações raciais, a diversidade étnico-cultural. Uma sociedade multirracial necessita de um currículo que seja capaz de abarcar a *diferença*, [...] a *diferença* é a relação com o Outro dissimilar “[...] diferenças que, ontologicamente, são tidas como inaceitáveis, a diferença racial sendo a mais complexa e irreduzível entre elas”. Na escola de modo amplo, quando se pensa na *diversidade* se remete ao

enfrentamento dos preconceitos, racismo, discriminação, intolerância, etc.; no entanto, diversidade e *diferença* não têm o mesmo significado e de modo particular quando se pensa no currículo escolar, pois “[...] a promoção da diversidade não conduz, em si, às mudanças profundas de paradigma, nem a desracialização do imaginário social, [...]. A diversidade em si é um dado estático, não necessariamente transformador (MOORE, 2012, p. 235-267). É um fato paradoxal, “[...] que essa suposta diversidade conviva com fenômenos igualmente surpreendentes de homogeneização cultural” (SILVA, 1999, p. 85). O currículo, ao priorizar trabalhar a diversidade, não está fazendo mais do que reproduzindo elementos comuns de nossa sociedade, o currículo precisa contemplar o “[...] reconhecimento positivo da *diferença* no sentido da aceitação do Outro Total, e das dinâmicas singulares que lhe são constitutivamente próprias”. No entanto, os sentidos que as professoras entrevistadas atribuem ao currículo não contempla o currículo em sua dimensão capaz de constituir identidades.

No enfrentamento da discriminação racial, a professora Marta nos relata: *[...] às vezes, até nós negros, digo por mim, às vezes até nós somos preconceituosos com nós mesmos, [...]*. Como já havíamos situado anteriormente é um dos equívocos frisado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações raciais e que deve ser enfrentado com seriedade. O negro faz a introjeção dos padrões, valores do branco e com isso reproduz, nas relações raciais, algumas vezes, a mesma ideia distorcida sobre o segmento negro, que o segmento dominante e branco historicamente produziu. Fruto disso, um negro pode reproduzir a ideia preconceituosa que todo negro é preguiçoso, limitado intelectualmente, é feio, que não existe discriminação racial. Nesse sentido, o negro por via da ideologia do branqueamento acaba por reproduzir essas ideias que são ensinadas na escola, na mídia, na esfera religiosa e em outros espaços “[...] Outro equívoco a enfrentar é a afirmação de que os negros se discriminam entre si e que são racistas também” (BRASIL, 2004, p. 16).

O negro aprende a rejeitar sua cor, seu segmento racial por meio de um perverso sistema engendrado com essa finalidade, o desprezo que recebe por meio da discriminação, a exclusão que se sujeita. Às vezes, quando o negro toma consciência da situação que lhe foi imposta, pode ocorrer um avanço no sentido do mesmo empreender uma luta para sua aceitação.

A cor pode causar conflito quando o sujeito precisa se auto-definir e no processo de identificação dos outros, Piza e Rosenberg (1999, p. 9) escreve “[...] A cor pode ser negada ou confirmada pelo olhar do outro”. A necessidade de se estabelecer um diálogo com a família, com os estudantes para que se desenvolva uma auto-definição da cor e não uma imposição como observamos no caso acima. Para pensar sobre a cor como critério de definição racial, fizemos uma síntese sobre a cor nos censos.

Segundo o estudo realizado por Piza e Rosemberg (1999), o primeiro recenseamento geral do Brasil ocorreu em 1872 e não explicitava os critérios utilizados nos processos de coleta. Os termos escolhidos foram: branco, preto, pardo (preto e branco) e caboclo (índio e seus descendentes). No ano de 1890, ocorreu o segundo recenseamento, os termos sofreram algumas mudanças: branco, preto, caboclo e mestiço (preto e branco). Durante o início do século XX, os censos de 1900 e 1920 não incluíram cor em sua coleta. Em 1910 e 1930 não houve coleta. Somente em 1940, voltou-se a coletar cor, as cores; branco; preto; pardo e amarelo, nos outros censos se mantiveram a escala de cor de 1940. Na seqüência houve os censos de 1950; 1960. Em 1970 suspendeu a coleta cor e não se justificou essa suspensão que logo foi questionada pelos movimentos sociais, movimento negro e pesquisadores. É nesse momento que ocorre a sugestão de se acrescentar a expressão negro (preto e o pardo), o que atribui um sentido racial-político-cultural dado pelo movimento. Depois, ocorre a normalização dos censos 1980, com a coleta de cor. Parece ser tão complexo para a população a definição de sua cor ou a sua declaração, imaginemos tal questão para as crianças. Urge o enfrentamento dessas questões na formação inicial das crianças, nas séries iniciais, para que esta saiba lidar com maior facilidade nas situações impostas dentro da própria escola, da sociedade e da família.

Dentro da escola, muitas situações se impõem, mais a que necessita de um enfrentamento imediato é a discriminação com base na cor. Luciana diz: *[...] chamo a atenção de imediato e vou conversar com aquele que fez a discriminação com o colega [...]. Às vezes peço a coordenadora para tirar [...] da sala, [...].* Rita: *o cabelo é bem ruizinho, sou branco? Falei: não, olha o seu cabelo, seu cabelo não é liso, falei bem assim.* As questões relacionadas ao preconceito de cor parecem se multiplicar e é uma realidade, os atributos físicos são permanentemente atingidos pela violência do olhar do outro. A conflituosa definição do que é ser branco e negro quando camuflada pela escola produz sérios problemas para essas crianças, de modo especial as negras, nas palavras de Piza e Rosemberg (1999, p. 9): “Mas qual a objetividade de atribuição de cor a alguém no Brasil, quando a cor é uma abstração definida pela combinatória de uma multiplicidade de traços físicos (cor, textura da pele; formão do nariz; olho, boca, corpo, tipo de cabelo)”.

Os professores sujeitos dessa pesquisa lançam um olhar crítico sobre as práticas de discriminação racial. Conseguem identificar práticas discriminatórias ocorridas no interior da escola, na sala de aula e em suas vidas, nos diversos espaços que ocupam. Elas apontam os desafios para lidar com a discriminação racial que se manifesta cotidianamente nas relações entre os alunos, por meio de brincadeiras ou de modo declarado. As crianças não usam critérios no momento de externalizar o que sentem e por isso explicita seu modo de pensar diante da

discriminação. São vários os exemplos de xingamentos, piadas e brincadeiras ofensivas contra o aluno negro, segundo os relatos das entrevistadas. As intervenções ocorrem de modo esporádico, cada professor define os critérios e o como agir diante da discriminação racial. Não há um consenso nesse sentido, pois a formação dos professores do ensino fundamental não contempla a temática das relações raciais o que inviabiliza uma organização coletiva que busque empreender mudanças nas relações raciais, na escola.

A escola precisa atentar-se para essas questões, o currículo precisa ser repensado a partir das diferenças étnico-culturais que a nossa sociedade contempla. Uma sociedade multicultural precisa buscar formas de encontrar nos padrões de transmissão de conhecimento uma flexibilidade para contemplar nossa diversidade. Discutir dentro da escola, desde as séries iniciais, a composição étnica da sociedade brasileira com suas ambiguidades e desafios, poderá refletir no desempenho além de contribuir diretamente na manipulação e construção da identidade desses indivíduos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revela a simplificação do discurso, sobre práticas de discriminação racial, na escola. Ao analisarmos teoricamente as falas das professoras é que somos capazes de compreender que a raiz das desigualdades sociais, da imagem negativa criada para o segmento negro, não se limita a um distúrbio moral do brasileiro, mas de uma reprodução sistemática e violenta da ordem racial, que comanda o quadro de inferiorização de um segmento e o enaltecimento de outro. É o fenômeno do racismo que se converteu em um sistema normativo da realidade social e, é ele que sustenta o destino da sociedade racializada, a prática de discriminação racial então tem no racismo, sua base sustentadora. É o fenótipo do negro que esse sistema rejeita. E quando não consegue eliminá-lo por meio da violência emocional, física, o faz por meio da exclusão dos bens material e imaterial da sociedade e ignora o processo histórico que legitima a situação de pobreza e miséria, de grande parte dessa população. Chegam a produzir justificativas contundentes para a manutenção da distância entre pobres e ricos, negros e brancos, fazendo recair a responsabilidade da situação a que o segmento subalterno se encontra, sobre ele mesmo.

As professoras entrevistadas, ao ingressarem no magistério, o fizeram motivadas pela família, pela facilidade de inserção no campo de trabalho, pela falta de opção de cursos ou ainda, pelo sonho de infância e pela admiração à primeira professora. A identificação pelo magistério ocorre para um grupo de professoras no exercício da profissão frente aos desafios, preconceitos à docência, inexperiência profissional, crianças com dificuldades no comportamento foram os elementos que impulsionaram a permanência, a descoberta do gosto pelo ensino e contribuíram para a constituição do ser professora. Diante das lutas, expectativas, frustrações, os sujeitos dessa pesquisa, vão se tornando professoras.

Defendem a escola como meio de preparação dos indivíduos para assumirem papéis sociais e sua adequação às necessidades do estudante. A escola, também, é vista como difusora de conteúdos desde que sejam transmitidos de forma viva e concretos, indissociáveis das realidades sociais.

Percebemos que os conceitos atribuídos ao currículo revelam sentidos de como um cabedal de disciplinas escolares e normas. As professoras não concebem o currículo como um elemento que produz identidades. Elas não vislumbram a importância do currículo no processo de questionamento do modelo de homem que predomina em uma sociedade multirracial. Não evocam o currículo como ferramenta principal na promoção da *diferença* e conseqüentemente no desmascaramento do sistema racista. Esse ponto é crítico no trabalho docente, pois incide

diretamente no esfacelamento de um projeto que permita construção de uma escola, que de fato possibilite a educação para as relações raciais e, assim, o enfrentamento do racismo e seus preconceitos.

A escola, por meio da promoção do conhecimento formal, emocional, psicológico, afetivo, deve desvelar esse fenômeno. Com isso, pode ser possível promover o reconhecimento de uma sujeição específica, o que pode levar a vontade de rompê-la, mas a base das injustiças sociais não pode ser desvinculada do fenômeno do racismo.

Evidencia-se, como positivo, os sentidos que as professoras atribuem à discriminação racial e a não aceitação do Outro. Os sentidos se organizam em dois pontos: 1º) evidencia-se a ocorrência de repulsa à cor negra; 2º) a prática de discriminação racial é uma ação dotada de sentido, ocorre intencionalmente para atingir o negro. Neste trabalho, os sentidos atribuídos pelas professoras às práticas de discriminação racial são reveladores. De modo unânime, elas se dão conta do impacto do fenótipo nas relações raciais apresentadas, tanto na vida delas no âmbito familiar e social como no contexto das relações construídas na escola. Os sentidos atribuídos à discriminação racial é o fio condutor para compreendermos os desdobramentos dessa prática, no percurso familiar, social, religioso, profissional das nossas entrevistadas.

Um fator inquestionável no avanço do sentido das professoras frente à discriminação racial é a Lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino de história da África e dos negros brasileiros. O município, local de atuação dessas professoras possui uma disciplina específica, do fundamental II que trabalha a história da África e dos afro-brasileiros, os cursos de formação ainda que esporádicos, alcançam todos os professores da rede municipal e algumas professoras já agregam à sua prática a questão racial, por meio de projetos. Há reivindicação efetuada por elas, sobre a importância de se ter uma disciplina no ensino fundamental I, nas séries iniciais, que contemple na formação das crianças, a questão da *diferença*.

A história de vida das professoras revela que o processo de construção da identidade racial, é marcado por luta, angústia, repulsa, medo, enfrentamento e aceitação do fenótipo negro. Histórias marcadas por práticas de discriminação racial, no núcleo familiar na infância; na condição de professora, por meio de estudantes; no mercado de trabalho e na relação entre estudantes, em sala de aula. Os sentidos das professoras, sobre práticas de discriminação, mostram a complexidade do racismo no ambiente escolar. Revelam o anseio por formação para empreender um trabalho que contribua no avanço da questão racial na escola.

A intervenção empreendida diante das práticas de discriminação racial, na sala de aula, ocorre por decisão individual das professoras, não há um projeto que contemple essa questão. Elas evocam, em muitos casos, a experiência pessoal para intervir diante do racismo nas salas,

os sentidos das professoras revelam que manifestações de base racista estão no cotidiano da escola e, por isso, projetos esporádicos, em datas específicas como o vinte de novembro, são meramente paliativos.

De outro modo, revela um fato preocupante, quando as professoras, não articulam o sentido de práticas de discriminação racial, a ordem sistêmica e perversa que é o racismo. Elas não percebem o racismo como produtor de desigualdades e de preconceitos como os de superioridade e inferioridade. O racismo é um dos principais fatores estruturantes das injustiças sociais que acometem a sociedade brasileira e, conseqüentemente, é a chave para entender as desigualdades sociais que atinge em sua maioria, o grupo negro. Não se dão conta que o racismo é um “Sistema de poder Total”, [...], cujas formas de dominação e de opressão conseguem abranger todas as esferas estruturantes da vida social, o racismo goza de uma extraordinária transversalidade (MOORE, 2012, p. 204).

As professoras que se autodeclaram negras revelam como é perverso o percurso da mulher negra na sociedade brasileira e como, desde a infância e durante toda vida, estão sempre negociando sua permanência nas instâncias sociais. As professoras que se autodeclaram pardas estão posicionadas à sombra de uma proteção racial, os sentidos que elas atribuem a seu grupo racial é ambíguo, mostrando o dilema que permeia a autodefinição racial imposta pelo histórico processo de miscigenação, reforçado pela ideologia do branqueamento. Não se dão conta de que estão agregadas à categoria pretos, segundo organização do movimento negro brasileiro. No decorrer do trabalho, os sentidos das professoras, sobre práticas de discriminação racial, revelaram que elas se preocupam em compreender sobre as relações raciais, pois esse entendimento incide dentro da família nuclear, são mulheres que declaram terem filhos negros e, por isso, empreendem um olhar aguçado e um desejo eminente diante da questão racial.

Compreender o racismo é um ponto crucial no avanço das questões raciais, e surge aqui como um ponto crítico a ser pensado na formação dos profissionais da educação. Os sujeitos dessa pesquisa atuam como atores importantes no desmascaramento das práticas de discriminação, mas não se dão conta da base que sustenta tais manifestações, isso se dá pela ausência de uma formação efetiva e falta de acesso a instrumentos teóricos que os conduza à ampliação da visão sobre essa questão. Urge a necessidade de se investir na formação continuada dos profissionais da educação. Pesquisar relações raciais, tomando como referência sentidos atribuídos às práticas de discriminação, revelou-se importante e entendemos que tais sentidos guiam suas ações na escola, frente às práticas de discriminação racial. Desse modo, apontamos como possibilidade de continuar a pesquisar essa temática, a realização de uma

pesquisa etnográfica, com vistas a verificar como se materializa os sentidos atribuídos elas, no cotidiano da escola.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Escolas inovadoras**: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: UNESCO, 2003.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Relações raciais na escola**: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.
- AMADO, J. S. **Introdução a investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.
- AMADO, J. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- AMADO, J.; COSTA, A. P.; CRUSOE, N. A técnica da análise de conteúdo. In: AMADO, J. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- BACKES, J. L. Os estudos étnico-raciais e a resignificação do currículo da educação básica. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 13, p. 15-23, jan./abr. 2013.
- BARBOSA, M. L. O. **Desigualdade e desempenho**: uma introdução à sociologia da escola brasileira. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Editora: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEF, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.
- CARIA, T. H. L. Perspectiva sociológica sobre o conceito de educação e a diversidade das pedagogias. **Sociologia Problemas e Práticas**, n. 12, p. 171-184, 1992.

CARVANO, L. M.; PAIXÃO, M. **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil. 2007-2008.**

CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 5. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

CAVALLEIRO, E. Identificando o Racismo, o Preconceito e a Discriminação Racial na Escola. In: LIMA, I. C.; ROMÃO, J.; SILVEIRA, S. M. (Orgs.). **Os negros e a escola brasileira.** Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros (NEN), 1999. Série Pensamento Negro em Educação.

CONVENÇÃO INTERNACIONAL SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL. Disponível em:
<<http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/discrimina/lex81.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

COSTA, W. Currículo de história e fixação de sentidos sobre o “negro”: imagens da escravidão que circulam em livros didáticos. In: 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2010, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPED, 2010.

CRUSOÉ, N. M. C. **Prática pedagógica interdisciplinar na escola Fundamental: sentidos atribuídos pelas professoras.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN: CCSA/UFRN, 2010.

CRUSOÉ, N. M. C. **Prática pedagógica interdisciplinar na escola fundamental: sentidos atribuídos pelas professoras.** 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

CRUZ, A. C. J. Dimensões de Educar para as Relações Étnico-Raciais: refletindo sobre suas tensões, sentidos e práticas. 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2010, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPED, 2010.

CUNHA JR., H. Identidade da escola de periferia, identidades negras e nordestinas dos alunos. In: XVI ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 1999, Salvador. **Anais...** Salvador: Quarteto Editora, 1999.

CUNHA JR., H. Pesquisas Educacionais em temas de interesse dos afrodescendentes. In: LIMA, I. C.; ROMÃO, J.; SILVEIRA, S. M. (Orgs.). **Os negros e a escola brasileira.** Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros (NEN), 1999. Série Pensamento Negro em Educação.

DAMASCENO, C. C. C. D. A importância do movimento para a rediscussão do pensamento sobre as relações raciais no Brasil. In: XX ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2011, Manaus. **Anais...** Manaus, 2011.

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO – UNICAMP, 2012.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAZZI, R. C. **O drama racial de criança brasileiras: socialização entre pares e preconceito.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FERNANDES, F. **A integração do negro a sociedade de classes: o legado da “raça branca”.** 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. v. 1.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 208 p.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Tradução de Márcia Bandeira de M. L. Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 158 p.

GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, N. L. A relação entre o currículo escolar e o estudante negro: um estudo de caso numa escola pública do ensino fundamental em Teresina – PI. In: XVI ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 1999, Salvador. **Anais...** Salvador: Quarteto Editora, 1999.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun.2003.

GOMES, N. L. O desafio da diversidade. In: GOMES, N. L.; SILVA, P. B. (Org.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, N. L. Práticas pedagógicas e questão racial: o tratamento é igual para todos/as? In: DINIZ, M.; VASCONCELOS, R. N. (Orgs.). **Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Formato, 2004.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34. 2002. 232p.

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito racial: modos, temas e tempos.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

IANNI, O. O preconceito racial no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, jan./abr. 2004.

KRAMER, S. A Infância e sua singularidade. In: Ensino Fundamental de Nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D. (Orgs.). **Ensino Fundamental de Nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. 135p. il.

KRENTZ, L. Magistério: Vocação ou Profissão? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 3, p. 12-16, jun. 1986.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, I. C e ROMÃO J. Os negros e a escola brasileira. In: LIMA, I. C.; ROMÃO, J.; SILVEIRA, S. M. (Orgs.). **Os negros e a escola brasileira**. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros (NEN), 1999. Série Pensamento Negro em Educação.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 236p.

MOORE, C. **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MOREIRA, N R. **A organização das feministas negras no Brasil**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

MOURA, C. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 128p.

NASCIMENTO, A. R. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D. (Orgs.). **Ensino Fundamental de Nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. 135p. il.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, v. 19, n. 1, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

NOVAIS, S. C. **Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de si através dos Outros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

NÓVOA, A. (coord.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto/Portugal: Porto Editora Ltda, 1995.

NÓVOA, A. **Vida de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

OLIVEIRA, A. Dez anos do GT Educação e Relações Étnico-Raciais da ANPED (2002-2012): contribuições e perspectivas. **Rev. Fac. Educ.** (Univ. do Estado do Mato Grosso), v. 21, ano 12, n. 1, p. 155-172, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, P. S. **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PIZA, R.; ROSEMBERG, F. Cor nos censos brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n. 40, p. 122-137, dez./fev. 1998/99.
- RAMOS, A. O. **Relações Étnico-Raciais no Ambiente Escolar**: reflexões a partir de em uma escola pública no município de Itapetinga/Ba. 2011.
- RAMOS, A. O. **O papel do professor diante das situações de racismo na sala de aula**. 2008.
- REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 18, 1988. Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1988. 765 p.
- ROSSATO, C.; GESSER, V. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.
- SACRISTAN, J. G. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOS, A. Refletindo sobre a Discriminação Escolar. In: XVI ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 1999, Salvador. **Anais...** Salvador: Quarteto Editora, 1999.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, G.; SILVA M. P. **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito. 1. ed. São Paulo: Fundação Abramo, 2005.
- SANTOS, N. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SCHUTZ, A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Edição e organização Helmut T. R. Wagner. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- SILVA Jr. H. **Discriminação racial nas escolas**: entre a lei e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002. 96 p.
- SILVA, A. C. **A discriminação do negro no livro didático**. 2.ed. Salvador: EDUFBA, 2004. 112 p. il.
- SILVA, C. A construção da identidade étnico/racial de professoras negras e os saberes mobilizados nesse processo. In: SANTIAGO, E.; SILVA, D. (Org.). **Educação, escolarização e identidade negra**: 10 anos de pesquisa sobre relações no PPGE/UFPE/. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. 360 p.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica 1999. 156p.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 1 ed. reimp. Belo Horizonte: Autentica, 2006. 120p.

SODRÉ, M. **A verdade seduzida**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

SOUSA. Cultura Escolar: a reprodução social da condição étnico-racial. In: XVIII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORTE NORDESTE, 2007, Maceió-AL. **Anais....** Maceió: UFAL, 2007.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 13, p. 5-24, 2000.

TODOROV, T. **A vida em comum**: Ensaio de antropologia geral. Tradução Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. Campinas, SP: Papirus, 1996.

VENTURI, G.; BOKANY, V. Pesquisando discriminação institucional e identidade racial: considerações metodológicas. In: SANTOS, G.; SILVA, M. P. (Orgs.). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

VIDAL, D. G.; CARVALHO, M. P. Mulheres e Magistério Primário: tensões, ambigüidades e deslocamentos. In: VIDAL, D. G.; HILSDORF, M. L. S. (Orgs.). **Brasil 500 Anos**: tópicos em História da Educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WEBER, M. Conceitos sociológicos fundamentais. In: WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 399-429. Parte 2.

WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A –ROTEIRO DE ENTREVISTA GRAVADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Entrevista gravada)

Entrevistador _____

Entrevistado _____

Data ____/____/____ (_____) Local _____

Recursos _____

BLOCOS	Objetivo do bloco	Questões orientadoras	Perguntas de recurso
BLOCO 1 Legitimação da entrevista	Procurar a escola, conversar com as professoras para saber da possibilidade de colaborar no desenvolvimento da pesquisa; informar sobre o uso do gravador/filmadora; explicitar o problema de pesquisa, o objetivo e as contribuições do estudo; colocar as entrevistadas na condição de colaboradoras; garantir confidencialidade dos dados; explicar o procedimento.		
BLOCO 2 Práticas de discriminação racial	Obter dado sobre tipos de práticas de discriminação racial presente na escola	Fale sobre práticas de discriminação racial que você presencia na escola.	

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 (Entrevista gravada)

Entrevistador _____

Entrevistado _____

Data ____/____/____ (_____) Local _____

Recursos _____

BLOCOS	Objetivo do bloco	Questões orientadoras	Perguntas de recurso
BLOCO 1 Legitimação da entrevista	Procurar as professoras conversar com elas para saber da possibilidade de colaborar no desenvolvimento da pesquisa; informar sobre o uso do gravador; explicitar o problema, o objetivo e as contribuições do estudo; colocar as entrevistadas na condição de colaboradoras; garantir confidencialidade dos dados; explicar o procedimento.		
BLOCO 2 HISTÓRIA DOS SUJEITOS Motivações para ser professora e experiências formativas	Obter dados sobre motivações para ser educadora e experiências formativas das professoras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental com o objetivo de identificar elementos que possibilitem conhecer suas características em termos de experiência de vida e relacionar com o objeto de estudo.	Fale sobre suas motivações para ser professora e suas experiências formativas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que a levou a ser educadora? ▪ Como se tornou professora? ▪ Como foram as suas experiências na escola infantil, no ensino fundamental, médio, superior e no contexto de trabalho? ▪ Quais as limitações? Quais as contribuições? Citar exemplos
BLOCO 3 CONCEITOS Conceituação: educação, escola, currículo, conhecimento	Obter dados sobre como as educadoras conceituam: educação, escola, currículo, conhecimento escolar, prática pedagógica com o objetivo de identificar elementos que caracterizam a prática pedagógica realizada na escola campo de estudo das participantes.	Como você conceitua educação, escola, currículo, conhecimento escolar, prática pedagógica, prática docente? Saberes? Raça, racismo, discriminação, preconceito, afrodescendente, etnia, identidade, estereotipo?	

<p>nto escolar, prática pedagógica cultura, raça,</p>		<p>Classe? Belo? Feio? <u>Diferenças?</u></p>	
<p>BLOCO 4 RELAÇÕES S</p> <p>Relações entre: ensino- aprendizag em;saber- conhecime nto escolar; educadora- saber- conhecime nto escolar; educadora- estudante; educadora- educadora; educadora- equipe pedagógica . Educadora- família</p>	<p>Obter dados sobre como as educadoras veem as relações entre: ensino-aprendizagem; saber-conhecimento escolar; educadora-saber-conhecimento escolar; educadora-estudante; educadora-educadora e educadora-equipe pedagógica</p> <p><u>Relação prática docente e a Lei 10.639/2003</u>, com o objetivo de identificar elementos que caracterizam a prática pedagógica realizada na escola campo de estudo. (04 anos de implantação)</p>	<p>Como você vê as seguintes relações: ensino-aprendizagem; saber-conhecimento escolar; educadora-saber-conhecimento escolar; educadora-estudante; educadora-educadora; educadora-equipe-pedagógica.</p>	<p>▪ Uma boa relação interpessoal na escola ajuda <u>na mediação de conflito entre classe e raça.</u></p> <p>Citar exemplos</p>
<p>BLOCO 5 ESTRATÉGIAS</p> <p>Estratégias para: orientar a <u>prática pedagógica</u> na escola e na sala de aula; vivenciar o cotidiano da escola;</p>	<p>Obter dados sobre as ações que orientam ou deveriam orientar o comportamento das educadoras no local de trabalho,</p>	<p>Fale sobre as estratégias utilizadas por você e pela escola para orientar a ação na escola e na sala de aula; vivenciar o cotidiano da escola; pensar a relação entre a professora e o trato com as discussões sobre.</p>	<p>▪ Vocês têm momentos de estudo, de planejamento coletivo?</p> <p>Como você trabalha as questões de preconceito/ racismo/ diversidade cultural na escola?</p> <p>▪ <u>Normalmente, como você planeja uma aula?</u></p> <p>▪ <u>Quais procedimentos utiliza para</u></p>

			<p><u>desenvolver uma aula?</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Quando é que uma aula dá certo?</u> ▪ <u>Como você avalia sua aula?</u> ▪ <u>O que você acha que funciona bem na sua aula? E o que ainda não está bem?</u> ▪ <u>Como você pensa a relação entre saberes?</u> <p>Citar exemplos</p>
<p>BLOCO 6</p> <p>CRENÇAS</p> <p>E</p> <p>VALORES</p> <p>Crenças, valores, atitudes, que permeiam o cotidiano da prática pedagógica</p>	<p>Obter dados sobre a importância, os valores, as atitudes, os limites e as possibilidades que permeiam o cotidiano da sua prática pedagógica com o objetivo de conhecer os sentidos atribuídos pelas professoras Crenças, valores, atitudes, que permeiam o cotidiano da prática pedagógica</p>	<p>Você acha que existe desigualdade? Que tipo de desigualdade? Como você percebe essas desigualdades no cotidiano da escola?</p> <p>Você acha que existe racismo?</p> <p>Como você as enfrenta?</p> <p>Como você lida com os conflitos relacionados aos diferentes estereótipos em sala?</p> <p>Como você trabalha as brincadeiras feitas pelos estudantes aos outros colegas em sala, quando as brincadeiras não são bem vistas?</p> <p>O que você faz nas horas de lazer.</p> <p>Qual sua militância</p> <p>Qual a religião.</p> <p>Como é sua relação no ambiente familiar? Os tipos de laços que ela tem com os amigos?</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ De que forma esses valores e atitudes interferem na vida que você vive dentro da escola?

APÊNDICE B –LEITURA VERTICAL

Lucimaria

MOTIVAÇÃO PARA SER PROFESSORA: Subcategoria: escolha profissional: Indicadores: Falta de opção (Relação entre raça e classe- negra e pobre); Afinidade com criança (autores): Tendências da Desigualdade Educacional no Brasil*: Nelson do Valle Silva Carlos Hasenbalg; A mulher negra que eu vi de perto: Nilma Lino Gomes. Gilberto Freyre Branca para casar e negra para fornicar. Ana Claudia Pacheco (Tese). A formação em professora primaria como estratégia de ascensão social e estabilidade econômica de mulheres negras em feira de Santana 1940-1970. Ione Celeste de Sousa; A mulher negra no mercado de trabalho Maria Aparecida Silva Bento. A história da feminização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica Carolina Mafra de Sá e Walquíria Miranda Rosa. Magistério: vocação ou profissão Lucio Krentz. **1. Fale sobre suas motivações para ser professora e suas experiências formativas.** Falar desse processo de educação é gostoso e traz lembranças boas saudosas. Eu me tornei professora não foi por opção. Aquela história assim: filho de pobre tem que ser professora. Quando tinha o magistério aqui em Itapetinga eu morava com minha madrinha, e a opção que eu tinha era, mesmo que eu quisesse fazer outra coisa, por que não faz magistério que é mais fácil arranjar emprego? Mas eu já tinha um relacionamento bom com criança (eu já me envolvia muito com as crianças).

TORNAR-SE PROFESSORA NO MAGISTÉRIO descobre-se professora no magistério; Profissão como vocação. Magisterio: vocação ou profissão Lucio Krentz; A história da feminização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica Carolina Mafra de Sá e Walquíria Miranda Rosa Ai eu fui me descobrindo como professora. Ai a gente obedecia né! Mas vou fazer magistério pra ver se eu gosto e se eu não gostar eu faço agora e depois procuro outra coisa. Eu fui pro magistério, eu fui me apaixonando fui me descobrindo, fui gostando de ser professora, eu descobri, assim eu não posso ser outra coisa, tenho que ser professora. Mesmo que foi um acidente de percurso, mas um acidente de percurso bom.

ENFRENTAMENTO DO DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA FAMILIA NUCLEAR IDENTIDADE RACIAL se reconhece negra difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil MUNANGA. Estudos sobre branquidade; Clóvis Moura, Socialmente branco; Verdade Seduzida Muniz Sodré. Limites conceituais no estudo das religiõe a Filha Negra era eu, porque a minha mãe era negra e meu pai era branco. A filha negra era eu, as outras irmãs eram brancas, os outros irmãos negros. **Você via a escola como uma forma de sair daquela situação ou de não repetir uma história de ir pra casa dos outros, lavar roupas?**

APÊNDICE C –MATRIZ INICIAL

Categoria	Subcategoria	Indicador	Unidade de contexto
Motivação para ser professora	Escolha profissional pelo magistério	<p data-bbox="612 860 772 887">Falta de opção</p> <p data-bbox="592 1290 793 1346">Obrigada a fazer o magistério</p> <p data-bbox="541 1592 842 1648">Só tinha a opção de cursar o magistério. Falta de opção</p> <p data-bbox="552 1991 831 2076">O Magistério como opção para pobre consegui emprego</p>	<p data-bbox="860 376 1434 1128">1. Aline: Fale sobre suas motivações para ser professora e suas experiências formativas. Lucimaria: Falar desse processo de educação é gostoso e traz lembranças boas saudosas. <u>Eu me tornei professora não foi por opção. Por morar no interior da Bahia não tinha muita opção, não tinha nenhuma, era só o magistério e contabilidade, tinha que escolher um ou outro[...] não queria segui a carreira do magistério, fui obrigada, minha mãe me obrigou [...].mas só que na minha cidade só tinha ou magistério,o ensino médio naquela época era magistério? Não tinha outra coisa, eu quando iniciei o magistério eu iniciei não muito animada mas depois que eu comecei a estudar</u>Aquela história assim: <u>filho de pobre tem que ser professora. [...]</u> Porque na época ela explicava assim por sermos pobres, era a única carreira que eu iria consegui um emprego, <u>saindo do magistério que realmente eu ia consegui um emprego.</u> Quando tinha o magistério aqui em Itapetinga eu morava com minha madrinha, e a opção que eu tinha era, mesmo que eu quisesse fazer outra coisa, <u>por que não faz magistério que é mais fácil</u> arranjar emprego? <u>Mas eu já tinha um relacionamento bom com criança</u> (eu já me envolvia muito com as crianças).</p> <p data-bbox="860 1137 1434 1585">2. Aline: Na sua infância você sonhou em ser o que?Profissionalmente o que você sonhava pra você? Lucimaria: Naquele período a gente pensava em, a gente (família), de trabalhar, <u>a gente tinha uma vida difícil, a gente ia trabalhar pra ganhar dinheiro,</u> na verdade, pra sair da vida dura que tinha ai os sonhos de infância era fazer alguma coisa que não fosse lavar roupa que minha mãe é lavadeira, trabalhar na casa das pessoas que a gente já vinha de um processo de sofrimento, a gente não queria, a gente queria fazer alguma coisa, a família inteira pensava, uma pensava vou no trabalhar no comercio, no hospital, trabalhar no monte de coisas, <u>a gente pensava na verdade em ter um emprego bom para sair da vida ruim que tinha.</u></p> <p data-bbox="860 1594 1434 2042">3. Aline: Vocês conseguiram estudar e conciliar com o trabalho?Ai a gente foi mudando, nós mudamos, das fazendas viemos pra cidade, ai fomos estudando, cada um foi estudando, estudando, mas <u>minha mãe não era aquela que falava vocês tem que estudar,</u> a gente estudava, é tanto que na minha família hoje, na verdade, quem tem um curso superior, uma formação sou eu. Você é a mais velha? Não eu sou a do meio. Os <u>outros trabalharam para ajudar criar os irmãos mais novos.</u> Mas a formação, porque ai eu entendi eu quero, eu botei em <u>minha cabeça eu quero estudar [uma questão pessoal]</u> eu sempre gostei, eu <u>sempre fui à aluna [...].</u>Eu repetia pra mim, não eu não quero ter essa vida, eu vou ter uma vida diferentee assim .</p>

		<p>Magistério como profissão de fácil acesso</p> <p>Bom relacionamento com criança</p> <p>Trabalho como possibilidade de melhorar de vida. Infância pobre.</p>	<p>Aline: Daí você terminou a oitava série e fez magistério? Lucimaria: <u>Naquele período, na verdade filho de pobre fazia magistério, não pensava em fazer curso superior, na década de 80 não tinha essa preocupação de faculdade. Naquele período ensinava pra gente madrinha, filho de pobre tem que ter profissão. Durante o magistério aconteceu algo que marcou que é relevante? Silêncio.</u></p> <p><u>Olha no início da minha etapa eu comecei na escola publica mas como meu pai trabalhava em uma empresa multinacional eles ofereceram uma bolsa ai eu fui para escola particular,ai eu fiquei da alfabetização até a 4ª série na escola particular,depois que eu fui terminar meus estudos na publica,na escola publica [...] meu sonho toda vida e até hoje é a medicina, sempre foi medicina,não tinha sonho nenhum de ser professora apesar de encantar, eu ficava encantada quando entrava na sala de aula que tinha uma professora que eu ainda considero minha professora “tia” Iracema,que ficava encantada com a forma que ela ensinava, [...] o que mais me deixou encantada com a profissão foi uma professora que eu tive no quarto ano. O jeito carinho que ela tinha,e o prazer que ela tinha de ensinar, só que eu não queria ser professora, que sempre fui muito tímida eu não queria, não queria de forma nenhuma me imaginava lá na frente dando aula pra mim, ia me tremer toda,(rsrsrs) como de fato no início foi,mas hoje não queria ser professora, não queria seguir a carreira do magistério,fui obrigada, minha mãe me obrigou ,porque na época ela explicava assim por sermos pobres,era a única carreira que eu iria conseguir um emprego,saindo do magistério que realmente eu ia conseguir um emprego, se eu fizesse outra coisa não tinha como custear ela não tinha como custear e se eu fizesse contabilidade que no caso era a noite era noturno eu poderia não ter um emprego então fui praticamente obrigada e nessa obrigação eu não me encantei não com o magistério eu não me encantei não,durante o curso eu não me encantei,não me encantei de forma nenhuma. Quando surgiu o concurso foi que mais outra vez empurrada, fui fazer o concurso, e [...] por ela, fui empurrada fazer o concurso eu falei a vou fazer mesmo mais não vou passar (rsrsrsrs) tem problema não (rsrsrs) não vou passar, fui fazer o concurso e passei (rsrsrs) e passei, fui chamada na 2ª turma que na 1ª turma só chamou 40,ai [...] foi um concurso grande, fui chamada na 2ª turma,dei calundu que eu não queria trabalhar aqui que só se fosse pra roça (rsrs) e a secretaria no momento que era Sonia, ela falava que não tinha condições que eu era muito nova para está na roça, tinha dezoito ano (18 anos). Eu terminei o magistério com 17 anos e logo em janeiro foi o concurso, ai com dezoito anos assumi, ela ficou com medo de me mandar, eu era nova pra mandar para roça e ai inventou mil e uma desculpas, que não tinha, não tinha, só que eu insisti, e insisti tanto que ela conseguiu.</u></p>
--	--	--	--

		<p>Emprego como possibilidade de melhora financeira</p> <p>Não existia incentivo para os estudos.</p> <p>Os irmãos já viam no trabalho uma forma de ajudar em casa desde novos</p> <p>Determinação para o estudo.</p>	<p><u>E na questão de minha infância me lembro que quando eu era criança, todas as coisas que eu vi na escola, como a professora dava aula, eu achava aquilo tão importante, muito bonito emuitas vezes eu ficava em casa ensinando, pegava um giz, escrevia na parede, fazia de conta que tinha criança ao meu lado, ali começava a dar aulas para aquelas crianças e foi assim, a minha infância, [...] sempre brinquei e quando brincava, brincava com as bonecas dando aula, [...] quando era pequena eu era invocada sempre em ser professora tenho dois irmãos, um irmão e uma irmã? E eu colocava eles pra serem os meus alunos como [...] o meu sonho eu achava era assim, quando eu crescer vou ser professorasó que quando eu comecei a estudar, fiz o ginásio, terminou eu tinha queescolher ou fazia magistério ou fazia contabilidade, mas eu fiquei com um certomedo de ser professora e ai eu fui fazer contabilidade.</u></p> <p>Ingressei na sala e Contabilidade ai quando entrei na sala de contabilidade e terminou a primeira unidade e eu vi química e física falei meu Deus, tomei aquele susto,isso aqui não é meu lugar,não é minha área <u>tenho que ser professora.fui tomei a decisão, fui fazer o 1º ano científico, só que eu achei muito complicado, achei tudo assim muito, sei lá muito complicado e a maioria das minhas colegas assimconversei com o pessoal da secretária e eles me deram a chance de mudar de área não é? No caso deixar de estudar contabilidade para fazer o magistério, terminei o 1º ano científico,conversei na direção da escola e o ano seguinte de 1991,foi 1991, fui fazer o magistérioconversei com a minha mãe, ela já tinha até comprado os livros de química, física, livros muito caros,ela ficou assim,mas falou oh minha filha mas vai pelo o que você quer,e aí comecei a fazer o magistério e me enturmei gostei de <u>está fazendo aquilo ali,senti que era aquilo que queria realmente.</u></u></p> <p>Tenho 28 anos que trabalho na área de educação, professora publica municipal. <u>Meu sonho assim não era, era e não era trabalhar na educação.</u> Sempre gostei por que cresci vendo isso. <u>Minha mãe é professora, minha primas são professoras, a família quase toda só tem professora, cresci vendo o povo trabalhando nessa área, sempre brinquei e quando brincava, brincava com as bonecas dando aula. Por morar no interior da Bahia não tinha muita opção, não tinha nenhuma, era só o magistério e contabilidade, tinha que escolher um ou outro.</u> Como eu não gosto de contabilidade por que não gosto de matemáticas, optei por magistério e ai fiz o magistério e fui trabalhar. Quando terminei o magistério com 18 anos, já comecei a trabalhar logo, no começo do ano seguinte ai sempre na mesma área, em sala de aula esses 28 anos. Que eu me lembre eu nunca pensei , só pensava em ser professora. É tanto que minha mãe e por eu ser filha única e minha mãe trabalhava pela manhã, tarde e a noite e ai pra ela não deixar, eu estudava em escola publica de manha e a</p>
--	--	---	--

		<p>Destaque como aluna</p> <p>Filho de pobre fazia Magistério.</p> <p>Na década de 80 o ensino superior não era uma necessidade/ preocupação.</p> <p>Sonho de fazer medicina.</p> <p>Não sonhava em ser professora.</p> <p>Encanta-se com o ato de ensinar a partir da</p>	<p>tarde e de noite ela me levava para a escola (acompanhado). Criei na escola, por que ela não podia me deixar em casa sozinha, não tinha o pai, morava eu ela e meu avo, por ser só nós três ele já era mais idoso não deixava eu, as vezes ela deixava, mas não era sempre para a escola, eu estudava de manhã e a tarde e a noite eu ia. Estudei em escola publica da alfabetização a quarta serie (que antigamente era quarta serie), ai depois minha mãe conseguiu uma bolsa e eu era bolsista da escola Madre Savina Petrille, eu fiz da 5ª a 8ª serie, depois fui para o Alfredo Dutra que era Estadual.</p> <p><i>Quando você descobriu que tinha vocação para ser professora?</i> <u>Eu já fui fazer magistério já, com vontade mesmo, já gostando, gostava mesmo de ser professora, sempre gostei, eu cresce brincava , até com as amigas da rua, as vizinhas, na mesma idade, eu morei lá no centro, e tinha as meninas, a gente já brincava de escola, filho de professor já sabe, compra logo um quadro, os livros velhos, os recortes que ela trazia da escola, eu sempre era a professora e as meninas (as bichinhas) era as alunas ai pronto do jeito que as professoras falavam na sala, a gente faz em casa com essas meninas, ai fazia brincava direitinho, eu sempre gostei. Quando eu fiz magistério já fui gostando.</u></p> <p><i>[...] o que mais me deixou encantada com a profissão foi uma professora que eu tive no quarto ano. Escola publica ou particular? Particular. A forma? É a forma, o jeito dela falar, o jeito de trabalhar com a gente, eu fiquei muito encantada, ... É viva ainda? É viva ainda. Você quer citar o nome? Tia Iracema ,da escola Adventista. Em que momento você decidiu que profissão você teria, como é que você pensava na adolescência, na infância a profissão que você ia seguir?</i> Olha eu vou contar um fato até engraçado, até hoje mainha faz resenha de mim; <u>quando eu era pequena eu era invocada sempre em ser professora que eu tenho dois irmãos, um irmão e uma irmã? E eu colocava eles pra serem os meus alunos como estudavam os três irmãos, eu e os meus dois irmãos estudava de manhã ai a tarde a gente ficava em casa minha mãe não trabalhava nessa época só meu pai, e a gente ficava em casa fazia a atividade assim que a gente chegava da escola tomava banho e almoçava e ia fazer as atividades, sempre minha mãe era muito assim comprometida, vamos fazer a atividade, terminar logo pra ficar a tarde livre, acabava de almoçar descansava um pouquinho e ia fazer as atividades, quando terminava as atividades eu e meus irmãos brincar, então o que eu fazia <u>eu colocava os dois sentadinhos no chão e a porta da minha casa era o meu quadro de aula, sentava, os meus irmãos sentava e eu passava a atividade pra eles, minha mãe sempre, ela via assim que eu tinha muita vontade, ela comprava giz, comprava esponja e a porta da minha casa era o quadro, eu escrevia ali, passava as atividades para os meus irmãos, apagava quando o</u></u></p>
--	--	--	---

	<p>admiração do trabalho de uma professora da infância.</p> <p>Não queria ser professora. Nem se imaginava dando aula.</p> <p>Foi obrigada a fazer o magistério</p> <p>Filho de pobre conseguia emprego pelo magistério.</p> <p>Foi obrigada a fazer o magistério. Não se encantou pelo magistério durante o curso</p>	<p><u>meu giz acabava a minha professora da escola Adventista, sempre pedia aquele pedacinho de giz que ficava pequenininho, o restinho, a sobrinha, ela me dava e eu levava para casa.</u></p> <p>Curso científico complicado; Incentivo das colegas; gosto pelo magistério desde a infância. Era na década de 80? Era 1990, colocou o científico <u>fui fazer o 1º ano científico, só que eu achei muito complicado, achei tudo assim muito, sei lá muito complicado e a maioria das minhas colegas assim, algumas que tinha, as meninas, não foi nem tanto os meninos, a maioria das meninas foram estudar no Dutra e fazer magistério, aí eu sempre estava com as minhas colegas lá no Dutra vendo elas fazer magistério e eu no científico, elas começaram a me incentivar, oh Lu vem fazer magistério com a gente, vem fazer magistério, como já desde criança gostava fui fazer científico por conta de meu pai e minha mãe, porque eles falavam não você vai estudar, pra ter um estudo melhor pra você ser uma médica, ser uma odontóloga, e minhas colegas começaram a falar, não Lu vem fazer magistério e eu via as meninas fazendo trabalhos, já no 1º ano fazendo aquelas apresentações fazendo os trabalhos, o quê eu fiz, terminei o 1º ano científico, conversei na direção da escola e o ano seguinte de 1991, foi 1991, fui fazer o magistério só que fiz o magistério e fazia dependência porque tinha algumas matérias no magistério no 1º ano como estatística e outras que não tive no sentido, tive que fazer dependência fui estudar a tarde magistério e de manhã fazia dependência dessas matérias que eu não tinha. <u>Identifiquei-me logo porque já sabia o que queria, que era aquilo ali desde pequena, já sabia o que eu queria que era aquilo ali, começou ter apresentações, já apareceu, já surgiu uns boatos das colegas a vamos fazer o estágio eu já fiquei encantada, porque eu ia dá aquela aula que eu dava para meus irmãos quando eu era pequena. Então era um sonho de infância que tava se realizando? Um sonho. Identifiquei-me, era uma turma de 35 alunos, todos assim, foi super, foi amável, foi muito bom, a turma era boa, a turma de você passar conteúdo todos prestarem atenção, tinham um maior amor comigo, a sala super tranqüila, a professora que era a professora da sala na época mim deixou bem a vontade era: esqueci o nome dela, ela é da 1ª igreja, eu não to lembrando o nome dela; toca piano, esqueci o nome, me deixou muito a vontade, eu mim realizei naquela sala; fiz todos os preparativos que antigamente a gente fazia tudo isso não é? Mural, painel, forrava caderninho, tudo arrumadinho, então foi ótimo; a minha festa de encerramento mesmo foi assim show</u></u></p> <p>E o quê que você queria ser quando crescesse? Naquela época a gente não tinha, quer dizer sonho tinha, fazer faculdade era impossível para nós, <u>eu sempre pensava ser jornalista mas era uma coisa longe da minha realidade, era só um sonho. Por quê? Você se espelhava em alguém?</u> Eu era, sempre na minha escola tinha aquelas premiações, melhor</p>
--	--	---

		<p>Foi obrigada a fazer o concurso para lecionar</p> <p>Passou no concurso</p> <p>Ao ser convocada para exercer de modo efetivo o magistério fez a opção de ir para Zona Rural.</p> <p>A idade dificultava alcançar o objetivo de ir para a Zona Rural</p> <p>Desde a infância tudo que envolvia a escola e dar aula era importante. Em casa ensinava reproduzindo o que ocorria na escola.</p>	<p>aluno, <u>eu sempre era premiada por ser a mais informada, pois assistia muito jornal, eu contava: a eu vir isso em determinado canal, e eu gostava de ver as reportagens, até hoje eu gosto de ver as reportagens, então eu gostava mais que isso, agora uma pessoa profissional assim eu não lembro o nome, mas eu gostava muito, depois que eu sair assim, mas só que na minha cidade só tinha ou magistério, o ensino médio naquela época era magistério? Não tinha outra coisa, eu quando iniciei o magistério eu iniciei não muito animada mas depois que eu comecei a estudar. Você fez então por opção, não por uma escolha? Foi à única opção que eu tinha e quando eu comecei a estudar eu já fui criando gosto quando vieram os estágios.</u></p> <p><u>Fui me descobrindo como professora. [...] a gente obedecia! Mas vou fazer magistério pra ver se eu gosto e se eu não gostar eu faço agora e depois procuro outra coisa. Eu fui pro magistério, fui me apaixonando fui me descobrindo, fui gostando de ser professora, eu descobri, assim não posso ser outra coisa, tenho que ser professora. Mesmo que foi um acidente de percurso, mas um acidente de percurso bom.</u></p> <p>E durante o curso do Magistério? Você se apaixonou durante ou depois pela educação? <u>Apaixonei-me durante o curso, fui descobrindo que era aquilo que gostava, fui fazendo o estágio, [...] eu criei amor mesmo pela profissão foi quando veio os estágios [...] no início estou fazendo porque querem que eu faça, depois vou cair fora, quando comecei trabalhar com criança, me envolvi com a criança eu me encantei já que eu estava gostando eu fui correr atrás. Trabalhei com escola infantil chamado intermediário essa fase eu já fui pra uma realidade diferente que não era publico, era particular, já que eu estava gostando e no estado eu trabalhei com a alfabetização, aquela fase que tinha o método alfa [...] Palmares para mim, e foi lá que eu comecei a me encantar pela educação, eu fui logo para Palmares, no distrito.</u></p> <p>E você encontrou limitações nesse percurso de transição após o magistério, como é que foi depois que você terminou o magistério, você já foi trabalhar? Não, quando terminei o magistério no ano seguinte, terminei em 1992, <u>no ano seguinte eu consegui um emprego no Sossego da Mamãe trabalhei, fiquei 06 meses no Sossego da Mamãe, era ajudante de sala, trabalhava como ajudante de sala, com salas de 1º ano alfabetização, depois estava muito corrido pra mim, muito cansativo, estava o dia todo e também não estava me agradando, resolvi da banca na minha casa aula de reforço, eu trabalhei com aula de reforço 12 anos. Nossa e era de manhã e tarde ou como era? De manhã e tarde; de manhã eu só tinha uma turma e a tarde. Quantos alunos? De manhã eu tinha 8 alunos, e a tarde, meninos e meninas de escola, a maioria de escola particular. E você se identificava? Identificava sim, dei banca 12 anos, a</u></p>
--	--	---	--

		<p>Sonhava em ser professora desde a infância</p> <p>Quando teve que escolher entre cursar o magistério ou o curso de contabilidade sentiu medo. Medo de ser professora</p> <p>Optou inicialmente pelo curso de contabilidade</p> <p>No curso de Contabilidade descobriu que não era o seu lugar. Decidiu ali tenho que ser professora.</p> <p>Por decisão pessoal deixou o curso de Contabilidade e foi fazer Magistério</p>	<p>tarde eu tinha (02) duas turmas, uma de uma as três e outra de três as cinco, só tinha acho que uns dois alunos de escola publica,a maioria era de escola particular. E nesse momento você ficou só na banca ou você ficou também? Só na banca, 12 anos só na banca. E qual o ano que você veio pra sala? Quando eu vim pra sala foi em 1990, não, desculpa me atrapalhei nesse período fiquei <u>um período só trabalhando dando banca e o outro turno eu fiquei trabalhando na prestação de serviço para o município</u>, depois ,não lembro o ano mais ou menos,eu sei que eu passei esse período de 12 anos assim, depois não lembro mais ou menos o ano que eu vim trabalhar o tempo todo assim ás 40 horas na escola,na verdade desde 2005 que eu estou na escola,que eu to trabalhando 40 horas. Desde 2005? Desde 2005.Antes de tudo <u>para ser professor você tem que ter amor, se não tiver amor para conquistar aquela criança</u>. Não adianta você pode, eu tenho vários exemplos assim, até aqui esta escola que eu estou trabalhando agora, de do inicio do ano, <u>menina chegar aqui na turma da tarde bate o pé e dizer que não ia entrar na sala porque não queria ficar comigo porque era com a professora A ou com a professora B, e hoje essa criança entrou na sala, ficou comigo, acabei conquistando ela e hoje ela, essa criança é apaixonada por mim,então você tem que ter amor e você tem que saber conquistar a criança,que a criança não vai na base do grito não.</u></p> <p>Você começou a gostar nos estágios? No primeiro momento não? Foi inclusive no meu trabalho final do magistério eu conto isso que quando <u>eu criei amor mesmo pela profissão foi quando veio os estágios, já no 2º ano, que eu já comecei a trabalhar, porque naquela época na minha cidade por ser muito pequena, pegava os alunos destaque das turmas e ai a prefeitura já contratava para ir trabalhando,e ai nesse 2º ano eu comecei a trabalhar no meio rural,só que era contrato né,essa parte eu não conto nos meus anos de serviço não,que eu já comecei já no magistério. Mas houve um incentivo de alguém para você se tornar professora? Não porque <u>eu me identifiquei com o ambiente nos estágios, com as crianças,naquele momento eu criei amor pela profissão por conta das crianças</u></u></p> <p>O que foi que mudou na sua historia para você se tornar a Mara que você é hoje, de luta, de movimento? Eu acho que foi sabe, conseqüência, foi surgindo e <u>fui descobrindo que eu podia. Por meio de luta de reivindicações, dentro da minha casa, comigo</u>. Eu acho assim que <u>no momento que eu consegui me tornar Mara professora, ser humano no momento que eu consegui</u>. Eu era diferente da família agora, mas eu era com outro olhar, <u>eles passaram a me respeitar, no momento que eu</u></p>
--	--	---	--

		<p>Deixa o curso de contabilidade para cursar o de magistério</p> <p>Deixa o científico para cursar o magistério</p> <p>Apoio da mãe na mudança para o curso de Magistério;</p> <p>Identificou-se e enturmou-se no magistério, gostou e sentiu que era o que queria.</p> <p>Sonhava em trabalhar na educação, mas às vezes tinha dúvida.</p> <p>Tradição familiar no Magistério; histórico familiar de professoras; afinidade com crianças; identificação profissional</p> <p>Falta de opção para o ensino médio naquele período. Dois cursos eram ofertados magistério ou contabilidade</p>	<p><u>consequi afirmar como ser humano, que eu estudei, que não esperei pai e mãe mandar, formei, arrumei meu primeiro emprego.</u></p> <p>O conhecimento ou autoconhecimento teve que papel em sua trajetória? <u>O conhecimento acadêmico, de informação foi muito importante. E esse autoconhecimento é importante quando você encontra alguém que te valoriza não só pelo que aparenta ser, pela essência que você é. E eu descobri isso com aquela grande “figura” que já não existe mais, você sabe (Choro), (emoção).</u></p> <p>Como é o planejamento, momento de estudo, se preparar para entrar em uma sala de aula? <u>Nós temos um momento de fazer no coletivo. Eu faço mais individual, aqui em casa, gosto de fazer com uma garrafa de café, descalça, tiro a mesa daqui levo pra lá. Quando eu quero da aula não me prendo a um livro. Eu vou lendo vou buscando, pego um livro de geografia de historia, módulo de cultura afro. E eu gosto de fazer essa comparação de vários ângulos, para eu entender, se eu não entender eu não vou saber passar para o meu aluno. Ai esses dias o menino falou assim: Mara você já foi na África? Eu disse não. Por que quando você fala da África parece que você está dentro da África. Quando eu vou falar de Angola eu busco saber tudo de Angola para eu passar. Na verdade eu tenho paixão pelo aprender e passar.</u></p> <p><u>[...] foi menino de pré, eu tinha uma turma de 03 e 04 anos e tinha outra turma de 04 a 05 anos, a sala superlotada eram 45 alunos na sala, minha sala era enorme, era um vão enorme, só tinha eu e eu ficava sozinha no meio da praça. Mas aquilo ali foi me encantando, foi difícil (no início) por que eu não sabia nem por onde começar, nem como começar, foi terrível no início pois eu não sabia como trabalhar. E eu tinha um menininho que meu Deus me tirava do sério, era oh menino, mas foram experiências boas, ele não tinha nada, não tinha estrutura familiar nenhuma, por que apesar de está morando em um Distrito onde as pessoas são mais povão, são mais um ligado ao outro, ele era totalmente o avesso, a mãe praticamente abandonava, abandonou-o, e aquele menino bem agitado, ele não parava, parava, parecia que ele tinha algum outro problema, ele não parava um minuto, ele não parava para ouvir uma historia, para nada, para cantar uma musica, então aqui foi muito difícil, muito difícil mesmo.</u></p> <p><u>Mesmo assim você quis permanecer em palmares? Não eu só vim para cá quando foi para casar. Senão eu permaneceria lá. Realmente eu gostei. Eu fiquei dois anos, foram dois anos assim se talvez eu não tivesse lá, se eu tivesse começado por aqui, talvez eu não teria dado continuidade, por que assim lá, apesar de toda a dificuldade, mas nós morávamos juntas. Eram quantas? Eram cinco professoras morando juntas, todas com as mesmas dificuldades,</u></p>
--	--	--	--

todas começando, mas todas assim se abraçaram, uma ajudando a outra, foi isso que nos deu força. Essa vontade de ir para fora. O que mais te afastava dessa ideia de ser professora? O ir para lá era uma forma de revolta, vou me esconder do restante do mundo, do povo todo, porque se eu errar, eu to errando longe, mas muito pelo contrario nós éramos mais cobradas que o pessoal daqui. Pelo fato de ser distante de está fora, de serem somente mulheres juntas, então nós éramos vigiadas mesmo o tempo todo. Então acho que isso que acabou nos dando esse impulso de ir de buscar, de ir à frente, de buscar o que fazer e a gente tinha que fazer e não tinha tecnologia, até hoje lá é mais distante. Não tinha tecnologia era a gente mesmo, era no blá blá blá, no gôgô. *Em que momento que você descobriu que você se tornou professora?*

Foi essa turma que me ensinou, essa primeira turma, quando “esse menino” que me dava todo trabalho do mundo, quando chegou no final do ano que ele estava assim bem! Ele já estava sociável, poxa! Isso me cativou muito. Isso me deixou assim. Toda aquela angustia teve uma recompensa. Foi essa recompensa. Acabamos descobrindo o seguindo, às vezes a gente se apega muito na questão de quantidade, quantidade de aluno a gente sabe que é desgastante é, mas isso nos mostra assim que essa quantidade quando você quer fazer alguma coisa, essa quantidade, nem que seja um você muda. Quando você vai determinado, que você quer você muda. Então para mim, conquistar ele se tornou como um desafio, ele foi meu desafio de continuar foi ele. Foi esse menino. A motivação. De falar assim não, eu vou consegui, tenho que consegui pelo menos fazer esse menino virar gente. Parecia que ele não era tratado por pessoas, parecia que ele vivia com animais mesmo, porque ele não sabia nem falar direito, ele não sentava, nem não sabia comer, não sabia nada. Ele tinha 05 anos. Então ele era nu de tudo, de tudo. Eu vejo assim que o professor ele tanto pode ajudar. como ele pode destruir a vida do aluno. *E você enquanto aluna?* De escola particular na escola assim sempre foi muito tranqüilo, até pelo fato assim de ser muito tímida, eu era aquela assim nem contribuía, nem. Eu era muito tímida. Ser professora me ajudou. *Você descobriu o porquê dessa timidez?* Eu não sei por que de quando eu me entendo por gente eu sempre fui tímida. Eu sei assim que teve um período eu fiquei mais tímida. Por que eu era gordinha. Assim não é que eu era Gorda era gordinha eu era diferente das outras patricinhas, então as vezes chamava de baleia isso ou aquilo, **Os colegas?** Os colegas, mas não na escola, na escola eu não fui tratada dessa forma, sempre tive um bom relacionamento com meus colegas, mas assim fora na rua de casa, sempre chamava assim, gordinha, baleia. Mas eu já era tímida. Mais teve uma fase que eu fiquei mais tímida. Acho que foi naquela fase assim de entrar para a pré-adolescência, aquela coisa que

		<p>Vontade e o gosto levaram-na cursar o Magistério</p> <p>Desde a infância tinha quadro, livros e era sempre a professora das meninas.</p> <p>Identificação com o magistério surge a partir da admiração do trabalho de uma professora da infância.</p>	<p>you já começa a se perceber e você olha e fala assim eu estou gordinha mesmo, eu estou diferente e você começa a se retrair um pouquinho.</p> <p>Agora assim a gente sabe que tem lugares que não acontece isso, tem escolas que isso não acontece, que é feito lá pelo coordenador, pelo diretor e pronto, professores só vão saber e analisar se ele vai colocar e acaba de vez enquanto chocando. Mas assim eu vejo assim como, pelo menos no meu ponto de vista, como eu sou muito assim de falar , <u>eu não aceito muito essa coisa pronta, eu tenho que participar, e como eu já sou desse jeito, as diretoras já me colocam de certa forma inserida nisso , nessa participação de fazer. Eu quero participar por que eu preciso, se eu não conhecer como é que eu vou trabalhar se eu não conheço.</u></p> <p>Ainda existe essa imposição? Olha ainda encontrar mais eu acho que <u>é muita omissão, do próprio professor, por que assim, já chegou assim para mim, pronto,</u> como de fato o ano passado eu tive uma briga com uma coordenadora, eu briguei com ela e falei que eu não aceitava, nos cursos de 4º e 5º anos. <u>Dava um curso de 4º e 5º ano em português e matemática, só que tava totalmente fora a gente ia para lá, assistia, assistia, assistia, ouvia falar, ouvia falar, ouvia falar e pronto acabou e quando você voltava para sua sala você via que não era aquilo ali, ai eu falei para ela que eu não ia participar mais, “por que você não vai participar mais?” por que não ta me trazendo resultado. Ta me trazendo é conflitos. Por que está totalmente fora. Ah mais eu quero isso por escrito não seja por isso eu faço por escrito e fiz por escrito e mandei para a secretaria, então assim, se nós professores permitirmos vai acontecer sempre. Agora a questão é postura do professor, se o professor tiver postura e não aceitar isso ai já começa mudar.</u></p> <p><i>A escola os professores tratam todos os alunos de modo igual: até quando diz respeito a atenção e o carinho?</i> Srrsrs, eu não posso dizer pelos outros, eu posso dizer por mim, <u>pela minha prática eu não vejo essa diferença, o tratar com o diferente , eu vejo assim que tem essa questão de diferente por parte família, acho que a questão até cultural, aquele pai aquela mãe que dá o carinho que bota no coloco, o menino na escola ele tem atitudes diferenciadas, ele vai ser aquele menino, que vai lhe ouvir vai ser aquele menino que tem mais interesse, o menino que já tem essa carência. Ele vai dá mais trabalho na escola por que ele vai chamar sua atenção, ele quer então essa diferença, para mim, é a questão carência. <u>A carência de algo, está faltando algo na vida dele e ele está lhe chamando atenção.</u> Então eu tento, não digo para você que eu consigo, eu não sou bambam, eu tento tratar todos na mesma igualdade mas eu sempre tento olhar para aquele que necessita mais. Esse carinho que ele não recebe em casa eu tento</u></p>
--	--	--	--

		<p>Sonho desde a infância vocação, afinidade com crianças.</p> <p>Fazia em casa os mesmos gestos da professora, com o incentivo da mãe que comprava giz e outros materiais.</p>	<p>passar para ele, não que aquele que tem carinho em casa não vá receber na escola. <u>É planejamento ele é coletivo, agora sempre cá na minha particularidade eu vou dá uma ajustada pra minha sala de aula, vou ver o que melhor que tem que não vai funcionar e eu vou adaptar pra minha sala de aula mas no geral ele é coletivo e essas adversidades são tratadas como forma de história mesmo, de projeto um ou outra vez, não é tratada assim, e assim quando a gente percebe que esta havendo algum problema quando esse é, começaram mesmo tratar esse menino de quati. quati eu fui trazer o que era um quati, qual a semelhança, se tinha alguma semelhança com eles se tinha alguma diferença, então fui trazer pra isso, geralmente é mais quando surge essa necessidade, não é assim trabalhado sempre [...] olha só nós estamos vivendo uma carência muito grande nas escolas, assim os recursos que a gente tinha de ser usados hoje a gente já tá vendo muito restrito, é uma sala de informática por causa da boa vontade de alguém ir lá só pra dar uma olhada que era um recurso ótimo riquíssimo que a gente usava muito, então assim é um data show que você não conseguiu usar porque a gente usava essa sala que tá quebrada que nas salas, as salas de aula não dá pra usar porque pra usar ela é praticamente aberta, a claridade, então assim, você fica hoje muito restrito, papel muito menos, tem o limite do limite, que a gente sempre trabalhou com limite, mas agora tá sendo no limite do limite, então assim, tá sendo mesmo a nossa voz o nosso quadro, quando pode algum tema que pode dá uma saidinha da escola a gente sai mas as vezes assim é, em questão mesmo recurso nós estamos muito limitados [...] a aula que da certo é aquela aula que o aluno participa, que o aluno conseguiu, que você ver no olho dele que ele tá motivado, que ele participa. A aula que não da certo é aquela aula que o menino, você tá lá conversando e o menino tá lá blá blá blá (rsrsrs) batendo papo e aí você acaba se frustrando, que o professor se frustra Quando você dá uma aula boa, você percebe que o menino participa muito, quer participar, quando o menino não está nem, é por que você não está atingindo seu objetivo [...] é assim você tem que trazer sempre o conteúdo pra realidade dele, você não pode fugir da realidade de quando você foge nunca da certo é muito raro da certo [...] a minha relação como relação a isso? [...] você tem que tá um pouco mesclando um pouco de um lado, um pouco de outro, um pouco de um porque sempre trazem novidades, aí você tem que tá aqui oh, porque também você não pode abrir a todas essas novidades que tá, todas esses conhecimento que trazem de lá, porque se não (rsrsrs) o trem não anda, não acaba mais, mas assim você tem que ter essa sabedoria de mesclar, de tirar um pouquinho, o que é positivo de aí que ele trouxe o que é negativo bota eles mesmo para fazer essas comparações, o que tá de positivo nisso? Teve um, a gente passando por um dificuldade muito grande lá na escola em relação a questão da droga e</u></p>
--	--	---	---

		<p>Optou por fazer o científico correspondente ao segundo grau escolar</p> <p>O incentivo das colegas para que ela fizesse o magistério a influenciou</p> <p>Foi cursar o científico por influência dos pais</p> <p>Os pais queriam que ela fosse médica, odontóloga.</p>	<p><u>do uso de armas.então eu não posso é discriminar logo, tenho que trazer isso pra cá,e,isso que você ta trazendo,isso ai que você ta mexendo vai lhe trazer o que de positivo? Vai lhe trazer o que de negativo? E a gente tem que abrir pra todo mundo a discussão pra todo mundo,tem que ter sabedoria,oh dá aula de armas e drogas.</u></p> <p><u>[...] eu estou sempre voltada a troca de experiência que realmente é isso;você sabe uma coisa você vai passar aquilo que você sabe.mas você tem que ta sempre aberta pra receber também as informações pra que esse saber aconteça realmente.</u></p> <p><u>Na questão do planejamento nós planejamos na sexta-feira o período é curto, mas nós tentamos dá o melhor que pode, nós planejamos por ano/serie, sentamos, vemos o que vamos dá, o que ta faltando, cada sala tem uma maneira diferente, planejamos a mesma coisa, porem as nossas práticas são diferentes, na realidade são crianças com aprendizagens diferentes, cada uma faz, planeja junto, mas as nossas práticas são diferenciadas e na questão da 4ª serie planejamos juntas e fazemos as mesmas coisas, as mesmas práticas .</u></p> <p><u>[...] Quando uma aula dá certo e quando não dá?Quando você da uma aula boa, você percebe que o menino participa muito, quer participar, quando o menino não está nem, é por que você não está atingindo seu objetivo.</u></p> <p><u>Teve um período que fui diretora, 04 anos na direção. Vinte e oito anos e agora que não sai, perto de aposentar, tenho 46 anos. Eu amo, hoje a única angustia que a gente tem é a falta de assistência dos pais, por que ficou tudo nas costas da gente, a responsabilidade é toda da gente, os pais hoje não tem aquela responsabilidade de quando eu comecei eles davam aquela assistência, tem hora que eu culpo e não culpo. Que hoje a vida que é tão corrida, a gente sai trabalha 40 horas, quase o dia todo fora de casa, os pais a gente sabe que a maioria deles, também é por esse motivo, os pais saem de casa o dia todo para trabalhar, o povo que trabalha na Azaléia, os que trabalham pela manha, sai de manha cedo e só volta à tarde, então tudo isso</u></p> <p><u>[...] as crianças ficaram assim muito soltas, então não tem assim aquela assistência, uma atividade que a gente passa não recebe pronta, aluno vai fazer prova não estuda, não tem aquela cobrança, os pais não olham o caderno. No plantão pedagógico, a gente ver a ausência dos pais, tem aluno que a gente passa o ano todinho e não conhece a família Antes logo quando eu comecei a maioria estava presente em casa, ou trabalhava em casa de família, davam mais assistência, agora quem trabalha em comercio, em indústria, então tudo ficou muito mais difícil, a assistência, hoje com essa geração que está ai, a internet, quando não é na rua é em computador.</u></p>
--	--	---	--

		<p>O assédio das colegas e incentivo ajudaram na decisão pelo magistério</p> <p>Identificou-se de imediato com o magistério, era o sonho de infância se concretizando</p> <p>Encantou-se com a possibilidade do estágio</p> <p>O magistério era um sonho.</p> <p>Identificou na primeira experiência quando assumiu uma turma</p>	<p>O que é o conhecimento? O conhecimento de modo geral? Eu acredito que você capta que conseguiu absorver. Tem o conhecimento que você vai ter que cessar ele, aquela historia do aprender e compreender, <u>o conhecimento é uma aquisição.</u> Como você na escola posicionado na escola posicionado o conhecimento o currículo. A gente precisa humanizar o currículo, a gente o todo. O professor ainda gosta de receber. Por que não vamos por área de conhecimento, é um tiro na mão do professor. Se formos por área do conhecimento eu vou dá vários leque ao aluno, e eu não vou ta preso amarrado a uma coisa. Lógico que eu não acreditava todo mundo domina tudo, não é isso não. Mas eu acho que a gente pode trabalhar o coletivo. <u>O conhecimento ainda é fragmentado,</u> eu sou isso, fulano é aquilo, quando a gente puder da isso e fulano você complementa aquilo, eu vou à sua área. <u>Quando a gente conseguir trabalhar na coletividade, um grupo como os índios nesse mundo afora. [...]acho que esse conhecimento esta mais restrito, mais voltado a isso. Esse conhecimento mesmo de ensinar o menino a ler, a escrever, você acaba perdendo um pouco esse foco por que você vai ensinar a ele a ter educação,</u> como sentar. Então você acaba não é que não tem, tem, mais acaba sendo um pouco restrito. Prática docente: <u>Como o professor está inserido em fazer essa prática pedagógica, de certa forma tem que andar um pouco junto, por que a opinião do professor esta ali também na prática pedagógica.</u></p> <p><u>Conceito de conhecimento: é conhecer a estrutura da escola e as práticas pedagógicas.</u> Práticas pedagógica: Por exemplo: <u>Você vai trabalhar com um aluno e ai aquilo que você preparou não foi de encontro do que você desejou você tem que rever essas prática, vê o que está faltando, qual é realmente a necessidade de seu aluno e procurar mudar para que isso venha atingir o conhecimento do aluno.</u> Prática docente: <u>é você através da sua experiência seu dia a dia você procurar mudar. Você fez uma coisa hoje não deu certo, então você tem que despertar, pensar no que poderia ser feito, pra ser diferente e pra atingir o seu objetivo, isso pra mim é prática docente.</u> Saberes: quais são os saberes mas essenciais que tem lá na escola? O que são saberes? Conhecimento escolar e currículo: sempre <u>a gente tenta inovar e mudando para atender a clientela da gente, a gente é cobrada para segui aquilo, mas a nossa clientela cada vez que vai mudando, mudando, mudando e fica assim muito defasada,</u></p> <p>Conhecimento como você conceitua conhecimento o que é conhecimento escolar? Tem o conhecimento que a pessoa já tem de berço? E tem o conhecimento escolar também. Você quer que eu conceitue como assim? Da forma que você quiser? Como você entende o conhecimento? É de grande importância, quando você vai fazer um concurso, vai fazer uma prova de vestibular, alguma coisa, se você</p>
--	--	---	--

		<p>Sonho em ser jornalista;</p> <p>Aluna bem informada</p>	<p>não teve aquele <u>o conhecimento embutido na escola</u> <u> você não consegue realizar uma prova, um concurso,</u> <u>não trabalhou com determinado assunto, você nunca viu aquilo ali, você não tem como responder.</u></p> <p>Como você define conhecimento? <u>É uma construção a gente constrói nosso conhecimento nas relações com as pessoas, na escola, nos ambientes então conhecimento eu acho que ele é construído ao longos dos anos da sua vida,</u> porque o conhecimento que eu tinha quando eu iniciei a minha carreira, lógico que hoje eu tenho muito mais conhecimento, é uma construção que você vai adquirindo ao longo de sua vida.</p> <p>E o currículo dentro da escola? <u>O currículo eu acho ainda distante da vivência do aluno, melhorou, melhorou, muitas coisa melhorou é tanto que está aqui cultura afro, mas as pessoas fazem do currículo só conteúdo.</u> Acho que a escola ainda é conteudista. Tem aquela lista assim e a <u>universidade ainda forma professor assim.</u> Pelos cursos que eu fiz eram poucos os professores que davam além.</p> <p><u>[...] eu vejo o currículo hoje da escola, apesar que hoje ele está um pouco reformulado esta voltado mais para vida, mais buscando essa vida social que a pessoa vai ter na sociedade, mais eu acho que o currículo ele ainda foge, dessa preparação para o mercado lá fora,</u> para uma faculdade, eu vejo que ainda ta um pouco distante, deixa muita lacuna, ta muito aberto. Acho que tinha uma coisa mais fechada, ligada com o que realmente é necessário para viver lá fora.</p> <p><u>[...] você fala assim na questão de [...] eu penso nas matérias, os assuntos que nós trabalhamos com os alunos, que nós sentamos dialogamos,</u> para vermos as formas diferentes, como a gente vai fazer preparar a nossa aula dia a dia. <i>Você acha que o currículo da escola contempla toda a necessidade que tem para educação ou não ou você acha que o currículo que tem é suficiente para a formação?</i> Algumas coisas são não sei se por o tempo ser curto, e também pela falta de apoio dos pais na escola mesmo, e às vezes a gente trabalha o ano inteiro e não consegui nem conhecer os pais dos alunos e eu acho que deixa a desejar nessa questão.</p> <p>O currículo é fechado? Dizem que não, mas <u>às vezes, na prática a gente vê, as vezes condiz com a clientela, as vezes não. Seis anos que eu estou com series iniciais, primeiro fiquei com o 1ª ano que é alfabetização e quatro anos que eu estou com o 3ª ano.</u> O passado a gente pegou uma clientela e a clientela desse ano está pior de aprendizagem pior, de comportamento nem se fala. Pequeno 06 e 07 anos, desse jeito então a clientela assim cada ano é diferente, então. Até que quando que a gente ta nesse curso do PENAC que o MEC criou pra atender as series iniciais que é 1ª ano ao 3ª que é alfabetização ,que mudou não é? Que agora são 09 anos para alfabetizar, então agora atende o 1ª, 2ª, 3ª ano que é a 2ª serie a alfabetização é a 1ª e 2ª serie então esse</p>
--	--	--	---

		<p>Fez o magistério por falta de opção</p> <p>Como única opção foi tomando gosto</p> <p>Foi-se descobrindo professora</p> <p>Processualmente foi apaixonando, descobrindo e gostando de ser professora</p> <p>Decide ser professora</p> <p>Apaixona-se pelo magistério durante o curso.</p>	<p>curso atende essas 3 series iniciais. São 2 anos,começou o ano passado e vai até dezembro desse ano;então eles mandam material,tem os instrutores que trabalha com a gente não é? Agora é assim não mudou muito, não sei pra mim ficou foi pior porque os alunos não pode repetir o ano ai tem que passar,é aprovação automática só pode perder no 3ª ano,1ª e 2ª não,então os meninos chegam no 2ª ano não sabem nem o A,não conhece nem o A,não sabe fazer nem o nome e ai vai não é? Tem hora que desanima é isso. O ano passado eu acompanhei a minha turma uns dois anos 1ª e 2ª ano, mandei pra o 3ª ano; foi bom,esse ano ai eu já peguei uma turma nova não é? São os novatos de outra escola; não,não,peguei o 1ª de novo, não peguei o 1ª não que lá na escola acabou o 1ª só. [...] no 1ª ano ai o ano passado a gente acompanhou eles no 2ª ,a gente já sabia o quê que eles estavam precisando como saíram do 1ª para levar para o 2ª ai a gente já mandou preparado para o 3ª não é? Agora a gente já pegou do 1ª ano que, naquele jeito que a gente tem que botar do jeito da gente e até olha ta difícil.</p> <p><u>Qual a diferença da prática pedagógica para sua prática pedagógica,o que você faz?A gente tem que ir mesclando não é? Aproveitar o que o menino já trouxe.que ele chegou na escola com aquilo que ele aprendeu no ano anterior e trabalhar com o da gente que no caso,como esse curso ele pega a rede municipal toda então a gente já trabalha mais ou menos parecido não é? É a mesma rede,então já trabalha,cada um que cada um tem o seu jeito não é?</u></p> <p>Mas no caso os conteúdos, os objetivos tudo é trabalhado não é? Tem a orientação, tem o acompanhamento da tutora que elas visitam as escolas para ver o que a gente esta fazendo,então até na própria escola a gente começa o projeto que trabalha mais encima de projetos, seqüência didática, todas a mesma seqüência didática de acordo com a serie/ano, cada um de acordo com sua sala, a seqüência didática que elas dão, pensando de um jeito, no caso mais adiantado, um nível mais avançado, a minha sala não acompanha eu tenho que fazer o meu jeito, eu como professora ali, tenho que ver né, como é que é a minha prática,</p> <p>E o que seria o currículo, como você ver o currículo na escola?Como assim Aline? Currículo ele pode ser entendido como aquilo que se aplica a nível daquilo que se traz pra escola através de projetos, mas tudo tem haver com a formação que se quer da pra aquele aluno, como você ver esse currículo? Tem que ser um currículo bem preparado pra você conseguir preparar as crianças com todos os aspectos, vamos dizer em todos os sentidos: língua portuguesa, matemática, entre outras matérias para ter um currículo bem elaborado.</p> <p>Currículo, como é que você conceituaria para mim, currículo?Currículo são normas a ser seguidas por exemplo nós seguimos um currículo da grade de disciplinas,então currículo seria normas,normas</p>
--	--	---	---

<p>Torna-se professora no Magistério</p>	<p>Descobre-se professora no exercício da profissão</p>	<p>Experiência do estágio é decisiva no processo de tornar-se professora</p> <p>Envolveu-se com as crianças. Corre atrás dessa profissão.</p> <p>Encanta-se pelo magistério com sua primeira turma em Palmares</p> <p>Inicia-se na profissão assim que termina o magistério.</p> <p>Inicia-se como ajudante de sala.</p>	<p><u>não, regras também não, é algo a ser seguido, a ser cumprido.</u></p> <p><u>Pra mim educação é caminho, educação vai além da informação. As pessoas pregam muito educação no conhecimento formal, de livros, é importante é. Eu tenho sede de estudar, eu amo, mas eu acho que dentro de educação se não fosse esse caminho da ética, da justiça.</u></p> <p><u>Olha educação para mim ela já vem de berço, ela já vem de casa. A questão educação é o agir do sujeito, é como ele vai se relacionar com os outros, para mim isso assim vem do relacionamento casa, família, aí você vê hoje que nós chegamos na escola que nós temos que passar essa educação por que essas crianças não recebem de casa</u></p> <p><u>Educação: é algo que nos ajuda a cada dia, é um processo que a gente a cada dia a gente vai aprendendo, vai adquirindo experiência, levando nossas experiências e recebendo, fazendo uma troca de experiências.</u></p> <p><u>Educação é à base de tudo na vida do cidadão. É ao uma transformação. Em relação à educação a escola mudou muito. Os nossos pais de quando falam de quando estudaram até chegando hoje.</u></p> <p><u>Agora eu queria saber alguns conceitos que você conseguiu formular nesse tempo; você trabalha com a educação desde o magistério a sua visão sobre algumas coisas, sobre alguns conceitos por exemplo: o que é educação pra você? O que é escola? Pode ser da sua formação pessoal que você trás pra sua vida profissional, não tem que ser necessariamente um conceito formulado, acadêmico não, a sua ideia. Qual o seu conceito de educação? <u>A educação é tudo, porque a gente sabe que sem a educação a gente não é ninguém, e a gente também não faz nada não é? A gente já tem a educação que vem de berço que é a educação da nossa casa, mais a gente sabe que logo em segundo, em primeiro lugar a educação de casa? E tem a educação que é a educação da escola mesmo que senão a gente não tem visão nem de futuro, a gente não tem. E como é que você diferencia e você aproxima a educação da escola da educação da família, a algum momento que elas se encontram ou uma é uma e outra é outra? Não, assim, a principio quando a criança nasceu que ficando maiorzinha um pouquinho a gente sabe que a gente tem que da aqueles ensinamentos da casa, a educação de casa? Como se portar, por exemplo de pessoas mais velhas, o respeito, como obedecer, né? E elas tão interligadas, por quê? Porque chega na escola a criança ela vai ter que respeitar desde o porteiro, a merendeira, a zeladora e principalmente o professor? Ela tem que saber que tem uma pessoa antes dela que ela vai ter que obedecer, ela vai ter que respeitar.</u></u></p> <p><u>O é que educação para você, como você conceituaria educação? Educação para mim é uma forma de se adquirir conhecimento, tem varias</u></p>
--	---	--	---

		<p>Depois de um tempo resolve ensinar em casa (dar banca)</p>	<p><u>maneiras de se definir a educação não é? A educação que você é uma pessoa educada, mas educada com quê? Então educação para mim, é assim o que a pessoa adquirir durante os anos, pode ser uma educação escolar ou educação fora da escola, educação que já vem da família, educação que vem do seu convívio religioso essa é educação, desde quando você nasce logo nos seus primeiros anos de vida, que você vai, o que você é com a família depois o que você é com a igreja, você vai adquirir depois você vem para escola, então essa é educação que é construída eu vejo assim.</u></p> <p>E a escola, como você conceitua a escola? A escola ainda é informação, por isso eu tenho essa preocupação de fazer de cultura afro, o pensamento da ética, do amor, do olhar diferente com o outro. Eu me encontrei de cultura afro por isso, em Cultura- afro eu digo pense nisso, a história é essa, mas dentro da história o que a gente pode aprender com ele. A escola ainda é informação.</p> <p><u>Escola hoje, abraçou tanta coisa que eu acho que ela perdeu o foco de escola. Que a escola no meu ponto de vista seria para incentivar o conhecimento, conhecimentos básicos, teóricos, mas hoje escola para mim, passou a ter mais essa questão de educação.</u> De ensinar para o menino a ter limite, de ensinar para o menino o que é respeito, de ensinar o menino como ele vai se relacionar com os outros que isso para mim era papel familiar.</p> <p><u>[...] é um lugar onde você convive, com vários tipos de pessoa, com cabeças diferentes, com modo de pensar diferente, mas que a cada dia você vai aprendendo a conviver com cada uma delas.</u></p> <p><u>A escola ficou assim, hoje o menino não tem mais respeito por nada, por professor não obedece diretor. Até os próprios colegas eles não se respeitam, não tem aquele respeito entre si.</u> Tem menino que parece que está ali obrigado. Não tem aquele compromisso de estudar, de aprender, de estudar e crescer. Quando a gente dá conselho que estudar é para o futuro, que não pode parar que tem que ter até uma faculdade. Tens que fala eu venho por que minha mãe obrigada, outros que mal vai chegar no Polivalente (ginásios), <u>não pensa mais do que isso na escola.</u> Na época que eu comecei muitos alunos começaram com um intuito de aprender e depois de estudar para fazer um concurso para ser alguém. Hoje os meninos não tão nem ai, não ligam, o 2ª ano.</p> <p>Qual a sua ideia de escola, o quê que é escola, o que a escola representa? Escola representa pra mim, grandes ensinamentos, que através da escola que a criança até chegar na idade adulta, é onde a gente aprende os ensinamentos, se a pessoa não for pra uma escola ela não vai aprender, ela não ter ensinamento.</p> <p>Você não consegue conceber a criança que não passa pela a escola você quer dizer que não seria possível? Seria impossível a criança ter pra chegar a</p>
		<p>Ensinava em casa, em um turno e como prestadora de serviço em outro turno.</p>	

		<p>O amor é condição para ser professora</p> <p>Dificuldades enfrentadas como aluno rejeitá-la como professora.</p> <p>O processo de conquista fez com que a aluna que a rejeitou se identificasse com a professora</p> <p>Nos estágios inicia-se o amor pelo magistério</p>	<p>fase adulta ela precisa ter uma formação? Eu acho que ela não teria; apesar de que também tem muita gente que não passou por uma escola, essas pessoas mais velhas não é? Não tiveram condições de passar por uma escola mas que hoje elas também tem um pensamento assim até melhor do que quem passa pela a escola nos tempos de hoje, eu quero dizer assim nos tempos de hoje, porque tem muita gente de antigamente, no tempo da minha avó mesmo, minha avó ela nunca teve condição de estudar, mas hoje que ela não ta mas aqui com a gente, comigo já está com Jesus, mas quando ela estava com a gente ela tinha muitos ensinamentos que pessoas que estavam na escola não tinham, mas era no tempo de antigamente, no tempo de hoje é outra história? São mentes diferentes. E ai você fala nas questões dos valores que ela teve? É nos valores, nos valores. Em nível de conhecimento? Em nível de conhecimento.</p> <p>Agora o conceito de escola, como é que você conceituaria a escola, qual a importância, você ver uma sociedade sem escola? Eu não vejo, apesar que a família é muito importante no processo, na educação da criança, como eu te falei, desde de bebezinho tendo perto da mãe já vem essa coisa, mas <u>eu não vejo uma sociedade sem escola, apesar que tem alguns locais que eles não tem essa escola de espaço físico formal, tem uma escola mais informal, mas eu não vejo sociedade sem escola, que aqui apesar da família ter, eu sempre coloco a família como muito importante no processo porque para mim é a base, mas eu vejo aqui como a forma de aumentar o conhecimento de varias forma e do ambiente que essas crianças vivem.</u></p> <p><u>Discriminação racial é um ato de covardia, de separação de pessoas por causa de seu grupo étnico. Discriminação é uma ação você está discriminando algo que alguém está fazendo, sei lá, uma ação do outro Quando eu não aceito o outro eu já estou discriminando, quando eu escanteio o outro eu já estou discriminando.</u> o povo às vezes nem olha o que a pessoa, se é inteligente, ele olha logo, a cor da pele, discrimina logo na hora que ver, quando ver já fala <u>logo, pela cor da pele, discriminação racial é tratar mal o outro pela sua cor</u></p> <p><u>Raça e racismo: raça é a sua origem é a sua cultura. Para mim, isso é raça. O racismo já vem o desrespeito dessa cultura. E o racismo: É você não aceitar o outro como ele realmente é. E esse outro,</u></p>
--	--	--	---

		<p>Descobre-se que pode ser o que se é no processo de lutas e reivindicações</p>	<p><u>[...]Racismo é não aceitar, por exemplo não é só o racismo de cor, tem gente que se opõe ao homossexualismo,Racismo pode ser aquela pessoa que discrimina a outra pela sua cor ou pela sua cultura talvez não sei, hoje a gente ver mais por essa questão de cor.</u> Dessa sua origem, para mim esse não respeita a origem dessa cultura do outro, a forma de viver do outro, isso já entra um racismo.</p> <p><u>Discriminação é uma ação você está discriminando algo que alguém está fazendo. sei lá, uma ação do outro.</u> O que o outro está fazendo. <u>Preconceito para mim, já é nem saber o que o outro ta, qual é ação do outro, qual é o objetivo do outro e você já julgar.</u> Para mim isso já entra como um preconceito é o não conhecimento e esse julgamento. <u>Afrodescendente e o negro para mim, eu não faço essa separação não, para mim, eu não Silêncio, rrsrrs, angustia. Etnia: para mim, assim, não sei por que eu sempre, eu nunca fui de olhar cor de e pele, essa questão de pele para mim é tão[...].</u> Identidade é o que você é, a forma o jeito, sua identidade é sua forma física, sua forma de pensar, sua forma de agir, para mim, isso já te caracteriza isso é sua identidade. Estereotipo: nunca percebi outro. Como você define o que é belo e feio? <u>Belo para mim, não está nem na questão física,</u> o belo para mim está no sorriso, na pessoa ser agradável, a pessoa saber como tratar o outro, o feio para mim já é o contrario, feio para mim é a pessoa ser mal humorada, já desce no meu conceito muito. Diferença : eu acho assim <u>o diferente está mais na questão da auto-estima, o diferente é aquele menino</u> que tem mais atenção, que ele tem carinho, ele pode não ter recurso nenhum, mas se ele tem atenção e carinho ele vai se desenvolver melhor.</p> <p><u>Existe em todos os pontos,tem a desigualdade na questão financeira,na questão educacional,você ver que as vezes você leva determinado tema pra sala de aula e tem menino que ele tem tudo dentro da sua casa tem computador,tem tudo e ele vai chegar lar de forma,com um conhecimento diferente daquele que não tem,</u> a depender do assunto ele vai,aquele que não tem conhecimento de informática,de livro dessas coisas as vezes a vivencia deles só a vivencia dele o conhecimento dele é bem maior do que aquele que vive ali no naquele mundinho do livro da,que ele ta ali só na teoria,o outro já ta na prática,então assim,a <u>desigualdade existe tanto assim na questão do conhecimento, do ter o poder[...]</u> essa desigualdade a gente ver na história,que ela já vem de longo tempo (rrsrrs) de muitos anos,de quando o Brasil virou Brasil não é? <u>Então essa desigualdade ela já existe,agora eu acho assim falta um posicionamento da sociedade,eu acho que a gente precisa se posicionar melhor em termo de cobrar,em termo de conquistar,de assim,a eu não tenho eu sou coitadinho,não vou correr atrás eu quero, nessa busca,eu acho que a questão também é o posicionamento.</u> Eu não tenho mas eu vou correr atrás,eu não tenho conhecimento mas eu quero ter,eu</p>
--	--	--	--

<p>Torna-se professora em casa, no social</p>	<p>Percurso de reivindicações e lutas no processo de torna-se professora</p>	<p>Adquiriu respeito das pessoas. Afirmou-se como ser humano.</p> <p>Arrumou o primeiro emprego.</p> <p>A importância do conhecimento acadêmico. A importância do autoconhecimento no ser humano.</p>	<p>não tenho os bens mas eu vou adquirir,então essa busca.</p> <p>O negro no ensino de historia e na historiografia brasileira[...] olha pelas as <u>característica do IBGE eu me defino como parda,porque assim,é,sabe que no Brasil a gente não é puro,a gente não tem esse negocio de a eu sou branco,porque não tem, você é uma mistura,você tem uma mistura de raça?[...] mas não existe. eu não me considero branca porque eu não sou.eu sou descendente de negra,de índio né,então eu não sou branca[...] a pele é clara,mas eu não mim considero (rsrsrs) eu não sei nem pra que essa nomenclaturas ai porque um Brasil tão diverso,diversificado,eu acho que não era nem pra existir essa questão negro ou branco [...] é coisa que eu não concordo não,com essas cotas não,concordo por um lado e acabo discordando por outro[...] (rsrsrsrs) eu não concordo sabe porque Aline:eu acho assim,a educação teria que ser qualidade pra todos[...] deveria ser,então assim,minha fama de discordar é nesse sentido;e agora eu já concordo pelo o outro fato que a gente sabe que não existe essa qualidade pra todos então acaba tendo que ser necessário porque se não essa pessoas nunca vão ter acesso,então assim,eu discordo nessa questão porque tinha que ser qualidade pra todos,pra todos iguais,não tem aquele negocio de que eu sou filho de medico pra mim, tem que ser melhor,não tinha que ser iguais,todo mundo estudar junto não é?[...] existe, é claro que existe, só ai nessa questão ai você já tem,pois a qualidade não é pra todos,você já se tira a questão,material,você coloca seu filho em uma escola particular você tem uma lista de material enorme,que ali você tem que,você tem que levar esse material se não;ai você vai pra uma escola publica,aquele aluno.</u></p>
<p>Torna-se professora na universidade</p>		<p>Planejar no coletivo e individual. Opta por planejar individualmente.</p> <p>Entender o conteúdo para saber passar para o aluno;</p>	<p><u>Quando se fala de raça se fala de cor [...] eu já foco pra cores; existem vários tipos de raças,existem vários tipos de cores;então raça pra mim, é a raça negra é a raça branca; A raça negra, a raça branca, quando falava em raça já pensava em raça negra,raça preta e então pra mim raça é isso;quando você define. E o racismo: É você não aceitar o outro como ele realmente é. E esse outro, [...] Racismo é não aceitar, por exemplo não é só o racismo de cor, tem gente que se opõe ao homossexualismo, é só o branco,ou só o negro,ou só o índio como é que é? De toda as cores,tanto o índio,quanto o branco,quanto o negro isso pra mim, é racismo;as vezes você,até o negro,por que na realidade eu acho que ele queria ser daquela cor,as vezes o negro quer colocar o branco também mas de lado, não é? Porque ele foi punido então ele quer punir o outro. Então tem essas questões,tem esse racismo do branco com negro e do negro com branco não é? E esse negro às vezes queria ser? O Negro,queria ser o branco quando na realidade ele deveria se aceita como negro por que o negro na realidade pra mim, é a cor mais linda do mundo (rsrsrsr). .O que é discriminação: A palavra já</u></p>

<p>Aprendiza gens de ser professora na prática pedagógic a como professora da escola</p>	<p>A prática pedagógica como um aprendizado para o professor</p>	<p>Envolvimento com o assunto é imenso que parece conhecer os lugares dos quais fala</p> <p>Paixão por aprender e ensinar</p> <p>Sala super lotada</p> <p>Dificuldade, mas foi se encantando. Foi terrível no início por não saber como ensinar</p> <p>Um aluno que era difícil, que não tinha estrutura familiar nenhuma</p>	<p>é forte não é? Discriminar... <u>Quando eu não aceito o outro eu já estou discriminando, quando eu escanteio o outro eu já estou discriminando.</u> Você ver isso na escola marta? Vejo, vejo, entre os alunos eu vejo isso assim, <u>quando os colegas tem uma coleguinha negra eles já começam a colocar apelido; a não brinca co fulana não que fulana é negra, então eles já falam eles já tem, o mundo ta tão diferente que o povo já não tem mais respeito pelo o outro, então já fala na cara. E preconceito: <u>preconceito você fala de raça ou no geral?</u></u></p> <p>Raça: <u>como a gente sempre estudou os tipos de raça, a raça humana. [...] hoje em dia eu já vejo como raça humana.</u> Agora o racismo é uma coisa que diz com o tempo, antes no Brasil, era pior, muito tempo atrás foi muito pior, hoje já é menos mais ainda existe muito, demais, demais. Discriminação racial, classe existe. A escola de periferia retrata as práticas de discriminação. Discriminação e preconceito: Para mim é parecido, <u>a discriminação tem muito, muito mesmo, tanto social, cor, tudo, tudo, hoje a discriminação é assim, quem tem um padrão de vida melhor, é discriminado é a classe social, tudo isso, hoje ainda existe e muito.</u> Não devia existir, mais ainda existi, até que melhorou mais, no caso de faculdade particular faculdade publica, antigamente que era assim, só estudava em faculdade particular quem tinha a classe social alta, que os pais tinha condição de pagar hoje não, classe media, classe baixa, estuda consegui ingressar em uma faculdade particular, mas em tudo, <u>a discriminação hoje tem e muito, ainda existe muito, a gente na escola a gente ver muito, aquelas crianças, que tem uma aquisição mais ou menos aquelas que já são mais inferiores, são discriminados, tem uns que não tem nem o que comer, as vezes aquele que leva uma merenda, anda mais bem vestidinho, discrimina aquele, as vezes não quer em brincar, junto. E a gente que trabalha em escola de periferia a gente vê muito, ainda vê muito isso.</u> Afro descendente e negro é a mesma coisa; afrodescendente e negro: <u>é negro mainha, eu digo, esse negocio de afrodescendente, rrsrrsrs, para mim, o afrodescendente e o negro é a mesma coisa, só. Afrodescendente foi para não ficar assim tão chocante e chamar negro é a mesma coisa.</u> Identidade cada um tem a sua; Etnia: <u>o Brasil é bom porque é uma mistura, acho que acolheu tudo, a gente sabe que tem o racismo, que, que tem muita discriminação, mas é um país que abraçou todo tipo de etnia que aparecia, não tem aquela divisão que tem em certo países que a gente conhece, é dividido, eles não aceitam outras etnias, tem que ser aquela e pronto, no Brasil não, o Brasil abraça tudo.</u> Identidade: <u>cada pessoa tem que ter a sua identidade né, cada ser humano tem que ter a sua própria identidade, a pessoa não pode viver sem uma identidade, o povo às vezes nem olha o que a pessoa, se é inteligente, ele olha logo, a cor da pele, discrimina logo na hora que ver, quando ver já fala</u></p>
--	--	---	--

		<p>O aluno não se adaptava a sala e as atividades. Era difícil.</p> <p>Gostou da experiência</p> <p>Havia parceria entre as professoras, pois moravam juntas. E todas estavam iniciando no magistério</p> <p>Ir trabalhar na zona rural era uma forma de protesto a revolta que ela estava em ter que ser professora</p>	<p><u>logo, pela cor da pele, não tem aquela, não olha o que a pessoa é você já discrimina logo assim, não procura saber, conhecer a pessoa em si, no todo, só vai logo pela cor, por que acha que é mais escuro, já vai logo, discriminado, xingando, não dá oportunidade, de conhecer aquela pessoa, feio em uma pessoa não é a parte física, é o conjunto da pessoa, a pessoa ser integra, tudo isso conta, não é só o físico. Pessoas que não são amigas , colegas, companheiras, pensa só em si, não sabe Ser humilde.</u></p> <p>Conceito raça?<u>Raça são os vários povos, não é assim? A raça negra, a raça branca, quando eu era pequena que eu estudei na escola as misturas das raças, das etnias, das raças quer dizer, que se misturava uma com outra, dava índio, mameluco, eu acho que é isso ai. Você saberia diferenciar raça de etnia? Eu acho que é a mesma coisa, ou diferenciar? Eu estou na duvida. O que é discriminação racial? <u>Discriminar é você se opor a alguma situação, no caso, discriminação racial, na minha sala, eu posso citar um exemplo? O que é racismo para você? <u>Racismo é não aceitar, por exemplo não é só o racismo de cor, tem gente que se opõe ao homossexualismo, não vou conversar com aquela pessoa, já ta sendo um racismo, um preconceito. Você vê isso na escola, por exemplo? Existe racismo na escola, sempre <u>existe</u> um olha para outro e vê que não é do jeito que ele queria que fosse, ai já coloca um apelido, já que fazer bulling, sempre eu estou cortando o bulling . Não deixo acontecer na minha sala.</u></u></u></p> <p><u>É discriminar o outro pela cor como eu te falei hoje eu vejo a raça humana no geral, seres humanos e o que vai diferenciar os povos são os grupos através das características, das culturas isso e quando fala <u>discriminação racial é tratar mal o outro pela sua cor.</u> É ter um <u>conceito prévio de determinadas coisas,</u> então mesmo sem conhecer o preconceito, não sei <u>eu vejo até parecida as duas coisas, as respostas, preconceito é ter aquele conceito prévio mas assim,não gostar do outro também,por religião,pela a adversidade,pela questão do gênero, por questão social.</u>Antigamente, como eu te falei, muita coisa mudou ao longo dos anos, <u>quando falava em raça já pensava em raça negra,raça preta e hoje em dia eu já vejo como raça humana, todo mundo nós pertencemos à raça humana o que vai diferenciar é a etnia tipo, mas essa questão da etnia que é mais especifica de um povo,</u> o que vai diferenciar é a questão étnica não a raça,que eu penso que todo mundo é da raça humana mas o que diferencia é a etnia. E a etnia significa o quê? É a cultura de determinados grupos, cultura, características físicas por exemplo o Japão a cultura com as características físicas são as etnias daquele povo, penso assim hoje,nós somos raça humana,mas ai o Japão já tem as características do olho puxado,a sua cultura é outra,de alimentação de crenças.<u>Racismo pode ser aquela pessoa que discrimina a outra pela sua cor ou pela sua cultura talvez não sei, hoje a gente ver mais</u></u></p>
--	--	--	---

		<p>Aprendeu com a primeira turma. O aluno que era difícil avançou nas dificuldades e isso tornou-se um aprendizado para a professora.</p> <p>Angustia recompensada</p> <p>O aluno tornou-se o principal desafio e motivo</p>	<p><u>por essa questão de cor, foi hoje ou foi ontem eu estava vendo uma reportagem, uma menina estudante colocou na justiça, foi ontem a loja da Riachuelo-Salvador, ela se sentiu discriminada pela sua cor, porque ela disse que entrou na loja e aí o gerente ficou o tempo todo seguindo até que ela passou no caixa para pagar, quando ela saiu da loja o alarme mesmo sem o senso na peça que ela comprou que foi um biquíni, o senso alarmou quando ela saiu da loja ela se sentiu assim, que tem muitas coisas que <u>não entendo direito que é injúria racial e de racismo que eu sou leiga eu não entendi direito mas e a outra também professora mas por conta da cor, por esta bem vestida já pensa logo por ser negra é uma bandida ou uma pessoa que vai roubar ou que vai fazer alguma coisa.</u></u></p> <p><u>As desigualdades sociais são bem claras entre os alunos, o aluno que tem um padrão de vida mais elevado ele acaba querendo ser superior; e a gente precisa ter esse olhar para o outro que não tem a mesma condição, na escola existe sim, até entre os professores, aqueles que têm o padrão mais elevado e o menos elevado, Na verdade na escola negro aprendeu a se impor por que se não ele era visto também, chegaria calado e sairia calado. O negro professor ou aluno? O negro professor e aluno, mas o aluno negro ainda é retraído, é o do cantinho ainda. Na verdade os mais pobres são os negros. Por ser o mais pobre é o mais rejeitado. Essa realidade tá claro na economia também. <u>A maioria dos pobres do país vem de onde? Do negro.</u></u></p> <p>Como se enfrenta isso na escola? Eu acho que na escola a gente precisa discutir das oportunidades iguais para todos. Se hoje um fala, amanhã o outro tem o direito de falar. Eu fiquei muito feliz essa semana, Raiane uma menina muito quieta, negra, alguns pensavam que ela tinha até um problema. Quando eu cheguei à sala eu falei, eu quero que você conseguiu, compreender do assunto. Eu como que você vai estudar a pesquisa que você. <u>E quando eu ouvi Raiane apresentando lá na frente, gente para mim, foi o presente do aluno, acho que isso é dar oportunidade. Ela é uma menina que não abre a boca, ela fala baixinho. Eu vou para perto dela para ouvir ela falar. A gente tem que ter cuidado com isso Aline, que tem professor que deixa passar isso.</u></p> <p><u>Essa distinção de classe aparece na escola? Não vejo diferença de classe social na escola não, principalmente na escola pública a maioria dos alunos são todos de uma classe só. [...] na escola, nessa escola aqui eu observo que quase todo mundo tem o mesmo nível social.</u></p> <p>Deixa eu perguntar agora para você? O que viria a ser desigualdade? Para você existe desigualdade? Existe sim, a desigualdade é um não</p>
--	--	--	---

		<p>para que continuasse na profissão</p> <p>O menino passou a ser peça fundamental naquele processo</p> <p>O professor pode ajudar ou atrapalhar o aluno</p>	<p><u>se igualar com outro. Por exemplo, sempre eles estão falando na questão de aparência quando um vem com a roupinha e você percebe que a roupinha que está velha, ou suja.</u></p> <p>Desigualdade é o contrario de igual, observo que tem falado que <u>todo mudo é igual</u>,mas eu observo que <u>nós somos diferentes</u> agora devemos ser respeitado com as nossa diferenças;então a desigualdade <u>em relação a desigualdade social,as vezes a questão da cor,em um determinado trabalho você não é contratado por causa da sua cor ou porque também pela sua maneira de vestir</u> esse tipo de desigualdade que é a gente olha logo a questão de um querer ser melhor que o outro,então tem muito a questão de um <u>querer ser melhor que o outro,então sempre a parte mais fraca acaba sofrendo mais.</u></p> <p>A então você entrou na questão da classe social, o que seria a classe social e o que elas representam na escola?<u>As classes são divididas em classe média, classe A, ricos e pobres,miseráveis,e como elas apresentam na escola,nessa escola aqui eu observo que quase todo mundo tem o mesmo nível social.</u></p> <p>Aluno?<u>Aluno, quase todo mundo no mesmo nível social tem uns por aquela questão assim de renda inferior mesmo mas a maioria todo mundo é equilibrado</u></p> <p>Como são suas relações no ambiente com aluno, professores, diretores?<u>Os alunos dizem que eu sou muito dura com eles. Eu sou dura por que eu não tenho essa facilidade. Eu descobri isso quando eu fiz biodança. Eu não sei se você já ouviu falar. A biodança trabalhava varias áreas, dentro da dança, do corpo, e eu tinha muita dificuldade, no toque, no envolver. Eu vi que tinha cantos que eu não ia. Tinha momento de cada um expor uma musica cantarolar (que era muito assim, trabalhava com o corpo, sentimentos), eu não conseguia, eu não tinha uma musica minha lama não tinha uma musica. E eu acredito que aquele dia eu percebi que não tinha uma musica é por que muita coisa dentro de mim sabe (...) a biodança me deu uma sacudidela. Eu sou evangélica, você que me conheci de algum tempo, sabe que não sou aquela evangélica você que ir pra minha igreja sou assim , eu posso conversar com você sobre a bíblia e posso conversar sobre outras coisas sem o desespero que eu não vou para o inferno.</u></p> <p><u>Relacionamento com a diretora eu aprendi a me impor, por que aquilo que eu faço procurar fazer bem feito. Eles me respeitam, eu questiono. Diferente daquela Mara tímida? Quando eu lembro é diferente, era medo de falar errado, de passar vergonha.</u></p> <p><u>Eu no meu ver me relaciono muito bem,eu tenho uma abertura muito grande tanto com o aluno até direção Eu tenho uma abertura muito grande;então assim a gente fala,a gente brinca a gente rir,a gente dá aquele puxão,eu me sinto nessa abertura porque</u></p>
--	--	--	--

		<p>Questionadora, não aceita imposições.</p> <p>Participa para trabalhar melhor</p>	<p>vejo que dou essa liberdade também para eles me darem esse retorno[...] <u>é muito importante, vejo que a relação é essencial,é essencial se você não tiver um bom relacionamento você não trabalha bem,você não desenvolve bem suas atividades,então se você não tem um bom relacionamento com seu aluno você não consegue passar nada,ele não vai fixar nada,ele vai ficar o tempo todo tentando chamar a atenção de alguma forma,então eu acho que é essencial essa relação.</u></p> <p><u>A minha relação com meus colegas de trabalho eu procuro fazer a melhor possível, quando eu percebo que não dá para mim, eu procuro fugir, e agora os que me acolhem eu procuro me aproximar mais. As coisas só fluem se você estiver de bem com a vida e de bem consigo mesmo, senão fica difícil, pois já é tudo difícil. Se você não levar a vida na alegria, ai não vai mesmo.</u></p> <p>Com as colegas sim, você sempre tem uma colega que você tem mais afinidade,você conversa,desabafa pois, você vive mais na escola que em casa.</p> <p><u>sua relação com o seu aluno como é?Eu acho que é ótima que é excelente. Vocêbusca avaliar essa relação? Sempre estou avaliando, converso muito com Deus sabe? A noite tal, fico pensando oh meu Deus será que aquilo que falei para aquela criança assim quando percebo que sou mais ríspida com aquela criança será que eu não to fazendo aquilo ali aquela criança ta é se sentir tão prejudicada assim,ou então ficou triste porque eu falei com mais rispidez,mas assim também eu vou e volto,porque se eu não falar mais assim um pouquinho,não é ser grosseira é ser mais dura,se eu não for mais dura um pouquinho a criança vai acabar tomando conta de mim e tomando conta da sala. E como é sua relação com a direção da escola e com seus colegas? <u>É excelente de apoio? De apoio, todo mundo é excelente,graças a Deus falei para você dessa experiência que a gente ta trabalhando desde 2005 até agora,graças a Deus eu nunca tive um problema em escola nenhuma com ninguém,nem com o pessoal de apoio,nem com direção,muito pelo contrario,quando eu começo mim apegar com todo mundo,com o pessoal,principalmente com minhas colegas ai o ano termina e ai tem que me tira da escola pra mim colocar em outra escola,transfere ai sempre é a mesma coisa.</u></u></p> <p><u>Como é sua relação na escola, como é a sua relação com as pessoas com o ambiente escolar,com o ensino,com a aprendizagem vai interferir no seu trabalho? Como é a sua relação com o ensino e aprendizagem e o conhecimento com as crianças, como é essa relação?A minha relação no ambiente é muito boa com todos, tudo tranqüilo é claro que tem uma divergência de opinião de ideia mas é tranqüilo e na sala de aula a questão de ensino e aprendizagem,eu sou uma pessoa que me cobro muito,então eu faço uma auto avaliação,será que estou indo pelo no caminho certo,será que os meninos estão aprendendo,uma parte né? E essa</u></p>
--	--	---	--

		<p>Professores que se omitem, acomodam</p> <p>Questionou a participação em um curso que não acrescentava a sua prática</p>	<p>relação assim com as crianças eu tento fazer esse trabalho diversificado com aqueles que têm mais dificuldade para eles tentarem entender determinados assuntos que é conhecimento mais do jeito deles com as limitações que eles têm então <u>essa relação que eu tenho na sala de aula é super tranqüila com os meninos assim eles me tratam bem, eu trato eles bem também, tem uma relação harmoniosa, claro que tem horas que a gente tem que falar um pouquinho mais alto um pouco que senão se deixar assim também. E a sua relação com os seus colegas com a direção, com o pessoal da infra-estrutura, de apoio?</u> Super tranqüilo às vezes eu sou vista muito pela a diretora, ela mesma fala comigo, porque <u>às vezes eu sou muito questionadora</u>, se eu ver algo que não concordo eu falo, e tem momento que eu fico chateada comigo mesmo porque eu não consigo me controlar, se eu perceber que é algo que eu não concordo com aquele ambiente ali ou se é algo com as minhas colegas eu vou defender e para falar a minha opinião; agora se ela tenta me convencer, me mostrar uma justificativa que eu entenda que é melhor que a minha aí eu posso até aceitar, mas eu sou sempre questionadora, eu falo [...]</p> <p>Eu repetia pra mim não, eu não quero ter essa vida, eu vou ter uma vida diferente e assim a Filha Negra era eu, porque a minha mãe era negra e meu pai era branco. A filha negra era eu, as outras irmãs eram brancas, os outros irmãos negros. Como você lidava com isso? Então assim quando você me disse que a gente ia falar sobre isso <u>eu lembrei uma história das Santas que a gente recebia que minha mãe era bem católica não é, então, as brancas recebia a Santas Nossa Senhora Branca e a negra recebia a Nossa Senhora negra e eu não entendia aquilo falava meu Deus porque eu tinha que receber essa santa Preta, [rsrsrs] eu achava interessante, e aquilo também não era só interessante não era confuso e dolorido porque que eu tenho que receber a mais feia? Por que o feio.</u></p> <p>E para você era feio? Para mim era feio, porque assim, porque <u>tudo que era negro naquela época, era feio, minha mãe era uma pessoa preconceituosa</u>, eu deveria ter o que? Na minha adolescência, não que adolescência o que na minha infância, infância mesmo. Você falou que sua mãe era negra e seu pai branco.</p> <p>Mas ela <u>era preconceituosa</u>, ela <u>não gostava de negro na verdade</u>, pra ela tinha um relacionamento.</p> <p>[...]. Minha irmã mais velha tinha um <u>cabelão bonito, liso, tinha corpo de violão</u>, minha irmã a outra tinha pele clara, a outra era clara também. Quando a gente brigava sua nega, olho de biba, <u>a questão do negro era jogada como se fosse uma coisa ruim.</u></p>
--	--	--	--

	<p>Entendimento do professor sobre conhecimento, currículo, educação e escola</p>	<p>Em sua prática trata todos os alunos de modo igual</p> <p>A cultura da criança que recebe carinho é em casa, é carinhosa na escola e sente-se assim na escola</p> <p>A criança que chama atenção é carente de alguma forma</p> <p>O planejamento é coletivo, ajusta para adequar a turma</p>	<p>Mas a <u>questão do negro começava em casa</u>, por que minha mãe <u>era uma pessoa preconceituosa</u> ela nunca se aceitou como negra.</p> <p>Como você percebia isso? Por que ela declarava isso, <u>ela não gostava de negro</u>.</p> <p>Mais da parte de minha mãe eu percebia que <u>a filha negra era um problema para ela</u>, por que <u>ela já não gostava de ser negra</u> pensa ai você não gosta de ser negra e você <u>tem uma filha negra automaticamente</u> <u>vocês não vai ter chamego com essa pessoa</u>, que retrata o que você não gosta.</p> <p>E foi isso de <u>me identificar com a rejeição</u>, com essa coisa de (...). E essa identificação com essa rejeição criança surgiu por quê? De lá pela infância por ser <u>aquela menina negra, de ser diferente. Na sua família você sentiu rejeição ou não?</u> Na <u>minha família eu senti rejeição</u>. (E muito choro nesse momento). Voz tremula. Como é essa dor, foi uma dor ou algo fácil de superar? (Choro) <u>A rejeição é algo muito ruim, eu passei por um processo de (...) na igreja</u> evangélica a gente tem um momento de cura e tem o psicólogo que é preparado pra isso e depois de grande eu descobri que a <u>rejeição é pior que a dor de parir</u>. <u>Algo terrível</u>. E essas questões dos <u>menos favorecidos, do abandonado, do negro</u>, eu acho que <u>nasceu no meu coração daí</u>, eu me identifiquei ai.</p> <p>Essa rejeição na infância é algo pra você é algo mais dolorido, por que a criança se percebe como você se percebia naquele meio? Diferente! Como diferente, você não tinha deficiência física, doença contagiosa, como diferente? Por ser <u>tão diferente</u>, por exemplo, você (Aline) tem irmãs negras, na verdade quando você olha você vê iguais, como minha mãe já tinha esse processo de (...) ela deve ter sofrido alguma rejeição, meus avós eram negros, meus avós com certeza (...) os ancestrais deles eram negros africanos, <u>minha mãe era negra</u>, cabelo de “tuim”, como chamava, cabelo crespo. Mas ela (...) <u>Os meninos não, os meninos ela não tinha esse afastamento</u>, os homens todos eram negros.</p> <p>Quando chegava alguém de fora para visitar, você percebia diferença no tratamento dentro de casa? Não era algo que ela planejava fazer, que naquele período quando visita chegava à criança só vinha na sala quando os pais chamavam, se tivesse você e ela conversando e a gente apontasse lá, todo mundo se mandava, <u>na verdade era uma coisa inconsciente, era uma coisa que ela deve ter sofrido rejeição, não sei onde, não sei como</u>. <u>Que minha avó teve infância dura</u>. Quando eu lembro e ainda dói quando eu <u>lembro que eu fui tomar pé da situação</u>. Por que tem certas questões em mim que me incomoda? Por que sou assim, por que tem coisa em mim me</p>
--	---	---	--

		<p>Identifica o problema e age</p> <p>Carência de recursos nas escolas</p> <p>Limita-se a quadro, giz e voz</p> <p>Aula que dá certo tem a ver com participação do aluno e o contrario também ocorre</p>	<p>incomoda?Por que tem coisa que é tão difícil pra mim? Por que eu quero brigar por isso?</p> <p>Necessidade de reconhecimento dos esforços; negação de sua condição de pessoa negra como bonita; organização de mecanismos de defesa para ser aceita na escola. Ausência de preconceito declarado na escola; Ausência de professores negros. Dificuldade em ser uma leitora não tinha acesso à biblioteca. E na escola?<u>Na escola não tinha os ataques diretamente</u>, mas na escola tinha assim, <u>as meninas que se mais destacavam eram as meninas brancas de cabelo liso</u>, as meninas <u>mais bonitas eram as brancas de cabelo liso</u>. E as professoras eram negras, brancas?Eu não me lembro, eu tive <u>poucas professoras negras</u>. Ai era essa questão a que <u>beleza branca era endeusada</u>, ai eu tinha essa <u>consciência de que era a mais feia</u>. <u>A indução é que eu sou muito feia, é de boi;porque eu estava com o olho muito assim fixo,não sei,eu não me lembro assim;mas ai ela me marcou e eu não lembro assim,mas ai eu fiquei muito chateada com ela que eu;só isso que eu tive de ruim na minha</u>. [...] mas que eu <u>precisava desenhar tão bem quanto a outra, eu precisava me destacar e o que eu fazia eu estudava</u>,eu sempre estudei em escola publica, fui me destacando nas notas, fui estudando, fui tomando amor pelo estudo, e na minha cabeça chegou o momento eu não via mais assim que tinha que estudar pra trabalhar, <u>eu quero estudar por que eu amo</u>, por que eu gosto, e fui me descobrindo, naquela época eu não tinha condição de ser leitora, naquele período a gente morava distante, <u>de ir pra biblioteca</u>.</p> <p>Os professores na verdade tinha esse problema de <u>endeusar quem tinha a pele clara, que tinha uma aparência bonita</u>, podia ser até a que não fosse a mais bela, ou a mais sabida, mas eles acabavam [...] E como você se destacava na sala?<u>Eu estudava muito</u>, ai, por exemplo, quando tinha os papéis nas peças de teatro, as mais bonitas não conseguiam fazer, ai falava coloca Mara pra fazer. E na verdade quando a gente vai pra essa situação você acaba, eu não sei se, <u>se apoiando no outro que tem a chance, vamos sentar juntos!</u> Eu me lembro que tinha uma meninas que se destacavam não por que faziam tudo, sabia tudo mas por que eram amorosas, se destacavam, não sei. <u>E eu era uma menina até pelo comportamento elas sentavam junto, eu acabava me dando bem com ela também</u>, elas <u>tinham coisas que eu não tinha hidrocor, lápis de colorido, ela tinha padrão de vida melhor que o meu</u>, na verdade você acaba, gostava de brincar comigo, eu gostava de está perto, <u>pois eu usufruía o que elas tinham também</u>. Eu queria estudar, no inicio eu ainda pensei em fazer pra área de saúde, fazer laboratório.</p>
--	--	--	--

		<p>Conteúdo ligado a realidade do aluno</p>	<p>Você já situou uma, mas quais foram às limitações você enfrentou por essa sua condição de ser negra, nessa trajetória? Eu fui pra UFBA, passei no vestibular pra Letras, naquela época a aula era o dia todo, eu <u>não tinha condição</u>, eu tinha que trabalhar para me sustentar. Primeiro perdi o emprego por que era negra, você perdi oportunidade, sim, até hoje o negro perdi oportunidade e hoje ainda perdi. Tem as leis que hoje coloca muita gente e a temer, mas perdi sim. Mas os melhores trabalhos (...). <u>A educação eu tive que largar por que eu tinha que trabalhar</u>, eu vinha de uma família pobre e eu não ia ter a mesma facilidade que as outras colegas tinham. O olhar das pessoas, o respeito, a valorização das pessoas, eu podia ser a mais estudiosa, eu podia ser a mais inteligente, eu acho que as pessoas. <u>Ainda olha a aparência, a capa. Não olha a essência.</u></p> <p>Eu não me lembro, mas assim, vagamente, não tinha muito esse comentário de cor não; porque eu estudei em escola publica e lá tinha todo tipo de pessoas não é? Todo tipo de cor todo tipo de raça então assim , a gente não focava muito isso não,hoje que eu acho as pessoas acho que <u>antigamente as pessoas olhavam pra isso mas não diziam,e hoje já falam, fazem questão de humilhar.Você observa isso na escola como professora, entre os alunos?</u></p> <p><u>Quando eu entrei, eu era muito tímida, eu senti uma certa discriminação, por que quando eu entrei, eu fui para uma escola que na minha cidade quem freqüentava era a elite, era pública, mais quem freqüentava mais era as pessoas que os pais tinha comercio, eu me lembro que foi logo quando iniciou o processo de educação infantil, e quando eu cheguei nessa escola, eu não me lembro exatamente, quando eu cheguei a fui logo transferida para outra. Não fiquei, não estudei nessa escola.Você achou estranho? Eu,minha mãe,minha avó,ninguém comentou nada comigomas no meu interior,eu achei que houve assim,naquela época eu não sabia que era <u>discriminação</u>,hoje eu penso que foi,mas eu não lembro se esse fato foi um fato real. Qual era a década?Você era criança ainda não era?Era em 1980 por ai, 1982, 1983. Logo no inicio da década de 80? Foi.</u></p> <p>Perfeito; eu tive uma relação assim muito boa, exceto com <u>uma professora que vamos por parte, mas foi na 2ª série, marcou, marcou e hoje eu observo muito o que falo com os meus alunos por conta disso, é porque eu tenho tipo um olhão assim né,e eu sentava na frente bem como essa menina esta e eu tava bem assim olhando para ela,o nome dela é Edmunda nunca mim esqueço,estava olhando para ela e ai ela <u>teve uma fala muito dura comigo,tipo o quê que você esta olhando para mim com esse olho?A indução é que eu sou muito feia, é de boi; porque eu estava</u></u></p>
		Troca de experiência. Está aberta para passar e aprender para que o conhecimento aconteça	
		Planejamento em curto período de tempo	
		Planeja-se o mesmo conteúdo diferenciando-se só a prática	

	<p>Aula boa a criança participa. Quando o aluno não participa o professor não está atingindo seu objetivo</p> <p>Falta de assistência dos pais. Responsabilidade recai sobre a escola</p> <p>Adquire-se conhecimento</p>	<p><u>com o olho muito assim fixo,não sei.eu não me lembro assim;mas ai ela me marcou e eu não lembro assim,mas ai eu fiquei muito chateada com ela que eu;só isso que eu tive de ruim na minha.Marcou? Marcou, e quando ela me falou isso ela não era dessa cidade,ela foi embora,ela mim marcou de tal maneira que assim,um tempo depois eu fiquei sabendo que ela tinha falecido, fiquei feliz, eu não sabia assim,hoje eu sei que,mas aquele momento eu mim sentia assim sabe? Eu era criança e ela falou aquilo comigo de uma maneira que me marcou bastante mesmo, mas nas outras coisas foi tudo tranqüilo</u></p> <p>Na verdade o que eu me lembro era que <u>as crianças de periferia negra, elas eram mais relegadas, tinha uma professora branca que me lembro, na sala que eu estagiei, os alunos que aprendiam rápido, aluno de pele clara, limpinho tinha mais atenção, os alunos de periferia, negros que não tomavam banho direito que não arrumavam o cabelo direito geralmente ficam relegado.</u> Já nessa época, e aquilo eu acabava me envolvendo com eles, de botar no colo.</p> <p>Então depois que você se tornou professora, você já começou a se identificar com as crianças rejeitadas? Ai, eu me lembro de que foi <u>naquele estágio, tinha uma menina pretinha e aquela menina ia pra escola sem tomar banho, ai eu ouvia: ela fede.</u> Não e aquela menina eu me lembro que na roupa que ela pegava, <u>eu tinha que ir pra casa tomar banho.</u> Mas aquela <u>criança era muito rejeitada.</u> E as outras crianças pretas, pobres, e é <u>hipocrisia dizer que hoje essas crianças não sofrem rejeição.</u> No fundamental I Eu trabalhei desde a alfabetização até a quarta serie, no município e no Estado. Você enquanto professora percebia algum comportamento diferenciado por parte dos colegas, alunos?</p> <p>Na escola, eu acho que o povo negro, e o que eu percebi sempre como professora, ou <u>ele se retraiu ele se esconde,</u> quando eu vejo um menino muito lá no canto, <u>aquele ultimo eu gosto sempre de trazer pro meio, para frente.</u> Eu percebi ao longo de nossa educação, <u>que um quando se destaca porque é. o é o que se impõe,briguento,</u> por exemplo, na escola quem fez isso falamos: Foi Mara, então deixa ai, não por que sou o dono da verdade, mas eu vou brigar lutar.</p> <p>Quais foram as contribuições que esse seu olhar, essa sua visão deu pro seu trabalho, pro seus alunos, enquanto professora?</p> <p>Eu trabalhei no infantil e trabalhei com jovens e adultos, pra mim, foi um presente. Que jovem e adulto eu pude conversar de igual pra igual, dizer pra ele assim: apesar de , <u>apesar de negro, apesar de pobre você pode.</u> <u>Hoje encontro alunos que dizem oh Mara você me ajudou, aluno determinado, que tem</u></p>
--	--	--

		<p>Conhecimento é fragmentado</p> <p>Trabalhar o conhecimento de modo coletivo</p> <p>O conhecimento de ensinar a leitura e escrita está restrito. O professor tem focado em educar em outros sentidos</p> <p>Os professores precisam andar mais juntos em prol de uma prática melhor</p> <p>Conhecer estrutura e prática</p> <p>Observar o aluno para então agir na melhoria da prática</p> <p>Refletir a partir das experiências</p>	<p><u>uma formação, ainda lembro. A partir do momento que eu olhei pra aquele que estava lá sem consegui aprender, no momento que olhei pra aquele que era tímido demais, eu não fiquei devendo isso pra ele.</u> Mara na sua fala você diz apesar de, tem a ver com sua historia de rejeição. Houve um momento que você ficou naquele conflito existencial?Por que isso comigo? Acho que todo mundo tem isso. Por que teve que ser comigo.</p> <p>Fiz o concurso, graças a Deus fui chamada e comecei a trabalhar. Eu tenho treze anos de trabalho, e <u>na questão do relacionamento com os alunos pra mim, foi muito importante,mas teve um momento que eu achei que eu deveria fugir dali porque eu (sentir) que no meu trabalho tinha a questão de preconceito, preconceito de cor;</u> até por parte dos alunos,teve uma época que eu fui ficar no lugar de uma colega,<u>eu fui entrar em uma sala e nesse dia me deu vontade de não voltar mais para a escola;por quê um aluno fez uma critica a meu respeito sobre a cor e eu fiquei arrasada; naquele dia me deu vontade de não voltar mais.</u> Mas graças a Deus eu superei isso. <u>O aluno imitava um macaco e se referia a mim, batia no peito e emitia sons parecido ao animal.</u></p> <p>De cor, de cor, eu percebi que tinha <u>preconceito e cor.</u></p> <p>Na escola na época só existia eu de negra; Ficou forte pra mim, ai até evitava ficar próximo as colegas, porque eu percebia; até pela questão da cor eu (sentia) assim uma certa diferença das colegas <u>para comigo. Agora o que mais me chocou não foi tanto as colegas, o que mais me chocou foi o aluno.</u></p> <p>E qual foi o comportamento dele? <i>Ele queria se amostrar porque geralmente é assim: Terceiro ano;</i> Geralmente aluno quando o professor sai, que vai entrar outro, eles gostam de se aparecer, e esse fez questão de se aparecer de tal forma <u>que ele ficou dançando em minha frente fingindo que era macaco,e se eu percebi aquilo eu fiquei muito triste,eu sair dali arrasada,eu não comentei com ninguém, mas eu sair dali arrasada, se eu tivesse condição financeira eu não voltaria mais,eu não voltaria, ai eu pedi força a Deus,oh meu Deus mim dá força, eu vou vencer essa; e ai fiz o meu trabalho graças a Deus,</u> também quando a professora voltou eu dei mais graças a Deus ainda pois pude me livrar daquele menino. Você estava substituindo? Eu tava substituindo, isso, estava substituindo a tarde. O período que você ficou foi um período difícil nesse aspecto? Dificil nesse aspecto; mas também só foi um aluno que fez isso comigo, mas <u>eu fiquei assim tão triste que eu sinceramente, se eu ficasse mais tempo eu não sei se eu iria agüentar não.</u></p> <p><u>Foi a primeira vez que eu fui tão massacrada, ninguém nunca fez isso comigo. Foi esse aluno. E ai</u></p>
--	--	--	---

		<p>Conhecimento necessita ser adequado à clientela, ou seja, aos alunos</p> <p>Conhecimento de berço e escolar</p> <p>O conhecimento escolar ajuda nos concursos</p> <p>O conhecimento se constrói nas relações e ao longo da vida</p> <p>Apesar de ter melhorado o currículo é distante da realidade do aluno</p> <p>Conteudista</p> <p>A universidade não forma professora, ainda.</p> <p>O currículo está mais voltado para a vida social do que para o mercado de trabalho</p>	<p><u>foi que eu comecei a me aceitar como negra também, e essa experiência serviu,foi dolorosa? Foi,mas serviu,foi uma experiência que me fez mudar me colocar, de me achar mesmo de crê que realmente que a minha cor era negra:e que eu tinha que conviver com aquilo e que hoje graças a Deus eu sou muito feliz por ser negra.</u></p> <p><u>Observo; observo tanto e esse ano pra mim foi um choque que assim: na sala de crianças de sete a nove anos uma criança de oito anos quando eu entrei na sala depois do intervalo,um falou assim: oh “tia”,oh ele falou que a negona está chegando ai!Ai eu senti não é? Que aluno nenhum nunca mim falou assim...</u></p> <p><u>Não mudou muito assim (...) eu já não olhei, mas assim que as pessoas não aproximavam de mim por causa da minha cor</u></p> <p><u>Os colegas xinga o outro de preto, a professora interfere dizendo que não se é preto só por causa da cor. A professora avisa que quando crescer a criança vai aprender sobre isso.</u></p> <p><u>Nas series iniciais os próprios coleguinhas mais moreninho do que o outro, xinga “esse nego” Na minha sala predomina mais afro-descendente, branco é minoria. Existe igualdade na escola: ainda tem aquela diferença, no recreio, a gente percebe bastante, por mais que falam que está acabando o racismo, mas eu percebo que existe.Já estou nessa escola há seis anos, eu me dou muito bem nessa escola.</u></p> <p><u>Apelidos às vezes chamam de negro, de baleia quando é gordo, é saci, são os mais comuns assim que eles falam. Na minha sala eu não vejo esse problema (de cor) eu vejo problema assim, não relacionado à cor, eu vejo relacionado à aparência, com animais, com essas coisas. Tem um menino lá mesmo que os meninos chamam de Quati, pela essa relação que eles acham que parece, a família já colocou isso que parece e ai fez essa relação dele com o Quati, e eu estou tentando mudar isso na sala. [...] ele é baixinho, ele gordinho e ele é pretinho, então geralmente surgiu</u></p> <p><u>Como você descreveria fisicamente para mim esse menino para mim que não o conheço? Ele é um menino aparentemente normal, normal assim sem deficiência, ele é de uma pele morena, moreno claro, eu não vejo nada assim, eu não sei por que essa relação com animal, por que ele não tem defeito nenhuma, ele não tem imperfeição nenhuma, que você fale assim, por que eu sei que os animais também não tem, mais assim para ter essa comparação por que as vezes tem menino que nasce com olho diferente, e ele não tem nada de diferente para ter essa relação e assim na sala, eu não vejo assim em relação a cor,não vejo preconceito em relação a cor não sei se é uma questão também que</u></p>
--	--	--	--

		<p>Currículo são as matérias, conteúdos</p> <p>O currículo às vezes condiz com os alunos, outras não.</p>	<p>eu passo né essa, se é o meu ponto de vista de eu passar para eles, ou se é deles mesmo. Não consigo perceber isso ai.</p> <p>Essa criança quando é chamada assim? Eu acho que está tão natural, na vida dela, que foi desde pequena, desde novinha, já veio de casa com esse apelido. Então para ele... agora assim eu acho que traz algum transtorno! Pelo fato assim, <u>o menino ele não consegue se desenvolver na leitura, na linguagem, na escrita, então para mim, já acarreta tudo isso, já vem disso ai.</u></p> <p>Você vê algum tipo de racismo, preconceito e ou discriminação na escola?<u>Eu acho que sempre tem, sempre existe,que é um deficiente físico, que inclusive eu tenho um deficiente físico, que ele tem um bracinho menor e uma perna menor viradinha para traz, e os meninos sempre falavam muito dele.</u> Então de tanto trabalhar com eles, relacionado a isso, eu comecei a colocar esse menino lá em cima, que não é por que ele tem a deficiência, ai comecei a comparar, comparar assim, que ele tem uma deficiência física, mais ele corre melhor do que nós que temos as duas pernas perfeitas, comecei a colocar eles a ter essa visão, então nunca deixa de existir, agora eu vejo com uma proporção menor.</p> <p>No mundo que a gente vive hoje, existe muito, muito, muito mesmo <u>se você entra bem vestida em uma loja você é bem tratado se você entra mal vestido você já não é bem tratado, então eu já sentir isso na pele, aqui em Itapetinga, eu já sentir isso.</u> Então assim, hoje são lojas que eu não entro. Não entro mais, pode está a promoção que for eu não entro. <u>Por que se você for bem vestida você é tratada de uma forma se você não está bem vestida você é tratado de outra forma. Como você percebeu essa distinção no tratamento? A aproximação ao vim atender, quando você está bem vestido o vir atender são dois três de uma vez, quando você não está bem atendida você precisa chamar.</u> E esse bem vestido você poderia definir como? <u>Esta com uma bolsa arrumada, um sapato arrumado, esta com o cabelo bem escovado,. O mal vestido você está com uma rasteirinha, está de camisetinha de shorts uma coisa assim. Existe preconceito de classe: você vê que existe se eu for para a escola com o carro mais novo, tinha chegou no carrão, se eu vou no carro do trabalho (do meu marido) vixe, como é que você veio em um carro desse?</u></p> <p>[...] existe não é,você sabe que existe[...] <u>o caso do menino né que eu falei foi uma forma de racismo agora assim:eu vejo hoje menos do que antes,eu não sei se também as pessoas a cobrar mais né esse respeito,mas pelo menos no ambiente onde eu vivo eu vejo isso menos[...] trazem,trazem eles trazem,oh o que tudo que eles verem eles trazem né, isso chega,isso chega,agora é aquela questão é...eu acho que a questão ela vai aflorando se você não dê a oportunidade pra que essa discussão na sala de aula,por exemplo: chega um discussão dessa do</u></p>
--	--	---	--

<p>Conceito de conhecimento</p>	<p>O professor deve aproveitar do que o aluno sabe</p> <p>A rede trabalha cada um ao seu jeito</p>	<p><u>macaco, a fulano é macaco,mas porque? Então vamos discute aqui porque que ele é macaco? E ai trazer mesmo a essa discussão, eu acho que a partir do momento que você faz essa discussão isso acaba deixando um pouco o outro intimidado,aquele que levantou,ele vai acabar um pouco intimidado,então você acaba podando ali,se você não falar nada isso ai só vai crescer essa questão vai crescer</u></p> <p><u>Na minha sala mesmo de manhã, aquele menino que eu falei para você aquela hora, que ele errou uma questão e tal e ele conversou comigo, e ficou chateado: ele é baixinho, ele gordinho e ele é pretinho, então geralmente surgiu na sala alguém falando alguma coisa, fulano assim tal, a você é gordinho, a menino fica quieto seu negrinho, eu fico muito chateada. Isso acontece? Isso acontece e acontece muito. A maioria dos meninos tem a cor parda, mas tem sempre brancos, negros. O que seria negro, pardo e branco? Negro a cor e você olha e você sabe que é uma pessoa negra, que no caso a gente fala hoje afro.</u></p> <p>Você pode citar algum exemplo que já ocorreu?</p> <p>Vários, <u>tenho observado que às vezes o negro, a própria criança negra ela fala de forma racista com o outro que é negro ela não tem ainda essa consciência que por exemplo, ele é da mesma cor; tenho observado aqui que muitas crianças só ouvem esse negrinho, mas ele mesmo é negro e ele aponta o outro como negrinho de forma assim a fala é de forma grosseira que machuca, que ofende,não é aquele negrinho que tem muita gente que é apelido,é aquele negrinho porque é negro,ele mesmo não tem ainda a consciência que ele é negro,que ele para ser respeitado ele precisa também respeitar o colega o outro eu tenho observado isso na minha sala. É só na cor da pele? <u>Cabelo aponta</u> muito assim, <u>nega do cabelo duro</u>, oh sua negra do cabelo duro e é como forma de xingamento entendeu, negra do cabelo duro, tenho observado isso também e outras coisas além da cor, já teve situações de ficar apontando o nariz da criança porque é um pouquinho aberto que é outra coisa</u></p> <p>Teve uma coisa que me marcou, quando eu trabalhei numa escola famosa em Salvador. Quando eu levei meu currículo, os cursos que eu tinha, a mulher viu meus estágios e disse: você é a pessoa que eu quero. Em Ondina, uma escola de destaque. Ai uma professora (...) Eram filhos de médicos, dentistas.Iam fazer umas mudanças, alguém ia sair da escola. Ai uma mãe, muito tempo depois eu soube que uma mãe falou para diretora: que ela <u>não queria o filho dela estudando com uma mulher negra</u>. O que eu me lembro, o mais interessante, <u>aquela mulher não era branca</u>, era estilo a mulata, mas ela não queria, era advogada. Entre uma colega que não tinha as mesmas competências, a mesma formação que eu</p>
---------------------------------	--	---

		<p>O currículo precisa ser bem preparado</p> <p>Currículo são normas, a grade de disciplinas deve ser cumprida</p> <p>Educação é além da informação.</p> <p>O conhecimento dos livros é importante</p> <p>A ética e a justiça indissociável da educação</p> <p>Educação vem de berço está ligada as relações com os outros</p> <p>Educação é um processo, adquire-se todos os dias.</p> <p>Educação é base e é transformação</p>	<p>tinha, fazia loucuras, ela ficou. Tempo depois ela foi tirada da escola, pois foi pega dando “umas xeledadas num menino”. <u>Eu perdi o emprego por que eu era professora negra [...] fui até no comércio procurar emprego mas eu (sentir) porque eu era negra as portas não se abriram para mim,[...] e a de pele clara mesmo não tendo a mesma competência, mesma formação que eu tinha ela ficou. Isso em escola particular. [...]oh meu Deus se eu fosse de outra cor se eu fosse bonita (rsrsrs) até que eu iria conseguir, mas eu não consegui.</u></p> <p>Depois da formatura fiquei um tempo sem trabalhar não conseguir <u>emprego era muito difícil, inclusive fui até no comércio procurar emprego mas eu (sentir) porque eu era negra as portas não se abriram para mim,foi difícil teve dia que eu voltei assim tão triste que eu falei assim: oh meu Deus se eu fosse de outra cor se eu fosse bonita (rsrsrs) até que eu iria conseguir mas eu não consegui.</u> E ai minha prima ensinava o Mobral na época, ela conseguiu pra mim uma vaga pra que eu fosse ensinar o Mobral, ai eu trabalhei um ano com Mobral, ela também estava trabalhando com a educação infantil ela teve que fazer uma operação e mim colocou no lugar dela ai eu trabalhei também um ano, no lugar dela. Gostei do meu trabalho, gostei de trabalhar com as aquelas crianças, crianças carentes, carinhosas,eu achei que foi muito bom. Ai fiquei muito tempo também desempregada depois eu conseguir ser chamada para trabalhar na zona rural, com muita dificuldade mas fui,no inicio não foi fácil “você ficar fora de sua casa,você ter que ensinar” e, ainda na época na casa não tinha água encanada nós tínhamos que pegar água no “carro pipa” pra encher o tanque da casa. Foi complicado mas na questão do ensino eu me adaptei,era tudo que eu queria,eu achei ótimo. Depois eu fiz o concurso e [...]</p> <p>Eu tive uma <u>amiga Fátima</u>, ela era uma pessoa linda, psicóloga, classe média alta, mas <u>ela me tratava deigual pra igual</u>, ele me fez assim ver o <u>respeito que eu podia ter das pessoas</u>. Ela não me olhava como a filha da lavadeira, <u>ela brigava com a mãe dela, que a mãe dela era rica, a mãe dela dizia assim a minha filha você tem que ter amigas do seu nível</u>. Fátima dizia assim ela é do meu nível capaz de amar como eu amo capaz de enxergar como eu enxergo, Fátima era uma pessoa linda. Acho que se eu tivesse ficado aqui em Itapetinga, <u>se eu tivesse ficado com minha família eu tinha sido só mais uma negrinha</u>. Mais quando surgiu a oportunidade quer tentar eu não hesitei. Educação é um caminho, surgiu e vamos ver como é que é eu não sei o que vai dá. Agente viu como as pessoas te olharam diferente por que você foi fazer o mestrado.</p> <p><i>Porque era tão ruim ser negro? Você tem essa noção hoje? Hoje eu tenho a noção; por que a gente</i></p>
--	--	--	---

		<p>A educação escolar possibilita ter visão de futuro</p>	<p><u>era mais discriminado e as pessoas às vezes não davamnem muito credito pra gente justamente pela questão da cor. Hoje eu tenho essa convicção, antes não, mas hoje eu tenho. Eu não entendia isso, hoje eu já entendo.</u> Assim mesmo eu tenho uma prima que ela é um pouco mais clara, ela é clara, <u>ela é branca e eu percebia o tratamento das pessoas com ela e o tratamento diferenciado comigo.</u></p> <p><i>Nossa e quando você diz assim: enfrentar, porque ser negra é algo que necessita ser enfrentado? Precisa, assim... Não é algo tão fácil, não é natural ser negra? Não é uma coisa...não é como ser branca? Eu acredito que pra mim não, porque as pessoas hoje elas olham muito pra isso, elas vivem muito o preconceito, elas acham que a cor faz com que o outro seja diferente quando na realidade todos nós somos iguais.</i></p> <p><i>Marta porque é tão difícil para as crianças e para as pessoas de modo geral dizerem que é negra?Porque é um impacto quando você assim. Por que a sociedade visualiza mais o branco, o branquinho é mais importante, o branquinho que pode, o branquinho é que chega longe, você que é negro você não vai conseguir, não adianta.</i></p> <p>A criança apropriou-se do ensinamento da mãe, chamando a colega de aquela afro; causando o constrangimento para a propria mãe [...] e ai eu fui para reunião com ela, a reunião da escola, e quem estava na reunião Lara mais a mãe e ai e ela me futucou, mãe essa aqui é minha colega Lara, aquela que eu te falei, aquela afro, olha Aline eu fiquei tão envergonhada eu não sabia se eu a reclamava, eu fiz de conta que não era comigo. Ai eu disse ta Ana eu já percebi eu já vi que Lara está aqui, oi Lara tudo bom, e hoje Lara é a melhor amiga dela, da minha filha, eu a amo também de paixão, não sai da minha casa.</p> <p><u>Geralmente ela vem toda despenteada, um cabelinho dela é assim bem crespo, ai ela vem com o cabelo assanhado, as vezes eu fico como essa menina está desse jeito, ta parecendo um leão. Eu não sou muito de andar bem vestida, meu cabelo é ruim mesmo[...] eu sempre estou acalmando os ânimos, falando para não falar daquele jeito.</u></p> <p><i>Você no decorrer da sua historia você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação? Eu não sou muito de andar bem vestida, meu cabelo é ruim mesmo e eu não sou de anda em salão essas coisas e ai você observa falas relacionadas a determinadas coisas, cabelo, assim coisa mas pessoal mesmo que eu podia me cuidar mais que o meu cabelo podia ser,entendeu? Esse tipo de coisa assim.Esses dias atrás mesmo eu tinha decidido que não ia passar mais alisante em meu cabelo,não ia passar nada,eu ia assumir o meu cabelo ai eu fiquei um período assumir,mas ai a cobrança foi muito “a não seu cabelo ta ruim demais” tanto em casa quanto dos colegas,a não da não,não da para assumir cabelo</i></p>
		<p>Educação é uma forma de adquirir conhecimento</p>	
		<p>Educação é construída</p>	

<p>Conceito de currículo</p>		<p>Escola como sinônimo de informação.</p> <p>Escola perdeu o foco, assume muita responsabilidade. A escola deveria focar no conhecimento, mas preocupa-se mais com a educação relacionada a comportamento</p> <p>Lugar onde se convive muita gente</p> <p>Na escola o aluno não obedece</p> <p>Escola lugar de ensinamento</p>	<p><u>não, porque é muito alto, esse tipo de coisa. A pressão social foi muito forte? Então ai eu tive que ceder, ai tava tentando deixar ele cortei que ele já tava um pouco grande , cortei um pouco mais corto para poder tirar a química mas ai não agüentei tive que voltar porque foi uma pressão grande, foi muita pressão para poder , que tava feio mesmo né, e que era melhor eu relaxar e fazer ficar mais baixinho mas eu queria mesmo assumir meu cabelo para ele ficar do jeito que ele é mesmo mas não tem condições, é muita pressão.</u></p> <p><u>Com Raísa era branca, cabelo liso, e às vezes as pessoas pensava que eu era a babá de Raísa e isso me incomodava. Quando eu fui mexer nisso tinha coisas além do que eu imaginava. Que coisas seriam essas? Por exemplo, esse sentimento de tristeza, quando o povo falava: ela é sua filha de verdade? Até hoje o povo pergunta isso, hoje não me abala mais não. Quando eu lembro da rejeição da minha mãe era por que isso foi uma infância. agente morre com isso. Não adianta a gente fingir. Minha mãe era dura, muito dura com a gente. Mas na questão do amor, ela trava os filhos dentro da possibilidade dela de iguais. Agora mostrava as preferências que ela tinha. E eu vejo isso que é comum a muitas mulheres</u></p> <p><u>Constrangimento com a filha pequena que descreveu a melhor amiga como pretinha; ela pede perdão a Deus por não ter ensinado a filha. Diz que a filha foi racista por chamar a colega de pretinha; senti-se melhor por ensinar a filha a chamar a colega de afro; Deus não faz acepção de pessoas com base nos conhecimentos bíblicos. _ela fazia jardim I, estuda na escola Adventista, , mãe minha colega Lara, eu sem saber quem era essa colega, mãe é Lara aquela minha colega, eu de tanto ela falar da colega, eu insistir para perguntar como é essa colega sua Ana que eu não estou lembrando e ela é aquela pretinha, eu mesmo pedi perdão a Deus, porque eu não tinha explicado para ela, eu oh Ana não é assim que fala aquela pretinha, por que você já está sendo racista, eu achei no ponto de vista dela. Ai falei oh Ana você tem que falar minha colega Lara aquela afro, para você não está discriminando assim, pretinha, negrinha, eu acho que você está discriminando, você está se opondo só por causa da cor, e a gente sabe que Deus não faz acepção de pessoas, e a gente com esse conceito bíblico, a gente sabe que não existe isso,[...].</u></p>
------------------------------	--	---	---

		<p>Só se aprende na escola</p> <p>Apesar de saber que existe, não concebe uma sociedade sem escola</p> <p>A escola é uma forma de aumentar o conhecimento</p>	<p>Mara professora negra. <u>Eu sou um ser humano determinado, corajosa</u>. Não sei se amada por que algumas pessoas que não me entende meu jeito de ser. Mas feliz. <u>Foi um processo e continua sendo, tem dia que eu choro, sofro, mas</u>. Aline eu acho que a gente nunca deve deixar os outros nos humilhar. Pois <u>quando você é humilhado é rejeitado você a tendência a baixar a cabeça, você tem a tendência de escravizar</u>. As pessoas me perguntam por que você é assim tão ousada? Eu estou sempre na defensiva.</p> <p>Como você conseguiu superar isso?<u>Por insistência porque também insistir por pura necessidade; porque eu precisava daquele emprego, eu precisava daquele dinheiro então eu não poderia correr, então eu pedir forças a Deus. Então você percebia que existia preconceito de cor?</u></p> <p>Não nem sempre foi, nem sempre foi assim, você se considerar negra, eu tive essa mania porque <u>antigamente quando a gente fazia o registro tinha lá parda ai eu me sentia não é? Eu mim, achava como parda</u>, mas hoje eu descobri que eu sou negra e mim assumo como negra. <u>É eu não me considerava negra, então pra mim, foi um choque</u>. Foi um choque, porque eu mim achava, <u>eu achava assim por eu ter cabelo mole eu acha que por isso que eu era parda, eu pensava assim: é por isso que colocaram que eu sou parda; eu não pensei assim, nem na questão da cor da pele, mas eu fui pelo o cabelo equando o menino fez aquilo pra eu sentir que eu era negra (rsrsrsrs) foi um choque tão grande</u>.</p> <p>Do estágio, do estágio não, na substituição; mas depois meus alunos são tão amáveis comigo, assim nosso relacionamento. [...] Sempre foram, e pra mim <u>foi um choque porque é uma criança pequena, dessa idade com oito anos falar assim... no momento eu fiquei com tanta raiva, com tanta raiva que se eu demorasse perto eu tinha sacudido aquele menino; Olhei nos olhos dele e falei assim: olha, amanhã eu quero que sua mãe vem com você pra gente conversar. Eu fiquei assim: exaltada com ele</u>, mas ai depois quando eu cheguei em casa eu fui pensar direitinho, "falei": meu Deus do céu porque eu fiquei assim? Por que eu agir dessa forma? Por que isso me balançou tanto? <u>Mas ai eu fui parar pra pensar, eu " falei": ele é ainda uma criança, ele tem oito anos, eu vou por outro caminho; eu vou agora fazer um projeto; pensei em um projeto e fui trabalhar com menina bonita do laço de fita, já cheguei "armada" na segunda-feira, (rsrsrsrs) já com o projeto pronto, com slides, com musicas, e trabalhei com eles, e eles fizeram um painel, é assim... e eu sentir que com isso foi tão gratificante pra mim, eu cresci, eu sei que aquele menino cresceu; hoje ele me dá aquele abraço tão carinhoso; tem uma menina</u></p>
--	--	---	---

		<p>Discriminar é agir com covardia, segregar</p> <p>Raça é origem; racismo é desrespeito da cultura e da origem</p> <p>Discriminar é uma ação com o outro</p> <p>Preconceito é julgar</p> <p>Negro e afro descendente são os mesmos</p> <p>Beleza não está ligada a questão física</p>	<p><u>branquinha que ela fica,falou pra mim que ela ta tomando banho,"tia" eu to tomando não sei quantos banhos por dia que eu quero ficar assim da sua cor,eu quero ficar da sua cor;eu vou tomar café pra eu ficar da sua cor. Depois do projeto. Então é o que ela mais fala;ela me abraças todos os dias aquele abraço carinhoso aquela coisa de criança que você sabe que é verdadeiro,abraça e fala assim: <u>ai "tia" eu queria tanto ser de sua cor...o eu fiquei assim...sabe? Teve momentos [...].que eu chorei, chorei de alegria ao ver que aquele projeto que eu fiz que eu trabalhei com eles ali teve rendimento. Foi a primeira vez;e eu me sentir muito fez porque eu me sentir sabia, eu me sentir sabia,porque se fosse em outro momento eu teria feito acho que assim...pedido a diretora pra colocar o menino de castigo e eu não fiz isso,eu vir pra casa e fui pensar,"falei meu Deus tem que ter alguma coisa,alguma forma pra mudar e ai surgiu a ideia,vamos fazer aqui um projeto menina bonita do laço de fita; <u>Às vezes eu peço a coordenadora para tirar ela da sala, vou lá, a coordenadora chama ela, leva um pouquinho para lá para eu ter uma conversa</u> e depois nós formamos um painel,eu pedir para eles levarem gravuras de crianças de todas as cores e eles levaram muitas gravuras de crianças negras,e o que mais eles queriam levar,as fotos que eles mais levaram foi da menina bonita do laço de fita,onde eles encontravam nos livros eles recortavam e levavam,oh "tia" que lindo,que lindo e ai ficou assim,então hoje eu tenho aproximação com essa criança,essa criança é carinhosa comigo e eu com ele.<i>E você fez...você,por que em primeiro momento você ficou tentando descobrir de quem era a culpa daquilo não é? E assim:muitas pessoas dizem que é dos pais,isso,não é? Mas você não fez isso?Não,não,eu não fiz.</i></u></u></p> <p><i>Você assumiu a responsabilidade nessa história?</i><u>Sim;eu falei eu vou mudar o pensamento dessa criança. E ai nós cantamos canções que falavam que nós somos da mesma cor,não não,nós somos de cores diferentes mas nós temos o sangue da mesma cor. E foi assim sabe? Eles queriam cantar,sempre cantar uma canção,"tia" vamos cantar as canções da menina bonita do laço de fita?</u></p> <p><i>Ele nunca vai esquecer esse projeto?</i><u>É, e esse projeto eu acho que eles estão sempre pensando porque volta e meia eles estão falando. (rsrsrsrsr) e assim o painel era assim:a mensagem que tinha no painel era "viva a diferença". <i>Oh marta e eu vou aproveitar para te perguntar: a escola,ela se omite dessa obrigação dela?Com certeza. Esse seu projeto, olha estou dizendo seu projeto,que não deveria ser assim não é Marta? Deveria ser da escola não é?</i>Esse seu projeto ele pode contribuir e muito pra mudar essa práticas na escola; que existem práticas de discriminação na escola então? Com certeza,com certeza tem</u></p>
--	--	--	---

		<p>Diferente tem a ver com auto-estima</p> <p>Existe desigualdade financeira, educacional</p> <p>Desigualdade existe relacionada a conhecimento e poder</p> <p>Existe desigualdade e falta posicionamento da sociedade</p> <p>Questão de ser coitado é posicionamento</p> <p>Declara-se parda</p>	<p><i>Entre os colegas? E essa sua sutileza de perceber, de ter te tocado tanto. Você conseguiu responder pra você porque te tocou tanto essa forma que ele tratou, você conseguiu? <u>Consegui sim, porque eu sei que ele agiu assim foi por que ele não tem conhecimento. Então eu acredito que ele vive no lugar onde as pessoas tem esse preconceito, então a criança é o que ele vive; alguma coisa tem lá atrás; eu não sei o que é, mas alguma coisa tem. Então logo ali no momento tem que conversar às vezes já vem de casa essa atitude com o colega de cor não é? Então já vê em casa já ouvi, lá na rua, então a gente tem que conversar que as vezes em casa não tem assim essa conversa, os pais não falam, não E você poderia definir essa criança como o quê: branca, parda, afro-descendente, negra? Eu posso dizer que é parda; Então ele vive esse próprio conflito? <u>É, ele vive esse próprio conflito. E que esse projeto de fato, a gente não sabe não é, o peso, mas a longo prazo pode trazer conseqüências positivas para a vida dessa criança, porque ela vai aprender a respeitar o que é diferente e o que é diferente é bonito, então é bonito também não é? Por que a gente acha que só o que é bonito é o que é igual aos padrões não é? E ai as crianças ficaram apaixonadas? Ficaram apaixonadas, e todo mundo queria participar, todo mundo queria colaborar, todo mundo queria ver sua gravura que trouxe de casa, eu quero ver a minha ai “tia”; cadê a minha? E ele passaram assim muito tempo umas duas semanas que eu deixei lá o painel exposto, eles passaram essas duas semanas todos os dias tocando olha aqui que minha, aqui a minha aqui. Oh marta qual a importância, porque você falou que ele tem oito anos, então ele esta em que ano? Ele ta no terceiro ano Terceiro ano que é a segunda serie não é? É segunda serie</u></u></i></p> <p><i>E que é de fato onde a minha pesquisa se enquadra; essa formação nessa faixa etária de idade é importante por quê? Você acredita que com oito anos ele ter tido essa formação que você deu por meio desse projeto? Porque é tão importante?</i> <u>Eu acredito assim, que com esta formação o que ele antes achava que era feio hoje ele acha belo. E com isso de agora pra frente à tendência dele é só crescer, ele vai nortendo o caminho dele, ele vai sempre conquistando coisas mais e observando que apesar de sermos diferentes nós somos iguais, nós somos filhos de um só criador. Pra mim Aline isso foi muito importante, e eu fiquei muito feliz, muito feliz mesmo com esse trabalho, fiquei muito feliz.</u></p> <p><i>Isso tem quanto tempo Marta, você acha desde o nível superior?</i> <u>Antes do nível superior... deve ter uns seis anos ou oito anos mais ou menos. na verdade ele te auto declarou negra antes de você... Antes de eu acreditar que era negra, antes deu crer, tomar posse de que a minha cor era negra... Então você não viu isso como uma coisa invasiva dele como uma coisa negativa? Não, não, pra mim foi, um crescimento muito importante; então a partir daquele</u></p>
--	--	---	---

		<p>No Brasil a gente não é puro; declara-se descendente de negro; índio e branco</p> <p>Não sabe para que essa nomenclatura branco, negro, pardo se o Brasil é diverso. Acredita que não era para existir isso. Não concordo com cotas.</p> <p>A educação teria que ser de qualidade</p> <p>Raça e cor estão interligadas</p> <p>Raça é quando você se define branco ou negro</p> <p>Racismo é não aceitar o outro</p>	<p><u>momento, hoje eu falo pra os meus alunos sou cem por cento negra, e tem meninos que falam assim comigo, eu não sei se é por carinho ou por... "tia" a senhora não é negra não que o seu cabelo é bom.</u> Eles falam isso pra mim, eu falo não, eu sou negra sim, eu sou negra e uma negra linda, é assim que eu digo (rsrsrs).</p> <p><u>Eu acredito que eu quebro essa barreira que existe dentro deles que também já existiu dentro de mim. Existiu muito tempo, desde pequena, então eu vim me definir como negra, depois que eu estava lecionando, quando eu digo assim eu sou negra eu estou ajudando o meu aluno a se encontrar, a se definir o que realmente ele é. Tem que ser trabalhada viu, tem que ser trabalhado, porque a criança tem que estar de pequeninha, como a gente fala tem que estar a par de todos os assuntos pra quando chegar lá na frente ela aprender até respeitar, ter o respeito com o próximo como eu te falei, tem que ser trabalhado. É um processo demorado (pelo que eu vi), não tão prazeroso, doloroso? Muito doloroso, mas quando você se encontra realmente você senti que é prazer.</u></p> <p><u>Com relação essa lei 10639/2003 no ginásio ela já uma disciplina [...] como você isso? Eu acredito que isso é muito gratificante esse ensino de história e cultura afro é realmente para incentivar as crianças para que eles possam se conhecer e ter a oportunidade de conviver com o outro, conviver com as diferenças e saber valorizar essas diferenças. Isso para mim é muito importante. Acho que trabalhando história e cultura afro nas escolas, começar de pequenininho, você mostrando, que um tem que respeitar o outro, que não é por que o outro é diferente a gente não vai respeitar, acho que de pequenininho você começar mostrar para a criança que o outro é diferente mais você tem que respeitar ele do jeito que ele é, eles vão se tornar adultos, com a mente mais, mais formada sobre aquela situação</u></p> <p><u>Diferentes estereótipos como você age:</u> Eu estou pronta para passar o sermão, eu paro a minha aula para conversar sobre esse assunto, eu percebo e aí eu vou conversar com eles. <u>Já aconteceu sim e eu parei para dizer que somos da mesma raça e temos um único Deus que nos ama, somos feita dele e nós não sabemos nem qual é a cor de Deus. Já parei para conversar muito sobre isso. Aconteceu já chama, não deixo para depois não, meu negócio é na hora, meu pavio é curto. Eu chamo a atenção de imediato e vou conversar com aquele que fez a discriminação com o colega, e vou explicar para ele que não é desse jeito, que a gente tem que respeitar o próximo eu falei não olha o seu cabelo, seu cabelo não é liso (rsrsrsrsr), falei bem assim. Não só é preto por causa da cor da pele não é sim tia, depois você vai aprender isso, mas não é não, não só por que ele é mais escuro na pele do que você que ele é preto e você é branco não, e todos nós, eles não entendem eu não posso está explicando muito, todos nós somos pretos, nós temos sangue é nosso Brasil, você vai aprender isso quando</u></p>
--	--	--	--

<p>Conceito de educação</p>	<p>O negro queria ser branco</p> <p>Discriminar é escantear o outro</p> <p>Colocam apelido na colega negra</p> <p>Raça humana. O racismo se diz com o tempo. O racismo no Brasil já foi pior</p> <p>Discriminação tem a ver com cor; padrão de vida; classe social</p>	<p><u>youê crescer. [...] no caso os meus como são pequenos eu já interfiro e como o entender deles não é tanto,tenho que explicar nesse momento tenho que falar o porque daquela palavra,o porque falar assim com o colega não é? <i>Seu carisma [...] Mas acontece de um aluno está escanteado na sua sala [...]</i></u> <u>Comigo nunca percebi isso [...]</u> <u><i>Existe alguma forma que possa contribuir para acabar com o racismo [...]</i></u> Eu acredito assim que <u>o professor não deve trabalhar preconceito não só como projeto, mas no seu dia a dia, aproveitar cada situação para ajudar, ajudar ao aluno a melhorar seu conhecimento, a sua postura em relação ao preconceito, só lembra no dia, não trabalha o ano todo;só nas datas,quando chega na data 20 de Novembro não é? Ai vai falar do negro e vai como se fosse mais uma data comemorativa e não deveria ser tinha que trabalhar era durante o ano todinho no cotidiano não é? Ta ali trabalhando com a criança.</u> <u>Tudo que você chama atenção de seu aluno alguma coisa fica, você plantou a semente, ela pode não nascer naquele dia, naquele momento, mais futuramente ela vai germinar. Eles vão contar para os pais, a professora falou assim, assim. O professor tem um papel muito grande, por que além de você ensinar o menino, passar aquilo pro menino o menino vai passar para os pais, e de uma forma ou de outra os pais vão acordar para isso é muito importante.</u> <u>Por que as crianças devem se incomodar quando alguém o ofende:Eu não acho que ele deve colocar dentro de si e guardar para ele, para que isso não vire uma doença, mas ele tem que falar sim, se alguém fez alguma coisa comigo eu tenho que dizer, é como quando alguém leva um corte tem que gritar, alguém te magoou com palavras tem que falar.</u> <u><i>Então essa questão de se impor e de se respeitar agora você já tinha conquistado. E que te deu essa segurança?</i></u> Aline, às vezes até nós negras, digo por mim, as vezes até nós somos preconceituosos com nós mesmo,porque assim.Por que você ainda não se descobriu, só pode, por que assim teve um dia que o pessoal foi fazer, é aplicar a prova Brasil e ai nessa questão de perguntar a cor o rapaz falou assim, ele foi explicar para os meninos a questão da cor ai ele falou assim a professora é negra; Não,o rapaz,foi explicar,a professora de vocês mesmo é negra,não é professora?Nesse momento ainda não tinha certeza que eu era.mas,(rsrsrs) ai eu falei sou,pronto tomei posse:sou. Você ainda não tinha certeza? Não, não... E ele foi invasivo? Foi, e isso me ajudou muito, me ajudou muito; <i>Não foi negativo pra você essa..?</i> Não, pra mim não foi negativo me ajudou muito que ele falou assim não é professora? Ai eu parei assim, sou, ai me assumir e falei:agora sou,pronto. <u>Como é esse enfrentamento diante da discriminação? Eu chamo a atenção de imediato e vou conversar com aquele que fez a discriminação</u></p>
-----------------------------	--	--

		<p>Existe discriminação na escola, aquelas que tem situação inferior, os que não tem o que comer</p> <p>Negro e afro descendente é e mesma coisa</p> <p>Usa-se afro para não ficar chocante chamar de negro</p> <p>O Brasil tem racismo e discriminação. O Brasil abraçou muitas etnias</p> <p>Não olha a inteligência para discriminar, mas a cor de pele</p>	<p><u>com o colega, e vou explicar para ele que não é desse jeito, que a gente tem que respeitar o próximo.</u> Oh Lu,é,não sei se você já ouviu falar na lei 10639/2003 que trata da história e cultura africana na escola e afro-brasileira,e agora indígena também;como é que é esse trabalho com a questão com o índio,do negro na escola? Tem que ser trabalhada viu, tem que ser trabalhado,porque a criança tem que esta de pequenininha,como a gente fala tem que ta a par de todos os assuntos pra quando chegar lá na frente ela aprender até respeitar,ter o respeito com o próximo como eu te falei,tem que ser trabalhado.E ainda não é trabalhado como uma disciplina como um assunto importante? Não é trabalhado como um assunto importante nem tão pouco como uma disciplina, pelo menos no fundamental I,no fundamental II a gente já observa,já avançou,mas no fundamental I não;eu acharia que deveria ser como disciplina também. <u>Às vezes eu peço a coordenadora para tirar ela da sala, vou lá, a coordenadora chama ela, leva um pouquinho para lá para eu ter uma conversa com os meninos para falar até a questão que a mãe não tem dinheiro para comprar um creme, um shompool, enquanto na casa da gente a gente tem e não dá valor, para amenizar a situação, para não ter aquele tumulto, aquele constrangimento. o cabelo é bem ruizinho,eu sou branco, ai eu falei não olha o seu cabelo, seu cabelo não é liso (rsrsrsrsr), falei bem assim.</u> Como poderia resolver esse problema da desigualdade do racismo? Acho que trabalhando historia e cultura afro nas escolas, começar de pequenininho, você mostrando, que um tem que respeitar o outro, que não é por que o outro é diferente a gente não vai respeitar, acho que de pequenininho você começar mostrar para a criança que o outro é diferente mais você tem que respeitar ele do jeito que ele é, eles vão se tornar adultos, com a mente mais, mais formada sobre aquela situação.</p> <p><u>Esses dias eu até a falei com um ele xingou o colega de preto, ele é assim, ele não é escuro, ele é mais branco, mais o cabelo é bem ruizinho,eu sou branco, ai eu falei não olha o seu cabelo, seu cabelo não é liso (rsrsrsrsr), falei bem assim.</u> Não só é preto por causa da cor da pele não é sim tia, depois você vai aprender isso, mas não é não, não só por que ele é mais escurinho na pele do que você que ele é preto e você é branco não, e todos nós.. eles não entendem ai eu não posso está explicando muito, todos nós somos pretos, nós temos sangue é nosso Brasil, você vai aprender isso quando você crescer. Ai você não vai xingar mais ninguém de preto, de neguinho igual você fala, nem preto é neguinho, “o pá esse neguinho” seis anos sete. [...]<u>só lembra no dia, não trabalha o ano todo;só nas datas,quando chega na data 20 de Novembro não é? Ai vai falar do negro e vai como se fosse mais uma data comemorativa e não deveria ser tinha que</u></p>
--	--	--	--

		<p>O de pele escura é logo discriminado, xingado</p> <p>Raça é a negra e branca</p> <p>Discriminar é se opor-se ao outro</p> <p>Racismo é não aceita o outro. Racismo não é só de cor; racismo sobre sexualidade</p> <p>Discriminar é relacionado à cor do outro</p> <p>Tratar mal o outro pela cor é discriminar</p> <p>Discriminação e preconceito são atos parecidos</p> <p>Preconceito pode ser religioso, gênero, adversidade, questão social</p> <p>Dividia em raça branca e negra hoje entende raça como apenas humana</p> <p>Etnia é específico de um povo</p>	<p>trabalhar era durante o ano todinho no cotidiano não é? Ta ali trabalhando com a criança. Agora não só deixa pra falar na data, ali leva e mostra e bota data show não é? É a gente conseguiu; é a gente sabe logo. Ai no caso os meus como são pequenos eu já interfiro e como o entender deles não é tanto, tenho que explicar nesse momento tenho que falar o porque daquela palavra, o porque falar assim com o colega não é? Então logo ali no momento tem que conversar; as vezes já vem de casa essa atitude com o colega de cor não é? Então já ver, em casa já ouvi, lá na rua, então a gente tem que conversar que as vezes em casa não tem assim essa conversa, os pais não falam, não explicam, então quando ver qualquer coisa que a gente nota já tem que conversar.</p> <p>Na sala foi como eu falei eu conversei com as crianças né e explico o preconceito, que a gente não pode ter preconceito com o coleguinha, quando acontece é, mas as vezes também não precisa; logo quando começa o ano que a gente né sempre fala com eles que a gente vai falar tudo das regras daquelas coisinhas todas então a gente já fala né, do preconceito tudo já entra tudo ai e sempre vai pincelando, agora já é mais trabalhada como eu já falei só que é só no dia, é no dia 20.</p> <p><i>Como se trabalha a história e cultura africana nas séries iniciais?</i> Oh Aline, eu vejo assim: muito distante, praticamente não se é trabalhado; agora assim como eu gosto muito de história na aula eu retrato muito essas coisas, a diversidade em história, histórias mesmo infantis né, mas assim o trabalhar mesmo realmente isso não é trabalhado, não ocorre [...] é por isso que eu sinto falta da disciplina cultura afro, eu já tinha até comentado com as minhas colegas eu não vejo essa diferença lá na escola não sei se o motivo é serem todos do mesmo bairro todos praticamente da mesma classe social, então eu não vejo essa diferença.</p> <p>[...] tem que abrir Aline, (rsrsrs) tem que abrir (rsrsrs) você tem que parar tudo e você tem que abrir porque se não você não, não... não pode, se é uma necessidade que tá ali, que as vezes a gente fica tão preocupada com a questão planejamento, essas coisas, a porque a gente tem que bota o menino pra ler e a escrever, então isso pra mim, isso graças a DEUS já ficou um pouco pra trás, essa tão preocupação; eu acho que o professor ele tem que está aberto mesmo pra essa questão, é o que surgiu é a necessidade do momento, você está lá com o seu planejamento bonitinho, perfeitinho mas a necessidade daquele momento não é aquele planejamento, é entrar pra essa discussão ai, então vamos parar tudo e vamos entrar pra discussão. O professor consegue perceber as discriminações na sala? [...] consegue sim, consegue porque assim: é de tanto você lidar com a criança você consegui pela própria fisionomia o que é que ele está falando como uma brincadeira e o que ele está falando como uma ofensa mesmo acho que até o fato do conhecer, é por</p>
--	--	--	---

<p>Conceito de escola</p>		<p>Racismo é discriminar com base na cor e na cultura</p> <p>Racismo mais a questão de cor</p> <p>Não entende a diferença entre injúria racial e racismo</p> <p>Há desigualdades sociais entre os alunos</p> <p>Classe alta é sinônimo de superior</p> <p>O negro aprendeu a se impor, era invisível, calado</p>	<p><u>isso que você precisa conhecer realmente o aluno que a gente esta trabalhando.</u></p> <p>[...]é por isso que eu <u>sinto falta da disciplina cultura afro, eu já tinha até comentado com as minha colegas aqui, que eu sempre trago quando venho de outro lugar eu sempre fico falando das coisas que eu olhei no outro lugar que é para poder contribuir? Porque é uma forma da criança ir se conscientizando, da mesma forma que esta sendo trabalhado muito nas escolas a questão do bulling, então eu acho que essa parte, <u>mostrar, valorizar, mostrar o cachecol de valorização, fazer também a parte das contribuições para essa criança se identificar com essa historia tão bonita que é historia nossa que o povo brasileiro ta envolvida,ela se identificando,ela se sentindo parte desse corpo,dessa etnia vamos dizer,porque nós todos somos brasileiros,mas eu falo assim do que foi trazido lá da África tem que se identificar e se reconhecer e reconhecer o outro e respeitar o outro também.</u></u></p> <p>[...] porque eu já tinha certeza do que eu era,eu já <u>tinha certeza,eu sou negra,eu sou negra e eu estou pronta pra enfrentar qualquer situação.</u></p> <p><i>E esse diferente quer dizer que tem uns piores e outros melhores? Eles acreditam, eles acreditam que a melhoria nisso: fulano é branco, então fulano tem poder. O negro ele não pode nada; mas ai e que elas se enganam.</i></p> <p><i>Então no nível superior você já tava resolvida?É já resolvida, então nada ia me abalar, então eu nunca pensei em nada assim, então eu falei: nada é mais que eu,porque fulano é branco eu não;eu sou igualzinha aos outros,o que ele tem eu também tenho. Eu acho que ser negra em qualquer lugar do Brasil não é fácil</i></p> <p><i>Existe racismo: Claro que existe como sei que existe. Como você enfrenta uma atitude racista? Eu agora já estou preparada, para mim enfrentar qualquer situação por que hoje eu sei, tenho certeza que sou negra e me valorizo, me valorizo como negra. Agora antes eu era inocente. Posso dizer inocente. O conhecimento me ajudou muito. Me ajudou a crescer, mas antes eu.</i></p> <p><i>Não a gente não consegue, só se eu cair no fingimento, ser negra em qualquer espaço, lá na igreja eu não vejo o tratamento de Mara negra, vejo o tratamento de Mara. É até você que as mulheres tem aquela preocupação de pintar o cabelo de loiro, ser igual eu não tenho muito isso não. Eu acho que ser negra em qualquer lugar do Brasil não é fácil.Por eu ter sofrido tudo na infância, na adolescente me fez uma professora mais determinada, eu sei que eu sou ousada. Eu sinto uma certa admiração, até das meninas mais pobres negras. Quando elas sabem que era uma filha de lavadeira e eu digo que você pode ter tudo se você lutar.</i></p>
---------------------------	--	--	---

		<p>O aluno negro é retraído</p> <p>Negro e pobre são sinônimos por isso rejeitado</p> <p>Pobreza ligada a ser negro</p> <p>Aluna negra que alguns pensavam que era doente</p> <p>A aluna negra que muitos julgavam apresentava muito bem na frente de todos</p> <p>Menina tímida</p> <p>Alunos de escola pública são todos de uma classe só</p> <p>Existe desigualdade. A aparência é um dos alvos</p> <p>Todos somos diferentes e não iguais como alguns afirmam</p> <p>Existe desigualdade e a cor ou forma de vestir pode impedir de arrumar um trabalho</p>	<p><u>Ser negra já é algo que não é fácil, ser mulher e agora solteira</u> pior ainda (rsrrsrs). Por exemplo, eu tive que romper com tudo agora, eu estava em um casamento que não era feliz e nem fazia o outro feliz também. A gente tem que parar eu não estava feliz e o outro também, eu acho que isso que eu consigo fazer da minha vida, que tem me sustentado e me feito alguém melhor. Que quando eu erro com você eu tenho que ser capaz de saber até onde eu errei se fomos nós duas Aline errou nisso e eu errei nisso. <u>Eu tive que romper evangélica</u>, já cinquentona, quase, romper com a história, <u>o evangélico a gente sabe segundo a bíblia o casamento é pra acontecer e não separar. Romper com o casamento não foi fácil. Ser mulher e ser negra nessa sociedade brasileira, machista, consumista onde o estereótipo está ai escancarado por todos os lugares, Itapetinga que é uma cidade pequena, que o povo ainda pensa, não é. É difícil, mas eu aprendi a me impor e brigar por aquilo que eu acredito. Se eu acreditar eu brigo até o último momento para defender as minhas ideias. Você aproveitou e falou um pouco desse ambiente familiar. Meus filhos tem uma identificação muito grande comigo</u>, se eu for estudar fora eles me apoiam. Os <u>meus filhos me apoiam</u>, se eu falar hoje só vai ter café e leite eles entendem, <u>eu criei meus filhos muito pé no chão. Muito dizendo eu sou mulher, é difícil nessa sociedade se mulher, é difícil ser mulher separada</u>, eu falo para eles não sofrer lá na frente. <u>Eu sou muito aberta com meus filhos.</u></p> <p>Qual o nome de sua igreja? Minha igreja é A Nova Vida. <u>É uma igreja onde o povo não tem a neurose que tudo é pecado</u>, é uma igreja onde me sinto bem, é uma igreja onde <u>o povo brinca, não me sufoca. Quando começaram a me perguntar você evangélica ensinado cultura afro, ai sentei com meu pastor que vem de um padrão alto, de renome estudou em boas escolas, a gente sabe disso que tem pastor que não tem formação, ele foi muito aberto, não tem nada não.</u></p> <p><u>O negro era associado aquilo que era feio, marginais, aquela coisa que a gente já sabe, então quando, então eu falei vou estudar.</u></p> <p>Ela não sabia que estava te magoando ou sabia? Não, não mesmo se magoasse ela não estava preocupada [nervosismo] <u>eu nunca falei pra ela. Ou você não se via como negra até então?</u> Não eu sempre sabia que eu era negra, eu era a negra da família. Por quê? Por causa da cor da pele, por causa do cabelo? Por causa da <u>cor da pele</u>, por que falava <u>assim a preta da casa era fulana</u>, ai chegou o momento que eles começaram a <u>ter admiração e respeito por</u> isso, por que a <u>preta da casa não era só a negrinha</u>, a preta da casa começou a estudar, era aquela que dava orgulho. E seu pai como branco, como ele se comportava com relação a você? Ele mostrava uma preferência pela mais velha, os irmãos sofriam com isso</p>
--	--	---	---

		<p>Existe uma parte fraca na sociedade</p> <p>Na escola onde atua todo mundo tem a mesma classe-nível</p> <p>Todo mundo no mesmo nível</p> <p>Não tem facilidade em relacionar com os alunos. É muito dura os alunos dizem</p> <p>Dificuldade no toque durante um curso de dança denominado biodança</p> <p>Aprendeu a se impor no relacionamento com a diretora. Eles a respeitam</p>	<p>E você acha que é por isso? Eu tenho certeza que é por isso! E a gente teve grandes embates na vida que eu nunca fiz para agradar. No dia que <u>eu falei que não quero mais pertencer a essa religião</u>, era uma coisa que eu comecei a investigar, <u>a questionar, no caso a católica</u>, então <u>minha mãe era assim era católica e adepta também do candomblé</u>, ela ia a todos os “centros” que ela podia e levava a gente. Então aquilo que <u>eu não gostava eu falava não quando eu crescer eu não vou ser</u>, no dia que eu resolvi quebrar o vínculo com tudo que eu não queria ai ela (mãe) falou <u>não você hoje não é mais minha filha, isso ai já foi pra vida toda, pra ela tinha essa coisa (...)</u> Eu fiz o primário e o ginásio aqui, eu era aquela aluna que não dava trabalho, na escola eu não tinha essa problema por ser negra, aonde eu passei não.</p> <p>Como você conseguiu ao longo dessa trajetória familiar, sair dessa situação de vítima? Teve um momento que eu sair desse ambiente familiar estive em outros espaços, <u>encontrei pessoas que não olhavam pra mim, como a negrinha, a negrinha que vai ajudar criar os sobrinhos, os netos, padrinho e madrinha era aquele pra você ser empregada de graça. Eu sou aquela que vai até o fim. Eu me envolvi com questões sociais. Eu não sou muito melosa, de colo, de abraço, não sou.</u> Com meus filhos eu beijo e abraço, mas não sou melosa não. Com o marido quando tinha eu também não era assim. Na verdade <u>ao longo da história eu aprendi a me defender, coragem, determinação</u>, minha mãe era de uma coragem, por isso eu digo, ela deve ter sofrido rejeição, por onde ela passou. Eu me lembro vagamente de uma história que ela teve um grande amor, e a família não deixou ele casar com ela, e eu acredito por que ela era negra e pobre. A história dela não deve ter sido a mais bonita e a gente não dá aquilo que a gente não tem. Eu achava ela radical nas coisas e isso a gente se aprendi a se defender. Eu aprendi com outras pessoas. Eu conheci pessoas que não valorizava a cor, valorizava pelo que eu era. Teve um período de minha vida que eu não abria a boca, você acredita? Me Conhecendo hoje. Eu não abria a boca.</p> <p>E como eu te falei aquele <u>processo de cura interior</u>. Gente eu nunca passei. Olha <u>eu pari duas vezes a rejeição para mim foi pior que a dor do parto</u>. E teve <u>um momento que eu trabalhei com a rejeição e ai eu vim compreender, entender que a culpa não era só dela</u>. E a rejeição não foi só por que eu era negra, a rejeição foi desde o útero da mãe, questão de relacionamento, de momento. Quando eu fiz essa <u>busca e dentro desse processo de cura existem estes encaminhamentos, essas revelações</u>. Desde quando <u>isso ta. Ainda mexe comigo por que foi algo além da infância, além da adolescência</u>. Eu já venho de uma formação assim, fui criada <u>num ambiente católico, frequentando o candomblé</u>. E depois, <u>eu experimentei na verdade um monte de coisas</u>. <u>Eu era apaixonada pelo espiritismo, não que</u></p>
--	--	--	--

<p>Conceito de discriminação racial</p>		<p>Boa relação com alunos e direção</p> <p>Relação é essencial para o desenvolvimento de suas atividades</p> <p>Boa relação com os colegas</p> <p>Tem colegas que você tem mais afinidade</p> <p>Ótima relação</p>	<p>eu sei não, o que eu pude absorver, eu fui absorvendo. Até que eu <u>cheguei à igreja evangélica, comecei a ler a bíblia. E o que eu me identifiquei com a bíblia...</u> Então pra mim <u>os meus valores ai vêm dessa mistura de crenças.</u> Seria hipocrisia dizer que não existi né., eu procuro respeitar as diferenças assim. E Aquilo que minha mãe me ensinou, nenhum momento que eu falei pra ela que eu não quero mais frequentar a igreja católica. Por que eu não quero? Por que <u>a igreja católica não me respalda na bíblia, o que eu estou buscando nesse exato momento.</u> Eu dizia pra ela o que eu via lá. Eu me lembro que a gente ia pros dez mandamentos. Eu não posso rasgar os dez mandamentos. <u>Ela não aceitava, nasceu católica tem que morrer católica. Foi tão, você ver como ela é tão...</u> Se você for, <u>você deixa de ser minha filha hoje.</u> Eu vou continuar sendo sua filha e eu vou pra igreja evangélica por que eu quero ir, eu acho que vou me sentir bem lá. <u>Eu não quero mais ir, no candomblé, na igreja católica.</u></p> <p><u>Não eu tenho parentes que ainda hoje que é do candomblé.</u> Ai eu pergunto pra ele como você vê Deus? Eu comecei sentir essa necessidade de perceber como a outro via Deus. <u>Ai eu descobri que a religião o candomblé via Deus como o criador de todas as coisas, igual eu vejo, esse Deus de amor, de respeito. Mas, além de Deus, a fé deles estápautada nas entidades, nos Orixás também.</u> Então pra mim eu consegui entender como <u>os santos Católicos que a igreja católica tem, tem Deus, como o criador do universo, o superior de todas as coisas e tem os santos como os auxiliares de Deus.</u> Eu consigo ver assim se eu pensar na bíblia de acordo o que a bíblia diz. Estariam errados não só o candomblé, a igreja católica, o espiritismo, que a bíblia fala não é isso. Eu, Satanás, demônio <u>eu acho que o povo da muito ibope para satanás e demônio.</u> Eu prefiro ver assim: <u>a bíblia fala de espíritos que não estão no céu. Para mim, as entidades são espíritos que não estão no céu.</u> Na verdade a <u>igreja evangélica ainda ensina esse radicalismo assim, Satanás, demônio, se não está no céu não pertence a Deus.</u> Mas isso não cabe a mim, está por ai capeta, demônio: Se você me perguntar Mara você acha que são bons? Eu vou dizer que não. É hipocrisia dizer que são bons. Meu sobrinho, por exemplo, é do candomblé ele me encontra e diz Mara vai pra oração ora por mim, oro. <u>Oh Mara você sabe eu tenho minhas coisas peço eles para nos ajudar. Mas isso eu não me sinto agredida, não sinto que ele vai pedi a satanás, eu não tenho essa neurose não.</u> Eu não sei se foi por que eu acabei observando um pouco de cada uma delas. <u>Eu acho quecada um segue aquilo que acredita.</u></p> <p><u>A Filha Negra era eu, porque a minha mãe era negra e meu pai era branco. A filha negra era eu, as outras irmãs eram brancas, os outros irmãos negros. Você via a escola como uma forma de sair daquela situação ou de não repetir uma história de ir pra casa dos outros, lavar roupas?</u></p>
---	--	--	--

		<p>Excelente relação com pessoal de apoio</p> <p>Nunca teve problemas em escola nenhuma</p> <p>Boa relação com todos no ambiente escolar</p> <p>Relação super tranqüila em sala de aula</p> <p>É questionadora</p>	<p>Por que sou negra? <u>Depois de adulta eu gosto de ser negra meus filhos, eu sempre dizia assim pra Lael, você é tão bonito, um menino negro, Lael tem essa coisa de valorização com ele</u></p> <p>Eu sei que pela cultura religiosa você acaba também adotando determinados valores como tomar um banho de uma folha, tomar um remédio que eles indicam até rezar o menino com um olhado, mal olhado. Como foram organizados esses valores depois?<u>Eu fui criada fazendo assim, está com olhado. Os meus filhos já não tiveram, eu já estava na igreja evangélica e ai eles já não tinha. Por que isso para gente é assim, é igual beber água, não resolve nada. Entendeu? Na igreja evangélica essas coisas não existem.Quando eu tomo um chá, eu tomo porque eu sei o resultado medicinal dele. Eu tenho problema na pele e faço compressa de camomila, ai está vinculado a partir medicinal. Eu posso tomar um banho de rosa, prepara um banho gostoso, nada relacionado, só a partir medicinal dele.</u></p> <p>Como é seu lazer no final de semana, como você se organizar essa vida de trabalhar e divertir.</p> <p>Hoje eu <u>estoununca igreja pequena. Mas sabe aquela igreja pequena que o povo é festivo, vamos juntar as panelas, faz uma feijoada na casa de uma irmã ai vai todo mundo. A noite do sonho, eu não tenho material não, ai um dá um material, outro da outro. Na verdade a gente busca alternativas, essa historia de ser evangélica e o mundo me contamina.Eu posso ir ali sentar na passarela do álcool, sentar na pizzeria, não vai me tirar pedaço,só que eu só preciso como todas as religiões. Sai ou não.</u></p> <p>E pelos dados do IBGE você se define como branca, amarela, parda, negra, preta? <u>Eu coloco sempre que sou uma pessoa parda. Por quê? O que seria parda? Eu não sei inclusive fui fazer a inscrição da minha filha no IFBA e fiquei eu falo para ela que ela é negra porque meu esposo é negro me considero negra,assim de cor sou amarela sei lá mainha me chamava de Sarara,tenho um olho meio castanho,mas na hora de colocar o dela fiquei na duvida se colocaria como parda ou como negra, por último eu falei assimoh filha fica assim sua cor é negra porque ela é mais moreninha do que eu. E ai é para ela? Mas ela já é tanto que minha filha é bem resolvida com isso,ela sabe que ela é negra ela não quer alisar o cabelo dela de jeito nenhum, as vezes eu já tentei convencer mas ela não quer ela não alisa de jeito nenhum o cabelo dela é aquele e ela gosta assim cacheado,ela diz mainha tenho que me assumir, sou assim eu falo minha filha é melhor cuidar, ela fala não eu quero assim eu sou assim e eu coloquei ela como negra porque ela se reconhece assim. E seu pai e sua mãe? Meu pai é negro e tem também descendência indígena a pele dele é escura, mas o cabelo é muito liso e ele tem descendência mesmo indígena, a minha mãe já foi uma mistura de negro com branco assim tem olhos azuis,o pai da minha mãe era branco de olhos azuis e a mãe da minha mãe era negra mesmo e ela se definia como parda, me</u></p>
--	--	--	---

		<p>História das Santas a filha negra recebia a Santa preta e as filhas brancas recebiam as Santas brancas</p> <p>A situação provocava dor a filha negra. Para ela a Santa preta era feia</p> <p>O negro era sempre relacionado a feio. Mãe preconceituosa.</p> <p>Mãe preconceituosa, não gostava de negro</p> <p>O fenótipo dá irmã branca era ressaltado: cabelo liso, corpo</p> <p>O negro era representado como coisa ruim</p> <p>A questão do negro começa em casa. Mãe preconceituosa. Mãe nunca se aceitou como negra.</p> <p>Não gostava de negro.</p> <p>A filha negra era um problema para a mãe.</p> <p>Não havia carinho com a filha negra</p> <p>Identificação com a rejeição</p> <p>Ser a menina negra, ser diferente</p> <p>Sofreu rejeição na família</p> <p>Rejeição é algo ruim, passou por um processo.</p> <p>Rejeição é pior que a dor do parto; é terrível</p> <p>Identifica-se com a questão do menos favorecido</p> <p>Ser diferente</p> <p>Minha mãe era negra</p>	<p><u>defino como parda porque para mim, é uma mistura eu entendo que é uma mistura, eu <u>nem entendo direito esse negócio de pardo.</u></u></p>
--	--	---	---

Os meninos a mãe não tinha
afastamento

Era uma coisa inconsciente;
ela deve ter sofrido rejeição,
não sabe onde nem como;

Avó dura. Quando lembra
ainda dói

Não havia ataques na escola
diretamente

As meninas que mais se
destacavam eram as
brancas, cabelo liso

Poucas professoras negras

Branco endeusado

Consciência que era a mais
feia. Precisava se destacar

Estratégia era estudar

Amo estudar

Gostava de ir para
biblioteca

Endeusar a pele clara;
aparência bonita

Estudava muito

Apoiava-se no outro

Bom relacionamento com
todos que se destacavam

Usufruía das coisas dos
colegas

Não tinha condição

Optou pelo trabalho pois
não dava para priorizar a
educação

Valoriza e Julga pela
aparência

Estudou em escola pública
onde há diversidade de
pessoas

Hoje as pessoas fazem
questão de olhar e humilhar

	<p>Timidez sofreu discriminação</p> <p>Escola que frequentava era uma elite apesar de pública</p> <p>Discriminação de classe social</p> <p>Ninguém comentou nada, mas achou que foi discriminada</p> <p>Professora marcou muito, hoje analisa o que fala com os alunos por causa dessa professora que marcou muito.</p> <p>Discriminada pelos traços morfológicos (olhos)</p> <p>A professora no meio de todos a discriminou</p> <p>A professora disse: O que você está olhando para mim com esse olhar?</p> <p>A indução que sou muito feia, olho de boi</p> <p>Ficou muito chateada com a professora que a discriminou frente a turma.</p> <p>Ficou marcada a atitude da professora.</p> <p>O fato de muito tempo depois a professora falecer foi um alívio, motivo de alegria. Marcas na subjetividade.</p> <p>Identificava diferenciação às crianças de periferia negra e branca;</p> <p>As crianças negras sofriam discriminação; as crianças brancas eram limpas e cheirosas;</p> <p>Estereotipo do negro negativo;</p> <p>Ela se identifica com a rejeição sofrida pelos alunos</p>	
--	--	--

		<p>negros. Negro/ pobreza/periferia</p> <p>Identificação com a criança negra rejeitada na escola;</p> <p>Discriminação racial camuflada através da rejeição</p> <p>Negro é retraído na escola;</p> <p>Discriminação racial camuflada através da rejeição; Agir diante do isolamento do negro em sala de aula</p> <p>Estereótipos negativos sobre o negro são naturalizados na escola</p> <p>Apesar de negro e pobre</p> <p>Encontra alunos que reconhece a ajuda dela no processo de formação na escola.</p> <p>Acreditou no aluno, apesar da timidez, sentiu-se plena</p> <p>Vontade de fugir do trabalho de professora após ser discriminada por um aluno. Preconceito de cor; discriminação do aluno a professora negra.</p> <p>A situação provocou vontade de fugir da escola O aluno a criticou/ discriminou por ela ser negra; ficou arrasada.</p> <p>O aluno olhava ela e imitava um macaco com gesto e som.</p> <p>Percebeu que tinha preconceito na escola.</p> <p>Preconceito racial, indiferença dos colegas, preconceito do aluno.</p> <p>A discriminação racial através do aluno foi marcante.</p>	
--	--	---	--

	<p>Aluno imitava um macaco perante a professora.</p> <p>Ficou arrasada, não comentou com ninguém</p> <p>Se tivesse dinheiro a professora jamais retornaria aquela sala</p> <p>Pedi e buscou força em Deus para vencer aquele ato do aluno</p> <p>Ficou muito, muito triste com o que sofreu e se demorasse mais ela não agüentaria.</p> <p>Discriminação racial. Identidade. Sentimento de massacre provocado pela discriminação.</p> <p>Identidade negra surge naquele momento. Aceitar-se como negra começa ali</p> <p>Experiência que provocou reflexão e reconhecimento da negritude</p> <p>Hoje, depois de muito tempo é feliz por ser negra</p> <p>Outra experiência que foi um choque.</p> <p>Uma criança de 08 anos discriminou a professora por causa da cor.</p> <p>A professora sabe que a cor a enquadra e alguns não se aproxima por causa da cor.</p> <p>As crianças xinga a s outras de preto, por causa da cor.</p> <p>A intervenção da professora diante do xingamento adverte as crianças que quando elas crescer elas vão aprender sobre preconceito.</p> <p>A criança negra reproduz os estereótipos racistas para com seus pares</p>	
--	---	--

<p>Relação entre raça e classe na escola</p>	<p>Identificação de discriminação racial e preconceito</p> <p>Predomínio de negros na escola pública de periferia; a existência de racismo na escola.</p> <p>Apelidos recorrentes negro, baleia, saci.</p> <p>Ausência de problemas relacionados à cor da pele.</p> <p>Discriminação é na aparência, construção de estereótipo com base na comparação dos colegas com animais, Quati.</p> <p>Professora tenta mudar isso na sala de aula.</p> <p>Aluno que é apelidado de Quati e discriminado pelos outros tem a pele morena</p> <p>A professora não percebe nenhuma diferença para ele sofrer essa discriminação. Mas afirma não a ver preconceito de cor na escola.</p> <p>A criança discriminada não consegue se desenvolver na leitura, na linguagem, na escrita. A professora afirma que tudo isso é o acúmulo do que ele sofre.</p> <p>Sempre existe racismo, preconceito, inclusive contra deficiente</p> <p>Preconceito com base na aparência, classe social. Tratamento diferenciado com a pretensa diferenciação de classe.</p> <p>Professora vítima de discriminação com base na suposta classe social ou forma de vestir.</p> <p>Classe social tratamento diferenciado, aparência</p>	
--	--	--

<p>Relação professor, aluno, direção</p>	<p>Classe social definida pela roupa.</p> <p>Diferenciação de atendimento a depender da roupa</p> <p>Quando não está bem vestida precisa solicitar o vendedor</p> <p>Roupa, sapato diferencia o tratamento nas lojas</p> <p>Existe preconceito de classe, pelo carro que você usa se velho ou novo</p> <p>O menino chamado de Quati segundo a professora sofre uma forma de racismo. Mais hoje menos que antes.</p> <p>Não sabe se as pessoas cobram mais respeito. A professora vê menos racismo no ambiente em que vive.</p> <p>A questão do racismo vai aflorando se você não dê oportunidade para discussão.</p> <p>Chega à discussão de chamar o colega de macaco. Ao fazer a discussão isso vai acabando.</p> <p>Aquele que falou mal, com a discussão, acaba intimidado. Você acaba podendo ali.</p> <p>Discriminação por ser gordo, preto surge na sala</p> <p>Professora fica chateada com essas ofensas</p> <p>Ao olhar você sabe que é negro ou afro como se diz hoje. O fenótipo.</p> <p>Negro discriminado negro; aparência, estereótipos, negro chamado de negrinho pelos seus pares, normalmente da mesma cor,</p>	
--	---	--

o negro também reproduz os estereótipos racistas.

Negro reproduz os mesmos preconceitos contra os pares

A criança negra reproduz o preconceito contra outra criança negra, e ainda não se reconhece negra.

O cabelo da criança negra é apontado, a criança é discriminada pelo cabelo que é adjetivado como cabelo duro.

Discriminação com relação ao formato do nariz

Aluno proibido de estudar com uma professora negra.

Atitude realizada por uma mãe não branca

A cor negra criou barreiras no mercado de trabalho

Preferência por profissionais professoras de pele clara

Desejo de ser branca para conseguir emprego

Emprego no comércio era difícil e com a cor da pele escura ou sendo negro as portas não se abriam

Voltava da procura de emprego triste.

Deus se eu fosse branca e bonita conseguiria emprego, mas não sendo não consegui.

A mãe da amiga rica não aceitava a aproximação dela por ser de níveis diferentes

Na família ela era só mais uma neguinha, fora não.

Pela cor se era mais discriminado e não se dava crédito a pessoas de cor

Práticas de discriminação racial	<p>Hoje ela tem essa convicção que antes não tinha. Hoje entende todo esse processo.</p> <p>As pessoas brancas recebiam tratamento diferenciado.</p> <p>Ser negra necessita de enfrentamento diante da vida</p> <p>Ser branca e ser negra é diferente. Hoje se olha muito mais para isso. O preconceito é maior. As pessoas acham que a cor faz com que o outro seja visto como diferente.</p> <p>Somos todos iguais.</p> <p>O branco é padrão de humano aceitável</p> <p>Sendo negro, você não vai conseguir não adianta</p> <p>Situação de constrangimento com a filha pequena A filha descreveu a coleguinha como sendo pretinha. A mãe sentiu-se constrangida e achou que a filha foi racista. Ensinou a filha a chamar a colega de aquela afro. Determinada, corajosa</p> <p>O cabelo é alvo de discriminação na escola</p> <p>A professora intervém diante das ofensas relacionadas ao cabelo</p> <p>Admite ter cabelo crespo e não andar bem vestida</p> <p>Ocorre falas desagradáveis relacionadas ao cabelo crespo</p> <p>Não usar alisamento foi uma decisão que não resistiu as criticas. Não conseguiu usar o cabelo natural</p>	
----------------------------------	--	--

<p>na família de origem</p>	<p>Cedeu a pressão e voltou alisar o cabelo</p> <p>Filha de cor clara ao sair com a mãe as pessoas pensavam que a mãe era a babá.</p> <p>Vinha um sentimento de tristeza quando as pessoas perguntava é sua filha?</p> <p>A mãe de Mara era dura com ela e os irmãos.</p> <p>A explicação para a situação bíblica, pois segundo ela Deus não faz acepção de pessoas.</p> <p>Determinação;</p> <p>Luta constante; Processo contínuo de enfrentamento (dor e alegria);</p> <p>Rejeição e luta e defesa.</p> <p>insistência, necessidade emprego, superação pela fé</p> <p>Na certidão de nascimento era declarada parda e assim se sentia</p> <p>Não se considerava negra. Ao ser chamada de negra foi um choque</p> <p>O cabelo mole a tornava parda</p> <p>A cor da negra pele não foi considerada ao ser declarada parda, só o cabelo</p> <p>Quando um aluno a chamou de negra foi um choque</p> <p>Um choque aquela atitude vinda de uma criança. Sentimento de raiva</p> <p>Punição para a criança que só entraria com os pais</p> <p>A professora ficou exaltada</p> <p>Reflexão da professora, apesar da forma que ele</p>	
-----------------------------	---	--

<p>Práticas de discriminação racial na escola na condição de estudante</p>	<p>disse ele ainda é uma criança</p> <p>Pensou e fez um projeto. Depois do projeto sobre relações raciais o menino mudou</p> <p>A própria professora sentiu-se melhor depois do projeto</p> <p>As crianças ficaram mais receptivas com o negro</p> <p>Desejo de ter a cor escura da professora</p> <p>O sentimento era de alegria, choro pela realização do projeto</p> <p>Pedi para criança ser punida após pensar voltou atrás e elaborou o projeto</p> <p>A direção e coordenação são acionadas quando surgem problemas relacionados a discriminação</p> <p>Os alunos participaram do projeto ativamente</p> <p>A criança que a discriminou tornou-se próxima com o projeto</p> <p>Buscou por meio do projeto mudar a ideia racista daquela criança</p> <p>O livro Menina Bonita do laço de fita foi imprescindível naquele projeto</p> <p>As crianças estão sempre lembrando daquele projeto</p> <p>Painel viva a diferença foi confeccionado</p> <p>A criança agiu de modo racista por não ter conhecimento.</p> <p>A criança vive em um lugar onde há preconceito; alguma coisa lá atrás</p>	
--	--	--

<p>Práticas de discriminação racial na escola na condição de professora</p>	<p>justificaria aquela atitude da criança</p> <p>A criança traz de casa, da rua as atitudes de preconceito</p> <p>Os pais deixa passar essas questões, não conversa com os filhos</p> <p>A criança que discrimina vive esse mesmo conflito</p> <p>O projeto poderá trazer resultados positivos ao longo da vida daquela criança</p> <p>Todas as crianças queriam participar</p> <p>O projeto ajudou a mudar a ideia de feio relacionado ao negro</p> <p>O projeto é norteador</p> <p>Existe diferença, mas ser filho de um mesmo Deus dá essa diferença status de igualdade</p> <p>Não acreditava que era negra, até pelas circunstâncias resolveu acreditar e assumi-se</p> <p>Ser apontada como negra foi uma experiência importante; fez com que ela se assumisse</p> <p>Alguns alunos quando digo que sou negra, dizem que não sou pro causa do cabelo</p> <p>O projeto ajudou quebrar a barreira de não se assumir negra (o) para as crianças também, como para a professora</p> <p>Assumir-se negra é ajudar o aluno a se encontrar desde pequeno</p> <p>A questão racial tem que ser trabalhada desde as series iniciais na escola</p>
---	---

Aprendendo desde pequeno,
lá na frente esse trabalho já
está amadurecido

É doloroso o processo de se
assumir negra . depois é
prazeroso

Ensinar historia e cultura
africana é muito
gratificante. Incentiva a
criança a se conhecer e
aprender a viver com o
outro

A historia e cultura africana
tem que ser trabalhada
desde pequenininho na
escola

Já ocorreu discriminação na
sala de aula e a professora
interveio, explicou diz que
resolve esses problemas na
hora, tem pavio curto

Diante da discriminação
reage de imediato e explica
os motivos por que está
errado agir assim

A professora diz ao aluno
que discrimina o outro por
causa do cabelo: olha o seu
também e explica não se é
preto só por causa da pele
não

A professora acredita que as
crianças não entendem
muito quando ela explica os
motivos de não discriminar;
Acredita que os alunos irão
aprender quando crescer

O preconceito não deve ser
trabalhado não só como
projeto, mas no dia a dia da
escola

Não trabalhar o
preconceitos e as relações
raciais só em datas
esporádicas e sim no ano
todo

O papel do professor é
fundamental o que ele

	<p>trabalha os meninos passa para os pais</p> <p>Os negros são as vezes são preconceituosos</p> <p>Deve ser por que ele ainda não se descobriu</p> <p>O rapaz responsável pela prova Brasil ao ensinar os alunos a marcar a cor usou a professora como referência : disse olha a cor da professora de vocês ela é negra.</p> <p>Ela ainda não tinha certeza que era negra e naquele momento falou pronto agora sou negra</p> <p>Assumiu-se negra e pronto</p> <p>Age de imediato diante da discriminação entre as crianças</p> <p>As vezes a coordenação é solicitada para que a professora converse com a turma na ausência da criança que foi discriminada com relação ao cabelo</p> <p>O cabelo é motivo recorrente de discriminação</p> <p>O colega xingou o outro de preto a professora interveio</p> <p>A professora explica que não pode ter preconceito com o colega</p> <p>Não se trabalha a historia e cultura afro na escola</p> <p>Sente falta da disciplina historia e cultura africana</p> <p>O professor deve está aberto</p> <p>O professor consegue de tanto lidar com a criança</p>	
--	---	--

	<p>saber se é uma brincadeira ou uma ofensa racista</p> <p>É preciso conhecer bem o aluno</p> <p>Sente falta da disciplina historia e cultura africana</p> <p>Conhecimento sobre as contribuições dos africanos para o Brasil. respeitar e reconhecer o outro</p> <p>Já tinha certeza que era negra</p> <p>O branco tem poder. O negro não pode deixa-se enganar</p> <p>Não se intimidou por ser negra</p> <p>Não é fácil ser negra no Brasil</p> <p>Antes de ter conhecimento ele era inocente, agora assume-se negra</p> <p>Ser negra é difícil em qualquer instancia social</p> <p>No Brasil não é fácil ser negra</p> <p>Ser negra e ser mulher é difícil (racismo e sexismo como fenômenos históricos)</p> <p>Filha de lavadeira. Você pode tudo se lutar</p> <p>Fazer escolha. Romper com padrões. Ser divorciada dentro de uma sociedade com padrões e valores estabelecidos</p> <p>Sociedade machista; sexista, consumista</p> <p>É preciso lutar para se impor. Defender as próprias ideias é por meio de luta.</p> <p>Os filhos se identificam com a mãe. Apóia a decisões da mesma</p>	
--	---	--

<p>Práticas de discriminação racial no mercado de trabalho</p> <p>Prática de discriminação racial no convívio</p>	<p>Os filhos sabem das dificuldades de ser mulher, negra e separada</p> <p>Aberta com os filhos</p> <p>É evangélica; mas a igreja não é a condena por tudo, é flexível</p> <p>Houve um questionamento no que diz respeito a ser evangélica e ensinar cultura afro.</p> <p>O pastor com formação como o dela não vê nenhum problema</p> <p>O negro associado ao feio Decidiu estudar</p> <p>Eu era a negra da família</p> <p>Não quero mais pertencer religião da mãe</p> <p>Católica adepta do candomblé</p> <p>Decidiu que quando crescesse não seria isso</p> <p>Com a atitude a mãe disse não ser ela mais sua filha</p> <p>Encontrou pessoas que não a olhavam só como negra</p> <p>Ajudou a criar os sobrinhos e trabalhava na casa da madrinha, era uma prática comum antigamente</p> <p>Envolveu-se com questões sociais e não é melosa, afetiva</p> <p>Aprendeu a se defender. Ter coragem e determinação</p> <p>Passou por um processo de cura A rejeição é pior que a dor do pardo</p> <p>Trabalhou em si mesma a rejeição que sofreu, não só</p>	
---	---	--

<p>com o outro</p>	<p>por ser negra, mas pela rejeição desde o útero da mãe</p> <p>Ainda mexe com a professora esse processo da rejeição</p> <p>Frequentava a igreja acatólica e o candomblé</p> <p>Já experienciou varias coisas ligadas a religiões nesse percurso</p> <p>Tornou-se evangélica Os valores que adquiriu veio dessas experiências religiosas ao longo da vida</p> <p>Hoje não vê a igreja Católica positivamente</p> <p>Quando tornou-se evangélica rompeu o relacionamento com a mãe que não aceitava que ela mudasse de religião</p> <p>Hoje ainda tem parentes no candomblé</p> <p>Questiona o candomblé por está pautado nas entidades</p> <p>A igreja católicas os Santos</p> <p>As igrejas evangélicas da muito ibope para Satanás</p> <p>A bíblia fala de espíritos que não estão no céu. As entidades não estão no céu</p> <p>A igreja evangélica ensina esse radicalismo</p> <p>Cada um segue o que acredita</p> <p>A filha negra era ela</p> <p>Depois de adulta gosta de ser negra; o filho desde pequeno já aprendeu a se valorizar</p> <p>A forma que ela foi criada como dizer que está com</p>	
--------------------	--	--

<p>Práticas de discriminação racial na familiar nuclear</p>	<p>olhado, ela não passou para os filhos. Os filhos já nasceram evangélicos</p> <p>Chá tem apenas valor medicinal</p> <p>Pode tomar banho de rosa, sem com foco no valor medicinal</p> <p>A igreja que frequenta o povo é festivo</p> <p>Por ser evangélica ela busca alternativas e não é contaminada pelo mundo</p> <p>Pode sair se divertir sem problemas</p> <p>Declara-se parda</p> <p>A filha dela é negra, pois o esposo é negro</p> <p>Mãe chamava de Sarara</p> <p>Teve duvida se colocava a filha como negra ou parda, mais na hora colocou negra Filha bem resolvida, sabe que é negra e não quer alisar o cabelo</p> <p>A filha gosta do cabelo cacheado, ela diz mainha tenho que me assumir</p> <p>Descendência negra e indígena</p> <p>Mãe branca</p> <p>Define-se como parda por ser uma mistura</p>	
<p>Enfrentamento de discriminação racial na escola na condição de professora</p>	<p>Mas não entende direito esse negocio de ser parda</p>	
<p>Enfrentamento de discriminação</p>		

ção racial na escola no contexto social			
Enfrentamento de discriminação racial e de gênero no contexto religioso			
Enfrentamento de discriminação religiosa e de gênero no contexto social			
Enfrentamento da discriminação racial na família de origem			
Enfrentamento da discriminação racial na família nuclear			

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Professoras: Andréia e Idaracy

Quando você fala assim como é que eu entendo preconceito racial? Pra mim, todo preconceito são ideias preconcebidas anteriormente. A gente não conhece, mas a gente já levanta hipóteses, então algumas dessas hipóteses negativas, a gente acaba tendo um preconceito, então, pra mim, qualquer atitude de algo que eu não conheço e que eu já coloco um olhar negativo, algo ruim, é um tipo de preconceito. Ai pode existir vários preconceitos, de religião, da nossa etnia, da nossa linguagem, diversos. **Fala-me um pouquinho do trabalho dessa escola, especificamente como você caracteriza essa escola?** Minha historia nessa escola, vou fazer dois anos, sou a professora mais nova daqui. Mas acredito, pela escola trabalhar com projeto pedagógico que se chama IréAyó, ela contempla essa questão da nossa cultura, nossa identidade, então essa escola ela combate diariamente essas ideias preconceituosas acerca da cultura africana e afro-brasileira, por que a gente trabalha num modo muito natural. O que é essa cultura? O que os africanos trouxeram? Como foi que ela entrou dentro desse contexto? E outras pessoas já estavam aqui, como foi essa socialização? Por que quando a gente convive com varias culturas, um com outro há uma troca. **Como ocorreram essas trocas?** E como aqui na escola esse projeto trabalha com os mitos de Vanda Machado, as historias são trazidas de um modo muito natural, que as crianças acabam ressignificando seus valores, e podendo ter conhecimento de uma historia, mais palpável, mais próxima, que é a nossa história. **Como você se sente como professora negra trabalhando com essa questão?** Eu me sinto muito recompensada. Eu quando estudei não sabia desse lado dessa cultura. Estudei em escola particular até a sétima série, depois em escola pública, mas aquela historia dos africanos era muito longe. Mesmo eu sendo negra, não me sentia que eu vinha desses africanos, por que a historia era tão demarcada que eu me sentia afastada. No momento que eu fui amadurecendo, tive acesso a outros professores, com outros pensamentos. A minha identidade foi sendo enraizada. Quando entrei na universidade também e aqui na escola eu me sinto muito bem por valorizar uma cultura que é a minha, para os meus estudantes, tanto os negros como os não negros. **Professora Idaraci. Eu queria que você falasse um pouco sobre essa escola? Como você vê o preconceito racial aqui nessa escola? Já que você é uma professora branca.** Aparentemente. Assim eu tenho doze anos que trabalho aqui (vai fazer treze anos em fevereiro). E quando eu entrei aqui, o projeto YréAyó já tinha sido implantado, acredito que já tinha dois ou três anos de implantação. E assim nós somos os pioneiros em trabalhar até a lei (10.639/2003), antes da Lei ser implantada. Por que a escola pela sua estrutura, que já está inserida dentro de um terreiro, a escola foi construída com os ideais para atender a comunidade local. E na época com Mãe Estela, isso ficou mais enraizado, que Mãe Estela por sua vez, preconiza isso mesmo, ela prega isso, ela quer uma condição melhor para as pessoas negras, da nossa cultura. Valorizar nossa cultura dentro desse espaço. E isso ficou determinado, e com o projeto, a implantação do projeto se reafirmou, mais uma vez, essa condição da nossa cultura, da nossa historia, ser levada a sério dentro de uma unidade escolar, a qual a nossa historia, no caso, ela era banalizada, nas escolas no geral no Brasil inteiro. Acredito que até nos livros todo mundo vê, que a historia ela é contada, talvez até ainda hoje, em alguns livros, mas em muitos livros ela era contada de uma forma pejorativa, de uma forma que o negro veio para cá escravo, e ainda continua até como escravo, alguns livro até, colocam em evidencia isso, muitas vezes na questão social também. E falando de preconceito, dentro do próprio livro didático existi essa questão do preconceito. Eu não sei como os autores hoje, estão melhorando, até por conta da lei, por que se é uma lei é pra ser aplicada. E assim a questão da historia da escola é uma questão muito legal mesmo. Até por conta de você trabalhar em uma sala de aula, com os mitos afro-brasileiro, historia milenárias, historias que contam a historia do mundo, em uma outra

linguagem, em outra roupagem e valorizando esse povo, que foi excluído, massacrado. A história do negro dentro dos mitos, ela também valoriza, a ascensão social do negro, de condição pobre, valoriza a questão da cor também. Essa questão que é tão banalizada, tão massacrada, por que você ter sua cor diferente do outro, incute nas pessoas, por que a gente foi ensinada a isso, não valorizar o outro, por causa da cor negra. Dentro daqui da escola, a gente faz o contrario. A gente valoriza a pessoa que tem uma cor negra, a gente faz com que essas crianças se percebam como pessoa, como gente. E o mito ele nos ajuda a perceber isso também, o mito ensina valores sociais, as pessoas a se perceberem como negros, como pessoas que tem condições de chegar em qualquer estagio, em qualquer profissão, faz com que as crianças percebam umas nas outras suas diferenças, por que somos diferentes, todos nós, aquela questão de você valorizar o outro como ser humano. Perceber o outro como ser humano não por que a sociedade incuti em nós, valores que até faz com que as pessoas sejam racistas mesmo, e o racismo para mim, dentro da escola ainda existi, a gente está lutando, a gente combate diariamente isso, entre as crianças, aquela questão vou dá um exemplo bem pratico.

Respostas das duas professoras Como vocês vivenciam o cotidiano do preconceito, que tipo de situações vocês vivenciam? A questão não só da cor, mas do cabelo, pois o cabelo marca a mulher, e algo que a gente valoriza muito, percebe isso, uma diz a outra até na brincadeira seu cabelo é duro, seu cabelo não presta, é duro, discrimina mesmo, desvaloriza e, no entanto, a gente percebe isso, diariamente, e isso vem também da família, de casa, às vezes, por que nós brasileiros somos misturas de raças, e as vezes dentro de uma família, tem uma criança com o cabelo liso e o outro cabelo mais enrolado, e ai aquele que tem o cabelo mais liso discrimina aquele do cabelo mais crespo, por que, por que a própria sociedade incuti, que o bom, que tem mais valor é o liso, tanto é que tem as pranchinhas hoje, hoje em dia para pranchar esse cabelo e dizer que está, bonito, liso. E as crianças muitas vezes vem com o cabelo pranchado, que não é o certo, o ideal, o legal até, colocar produtos na cabeça de uma criança, não é legal, na questão de saúde, por que você está colocando produtos químicos, para poder fazer com que aquela criança se perceba mais bonita. Outra questão, até da cor também, de um chamar o outro de preto, de macaco, botar o macaco no meio. A questão da cor quando um agride o outro com palavras, a gente tenta remediar, com a própria historia dos mitos, a gente está trabalhando com o mito da “Akoquem”, é um mito que faz com que as crianças, trabalhem os valores, valores morais, de atitude principalmente e ai a gente, trabalha esse mito, essa história, dentro de varias vertentes, principalmente a questão racial, por quem “Akoquem” é a galinha da Angola, que vocês depois podem ter acesso, a historia como um todo, e vocês vão verificar que tem dentro daquela historia, a questão de valores, que a própria sociedade incuti. E a gente faz com que as crianças se percebam, dentro daquela historia e faça com que elas possam se transformar. “Akoquem”, ela se transformou, “ em uma pessoa melhor”, em uma galinha. Depois vocês vão ver e perceber. Então é uma historia assim que Vanda foi muito feliz, foi a primeira historia que ela publicou, que escreveu. Está até nas paginas da Lei, se não me engano. Assim é uma historia que a criança, adora, elas são apaixonadas por “Akoquem”, a gente vai ter a exposição em novembro do mito, a gente luta diariamente, para combater o racismo o preconceito, a condição social, dentro da própria escola, dentro da família dessas crianças, porque não é fácil, combater o racismo, esses preconceitos, entendeu? Só é fácil, se todas essas escolas, seguissem corretamente como manda a lei.

Essa prática de preconceito racial só ocorre entre criança branca e a criança negra? Ou as crianças negras também? Nosso país é uma diversidade muito grande e é difícil também, as leis, as práticas sociais educativas, contempla essa diversidade, então como Dara falou, quando a gente fala diversidade, primeiro, tem que ter uma identidade, por que cada estudante nosso aqui tem identidade: eu sou negro; evangélico; eu sou negro candomblecista; branco candomblecista; sou branco católico; sou negro católico; então assim dentro dos negros existem outras identidades, que também existe um espaço muito grande no seio social das crianças, e a questão do preconceito, tem preconceito de negro com negro,

por que uns falam, você é negão, eu sou moreno. E o que é o moreno? Eu sou mulata. O que é a mulata? Tem aqui na escola, como é uma escola que tem enraizamento cultural muito forte, que a gente busca essa ancestralidade mesmo. Nós viemos da mesma matriz, a primeira espécie humana veio da África. Então todos nós, somos afro-descendentes, mas isso para uma criança atingir, eles ainda não tem essa maturação de perceber, mas quando ocorre um conflito racial na sala de aula, a gente para e conversa mesmo. Nós somos negros, independente da melanina, dessa cor, é a mistura, às vezes o pai é negro, a mãe é branca, o que vai gerar são outras melaninas diferentes, a mesma origem, e para você ser negro, não basta ter a pele escura, cabelo crespo, o nariz ou lábios, então a gente tem que afirmar essa identidade. Mostrar que não existe melhor que o outro, não por que nós fomos educados para copiar o que estava de fora, por que o de fora era mais bonito, tem que ser gente bonita. O que é ser gente bonita é parecer com o branco? Mas se eu sou negra, eu nunca vou conseguir parecer com o branco, então são práticas que a gente no dia mesmo, trazendo os mitos, trazendo que a gente não pode julgar pela cor, por que cada pessoa tem sua historia, sua contribuição, então a gente traz a tona, a gente não deixa passar.

Em que momento isso acontece mais? Em todos os momentos, na sala, no intervalo, é assim, a nossa escola é uma escola normal, como qualquer outra, o diferencial da nossa escola é que a gente traz para dentro da sala de aula os mitos africanos, e os mitos trabalham justamente, a historia desse negro, com uma outra roupagem, com outro olhar, nós somos descendentes dos africanos e a gente valoriza diariamente esse povo, a gente não massacra, a gente não conta aquela historia massacrante, aquela historia de escravo, isso e aquilo, como era colocado, como ainda é. Tem aquela questão que o povo fala que o Brasil foi descoberto, se o Brasil foi descoberto parece que não existia ninguém aqui, e os índios já estavam aqui. É um outro olhar, um olhar de desconstrução de práticas que são seculares, então a gente não vai acabar com o preconceito de um dia para outro, a questão da família, da sociedade, a gente ver os próprios adultos falando: “eu trabalho na casa de branco pró”, as mães as vezes fala entendeu são falas, são discursos repetitivos. **O que é o preconceito racial?** A palavra preconceito é muito ampla, ela tem uma amplitude que é imbuída, pré é o que vem antes, vem primeiro, então, são tantos valores, tantas coisas, que estão imbuídas, a gente perceber algo de diferente que vai, fazer com que aquelas pessoas, o ser humano perceba algo de diferente. E o que é o diferente é algo que me desconstrói, me desestabiliza, como de cor, faz com que você perceba outras coisas, que estão imbuídas, como a sociedade, faz com que as pessoas sejam preconceituosas, na cor, na ascensão social, preconceito para mim é a mínima coisa, as vezes ele vem de dentro de você. Por que preconceito são padrões, se for diferente as pessoas vão olhar diferente. O que combate o preconceito é a educação. A sociedade fala essa escola é a escola da macumba, tem esses estereótipos da escola, mas no bairro essa escola é muito bem vista, todos os pais querem que os filhos estudem aqui, por que eles reconhecem que aqui tem um bom ensino, que se trabalha a identidade, chega a ser algo contraditório, por que ao mesmo tempo que eles criticam, eles querem que os filhos estejam aqui, alguns pais já estudaram aqui, é um geração. Eles saem daqui com um questionamento, por que aqui eles podem se expressar, é um espaço que a gente discute, essas questões da estética, do seu cabelo, não existe cabelo duro, cabelos são diferentes, tem cabelo crespo, liso, tem a mistura de um com outro, desse reconhecimento da sua identidade, sua alteridade, é diferente, tem professora negra, que usa trança, cabelo liso, a questão da educação é fundamental, para combater essas práticas de preconceito. **Conceituar cultura?** É toda manifestação artística ou não de um povo, uma dança, um ritual, uma expressão teatral, uma comida, uma alimentação, tudo isso é cultura, dentro disso, é a minha identidade. Cultura é a historia, o que constrói a cultura de um povo é a sua historia, padrões sociais, características de um povo, visões, a própria historia em si do negro, ela é contada oralmente, imagine ser passada essa historia oralmente, de geração em geração, até chegar a nossa e a gente escrever, é muito gratificante, ouvir uma pessoa de dentro do terreiro, contar uma historia da

família dela, valorizar aquela historia. O que Vanda fez valorizar essa historia que foi negada, cultura é bem mais ampla do que achar que é só uma dança. A cultura é tudo de um povo, imbuído dentro da historia daquele povo. Os povos indígenas, quantos foram exterminados e não ficamos sabendo da cultura daquele povo. A nossa cultura legitima tudo que é escrito, as tradições africanas são orais, são ditas, faladas. Por que eles falam que são serem aculturados, por que são diferentes. Quando o dominador olha para o dominado ele acha que só por ele ser dominado, ele é aculturado, não tem educação, é uma tabula rasa, quando a gente para ver nossa ver a historia da educação. Essa questão de valorizar a cultura é recente a cultura a gente tinha que importar dos europeus, pois para eles a gente não tinha cultura. Existe desigualdade cultural, social, o termo cultura é muito amplo, às vezes nós não respeitamos a cultura do outro, o tipo de musica. **E dentro da escola como você perceber essa desigualdade, essa relação de negro e classe social?** Pró é por que eles vivem sós no mundo da baixinha e lá não tem nada de bom, baixinha de santo Antonio, mais de 10 mil moradores, eles moram em um bairro com dificuldade socioeconômicas. A maioria mora próximos, o publico é de lá, são muitos parentes, ha um reforço dessas questões sociais, eles diferenciam eu moro na invasão, moro na baixinha; moro em São Gonçalo. Eles discriminam o local, existe dentro da própria comunidade a discriminação social.

Uma aluna minha mesmo na casa dela a porta que eles usavam era a porta de geladeira. Às vezes essa questão social é às vezes mais forte do que a racial. Na hora do lanche, um acha que o outro é melhor. Tem criança que não saem do bairro, ontem mesmo eles não conheciam outros lugares da cidade. A questão da desigualdade, ele [...] planeta dos macacos. Quando eu entrei na rede, eu queria entrar nessa escola mesmo e a pessoa que estava fazendo a seleção me disse : essa escola fica no terreiro de candomblé. Eu disse a ela: eu quero que ir para lá. Essa questão da criança menor tem um reforço muito grande. Por eles ficar com o pai, mãe, avo, eles traz muito forte. Nas turmas maiores o preconceito não vem só de casa, da comunidade, da escola. Se você não conversar com a criança de cindo não para desconstruir, só vai reforçando. Quando um diz assim, a criança enxergar o outro, ela ainda não se perceber, botar apelidos, macaco, você é preto, cabeção, ela começa a perceber a diferença do outro e coloca apelidos pejorativos, para atingir o outro, e a escola fica só, e dentro de casa é reforçado. Pai brigar com a mãe, os irmãos brigar, a família hoje é desestruturada, a família hoje não é mais, pai, mãe, filho, pai e companheira, mãe e companheiro a família hoje é diferente, faz com que a criança fique atordoada, e a gente tenta combater. Ao trabalhar com essa criança desde o ensino fundamental, que esse trabalho na base, tem um reflexo positivo.

As famílias de hoje são um mosaico, varias construções, os estudantes moram perto, próximos, sua mãe fez isso, brigou, cabe a gente na escola de respeitar o outro. Por que sem respeito não pode existir nada. Respeitar o outro não é você copiar os outros. Eu acredito assim, na minha concepção de educadora a família tinha que está diretamente ligada a escola. **Como?** A escola trabalha dessa forma, por que a gente não vai educar a família, a gente educa a criança, essa criança chega em casa e muitas vezes educa o da família, por incrível que pareça, com atitudes, com ações e as vezes, mãe que não estava sabendo de certas coisas, muitas vezes aprende com os filhos pequenos, que marca mais ainda, na sua fala, na suas atitudes, e eu acredito que você trabalhar desde pequeno, para incentivar esta criança a ter boas atitudes, a não ter preconceito em relação ao outro, isso faz com que ela vá se tornando um adulto, sem essas coisinhas mínimas, que faz com que a gente perceba o outro a diferença no racial, a gente discriminar é uma coisa muito pobre, muito medíocre, e o ser humano quando ele é educado para respeitar o outro, a cultura do outro, a diversidade que existe dentro da nossa sociedade, esse ser humano, por incrível que pareça, ele vai ser diferente. E outra coisa, o conhecimento é a chave de tudo, não só esse conhecimento institucional, do livro, mas o conhecimento do respeito, da sabedoria, de respeitar o outro, de respeitar os mais velhos, isso são práticas que a gente tem aqui na escola, por exemplo, temos uma estante, os meninos levam livro para casa e muitos pais, inicialmente

não aceitam, acham que o menino vai estragar o livro, ai fala pro não quero que leva senão vai estragar o livro, não tenho dinheiro para comprar outro, eles pensam nisso, não pai ele tem que levar o livro, ter acesso a essa historia, reproduzir pra você essa história, entendeu, a gente tem que começar a confrontar um pouco, é um pai, a pró não estudei, só por que ele não teve acesso, ele está coibindo a ter o livro. Nas comunidade pobres as vezes tem esse discurso. O livro é para ser usado, manuseia, os livros contam historia é de conservar o livro, ensina o outro, como foliar, por que, ele ensina isso também dentro da casa dele. Quando alguém risca o livro eles apontam: fulano rasgou o livro. São atitudes mínimas. A escola fica só às vezes, a mídia massacra o ser humano. A comunicação faz com que o ser humano absorva rápido, as novelas. **Andreia:** a mídia a comunicação cria modelo, padrões, elas coloca uma cultura como hegemônica, a dominante que normalmente é a do branco, e a cultura dos outros fica como? uma criança de sete anos que alisar o cabelo, por que ela quer ser igual a menina de Carrocel/chiquititas se a família não tiver conectada, com essas discussões e que muitas vezes eles não estão, essa questão da identidade se torna frágil, por isso a família e a escola tem que está sempre em parceria, imagina se todo mundo fosse igual? Aqui a gente trabalha assim, com a valorização dessa diferença. Tem mãe que não quer que o outro brinca com o colega escuro. Dentro da própria família discrimina o filho, raquítico por que não se alimenta nas horas certas, não aprende, tem dificuldade de aprendizagem, até pela desnutrição, o menino precisa de fono, a mãe fala que vai levar e nunca leva, o professor faz o papel de psicólogo, de mãe. Tem mãe com 05 a 06 filhos e acaba privilegiando uns em detrimento de outros. Nós brasileiros somos misturas de raça.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LUCIMARIA

Lucimaria:(A entrevista foi na casa da professora Lucimaria Ribeiro Sousa, (mãe de dois filhos, separada há quatro meses) um ambiente tranquilo, onde só estava á mesma, a minha espera. Antes da entrevista conversamos sobre diversos assuntos relacionados á vida social, ao trabalho e aos projetos de vida de cada uma de nós. Depois de aproximadamente quinze minutos de conversar informal, apresentei a proposta da entrevista, pedi autorização para gravar o que foi prontamente aceito pela entrevistada.)**Fale sobre suas motivações para ser professora e suas experiências formativas.**A entrevistada apresentou-se como sendo: professora do município, disse que fez magistério e pedagogia pelo curso de formação de professores e fez especialização em direitos humanos na Uesb - Campus de Itapetinga. “Falar desse processo de educação é gostoso e traz lembranças boas... saudosas”. Eu me tornei professora não foi por opção. Aquela história assim: filho de pobre tem que ser professora. Quando tinha o magistério aqui em Itapetinga eu morava com minha madrinha, e a opção que eu tinha era, mesmo que eu quisesse fazer outra coisa, por que não faz magistério que é mais fácil arranjar emprego? Mas eu já tinha um relacionamento bom com criança (eu já me envolvia muito com as crianças). Ai eu fui me descobrindo como professora. Ai a gente obedecia né! Mas vou fazer magistério pra ver se eu gosto e se eu não gostar eu faço agora e depois procuro outra coisa. Mas eu não pensava em ser professora. Eu me descobri professora. Eu fui pro magistério, eu fui me apaixonando fui me descobrindo, fui gostando de ser professora, eu descobri, assim eu não posso ser outra coisa, tenho que ser professora. Mesmo que foi um acidente de percurso, mas um acidente de percurso bom.**Na sua infância você sonhou em ser o que?Profissionalmente o que você sonhava pra você?**Naquele período a gente pensava em, a gente (família), de trabalhar, agente tinha uma vida difícil, a gente ia trabalhar pra ganhar dinheiro, na verdade, pra sair da vida dura que tinha ai os sonhos de infância era fazer alguma coisa que não fosse lavar roupa que minha mãe é lavadeira, trabalhar na casa das pessoas que a gente já vinha de um processo de sofrimento, a gente não queria, a gente queria fazer alguma coisa, a família inteira pensava, uma pensava vou no trabalhar no comercio, no hospital, trabalhar no monte de coisas, a gente pensava na verdade em ter um emprego bom para sair da vida ruim que tinha.**Vocês conseguiram estudar e conciliar com o trabalho?**Ai a gente foi mudando, nós mudamos, das fazendas viemos pra cidade, ai fomos estudando, cada um foi estudando, estudando, mas minha mãe não era aquela que falava vocês tem que estudar, a gente estudava, é tanto que na minha família hoje, na verdade, quem tem um curso superior, uma formação sou eu. **Você é a mais velha?** Não eu sou a do meio. Os outros trabalharam para ajudar criar os irmãos mais novos. Mas a formação, porque ai eu entendi eu quero, eu botei em minha cabeça eu quero estudar [uma questão pessoal] eu sempre gostei, eu sempre fui à aluna... **Você via a escola como uma forma de sair daquela situação ou de não repetir uma história de ir pra casa dos outros, lavar roupas?**Eu repetia pra mim não, eu não quero ter essa vida, eu vou ter uma vida diferente e assim a Filha Negra era eu, porque a minha mãe era negra e meu pai era branco. A filha negra era eu, as outras irmãs eram brancas, os outros irmãos negros. **Como você lidava com isso?**Então assim quando você me disse que a gente ia falar sobre isso eu lembrei uma história das Santas que agente recebia que minha mãe era bem católica não é, então, as brancas recebia a Santas Nossa Senhora Branca e a negra recebia a Nossa Senhora negra e eu não entendia aquilo falava meu Deus porque eu tinha que receber essa santa Preta, [rsrsrs] eu achava interessante né, e aquilo também não era só interessante não era confuso e dolorido porque que eu tenho que receber a mais feia? Por que o feio, o negro era associado aquilo que era feio, marginais, aquela coisa que a gente já sabe, então quando, então eu falei vou estudar. **E pra você era feio?** Pra mim era feio, por que assim, por que tudo quer era negro naquela época era feio, minha mãe era uma pessoa preconceituosa, eu deveria ter o que? Na minha

adolescência, não que adolescência o que na minha infância, infância mesmo. **Você falou que sua mãe era negra e seu pai branco.** Mas ela era preconceituosa, ela não gostava de negro na verdade, pra ela tinha um relacionamento. [...]. Minha irmã mais velha tinha um cabelão bonito, liso, tinha corpo de violão, minha irmã a outra tinha pele clara, a outra era clara também. Quando a gente brigava sua nega, olho de biba, a questão do negro era jogada como se fosse uma coisa ruim. **E na escola?** Na escola não tinha os ataques diretamente, mas na escola tinha assim, as meninas que se mais destacavam eram as meninas brancas de cabelo liso, as meninas mais bonitas eram as brancas de cabelo liso. E as professoras eram negras, brancas? Eu não me lembro, eu tive poucas professoras negras. Ai era essa questão a que beleza branca era endeusada, ai eu tinha essa consciência de que era a mais feia, mas que eu precisava desenhar tão bem quanto a outra, eu precisava me destacar e o que eu fazia eu estudava, eu sempre estudei em escola publica, fui me destacando nas notas, fui estudando, fui tomando amor pelo estudo, e na minha cabeça chegou o momento eu não via mais assim que tinha que estudar pra trabalhar, eu quero estudar por que eu amo, por que eu gosto, e fui me descobrindo, naquela época eu não tinha condição de ser leitora, naquele período a gente morava distante, de ir pra biblioteca. Mas a questão do negro começava em casa, por que minha mãe era uma pessoa preconceituosa ela nunca se aceitou como negra. **Como você percebia isso?** Por que ela declarava isso, ela não gostava de negro. **Ela não sabia que estava te magoando ou sabia?** Não, não mesmo se magoasse ela não estava preocupada [nervosismo] eu nunca falei pra ela. **Ou você não se via como negra até então?** Não eu sempre sabia que eu era negra, eu era a negra da família. **Por quê? Por causa da cor da pele, por causa do cabelo?** Por causa da cor da pele, por que falava assim a preta da casa era fulana, ai chegou o momento que eles começaram a ter admiração e respeito por isso, por que a preta da casa não era só a negrinha, a preta da casa começou a estudar, era aquela que dava orgulho. **E seu pai como branco, como ele se comportava com relação a você?** Ele mostrava uma preferência pela mais velha, os irmãos sofriam com isso. Mais da parte de minha mãe eu percebia que a filha negra era um problema para ela, por que ela já não gostava de ser negra pensa ai você não gosta de ser negra e você tem uma filha negra automaticamente você não vai ter chamego com essa pessoa, que retrata o que você não gosta. **E você acha que é por isso?** Eu tenho certeza que é por isso! E a gente teve grandes embates na vida que eu nunca fiz para agradar. No dia que eu falei que não quero mais pertencer a essa religião, era uma coisa que eu comecei a investigar, a questionar, no caso a católica, então minha mãe era assim era católica e adepta também do candomblé, ela ia a todos os “centros” que ela podia e levava a gente. Então aquilo que eu não gostava eu falava não quando eu crescer eu não vou ser, no dia que eu resolvi quebrar o vinculo com tudo que eu não queria ai ela (mãe) falou não você hoje não é mais minha filha, isso ai já foi pra vida toda, pra ela tinha essa coisa (...) Eu fiz o primário e o ginásio aqui, eu era aquela aluna que não dava trabalho, na escola eu não tinha essa problema por ser negra, aonde eu passei não. Os professores na verdade tinha esse problema de endeusar quem tinha a pele clara, que tinha uma aparência bonita, podia ser até a que não fosse a mais bela, ou a mais sabida, mas eles acabavam [...] **E como você se destacava na sala?** Eu estudava muito, ai, por exemplo, quando tinha os papéis nas peças de teatro, as mais bonitas não conseguiam fazer, ai falava coloca Mara pra fazer. E na verdade quando a gente vai pra essa situação você acaba, eu não sei se, se apoiando no outro que tem a chance, vamos sentar juntos! Eu me lembro que tinha uma meninas que se destacavam não por que faziam tudo, sabia tudo mas por que eram amorosas, se destacavam, não sei. E eu era uma menina até pelo comportamento elas sentavam junto, eu acabava me dando bem com ela também, elas tinham coisas que eu não tinha hidrocor, lápis de colorido, ela tinha padrão de vida melhor que o meu, na verdade você acaba, gostava de brincar comigo, eu gostava de está perto, pois eu usufruía o que elas tinham também. Eu queria estudar, no inicio eu ainda pensei em fazer pra área de saúde, fazer laboratório.

Eu tive a possibilidade de ir embora, fui estudar o segundo grau em Salvador, Ai sim, ai foi pesado sai do Polivalente e fui pro Alexandre Leal Costa, escola municipal de Salvador, quando eu cheguei lá eu não era a negrinha, mas eu era a interiorana, ai vinha os deboches, as piadinhas, ai mais sofrimento uma escola no bairro Nazaré, tinha o Central, o Anísio Teixeira, monte de escola, e tinha um colega que ele era terrível, quando eu passava ele não me chamava pelo nome, ele me chamava de Itapetinga, ele gritava Itapetingaaa, eu detestava, eu detestava. Mas na sala tinha uma professora Milze assim ela se encantou comigo, mesmo que eu vinha do interior eu era uma aluna aplicada, estudiosa, os professores me adotaram, mesmo vindo do interior eu gostava de estudar. Eu tinha uma vida difícil, porque eu trabalhava antes de ir pra escola, pois eu morava na casa dos outros e antes de ir pra escola eu tinha que dá conta da casa, quem mora na casa dos outros, você já viu né. E ai eu fui me dando bem, fui me destacando na escola, na verdade eu me destaquei por gostar de estudar. Isso foi me fazendo bem. Ai já foi na adolescência. Quando eu terminei o fundamental II e fui pro segundo grau. **Você consegue lembrar algum professor negro?** Em Salvador eu tive professor negro, mas eram negros que não se assumiam como negro tinham um padrão de vida alto, era professores que moravam em bairros nobres da cidade, enquanto tinha outros professores mais pobres que andavam de ônibus. E tinha o professor negro classe baixa. Tinha professores mais amargos, mais amáveis. Daí você terminou a oitava serie e fez magistério? Naquele período, na verdade filho de pobre fazia magistério, não pensava em fazer curso superior, na década de 80 não tinha essa preocupação de faculdade. Naquele período ensinava pra gente madrinha né, filho de pobre tem que ter profissão. Durante o magistério aconteceu algo que marcou que é relevante? Silêncio... **E durante o curso do Magistério? Você se apaixonou durante ou depois pela educação?** Apaixonei-me durante o curso, eu fui descobrindo que era aquilo que gostava, fui fazendo o estagio, no inicio estou fazendo porque querem que eu faça, depois vou cai fora, quando comecei trabalhar com criança, me envolvi com a criança eu me encantei. ja que eu estava gostando eu fui correr atrás. Trabalhei com escola infantil chamado intermediário essa fase eu já fui pra uma realidade diferente que não era publico, era particular, já que eu estava gostando e no estado eu trabalhei com a alfabetização, aquela fase que tinha o método alfa. Na verdade o que eu me lembro era que as crianças de periferia negra elas eram mais relegas, tinha uma professora branca que me lembro, na sala que eu estagiei, os estudantes que aprendiam rápido, estudante de pele clara, limpinho tinha mais atenção, os estudantes de periferia, negros que não tomavam banho direito que não arrumavam o cabelo direito geralmente ficam relegado. Já nessa época, e aquilo eu acabava me envolvendo com eles, de botar no colo. E foi isso de me identificar com a rejeição, com essa coisa de (...). **E essa identificação com essa rejeição criança surgiu por quê?** De lá pela infância por ser aquela menina negra, de ser diferente. **Na sua família você sentiu rejeição ou não?** Na minha família eu senti rejeição. (E muito choro nesse momento). **Voz tremula. Como é essa dor, foi uma dor ou algo fácil de superar?** (Choro) A rejeição é algo muito ruim, eu passei por um processo de (...) na igreja evangélica a gente tem um momento de cura e tem o psicólogo que é preparado pra isso e depois de grande eu descobri que a rejeição é pior que a dor de pari. Algo terrível. E essas questões dos menos favorecidos, do abandonado, do negro, eu acho que nasceu no meu coração daí, eu me identifiquei ai. (20h48min).

Essa rejeição na infância é algo pra você é algo mais dolorido, por que a criança se percebe como você se percebia naquele meio? Diferente! **Como diferente, você não tinha deficiência física, doença contagiosa, como diferente?** Por ser tão diferente, por exemplo, você (Aline) tem irmãs negras, né, na verdade quando você olha você vê iguais, como minha mãe já tinha esse processo de (...) ela deve ter sofrido alguma rejeição, meus avos eram negros, meus avós com certeza (...) os ancestrais deles eram negros africanos, minha mãe era negra, cabelo de “tuim”, como chamava, cabelo crespo. Mas ela (...) Os meninos não, os meninos ela não tinha esse afastamento, os homens todos eram negros.

Quando chegava alguém de fora para visitar, você percebia diferença no tratamento dentro de casa? Não era algo que ela planejava fazer, que naquele período quando visita chegava à criança só vinha na sala quando os pais chamavam, se tivesse você e ela conversando e a gente apontasse lá, todo mundo se mandava, na verdade era uma coisa inconsciente, era uma coisa que ela deve ter sofrido rejeição, não sei onde, não sei como. Que minha avó teve infância dura. Quando eu lembro e ainda dói quando eu lembro que eu fui tomar pé da situação. Por que tem certas questões em mim que me incomoda? Por que sou assim, por que tem coisa em mim que me incomoda? Por que tem coisa que é tão difícil pra mim? Por que eu quero brigar por isso?

Por que sou negra? Depois de adulta eu gosto de ser negra (...), por exemplo, meus filhos, eu sempre dizia assim pra Lael, você é tão bonito, um menino negro, Lael tem essa coisa de valorização com ele. Com Raísa era branca, cabelo liso, e às vezes as pessoas pensava que eu era a babá de Raísa e isso me incomodava. Quando eu fui mexer nisso tinha coisas além do que eu imaginava. **Que coisas seriam essas?** Por exemplo, esse sentimento de tristeza, quando o povo falava: ela é sua filha de verdade? Até hoje o povo pergunta isso, hoje não me abala mais não. Quando eu lembro da rejeição da minha mãe era por que isso foi uma infância. agente morre com isso. Não adianta a gente fingir. Minha mãe era dura, muito dura com a gente. Mas na questão do amor, ela trava os filhos dentro da possibilidade dela de iguais. Agora mostrava as preferências que ela tinha. E eu vejo isso que é comum a muitas mulheres. **Então depois que você se tornou professora, você já começou a se identificar com as crianças rejeitadas?** Ai, eu me lembro de que foi naquele estágio, tinha uma menina pretinha e aquela menina ia pra escola sem tomar banho, ai eu ouvia: ela fedi. Não e aquela menina eu me lembro que na roupa que ela pegava, eu tinha que ir pra casa tomar banho. Mas aquela criança era muito rejeitada. E as outras crianças pretas, pobres, e é hipocrisia dizer que hoje essas crianças não sofrem rejeição.

No fundamental I Eu trabalhei desde a alfabetização até a quarta serie, no município e no Estado.

Você enquanto professora percebia algum comportamento diferenciado por parte dos colegas, estudantes? Teve uma coisa que me marcou, quando eu trabalhei numa escola famosa em Salvador. Quando eu levei meu currículo, os cursos que eu tinha, a mulher viu meus estágios e disse: você é a pessoa que eu quero. Em Ondina, uma escola de destaque. Ai uma professora (...) Eram filhos de médicos, dentistas. Iam fazer umas mudanças, alguém ia sair da escola. Ai uma mãe, muito tempo depois eu soube que uma mãe falou para diretora: que ela não queria o filho dela estudando com uma mulher negra. O que eu me lembro, o mais interessante, aquela mulher não era branca, era estilo a mulata, mas ela não queria, era advogada. Entre uma colega que não tinha as mesmas competências, a mesma formação que eu tinha, fazia loucuras, ela ficou. Tempo depois ela foi tirada da escola, pois foi pega dando “umas xeledadas num menino”. Eu perdi o emprego por que eu era professora negra e a de pele clara mesmo não tendo a mesma competência, mesma formação que eu tinha ela ficou. Isso em escola particular. Na escola, eu acho que o povo negro, e o que eu percebi sempre como professora, ou ele se retrai ou ele se escondi, quando eu vejo um menino muito lá no canto, aquele ultimo eu gosto sempre de trazer pro meio, para frente. Eu percebi ao longo de nossa educação de educação, que um quando se destaca por que é o é o que se impõe, briguento, por exemplo, na escola quem fez isso falam: Foi Mara, então deixa ai, não por que sou o dono da verdade, mas eu vou brigar lutar. Você já situou uma, mas quais foram às limitações você enfrentou por essa sua condição de ser negra, nessa trajetória? Eu fui pra UFBA, passei no vestibular pra Letras, naquela época a aula era o dia todo, eu não tinha condição, eu tinha que trabalhar para me sustentar. Primeiro perdi o emprego por que era negra, você perdi oportunidade, sim, até hoje o negro perdi oportunidade e hoje ainda perdi. Tem as leis que hoje coloca muita gente e a temer, mas perdi sim. Mas os melhores trabalhos (...). A educação eu tive que largar por que eu tinha que trabalhar, eu vinha de uma família pobre e eu não ia ter a mesma facilidade que as

outras colegas tinham. O olhar das pessoas, o respeito, a valorização das pessoas, eu podia ser a mais estudiosa, eu podia ser a mais inteligente, eu acho que as pessoas. Ainda olha a aparência, a capa. Não olha a essência. **Quais foram as contribuições que esse seu olhar, essa sua visão deu pro seu trabalho, pro seus estudantes, enquanto professora?**

Eu trabalhei no infantil e trabalhei com jovens e adultos, pra mim, foi um presente. Que jovem e adulto eu pude conversar de igual pra igual, dizer pra ele assim: apesar de Apesar de negro, apesar de pobre você pode. Hoje encontro estudantes que dizem oh Mara você me ajudou, estudante determinado, que tem uma formação, ainda lembro. A partir do momento que eu olhei pra aquele que estava lá sem conseguir aprender, no momento que olhei pra aquele que era tímido demais, eu não fiquei devendo isso pra ele.

Mara na sua fala você diz apesar de, tem a ver com sua história de rejeição. Houve um momento que você ficou naquele conflito existencial? Por que isso comigo? Acho que todo mundo tem isso. Por que teve que ser comigo. Como você conseguiu ao longo dessa trajetória familiar, sair dessa situação de vítima? Teve um momento que eu sair desse ambiente familiar estive em outros espaços, encontrei pessoas que não olhavam pra mim, como a negrinha, a negrinha que vai ajudar criar os sobrinhos, os netos, padrinho e madrinha era aquele pra você ser empregada de graça. Eu sou aquela que vai até o fim. Eu me envolvi com questões sociais. Eu não sou muito melosa, de colo, de abraço, não sou. Com meus filhos eu beijo e abraço, mas não sou melosa não. Com o marido quando tinha eu também não era assim. Na verdade ao longo da história eu aprendi a me defender, coragem, determinação, minha mãe era de uma coragem, por isso eu digo, ela deve ter sofrido rejeição, por onde ela passou. Eu me lembro vagamente de uma história que ela teve um grande amor, e a família não deixou ele casar com ela, e eu acredito por que ela era negra e pobre. A história dela não deve ter sido a mais bonita e a gente não dá aquilo que a gente não tem. Eu achava ela radical nas coisas e isso a gente se aprendi a se defender. Eu aprendi com outras pessoas. Eu conheci pessoas que não valorizava a cor, valorizava pelo que eu era. Teve um período de minha vida que eu não abria a boca, você acredita? Me Conhecendo hoje. Eu não abria a boca. O que foi que mudou na sua história para você se tornar a Mara que você é hoje, de luta, de movimento? Eu acho que foi sabe, consequência, foi surgindo e fui descobrindo que eu podia. Por meio de luta de reivindicações, dentro da minha casa, comigo. Eu acho assim que no momento que eu consegui me tornar Mara professora, ser humano no momento que eu consegui. Eu era diferente da família agora, mas eu era com outro olhar, eles passaram a me respeitar, no momento que eu consegui me afirmar como ser humano, que eu estudei, que não esperei pai e mãe mandar, formei, arrumei meu primeiro emprego. O conhecimento ou autoconhecimento teve que papel em sua trajetória? O conhecimento acadêmico, de informação foi muito importante. E esse autoconhecimento é importante quando você encontra alguém que te valoriza não só pelo que aparenta ser, pela essência que você é. E eu descobri isso com aquela grande “figura” que já não existe mais, você sabe. (Choro), (emoção). Como você conceituaria educação? Educação é um caminho, sabe, caminho do conhecimento, caminho da identificação, são vários caminhos. Não é O caminho, mais é um caminho. E nesse caminho que pode ser bom ou ruim, que você pode ir para o bem e o mal, se você encontrar alguém que te desrespeite, diz que você não pode que não é capaz. Eu tive uma amiga Fátima, ela era uma pessoa linda, psicóloga, classe média alta, mas ela me tratava de igual pra igual, ele me fez assim ver o respeito que eu podia ter das pessoas. Ela não me olhava como a filha da lavadeira, ela brigava com a mãe dela, que a mãe dela era rica, a mãe dela dizia assim a minha filha você tem que ter amigas do seu nível. Fátima dizia assim ela é do meu nível capaz de amar como eu amo capaz de enxergar como eu enxergo, Fátima era uma pessoa linda. Acho que se eu tivesse ficado aqui em Itapetinga, se eu tivesse ficado com minha família eu tinha sido só mais uma negrinha. Mais quando surgiu a oportunidade quer tentar eu não hesitei. Educação é um caminho, surgiu e vamos ver como é que é eu não sei o que vai dá. Agente viu como as pessoas te olharam diferente por que você foi fazer o mestrado. (problemas

na máquina de gravar).Pra mim educação é caminho, educação vai além da informação. As pessoas prega muito educação no conhecimento formal, de livros, é importante é. Eu tenho cede de estudar, eu amo, mas eu acho que dentro de educação se não fosse esse caminho da ética, da justiça. **E a escola, como você conceitua a escola?** A escola ainda é informação, por isso eu tenho essa preocupação de fazer de cultura afro, o pensamento da ética, do amor, do olhar diferente com o outro. Eu me encontrei de cultura afro por isso, em C. afro eu digo pense nisso, a história é essa, mas dentro da historia o que a gente pode aprender com ele. A escola ainda é informação.**E o currículo dentro da escola?** O currículo eu acho ainda distante da vivencia do estudante, melhorou, melhorou, muitas coisa melhorou é tanto que tá aqui cultura afro, mas as pessoas faz do currículo só conteúdo. Acho que a escola ainda é conteudista. Tem aquela lista assim e a universidade ainda forma professor assim. Pelos cursos que eu fiz eram poucos os professores que davam alem.**O que é o conhecimento?** O conhecimento de modo geral? Eu acredito que você capta que consegui absorver. Tem o conhecimento que você vai ter que cessar ele, aquela historia do aprender e compreender, o conhecimento é uma aquisição.Como você na escola posicionado na escola posicionado o conhecimento o currículo. Agente precisa humanizar o currículo, a gente o todo. O professor ainda gosta de receber. Por que não vamos por área de conhecimento, é um tiro na mão d o professor. Se formos por área do conhecimento eu vou dá vários leque ao estudante, e eu não vou ta preso amarrado a uma coisa.Lógico que eu não acreditava todo mundo domina tudo, não é isso não. Mas eu acho que a gente pode trabalhar o coletivo. O conhecimento ainda é fragmentado, eu sou isso, fulano é aquilo, quando a gente puder da isso e fulano você complementa aquilo, eu vou na sua área. Quando a gente conseguir trabalhar na coletividade, um grupo como os índios nesse mundo afora.**Como são suas relações no ambiente com estudante, professores, diretores?** Os estudantes dizem que eu sou muito dura com eles. Eu sou dura por que eu não tenho essa facilidade. Eu descobri isso quando eu fiz biodança. Eu não sei se você já ouviu falar. A biodança trabalhava varias áreas, dentro da dança, do corpo, e eu tinha muita dificuldade, no toque, no envolver. Eu vi que tinha cantos que eu não ia. Tinha momento de cada um expor uma musica cantarolar (que era muito assim, trabalhava com o corpo, sentimentos), eu não conseguia, eu não tinha uma musica minha lama não tinha um musica. E eu acredito que aquele dia eu percebi que não tinha uma musica é por que muita coisa dentro de mim sabe (...) a biodança me deu uma sacudidela. Eu sou evangélica, você que me conheci de algum tempo, sabe que não sou aquela evangélica você que ir pra minha igreja sou assim , eu posso conversar com você sobre a bíblia e posso conversar sobre outras coisas sem o desespero que eu não vou para o inferno. Por exemplo, quando passo aquele filme Besouro, o filme besouro tem as entidades os orixás. Tem professor que acha aquilo absurdo, como eu sou evangélica e passo trabalho aquilo. Se eu tivesse passando um filme sobre a religião católica, sobre os santos. O que você está fazendo em Cultura Afro? Que você é evangélica? Eu aprendi a separar as coisas sabe. Esse relacionamento com os meninos, eu descobri essa dificuldade na biodança com o toque, de expressa às emoções. Eu dou risada com eles, eu não sou de ficar no mela, mela não, mas eu também sou exigente por que eu o estudante nessa fase precisa disso. É um pensamento meu. Eu não consigo trabalhar no barulho, tenho dificuldade de trabalhar na bagunça. Você vai chegar à minha casa, pode está até sem varrer, mas não vai encontrar tumulto, até por que nos é ensinado a deixar tudo bonitinho. Eu acabei cobrando isso dos meus filhos, às vezes eu tento não sei tão cri cri. Às vezes Lael, não vou tomar banho agora não, ai eu tenho que contar até mil. Lael você tomou banho hoje, vou tomar nestante, mas eu procuro não ser tão assim. E como eu te falei aquele processo de cura interior. Gente eu nunca passei. Olha eu pari duas vezes a rejeição para mim foi pior que a dor do parto. E teve um momento que eu trabalhei com a rejeição e ai eu vim compreender, entender que a culpa não era só dela . E a rejeição não foi só por que eu era negra. a rejeição foi desde o útero da mãe, questão de relacionamento, de momento. Quando eu fiz essa busca e dentro desse processo de cura existem estes encaminhamentos essas revelações. Desde quando isso ta. Ainda

mexe comigo por que foi algo além da infância, além da adolescência. Lar Relacionamento com a diretora eu aprendi a me impor, por que aquilo que eu faço procurar fazer bem feito. Eles me respeitam, eu questiono. Diferente daquela Mara tímida? Quando eu lembro é diferente, era medo de falar errado, de passar vergonha. **Como é o planejamento, momento de estudo, se preparar para entrar em uma sala de aula?** Nós temos um momento de fazer no coletivo. Eu faço mais individual, aqui em casa, gosto de fazer com uma garrafa de café, descalça, tiro a mesa daqui levo pra lá. Quando eu quero da aula não me prendo a um livro. Eu vou lendo vou buscando, pego um livro de geografia de historia, módulo de cultura afro. E eu gosto de fazer essa comparação de vários ângulos, para eu entender, se eu não entender eu não vou saber passar para o meu estudante. Ai esses dias o menino falou assim: Mara você já foi na África? Eu disse não. Por que quando você fala da África pareci que você está dentro da África. Quando eu vou falar de Angola eu busco saber tudo de Angola para eu passar. Na verdade eu tenho paixão pelo aprender e passar. **Com relação a crenças e valores. De que forma os valores as atitudes interferem na vida que você vive fora e dentro da escola. Quando digo valores crenças, religiosidade.** Eu já venho de uma formação assim, fui criada num ambiente católica, frequentando o candomblé. E depois, eu experimentei na verdade um monte de coisas. Eu era apaixonada pelo espiritismo, não que eu sei não, o que eu pude absorver, eu fui absorvendo. Até que eu cheguei à igreja evangélica, comecei a ler a bíblia. E o que eu me identifiquei com a bíblia... Então pra mim os meus valores ai vem dessa mistura de crenças. Seria hipocrisia dizer que não existi né., eu procuro respeitar as diferenças assim. E Aquilo que minha mãe me ensinou, nenhum momento que eu falei pra ela que eu não quero mais frequentar a igreja católica. Por que eu não quero? Por que a igreja católica não me respalda na bíblia, o que eu estou buscando nesse exato momento. Eu dizia pra ela o que eu via lá. Eu me lembro que a gente ia pros dez mandamentos. Eu não posso rasgar os dez mandamentos. Ela não aceitava, nasceu católica tem que morrer católica. Foi tão, você ver como ela é tão... Se você for, você deixa de ser minha filha hoje. Eu vou continuar sendo sua filha e eu vou pra igreja evangélica por que eu quero ir, eu acho que vou me sentir bem lá. Eu não quero mais ir, no candomblé, na igreja católica. **Mas quando lá você estava não existia esse conflito!** Não, por que eu não era muito envolvida, minhas irmãs era eu não. A proporção assim que eu fui lia a bíblia e a bíblia dizia que não podia e eu não entendia. **Você tem a visão como a maioria das pessoas tem principalmente as pessoas evangélicas que eu converso, não estou generalizando, a figura do demônio nesses outras religiões e a de Deus cá. É assim?** Não eu tenho parentes que ainda hoje que é do candomblé. Ai eu pergunto pra ele como você vê Deus? Eu comecei sentir essa necessidade de perceber como a outro via Deus. Ai eu descobri que a religião o candomblé via Deus como o criador de todas as coisas, igual eu vejo, esse Deus de amor, de respeito. Mas, além de Deus, a fé deles está pautada nas entidades, nos Orixás também. Então pra mim eu consegui entender como os santos Católicos que a igreja católica tem, tem Deus, como o criador do universo, o superior de todas as coisas e tem os santos como os auxiliares de Deus. Eu consigo ver assim se eu pensar na bíblia de acordo o que a bíblia diz. Estariam errados não só o candomblé, a igreja católica, o espiritismo, que a bíblia fala não é isso. Eu, eu, Satanás, demônio eu acho que o povo da muito ibope para satanás e demônio. Eu prefiro ver assim: a bíblia fala de espíritos que não estão no céu. Para mim, as entidades são espíritos que não estão no seu. Na verdade a igreja evangélica ainda ensina esse radicalismo assim, Satanás, demônio, se não está no céu não pertence a Deus. Mas isso não cabe a mim, está por ai capeta, demônio: Se você me perguntar Mara você acha que são bons? Eu vou dizer que não. É hipocrisia dizer que são bons. Meu sobrinho, por exemplo, é do candomblé ele me encontra e diz Mara vai pra oração ora por mim, oro. Oh Mara você sabe eu tenho minhas coisas peço eles para nos ajudar. Mas isso eu não me sinto agredida, não sinto que ele vai pedi a satanás, eu não tenho essa neurose não. Eu não sei se foi por que eu acabei observando um pouco de cada uma delas. Eu acho que cada um segue aquilo que acredita. **Eu sei que pela cultura religiosa você acaba**

também adotando determinados valores como tomar um banho de uma folha, tomar um remédio que eles indicam até rezar o menino com um olhado, mal olhado. Como foram organizados esses valores depois? Eu fui criada fazendo assim, está com olhado. Os meus filhos já não tiveram, eu já estava na igreja evangélica e ai eles já não tinha. Por que isso para gente é assim, é igual beber água, não resolve nada. Entendeu? Na igreja evangélica essas coisas não existem. Quando eu tomo um chá, eu tomo porque eu sei o resultado medicinal dele. Eu tenho problema na pele e faço compressa de camomila, ai está vinculado a partir medicinal. Eu posso tomar um banho de rosa, prepara um banho gostoso, nada relacionado, só a partir medicinal dele. **Quais as desigualdades que vamos encontrar na escola, se é que existe?** As desigualdades sociais são bem claras entre os estudantes, o estudante que tem um padrão de vida mais elevado ele acaba querendo ser superior; e a gente precisa ter esse olhar para o outro que não tem a mesma condição, na escola existe sim, até entre os professores, aqueles que têm o padrão mais elevado e o menos elevado, na verdade na escola o negro aprendeu a se impor por que se não ele era visto também, chegaria calado e sairia calado. **O negro professor ou estudante?** O negro professor e estudante, mas o estudante negro ainda é retraído, é o do cantinho ainda. Na verdade os mais pobres são os negros. Por ser o mais pobre é o mais rejeitado. Essa realidade tá claro na economia também. A maioria dos pobres do país vem de onde? Do negro. **Como se enfrenta isso na escola?** Eu acho que na escola a gente precisa discutir das oportunidades iguais para todos. Se hoje um fala, amanhã o outro tem o direito de falar. Eu fiquei muito feliz essa semana, Raiane uma menina muito quieta, alguns pensavam que ela tinha até um problema. Quando eu cheguei à sala eu falei, eu quero que você conseguiu, compreender do assunto. Eu como que você vai estudar a pesquisa que você. E quando eu ouvi Raiane apresentando lá na frente, gente para mim foi o presente do estudante, acho que isso é dar oportunidade. Ela é uma menina que não abriu a boca, ela fala baixinho. Eu vou para perto dela para ouvir ela falar. A gente tem que ter cuidado com isso Aline, que tem professor que deixa passar isso. **Como é seu lazer no final de semana, como você se organizar essa vida de trabalhar e divertir.** Hoje eu estou nunca igreja pequena. Mas sabe aquela igreja pequena que o povo é festivo, vamos juntar as panelas, faz uma feijoada na casa de uma irmã ai vai todo mundo. A noite do sonho, eu não tenho material não, ai um dá um material, outro da outro. Na verdade a gente busca alternativas, essa historia de ser evangélica e o mundo me contamina. Eu posso ir ali sentar na passarela do álcool, sentar na pizzaria, não vai me tirar pedaço, só que eu só preciso como todas as religiões ... Sai ou não. **Sua militância? Eu sou da APLB** sindicato dos professores. **Como é ser mulher e ser negra?** Ser negra já é algo que não é fácil, ser mulher e agora solteira pior ainda (rsrrrs). Por exemplo, eu tive que romper com tudo agora, eu estava em um casamento que não era feliz e nem fazia o outro feliz também. A gente tem que parar eu não estava feliz e o outro também, eu acho que isso que eu consigo fazer da minha vida, que tem me sustentado e me feito alguém melhor. Que quando eu erro com você eu tenho que ser capaz de saber até onde eu errei se fomos nós duas Aline errou nisso e eu errei nisso. Eu tive que romper evangélica, já cinquentona, quase, romper com a história, o evangélico a gente sabe segundo a bíblia o casamento é pra acontecer e não separar. Romper com o casamento não foi fácil. Ser mulher e ser negra nessa sociedade brasileira, machista, consumista onde o estereótipo está ai escancarado por todos os lugares, Itapetinga que é uma cidade pequena, que o povo ainda pensa, não é. É difícil, mas eu aprendi a me impor e brigar por aquilo que eu acredito. Se eu acreditar eu brigo até o último momento para defender as minhas ideias. **Você aproveitou e falou um pouco desse ambiente familiar.**

Meus filhos tem uma identificação muito grande comigo, se eu for estudar fora eles me apoiam. Os meus filhos me apoiam, se eu falar hoje só vai ter café e leite eles entendem, eu criei meus filhos muito pé no chão. Muito dizendo eu sou mulher, é difícil nessa sociedade se mulher, é difícil ser mulher separada, eu falo para eles não sofre lá na frente. Eu sou muito aberta com meus filhos. Qual o nome de sua igreja? Minha igreja é A Nova Vida. É uma igreja onde o

povo não tem a neurose que tudo é pecado, é uma igreja onde me sinto bem, é uma igreja onde o povo brinca não me sufoca. Quando começaram a me perguntar você evangélica ensinado cultura afro, ai sentei com meu pastor que vem de um padrão alto, de renome estudou em boas escolas, a gente sabe disso que tem pastor que não tem formação, ele foi muito aberto, não tem nada não. **Mara é diferente ser negra na igreja ser negra na escola, ou nos outros espaços?** Não a gente não consegue, só se eu cair no fingimento, ser negra em qualquer espaço, lá na igreja eu não vejo o tratamento de Mara negra, vejo o tratamento de Mara. É até você que as mulheres tem aquela preocupação de pintar o cabelo de loiro, ser igual eu não tenho muito isso não. Eu acho que ser negra em qualquer lugar do Brasil não é fácil. Por eu ter sofrido tudo na infância, na adolescente me fez uma professora mais determinada, eu sei que eu sou ousada. Eu sinto uma certa admiração, até das meninas mais pobres negras. Quando elas sabem que era uma filha de lavadeira e eu digo que você pode ter tudo se você lutar. Eu não acredito nesse evangelho que o seu vai abrir e vai cair tudo, eu não prego isso, essa hipocrisia. O seu pode até abrir por que Deus tem poder para tudo. Eu acho que sirvo de exemplo para aqueles meninos. Você consegue ser exemplo, é uma pessoa pobre que através da vida dela eu posso ir além dessa vidinha que eu estou tendo. Eu não sei se eu fosse uma professora loirinha dos olhos claros se eu teria essa determinação.

Mara professora negra. Eu sou um ser humano determinado, corajosa. Não sei se amada por que algumas pessoas que não me entende meu jeito de ser. Mas feliz. Foi um processo e continua sendo, tem dia que eu choro, sofro, mas. Aline eu acho que a gente nunca deve deixar os outros nos humilhar. Pois quando você é humilhado é rejeitado você a tendência a baixar a cabeça, você tem a tendência de escravizar. As pessoas me perguntam por que você é assim tão ousada? Eu estou sempre na defensiva.

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROSÂNIA

Rosânia: Trabalho na educação faz 14 anos, 14 não 15 anos, (rsrsrsrs) comecei na educação infantil depois fui para o fundamental primeiro. Olha no início da minha etapa eu comecei na escola pública, mas como meu pai trabalhava em uma empresa multinacional eles ofereceram uma bolsa, fui para escola particular, fiquei da alfabetização até a 4ª série na escola particular, depois que eu fui terminar meus estudos na pública, na escola [...] meu sonho toda vida e até hoje é a medicina, sempre foi medicina. Não tinha sonho nenhum de ser professora apesar de encantar, ficava encantada quando entrava na sala de aula que eu tinha uma professora que eu ainda considero minha professora “tia” Iracema, que eu ficava encantada com a forma que ela ensinava, o jeito, o carinho que ela tinha, e o prazer que ela tinha de ensinar. Só que eu não queria ser professora que eu sempre fui muito tímida, eu não queria, não queria de forma nenhuma, eu me imaginava lá na frente dando aula pra mim, eu ia me tremer toda, (rsrsrs) como de fato no início foi, mas hoje não queria ser professora, não queria seguir a carreira do magistério, fui obrigada, minha mãe me obrigou, porque na época ela explicava assim por sermos pobres, era a única carreira que eu iria conseguir um emprego, saindo do magistério que realmente eu ia conseguir um emprego, se eu fizesse outra coisa não tinha como custear ela não tinha como custear e se eu fizesse Contabilidade que no caso era a noite era noturno eu poderia não ter um emprego então eu fui praticamente obrigada e nessa obrigação eu não me encantei não, com o Magistério eu não me encantei não, durante o curso eu não me encantei, não me encantei de forma nenhuma. Quando surgiu o concurso foi que mais outra vez empurrada fui fazer o concurso, e aí [...] por ela né, fui empurrada fazer o concurso eu falei vou fazer mesmo mas não vou passar (rsrsrsrs) tem problema não (rsrsrsrs) eu não vou passar, fui fazer o concurso e passei (rsrsrs) e passei, fui chamada na 2ª turma que na 1ª turma só chamou 40, [...] foi um concurso grande, fui chamada na 2ª turma, dei calundu que eu não queria trabalhar aqui que só se fosse pra roça (rsrs) e a secretária no momento que era Sônia, ela falava que não tinha condições que eu era muito nova para está na roça, eu tinha dezoito anos (18 anos). Eu terminei o magistério com 17 anos e logo em janeiro foi o concurso, com dezoito anos eu assumi, ela ficou com medo de me mandar, eu era nova pra mandar para roça e aí inventou mil e uma desculpas, que não tinha, não tinha, só que eu insistir, e insistir tanto que ela conseguiu, Palmares para mim, e foi lá que eu comecei a me encantar pela educação, eu fui logo para Palmares, no Distrito. A chegada não foi muito boa não, por que a gente deparou logo com uma caranguejeira/ caranguejona na porta, chegamos logo assustadas (rsrsrs) a turma toda nova, todo mundo sem experiência nenhuma, primeira vez saindo de casa, saindo de tudo, primeiro emprego tudo, agora foi uma aventura boa, acho que eu me adaptei por que eu gosto de aventura e lá toda semana é uma aventura até o você chegar lá é uma aventura então isso foi me encantado [...] foi menino de pré, eu tinha uma turma de três (03) e quatro (04) anos e tinha outra turma de quatro 04 a 05 cinco anos, a sala super lotada eram 45 estudantes na sala, minha sala era enorme, era um vão enorme, só tinha eu e eu ficava sozinha no meio da praça. Mas aquilo ali foi me encantando, foi difícil (no início) por que eu não sabia nem por onde começar, nem como começar, foi terrível no início pois eu não sabia como trabalhar. E eu tinha um menininho que meu Deus me tirava do sério, era oh menino, mas foram experiências boas, ele não tinha nada, não tinha estrutura familiar nenhuma, por que apesar de está morando em um Distrito onde as pessoas são mais povão, são mais um ligado ao outro, ele era totalmente o avesso, a mãe praticamente abandonava, abandonou-o, e aquele menino bem agitado, ele não parava, parava, parecia que ele tinha algum outro problema, ele não parava um minuto, ele não parava para ouvir uma história, para nada, para cantar uma música, então aqui foi muito difícil, muito difícil mesmo. **Mesmo assim você quis permanecer em Palmares?** Não eu só vim para cá quando foi para casar. Senão eu permaneceria lá. Realmente eu gostei. Fiquei dois anos,

foram dois anos assim se talvez eu não tivesse lá, se eu tivesse começado por aqui, talvez eu não teria dado continuidade, por que assim lá, apesar de toda a dificuldade, mas nós morávamos juntas. **Eram quantas?** Eram cinco professoras morando juntas, todas com as mesmas dificuldades, todas começando, mas todas assim se abraçaram, uma ajudando a outra, foi isso que nos deu força. **Essa vontade de ir para fora. O que mais te afastava dessa ideia de ser professora?** O ir para lá era uma forma de revolta, eu vou me esconder do restante do mundo do povo todo, por que se eu por que se eu errar eu to errando longe, mas muito pelo contrario nós éramos mais cobradas que o pessoal daqui. Pelo fato de ser distante de está fora né, de ser só mulheres juntas, então nós éramos vigiadas mesmo o tempo todo. Então acho que isso que acabou nos dando esse impulso de ir de buscar de ir a frente, de buscar o que fazer e a gente tinha que fazer e não tinha tecnologia, até hoje lá é mais distante. Não tinha tecnologia era a gente mesmo, era no blá blá, no gôgô. **Em que momento que você descobriu que você se tornou professora?** Foi essa turma que me ensinou, essa primeira turma, quando “esse menino” que me dava todo trabalho do mundo, quando chegou no final do ano que ele estava assim bem! Ele já estava sociável, poxa! Isso me cativou muito. Isso me deixou assim toda aquela angustia teve uma recompensa. Foi essa recompensa. Acabamos descobrindo o seguinte, às vezes a gente se apega muito na questão de quantidade né, quantidade de estudante a gente sabe que é desgastante é, mas isso nos mostra assim que essa quantidade quando você quer fazer alguma coisa, essa quantidade, nem que seja um você muda. Quando você vai determinado, que você quer você muda. Então foi para mim, conquistar ele se tornou como um desafio, ele foi meu desafio de continuar foi ele. Foi esse menino. A motivação. De falar assim não, eu vou consegui, tenho que consegui pelo menos fazer esse menino virar gente. Parecia que ele não era tratado por pessoas, parecia que ele vivia com animais mesmo, por que ele não sabia nem falar direito, ele não sentava, nem não sabia comer, não sabia nada. Ele tinha 05 anos. Então ele era nu de tudo, de tudo. **O papel do professor na vida de um estudante é muito importante.** Eu vejo assim que o professor ele tanto pode ajudar como ele pode destruir a vida do estudante. **E você enquanto aluna? De escola particular?** Na escola assim sempre foi muito tranquilo, até pelo fato assim de ser muito tímida, eu era aquela assim nem contribuía, nem, eu era muito tímida. Ser professora me ajudou. **Você descobriu o porquê dessa timidez?** Eu não sei por que de quando eu me entendo por gente eu sempre fui tímida. Eu sei assim que teve um período eu fiquei mais tímida. Por que eu era gordinha. Assim não é que eu era Gorda, era gordinha era diferente das outras patricinhas, então as vezes chamava de baleia isso ou aquilo. **Oscolegas?** Os colegas, mas não na escola, na escola eu não fui tratada dessa forma, sempre tive um bom relacionamento com meus colegas, mas assim fora na rua de casa, sempre chamava assim, gordinha, baleia. Mas eu já era tímida. Mais teve uma fase que eu fiquei mais tímida. Acho que foi naquela fase assim de entrar para a pré-adolescência, aquela coisa que você já começa a se perceber e aí você olha e fala assim eu to gordinha mesmo, eu to diferente e aí você começa a se retrair um pouquinho. **3ª BLOCO. Educação:** Olha educação para mim ela já vem de berço, ela já vem de casa. A questão educação é o agir do sujeito, é como ele vai se relacionar com os outros, para mim isso assim vem do relacionamento casa, família, aí você vê hoje que nós chegamos na escola que nós temos que passar essa educação por que essas crianças não recebem de casa. O respeito, o limite. **Escola:** Escola hoje abraçou tanta coisa que eu acho que ela perdeu o foco de escola. Que a escola no meu ponto de vista seria para incentivar o conhecimento, conhecimentos básicos, teóricos, mas hoje escola para mim, passou a ter mais essa questão de educação. De ensinar para o menino a ter limite, de ensinar para o menino o que é respeito, de ensinar o menino como ele vai se relacionar com os outros que isso para mim era papel familiar. **Currículo:** eu vejo o currículo hoje da escola, apesar que hoje ele está um pouco reformulado ta voltando mais para vida, mais buscando essa vida social que a pessoa vai ter na sociedade, mais eu acho que o currículo ele ainda foge, dessa preparação para o mercado lá fora, para uma faculdade, eu vejo que ainda ta um pouco distante, deixa muita lacuna, ta

muito aberto. Acho que tinha uma coisa mais fechada, ligada com o que realmente é necessário para viver lá fora. **Exemplo de uma coisa que falta no currículo?** No momento não sei. **Conhecimento escolar:** como a escola perdeu muito esse foco de escola, ela está mais abraçando questões sociais e familiar, eu acho que esse conhecimento tá mais restrito, mais voltado a isso. Esse conhecimento mesmo de ensinar o menino a ler, a escrever, você acaba perdendo um pouco esse foco por que você vai ensinar a ele a ter educação, como sentar como. Então você acaba. Não é que não tem, tem. Mais acaba sendo um pouco restrito. **Prática docente:** Como o professor está inserido em fazer essa prática pedagógica, de certa forma tem que andar um pouco junto, por que a opinião do professor tá ali também na prática pedagógica. Agora assim a gente sabe que tem lugares que não acontece isso, tem escolas que isso não acontece, que é feito lá pelo coordenador, pelo diretor e pronto, professores só vão saber e analisar se ele vai colocar e acaba de vez em quando chocando. Mas assim eu vejo assim como, pelo menos no meu ponto de vista, como eu sou muito assim de falar, eu não aceito muito essa coisa pronta, eu tenho que participar, e como eu já sou desse jeito, as diretoras já me colocam de certa forma inserida nisso aí, nessa participação de fazer. Eu quero participar por que eu preciso, se eu não conhecer como é que eu vou trabalhar se eu não conheço. **Ainda existe essa imposição?** Olha ainda encontrar mais eu acho que é muita omissão, do próprio professor, por que assim, já chegou assim para mim pronto, como de fato o ano passado eu tive uma briga com uma coordenadora, eu briguei com ela e falei que não aceitava, nos cursos de 4º e 5º anos. Aí dava um curso de 4º e 5º ano em português e matemática, só que tava totalmente fora a gente ia para lá, assistia, assistia, assistia, ouvia falar, ouvia falar, ouvia falar e pronto acabou e quando você voltava para sua sala você via que não era aquilo ali, aí eu falei para ela que eu não ia participar mais, “por que você não vai participar mais?” Por que não tá me trazendo resultado. Tá me trazendo é conflitos. Por que está totalmente fora. Ah mais eu quero isso por escrito não seja por isso eu faço por escrito. Fiz por escrito e mandei para a secretaria, então assim, se nós professores permitirmos vai acontecer sempre. Agora a questão é postura do professor, se o professor tiver postura e não aceitar isso aí já começa mudar. **Raça e racismo:** raça é a sua origem é a sua cultura. Para mim isso é raça. O racismo já vem o desrespeito dessa cultura. Dessa sua origem, para mim esse não respeita a origem dessa cultura do outro, a forma de viver do outro, isso já entra um racismo. **Discriminação** é uma ação você está discriminando algo que alguém está fazendo, sei lá, uma ação do outro. O que o outro está fazendo. Preconceito para mim, já é nem saber o que o outro tá, qual é a cão do outro, qual é o objetivo do outro e você já julgar. Para mim, isso já entra como um preconceito é o não conhecimento e esse julgamento. Afrodescendente e o negro eu não faço essa separação não, para mim, eu não Silêncio, rrsrs, angústia. **Etnia:** assim, não sei por que eu sempre, eu nunca fui de olhar cor de e pele, essa questão de pele para mim é tão. Na minha sala eu não vejo esse problema (de cor) eu vejo problema assim, não relacionado a cor, eu vejo relacionado a aparência, com animais, com essas coisas. Tem um menino lá mesmo que os meninos chamam de Quati, pela essa relação que eles acham que parece, a família já colocou isso que parece e aí fez essa relação dele com o Quati, e eu estou tentando mudar isso na sala. **Como você descreveria fisicamente para mim esse menino para mim que não o conheço?** Ele é um menino aparentemente normal, normal assim sem deficiência, ele é de uma pele morena, morena mais claro, eu não vejo nada assim, eu não sei por que essa relação com animal, por que ele não tem defeito nenhuma, ele não tem imperfeição nenhuma, que você fale assim por que eu sei que os animais também não tem, mais assim para ter essa comparação por que as vezes tem menino que nasce com olho diferente, e ele não tem nada de diferente para ter essa relação e assim na sala, eu não vejo assim em relação a cor, não vejo preconceito em relação a cor não sei se é uma questão também que eu passo essa, se é o meu ponto de vista de passar para eles, ou se é deles mesmo. Não consigo perceber isso. Identidade é o que você é, a forma o jeito, sua identidade é sua forma física, sua forma de pensar, sua forma de agir, para mim isso já te caracteriza isso é sua

identidade. **Estereotipo:** nunca percebi outro. Essa criança quando é chamada assim? Eu acho que está tão natural, na vida dela, que foi desde pequena, desde novinha, já veio de casa com esse apelido. Então para ele agora assim acho que traz algum transtorno! Pelo fato assim, o menino ele não conseguiu se desenvolver na leitura, na linguagem, na escrita, então para mim, já acarreta tudo isso aí, já vem disso aí. **Você vê algum tipo de racismo, preconceito e ou discriminação na escola?** Eu acho que sempre tem, sempre existe, que é um deficiente físico, que inclusive eu tenho um deficiente físico, que ele tem um bracinho menor e uma perna menor viradinha para traz, e os meninos sempre falavam muito dele. Então de tanto trabalhar com eles, relacionado a isso, eu comecei a colocar esse menino lá em cima, que não é por que ele tem a deficiência, comecei a comparar, comparar assim, que ele tem uma deficiência física, mais ele corre melhor do que nós que temos as duas pernas perfeitas, comecei a colocar eles a ter essa visão, então nunca deixa de existir, agora eu vejo com uma proporção menor. **Classe social:** no mundo que a gente vive hoje, existe muito, muito, muito mesmo se você entra bem vestida em uma loja você é bem tratado se você entra mal vestido você já não é bem tratado, então eu já sentir isso na pele, aqui em Itapetinga, eu já sentir isso. Então assim, hoje são lojas que eu não entro. Não entro mais, pode está a promoção que for não entro. Por que se você for bem vestida você é tratada de uma forma se você não está bem vestida você é tratado de outra forma. **Como você percebeu essa distinção no tratamento:** A aproximação ao vim atender, quando você está bem vestido o vir atender são dois três de uma vez, quando você não está bem atendida você precisa chamar. **E esse bem vestido você poderia definir como?** Esta com uma bolsa arrumada, um sapato arrumado, esta com o cabelo bem escovado. O mal vestido você está com uma rasteirinha, está de camiseta de shorts uma coisa assim. Existe preconceito de classe: você vê que existe se eu for para a escola com o carro mais novo, tinha chegou no carrão, se eu vou no cassô do trabalho (do meu marido) vixe, como é que você veio em um carro desse? **Como você define o que é belo e feio?** Belo para mim, não está nem na questão física, o belo para mim está no sorriso, na pessoa ser agradável, a pessoa saber como tratar o outro, o feio para mim já é o contrario, feio para mim é a pessoa ser mal humorada, já desce no meu conceito muito. **Diferença:** eu acho assim o diferente está mais na questão da auto-estima, o diferente é aquele menino que tem mais atenção, que ele tem carinho, ele pode não ter recurso nenhum, mas se ele tem atenção e carinho ele vai se desenvolver melhor. **A escola os professores tratam todos os estudantes de modo igual: até quando diz respeito a atenção e o carinho?** rrsrs, eu não posso dizer pelos outros, eu posso dizer por mim, pela minha prática eu não vejo essa diferença, o tratar com o diferente, eu vejo assim que tem essa questão de diferente por parte família, acho que a questão até cultural, aquele pai aquela mãe que dá o carinho que bota no coloco, o menino na escola ele tem atitudes diferenciadas, ele vai ser aquele menino, que vai lhe ouvir vai ser aquele menino que tem mais interesse, o menino que já tem essa carência. Ele vai da mais trabalho na escola por que ele vai chamar sua atenção, ele quer então essa diferença, para mim é a questão carência. A carência de algo, está faltando algo na vida dele e ele está chamando atenção. Então eu tento, não digo para você que eu consigo, eu não sou bambam, eu tento tratar todos na mesma igualdade, mas eu sempre tento olhar para aquele que necessita mais. Esse carinho que ele não recebe em casa eu tento passar para ele, não que aquele que tem carinho em casa não vá receber na escola. **Relações:** No meu ver me relaciono muito bem, tenho uma abertura muito grande tanto com o estudante até direção Eu tenho uma abertura muito grande então assim a gente fala, brinca, rir, dá aquele puxão né, sinto nessa abertura porque eu vejo que dou essa liberdade também para eles me darem esse retorno[...] é muito importante, vejo que a relação é essencial, é essencial se você não tiver um bom relacionamento você não trabalha bem, você não desenvolve bem suas atividades, então se você não tem um bom relacionamento com seu estudante você não conseguiu passar nada, ele não vai fixar nada, ele vai ficar o tempo todo tentando chamar a atenção de alguma forma, então eu acho que é essencial essa relação. **Práticas nas series**

iniciais. Oh Aline, eu vejo assim: muito distante, praticamente não se é trabalhado agora assim como gosto muito de história na aula eu retrato muito essas coisas, essas adversidades em história, histórias mesmo infantis, mas assim o trabalhar mesmo realmente isso não é trabalhado, não ocorre[...] não vejo essa diferença lá na escola não sei se o motivo é serem todos do mesmo bairro todos praticamente da mesma classe social, então eu não vejo essa diferença.

5ª BLOCO. PLANEJAMENTO: É, planejamento ele é coletivo, agora sempre cá na minha particularidade vou dá uma ajustada pra minha sala de aula, vou ver o que melhor que tem que não vai funcionar e vou adaptar pra minha sala de aula mas no geral ele é coletivo e essas adversidades são tratadas como forma de história mesmo, de projeto um ou outra vez, não é tratada assim, e assim quando a gente percebe que tá havendo algum problema quando esse é, começaram mesmo tratar esse menino de quati, quati fui trazer o que era um quati né, qual a semelhança, se tinha alguma semelhança com eles se tinha alguma diferença, então fui trazer pra isso, geralmente é mais quando surgiu essa necessidade, não é assim trabalhado sempre[...] olha só nós estamos vivendo uma carência muito grande nas escolas, assim os recursos que a gente tinha de ser usados hoje a gente já tá vendo muito restrito, é uma sala de informática por causa da boa vontade de alguém ir lá só pra dar uma olhada que era um recurso ótimo riquíssimo que a gente usava muito, então assim é um data show que você não conseguiu usar porque a gente usava essa sala que tá quebrada que nas salas, as salas de aula não dá pra usar porque pra usar ela é praticamente aberta, a claridade, então assim, você fica hoje muito restrito, papel muito menos, tem o limite do limite, que a gente sempre trabalhou com limite né, mas agora tá sendo no limite do limite, então assim, esta sendo mesmo a nossa voz o nosso quadro, quando pode algum tema que pode dá uma saidinha da escola a gente sai mas as vezes assim é, em questão mesmo recurso nós estamos muito limitados[...] a aula que da certo é aquela aula que o estudante participa, que o estudante consegue, que você ver no olho dele que ele está motivado, que ele participa. A aula que não da certo é aquela aula que o menino, você está lá conversando e o menino tá lá blá blá blá (rsrsrs) batendo papo e aí você acaba se frustrando né, que o professor se frustra[...] é assim você tem que trazer sempre o conteúdo pra realidade dele, você não pode fugir da realidade de quando você foge nunca da certo é muito raro da certo[...] a minha relação como relação a isso? [...] você tem que estar um pouco mesclando um pouco de um lado, um pouco de outro, um pouco de um porque sempre trazem novidades, você tem que estar aqui oh, porque também você não pode abrir a todas essas novidades que estão, todas esses conhecimentos que trazem de lá né, porque se não (rsrsrs) o trem não anda, não acaba mais, mas assim você tem que ter essa sabedoria de mesclar, de tirar um pouquinho, o que é positivo de que ele trouxe o que é negativo bota eles mesmo para fazer essas comparações, o que tá de positivo nisso aí? O que tá de negativo nisso? Teve muita gente passando por uma dificuldade muito grande lá na escola em relação a questão da droga e do uso de armas, então não posso é discriminar logo, tenho que trazer isso pra cá, e isso que você está trazendo, isso que você tá mexendo vai lhe trazer o que de positivo? Vai lhe trazer o que de negativo? E a gente tem que abrir pra todo mundo a discussão pra todo mundo, tem que ter sabedoria, oh dá aula de armas e drogas.

6ª Bloco. Desigualdade: Existe em todos os pontos, tem a desigualdade na questão financeira, na questão educacional, você ver que as vezes você leva determinado tema pra sala de aula e tem menino que ele tem tudo dentro da sua casa tem computador, tem tudo e ele vai chegar lá de forma, com um conhecimento diferente daquele que não tem, a depender do assunto ele vai, aquele que não tem conhecimento de informática de livro dessas coisas as vezes a vivência deles só a vivência dele o conhecimento dele é bem maior do que aquele que vive ali no naquele mundinho do livro da, que ele tá ali só na teoria, o outro já tá na prática, então assim, a desigualdade existe tanto assim na questão do conhecimento, do ter o poder[...] essa desigualdade a gente vê na história, que ela já vem de longo tempo (rsrsrs) de muitos anos, de quando o Brasil virou Brasil não é? Então essa desigualdade ela já existe, agora eu acho assim falta um posicionamento da sociedade, eu acho que a gente precisa se posicionar melhor em

termo de cobrar,em termo de conquistar,de assim,a não tenho sou coitadinho,não vou correr atrás quero, nessa busca acho que a questão também é o posicionamento. Eu não tenho mas vou correr atrás, não tenho conhecimento mas quero ter, não tenho os bens mas vou adquirir, então essa busca [...] existe não é,você sabe que existe[...] o caso do menino que falei foi uma forma de racismo agora assim vejo hoje menos do que antes, não sei se também as pessoas a cobrar mais esse respeito,mas pelo menos no ambiente onde vivo vejo isso menos[...] trazem,trazem eles trazem,oh o que tudo que eles verem eles trazem,isso chega,isso chega,agora é aquela questão é, acho que a questão ela vai aflorando se você não dê a oportunidade pra que essa discussão na sala de aula,por exemplo chega um discussão dessa do macaco, a fulano é macaco,mas porque? Então vamos discute aqui porque que ele é macaco? E trazer mesmo a essa discussão, acho que a partir do momento que você faz essa discussão isso acaba deixando um pouco o outro intimidado, aquele que levantou, ele vai acabar um pouco intimidado,então você acaba podando ali,se você não falar nada isso ai só vai crescer essa questão vai crescer [...] tem que abrir Aline,(rsrsrs) tem que abrir (rsrsrs) você tem que parar tudo e você tem que abrir porque se não você não,não...não pode, se é uma necessidade que esta ali,que as vezes a gente fica tão preocupada com a questão planejamento,essas coisas,a porque a gente tem que bota o menino pra ler e a escrever, então isso pra mim,isso graças a DEUS já ficou um pouco pra trás, essa tão preocupação acho que o professor ele tem que ta aberto mesmo pra essa questão,é o que surgiu é a necessidade do momento,você ta lá com o seu planejamento bonitinho,perfeitinho mas a necessidade daquele momento não é aquele planejamento,é entrar pra essa discussão,então vamos parar tudo e vamos entrar pra discussão[...] consegui sim,consegui porque assim é de tanto você lidar com a criança você consegui pela própria fisionomia o que é que ele esta falando como uma brincadeira e o que ele esta falando como uma ofensa mesmo acho que até o fato do conhecer, é por isso que você precisa conhecer realmente o estudante que a gente esta trabalhando[...] (rsrsrs) sou evangélica, o que eu faço? Meu momento de lazer é família, meu momento de lazer se chama família,então tudo que a gente faz é em torno da família[...] a sou casada faz (rsrsrs) 13 anos de casada,de educação tenho 15 anos,tenho 2 filhos,1 casal,só,meus filhos são maravilhosos,são minha vida,minha família minha vida,então assim,meus momentos de lazer são em família,então tudo a gente faz junto e misturado,aqui é assim (rsrsrs) tudo é junto e misturado,a gente não se separa [...] viajamos,a gente viaja muito quando pode,quando deve a gente viaja,a gente faz programinhas caseiros também de sentar de assistir a desenhos,de sentar de contar historia,de brincar [...] já estão na escola,um de 10 e uma menina de 3 anos estão na escola,muito bem na escola,gostam da escola [...] olha,é,eu não diria religião não,porque a religião é minha ,é minha escolha,agora eu digo assim que o DEUS o meu DEUS ele esta sempre na minha vida, ele ta sempre no meu trabalho,assim,não a questão de que eu tenho que passar pra os estudantes o que o DEUS que eu sigo é o melhor que é isso que é aquilo não,mas assim,é ele que me dá força,é ele que me dá sabedoria,então eu creio nisso que é ele que me dá sabedoria sempre que eu estou em um apuro na sala de aula ou em qualquer coisa,SENHOR me dê sabedoria pra eu saber o que eu falo,o que eu faço,então assim, não que ele interfira no meu trabalho,assim de chegar e contar a esse é o meu DEUS,não é tanto que os meninos nem sabem qual a minha religião,sabem assim, um ou outro quando pergunta mas eles não...[...] a claro (rsrsrs) assim, como eu vivo muito pra minha família então se a família esta bem você vai bem em toda a sua etapa da vida em tudo,agora assim,eu nunca deixo interferir os problemas que surgem em família interferir na minha parte profissional[...] olha pelas as característica do IBGE eu mim defino como parda,porque assim é sabe que no Brasil a gente não é puro,a gente não tem esse negocio de eu sou branco,porque não tem, você é uma mistura,você tem uma mistura de raça?[...] mas não existe, eu não me considero branca porque não sou, sou descendente de negra,de índio, então não sou branca[...] a pele é clara,mas eu não me considero (rsrsrs) não sei nem pra que essa nomenclaturas porque um Brasil tão diverso,diversificado, acho que não era nem pra existir

essa questão negro ou branco[...] é coisa que eu não concordo não, com essas cotas não, concordo por um lado e acabo discordando por outro[...] (rsrsrsrs) não concordo sabe porque Aline eu acho assim, a educação teria que ser qualidade pra todos[...] deveria ser, então assim, minha fama de discordar é nesse sentido e agora já concordo pelo o outro fato que a gente sabe que não existe essa qualidade pra todos então acaba tendo que ser necessário porque se não essas pessoas nunca vão ter acesso, então assim, discordo nessa questão porque tinha que ser qualidade pra todos, pra todos iguais, não tem aquele negocio de que sou filho de medico pra mim, tem que ser melhor, não tinha que ser iguais, todo mundo estudar junto não é? [...] existe, é claro que existe só ai nessa questão ai você já tem, pois a qualidade não é pra todos, você já se tira ai a questão, material, você coloca seu filho em uma escola particular você tem uma lista de material enorme, que ali você tem que, você tem que levar esse material se não você vai pra uma escola publica, aquele estudante.

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARTA

Marta: 47 anos de idade, fez o curso de Magistério; Pedagoga, pós-graduada em psicopedagoga; 13 anos de educação.

2ª BLOCO. E na questão de minha infância me lembro que quando eu era criança, todas as coisas que eu vi na escola, como o jeito que a professora dava aula, eu achava aquilo tão importante, muito bonito e muitas vezes eu ficava em casa ensinando, pegava um giz, escrevia na parede, fazia de conta que tinha criança ao meu lado, ali começava a dar aulas para aquelas crianças e foi assim, a minha infância, o meu sonho eu achava era assim, quando eu crescer vou ser professora só que quando eu comecei a estudar, fiz o ginásio, terminei, tinha que escolher ou fazia magistério ou fazia contabilidade, mas eu fiquei com um certo medo de ser professora. Fui fazer Contabilidade, ingressei na sala e Contabilidade quando entrei na sala de contabilidade e terminou a primeira unidade e eu vi química e física eu falei meu Deus, tomei aquele susto, isso aqui não é meu lugar, não é minha área tenho que ser professora. Fui tomei a decisão, conversei com o pessoal da secretária e aí eles me deram a chance de mudar de área não é? No caso deixar de estudar Contabilidade para fazer o Magistério. Conversei com a minha mãe, ela já tinha até comprado os livros de química, física, livros muito caros, ela ficou assim, mas falou – oh minha filha mais vai pelo o que você quer, comecei a fazer o Magistério e me enturmei gostei de esta fazendo aquilo ali, senti que era aquilo que queria realmente. **Quando você ingressou no magistério?** Em 1983, por aí, mais ou menos. Eu fiz o magistério, fiz o meu estágio na escola Dona Maria, o meu estágio foi lá. No início eu fiquei nervosa mais depois fui me acostumando, enturmei com os estudantes, gostei muito fiz o meu estágio, eu acho que me sair bem não é? Segundo a professora? Eu me sair bem. Fiquei um tempo, teve a formatura depois da formatura fiquei um tempo sem trabalhar não consegui emprego era muito difícil, inclusive fui até no comércio procurar emprego mas eu (sentir) porque eu era negra as portas não se abriram para mim, foi difícil. Teve dia que eu voltei assim tão triste que eu falei assim - oh meu Deus se eu fosse de outra cor se eu fosse bonita (rsrsrs) até que eu iria conseguir, mas eu não consegui. Minha prima ensinava o Mobral na época, ela conseguiu pra mim, uma vaga pra que eu fosse ensinar o Mobral, eu trabalhei um ano com Mobral, ela também estava trabalhando com a educação infantil ela teve que fazer uma operação e me colocou no lugar dela eu trabalhei também um ano, no lugar dela. Gostei do meu trabalho, gostei de trabalhar com as aquelas crianças, crianças carentes, carinhosas, eu achei que foi muito bom. Fiquei muito tempo também desempregada depois eu consegui ser chamada para trabalhar na zona rural, com muita dificuldade mas fui, no início não foi fácil “você ficar fora de sua casa, você ter que ensinar” e, ainda na época na casa não tinha água encanada nós tínhamos que pegar água no “carro pipa” pra encher o tanque da casa. Foi complicado mais na questão do ensino eu me adaptei, era tudo que eu queria, eu achei ótimo. Depois eu fiz o concurso. **Qual foi o ano do seu concurso?** O ano do concurso eu não me lembro Aline. Fiz o concurso, graças a Deus fui chamada e comecei a trabalhar. Eu tenho treze (13) anos de trabalho, e na questão do relacionamento com os estudantes pra mim, foi muito importante, mas teve um momento que eu achei que eu deveria fugir dali porque eu (sentir) que no meu trabalho tinha a questão de preconceito, preconceito de cor; até por parte dos estudantes, teve uma época que eu fui ficar no lugar de uma colega, eu fui entrar em uma sala e nesse dia me deu vontade de não voltar mais para a escola, por quê um estudante fez uma critica a meu respeito sobre a cor e eu fiquei arrasada naquele dia me deu vontade de não voltar mais. Mas graças a Deus eu superei isso. **Como você conseguiu superar isso?** Por insistência porque também insistir empurra necessidade porque eu precisava daquele emprego, eu precisava daquele dinheiro então eu não poderia correr então eu pedir forças a Deus. **Então você percebia que existia preconceito de cor?** De cor, de cor, eu percebi que tinha preconceito e cor. **Na escola existia muitas**

professoras negras ou não? Na escola na época só existia eu de negra. **Então isso ficou forte para você?** Ficou forte pra mim, ai até evitava ficar próximo as colegas, porque eu percebia; até pela questão da cor eu (sentia) assim uma certa diferença das colegas para comigo. Agora o que mais me chocou não foi tanto as colegas, o que mais me chocou foi o estudante. **Qual foi o comportamento dele?** Ele queria se amostrar porque geralmente é assim. **Que serie?** Terceiro ano. Geralmente estudante quando o professor sai que vai entrar outro eles gostam de se aparecer e esse fez questão de se aparecer de tal forma que ele ficou dançando em minha frente fingindo que era macaco perceber aquilo eu fiquei muito triste, sai dali arrasada, não comentei com ninguém, mas eu sai dali arrasada, se eu tivesse condição financeira eu não voltaria mais, eu não voltaria, ai eu pedir força a Deus, oh meu Deus mim dá força, eu vou vencer essa, fiz o meu trabalho graças a Deus, também quando a professora voltou dei mais graças a Deus ainda pois pude me livrar daquele menino. **Você estava substituindo?** Eu tava substituindo isso, estava substituindo à tarde. **O período que você ficou foi difícil nesse aspecto?** Difícil nesse aspecto, mas também só foi um estudante que fez isso comigo fiquei assim tão triste que sinceramente se eu ficasse mais tempo eu não sei se eu iria agüentar não. **Marta em que momento você (que hoje talvez, seja até mais fácil a gente falar eu sou negra, mas nem sempre foi fácil assim não é?).** Não nem sempre foi, nem sempre foi assim, você se considerar negra, eu tive essa mania porque antigamente quando a gente fazia o registro tinha lá parda ai eu me sentia não é? Eu me achava como parda, mas hoje eu descobri que eu sou negra e mim assumo como negra. **Então naquela época pra você? Porque, assim se deparar diante dessa atitude desse estudante foi ele dizer uma coisa para você uma coisa que você não se considerava.** É eu não me considerava, então pra mim, foi um choque. **Foi um choque!** Foi um choque, porque achava por eu ter cabelo mole acha que por isso que eu era parda, pensava assim é por isso que colocaram que sou parda, não pensei assim, nem na questão da cor da pele, mas fui pelo o cabelo e quando o menino fez aquilo pra eu sentir que era negra (rsrsrsrs) foi um choque tão grande. **Foi a primeira vez que alguém foi tão?** Foi a primeira vez que eu fui tão massacrada, ninguém nunca fez isso comigo. **Foi esse estudante?** Foi esse estudante. Foi que comecei a me aceitar como negra também. **E essa experiência serviu, foi dolorosa?** Foi, mas serviu, foi uma experiência que me fez mudar, me colocar, achar mesmo de crê que realmente que a minha cor era negra e que eu tinha que conviver com aquilo e que hoje graças a Deus eu sou muito feliz por ser negra. **É um processo não é? É. Incrível como isso na sua família Marta, como é que é? Sua mãe, seu pai, é misturado? Ou como é que é?** Olha, meu pai ele é misturado, agora minha mãe é negra, tem a mesma cor de pele que eu porém tem o cabelo mole não é? Mas é a mesma cor da pele. **Os seus irmãos como são?** Meus irmãos também são todos da mesma cor graças a Deus (rsrsrsrs). **Então dentro de casa vocês se consideravam morenos, pardos ou negros?** Nos considerávamos pardos, pois todos falavam pardos, pardos e pronto ficou assim. **Então o cabelo nesse caso te favorecia?** É mim favorecia. **Porque ser negro naquela época era tão ruim? (por exemplo: ser pardo era melhor que ser negro não é? Que você ta me dizendo).** Porque era tão ruim ser negro? **Você tem essa noção hoje?** Hoje eu tenho a noção por que a gente era mais discriminado e as pessoas às vezes não dava nem muito credito pra gente justamente pela questão da cor. Hoje eu tenho essa convicção, antes não, mas hoje eu tenho. **Antes você não entendia?** Eu não entendia isso, hoje eu já entendo. Assim mesmo eu tenho uma prima que ela é um pouco mais clara, ela é clara, ela é branca e eu percebia o tratamento das pessoas com ela e o tratamento diferenciado comigo. **Isso o que, na adolescência, na infância?** Na infância, eu percebia só que eu não tinha noção, mas eu percebia. **Na escola Marta? Assim, eu sei que, você disse que foi o momento mais forte, de quando o outro te vê como você não se vê não é? Mas e na escola nas relações assim, entre os colegas? Quando digo na escola eu digo nessa primeira infância que é terceira, segunda e quarta serie como era seu relacionamento com os seus colegas? Você tinha colegas negros ou não? Você estudou em escola pública ou particular? As professoras como é que era? Como elas**

lhes davam com esse negocio da adversidade? Você lembra? Não me lembro, mas assim, vagamente, não tinha muito esse comentário de cor não, porque eu estudei em escola publica e lá tinha todo tipo de pessoas não é? Todo tipo de cor todo tipo de raça então assim, a gente não focava muito isso não, hoje que eu acho as pessoas acho que antigamente as pessoas olhavam pra isso mas não diziam, e hoje já falam fazem questão de humilhar. **Você observa isso na escola como professora, entre os estudantes?** Observo, observo tanto e esse ano pra mim foi um choque que assim na sala de crianças de sete a nove anos uma criança de oito anos quando eu entrei na sala depois do intervalo, um falou assim - oh "tia", oh ele falou que a negra está chegando, sentir não é? Que estudante nenhuma nunca mim falou assim. Quantos? Treze anos de? Só nessa época que eu estava falando. **Do estágio?** Do estágio, do estágio não, na substituição mas depois meus estudantes são tão amáveis comigo, assim nosso relacionamento. **Sempre foram não é?** Sempre foram e, pra mim, foi um choque porque é uma criança pequena, dessa idade com oito anos falar assim, no momento eu fiquei com tanta raiva, com tanta raiva que se eu demorasse perto eu tinha sacudido aquele menino. **Você olhou nos olhos dele?** Olhei nos olhos dele e falei assim olha, amanhã eu quero que sua mãe venha com você pra gente conversar. Eu fiquei assim exaltada com ele, mas depois quando cheguei em casa fui pensar direitinho, "falei" meu Deus do céu porque eu fiquei assim? Por que eu agir dessa forma? Por que isso me balançou tanto? Mas fui parar pra pensar, eu "falei": ele é ainda uma criança, ele tem oito anos, eu vou por outro caminho; eu vou agora fazer um projeto; pensei em um projeto e fui trabalhar com Menina Bonita do Laço de Fita, já cheguei "armada" na segunda-feira, (rsrsrsrs) já com o projeto pronto, com slides, com musicas, e trabalhei com eles, e eles fizeram um painel, é assim, senti que com isso foi tão gratificante pra mim, eu cresci, sei que aquele menino cresceu hoje ele me dá aquele abraço tão carinhoso tem uma menina branquinha que ela fica, falou pra mim que ela tá tomando banho, "tia" estou tomando não sei quantos banhos por dia que quero ficar assim da sua cor, quero ficar da sua cor, vou tomar café pra eu ficar da sua cor. **Depois do projeto?** Depois do projeto. Então é o que ela mais fala, ela me abraça todos os dias aquele abraço carinhoso aquela coisa de criança que você sabe que é verdadeiro, abraça e fala assim "tia" eu queria tanto ser de sua cor, eu fiquei assim sabe? Teve momentos que chorei, chorei de alegria ao ver que aquele projeto que fiz que trabalhei com eles ali teve rendimento. **Assim Marta nossa, olha Marta, ser entrevistadora de um questão que é tão forte, não é tão fácil sabe e eu preciso me manter pra não influenciar não é? Mas por um momento eu vou ter que te perguntar, foi a primeira vez que você sentiu que você tinha um poder de mudar uma situação?** Foi a primeira vez, me sentir muito fez porque me sentir sabia, me sentir sabia, porque se fosse em outro momento eu teria feito acho que assim pedido a diretora pra colocar o menino de castigo e não fiz isso, vir pra casa e fui pensar, falei meu Deus tem que ter alguma coisa, alguma forma pra mudar e aí surgiu a ideia, vamos fazer aqui um projeto Menina Bonita do Laço de Fita, e depois nós formamos um painel, pedi para eles levarem gravuras de crianças de todas as cores e eles levaram muitas gravuras de crianças negras, e o que mais eles queriam levar, as fotos que eles mais levaram foi da Menina Bonita do Laço de Fita, eles encontravam nos livros recortavam e levavam, oh "tia" que lindo, que lindo e ficou assim, então hoje tenho aproximação com essa criança, essa criança é carinhosa comigo e eu com ele. **Você fez você, por que em primeiro momento você ficou tentando descobrir de quem era a culpa daquilo não é? E assim muitas pessoas dizem que é dos pais, isso, não é? Mas você não fez isso?** Não, não, eu não fiz. **Você assumiu a responsabilidade nessa história?** Sim falei vou mudar o pensamento dessa criança. Nós cantamos canções que falavam que nós somos da mesma cor, não não, nós somos de cores diferentes mas nós temos o sangue da mesma cor. E foi assim sabe? Eles queriam cantar, sempre cantar uma canção, "tia" vamos cantar as canções da menina bonita do laço de fita? **E essa criança Marta?** Oh menina estou te falando ele tem um carinho enorme por mim, ele faz o mais educação a tarde ele tem que ir na minha sala pra falar comigo, me abraçar. **Então o papel do professor diante dessas**

situações é muito serio não é? É muito serio. Se você não tivesse utilizado da sabedoria e do conhecimento seria mais uma criança racista só punida? Ele só seria punido? Ele só seria punido, e ele ia esquecer aquela punição. **Ele nunca vai esquecer esse projeto?** É, e esse projeto eu acho que eles estão sempre pensando porque volta e meia eles estão falando (rsrsrsrsr) e assim o painel era assim: a mensagem que tinha no painel era “viva a diferença”. **Oh Marta e vou aproveitar para te perguntar a escola, ela se omite dessa obrigação dela?** Com certeza. **Esse seu projeto, olha estou dizendo seu projeto, que não deveria ser assim não é marta? Deveria ser da escola não é? Esse seu projeto ele pode contribuir e muito pra mudar essa práticas na escola que existe práticas de discriminação na escola então?** Com certeza, com certeza tem. **Entre os colegas?** É. **E essa sua sutileza de perceber de ter te tocado tanto. Você conseguiu responder pra você porque te tocou tanto essa forma que ele te tratou, você conseguiu?** Consegui sim, por que sei que ele agiu assim foi por que ele não tem conhecimento. Então acredito que ele vive no lugar onde as pessoas tem esse preconceito, então a criança é o que ele vive alguma coisa tem lá atrás não sei o que é mas alguma coisa tem. **E você poderia definir essa criança como o quê: branca, parda, afro-descendente, negra?** Eu posso dizer que é parda. **Então ele vive esse próprio conflito?** É, ele vive esse próprio conflito. E que esse projeto de fato, a gente não sabe não é, o peso, mas a longo prazo pode trazer consequencias positiva para a vida dessa criança, porque ela vai aprender a respeitar o que é diferente e o que é diferente é bonito, então é bonito também não é? **Por que a gente acha que só o que é bonito é o que é igual aos padrões não é? E ai as crianças ficaram apaixonadas?** Ficaram apaixonadas, e todo mundo queria participar, todo mundo queria colaborar, todo mundo queria ver sua gravura que trouxe de casa, eu quero ver a minha “tia”; cadê a minha? E eles passaram assim muito tempo umas duas semanas que deixei lá o painel exposto, eles passaram essas duas semanas todos os dias tocando olha aqui que minha, aqui a minha aqui. **Oh Marta qual a importância, porque você falou que ele tem oito anos, então ele esta em que ano?** Ele ta no terceiro ano. **Terceiro ano que é a segunda serie não é?** É segunda serie. **E que é de fato onde a minha pesquisa se enquadra; essa formação nessa faixa etária de idade é importante porque? Você acredita que com oito anos ele ter tido essa formação que você deu por meio desse projeto? Porque é tão importante?** Eu acredito assim, que com esta formação o que ele antes achava que era feio hoje ele acha belo. E com isso de agora pra frente à tendência dele é só crescer, ele vai norteando o caminho dele, ele vai sempre conquistando coisas mais e observando que apesar de sermos diferentes nós somos iguais, nós somos filhos de um só criador. Pra mim Aline isso foi muito importante, e eu fiquei muito feliz, muito feliz mesmo com esse trabalho, fiquei muito feliz. **E assim Marta nas suas outras etapas não é? Porque você já tem nível superior, como é que foi essa sua entrada no nível superior por quê? E se no nível superior há uma diferença dos outros contextos que você viveu? Eu falo como aluna? Mudou muito?** Não mudou muito assim eu já não olhei mas assim que as pessoas não aproximavam de mim por causa da minha cor porque eu já tinha certeza do que eu era, eu já tinha certeza, eu sou negra, eu sou negra e eu estou pronta pra enfrentar qualquer situação. **Nossa, e quando você diz assim enfrentar, porque ser negra é algo que necessita ser enfrentado?** Precisa, assim. **Não é algo tão fácil, não é natural ser negra? Não é uma coisa não é como ser branca?** Eu acredito que pra mim não porque as pessoas hoje elas olham muito pra isso, elas vivem muito o preconceito, elas acham que a cor faz com que o outro seja diferente quando na realidade todos nós somos iguais. **E esse diferente quer dizer que tem uns piores e outros melhores?** Eles acreditam, eles acreditam que a melhoria nisso fulano é branco, então fulano tem poder. O negro ele não pode nada mas é ai que elas se enganam. **Então no nível superior você já tava resolvida?** É já resolvida, então nada me abalar, então eu nunca pensei em nada assim, então eu falei nada é mais que eu, porque fulano é branco eu não eu sou igualzinha aos outros, o que ele tem eu também tenho. **Então essa questão de se impor e de se respeitar agora você já tinha conquistado. E que te deu**

essa segurança? Aline, as vezes até nós negras, digo por mim, as vezes até nós somos preconceituosos com nós mesmo, porque assim. **Por quê? Porque você acha quer? Ou porque você?** Por que você ainda não se descobriu, só pode, por que assim teve um dia que o pessoal foi fazer, é aplicar a prova Brasil e nessa questão de perguntar a cor o rapaz falou assim, ele foi explicar para os meninos a questão da cor ai ele falou assim a professora de vocês é negra. **O menino disse ou o rapaz?** Não, o rapaz foi explicar, a professora de vocês mesmo é negra, não é professora? *Nesse momento ainda não tinha certeza que eu era*, mas, (rsrsrs) eu falei sou, pronto tomei posse sou. **Você ainda não tinha certeza?** Não, não. **E ele foi invasivo?** Foi, e isso me ajudou muito, me ajudou muito. **Não foi negativo pra você essa?** Não pra mim não foi negativo me ajudou muito que ele falou assim não é professora? Eu parei assim, sou, me assumir e falei agora sou, pronto. **Isso tem quanto tempo Marta, você acha desde o nível superior?** Antes do nível superior deve ter uns seis anos ou oito anos mais ou menos. **Na verdade ele te declarou negra antes de você.** Antes de eu acreditar que era negra, antes de eu crer, tomar posse de que a minha cor era negra. **Então você não viu isso como uma coisa invasiva dele como uma coisa negativa?** Não, não, pra mim foi um crescimento muito importante então a partir daquele momento, hoje eu falo pra os meus estudantes sou cem por cento (100%) negra, e tem meninos que falam assim comigo, eu não sei se é por carinho "tia" a senhora não é negra não que o seu cabelo é bom. Eles falam isso pra mim, eu falo não, eu sou negra sim, eu sou negra e uma negra linda, é assim que eu digo (rsrsrs). **Então assim Marta, então, mas assim você não encontrou limitações depois que você descobriu e assumiu ser negra encontrou dificuldade pra conviver?** Não, não. **Mas até antes havia uma certa barreira?** Eu mesma colocava essa barreira, que as vezes a barreira esta dentro de nós, e a gente precisa quebrar essa barreira então a partir do momento que você rompe essa barreira o mundo se torna bem mais pratico pra você. **Existe racismo?** Existe sim, existe sim. **E você também é pós graduada?** Sou pós graduada. **Então na pós graduação você não encontrou? Como é que foi?** Não, na Pós graduação o que fiz é uma Pós graduação. **Em quê?** Em Psicopedagoga Institucional e fiz a distancia mais teve os encontros, no primeiro encontro teve aquele momento de você se apresentar me apresentei, que até hoje eu acho o máximo, (rsrsrs) eu me apresentei que eu era Marta França, brasileira, negra, linda, maravilhosa, e além de tudo eu sou brasileira e brasileiro não desistir nunca. Até hoje eu tenho essa frase em minha mente, todo mundo rio, (no encontro) e a professora ficou feliz. Para mim foi como se eu tivesse recebendo um prêmio e a professora falou assim gostei de você, você é das minhas, [...]. **Você já cortou barreiras?** Já cortei barreiras. Sempre digo aos meus estudantes, Eu sou Negra! **E isso ajuda as crianças a se definirem, por que eles olham para você e te vê bonita, as crianças olham para você e quer te enquadrar no grupo menos escuro, o branco, o moreno? Quando você me diz "sou negra" você acredita que esta contribuindo de que forma para essas crianças que estão no meio termo?** Eu acredito que eu quebro essa barreira que existe dentro deles que também já existiu dentro de mim. Existiu muito tempo, desde pequena, então eu vim me definir como negra, depois que eu estava lecionando, quando eu digo assim eu sou negra eu estou ajudando o meu estudante a se encontrar, a se definir o que realmente ele é. **É um processo demorado (pelo que eu vi), não tão prazeroso, doloroso?** Muito doloroso, mas quando você se encontra realmente você sente que é prazer. **Marta porque é tão difícil para as crianças e para as pessoas de modo geral dizerem que é negra? Porque é um impacto quando você assim.** Por que a sociedade visualiza mais o branco, o branquinho é mais importante, o branquinho que pode, o branquinho é que chega longe, você que é negro você não vai conseguir, não adianta. **3ª BLOCO: Educação:** é algo que nos ajuda a cada dia, é um processo que a gente a cada dia a gente vai aprendendo, vai adquirindo experiência, levando nossas experiências e recebendo, fazendo uma troca de experiências. **Escola:** é um lugar onde você convive, com vários tipos de pessoa, com cabeças diferentes, com modo de pensar diferente, mas que a cada dia você vai aprendendo a conviver com cada uma delas. **Currículo quando eu falo para você currículo escolar o que**

você pensa? Você fala assim na questão de [...] eu penso nas matérias, os assuntos que nós trabalhamos com os estudantes, que nós sentamos dialogamos, para vermos as formas diferentes, como a gente vai fazer preparar a nossa aula dia a dia. **Você acha que o currículo da escola contempla toda a necessidade que tem para educação ou não ou você não acha que o currículo que tem é suficiente para a formação?** Algumas coisas são não sei se por o tempo ser curto, e também pela falta de apoio dos pais na escola mesmo, e as vezes a gente trabalha o ano inteiro e não consegui nem conhecer os pais dos estudantes e eu acho que deixa a desejar nessa questão. **O que deveria ter no currículo e não tem?** Por exemplo antigamente tinha a questão da religião na escola, hoje não se tem mais, não é que eu acho que você tem que falar das religiões igrejas, eu acho que de Cristo você tem que falar, por que hoje seria muito necessário para o adolescente ouvir sobre essas coisas, eu acho que ajuda iria ajudar muito na formação do adolescente, contribuir muito. **Conhecimento escolar:** é conhecer a estrutura da escola e as práticas pedagógicas da escola isso para. **Práticas pedagógica:** Por exemplo: Você vai trabalhar com um estudante e aquilo que você preparou não foi de encontro do que você desejou você tem que rever essas prática, vê o que está faltando, qual é realmente a necessidade de seu estudante e procurar mudar para que isso venha atingir o conhecimento do estudante. **Prática docente:** é você através da sua experiência seu dia a dia você procurar mudar. Você fez uma coisa hoje não deu certo, então você tem que despertar pensar no que poderia ser feito, pra ser diferente e pra atingir o seu objetivo, isso pra mim é prática docente. **Saberes quais são os saberes mais essenciais que tem lá na escola? O que são saberes?** Saberes eu estou sempre voltada a troca de experiência que realmente é isso; você sabe uma coisa você vai passar aquilo que você sabe,mas você tem que ta sempre aberta pra receber também as informações pra que esse saber aconteça realmente. **Marta, vamos lá, pra uma questão que volta pra o meu tema que é raça, como é que você conceitua, o que você entende por raça? Existe? O quê que é? Raça:** Quando se fala de raça se fala de cor [...] eu já foco pra cores; existem vários tipos de raças, existem vários tipos de cores;então raça pra mim é a raça negra é a raça branca;então pra mim raça é isso;quando você define. **E o racismo:** É você não aceitar o outro como ele realmente é. **E esse outro é só o branco, ou só o negro, ou só o índio como é que é?** De toda as cores, tanto o índio, quanto o branco,quanto o negro isso pra mim é racismo;as vezes você,até o negro,por que na realidade eu acho que ele queria ser daquela cor,as vezes o negro quer colocar o branco também mas de lado não é? Porque ele foi punido então ele quer punir o outro. Então tem essas questões, tem esse racismo do branco com negro e do negro com branco não é? **E esse negro às vezes queria ser?** O branco, queria ser o branco quando na realidade ele deveria se aceita como negro por que o negro na realidade pra mim é a cor mais linda do mundo (rsrsrsr). **O que é discriminação:** A palavra já é forte não é? Discriminar. Quando eu não aceito o outro eu já estou discriminando, quando eu escanteio o outro eu já estou discriminando. **Você ver isso na escola Marta?** Vejo, vejo, entre os estudantes eu vejo isso assim,quando os colegas tem uma coleguinha negra eles já começam a colocar apelido;a não brinca co fulana não que fulana é negra,então eles já falam eles já tem,o mundo ta tão diferente que o povo já não tem mais respeito pelo o outro,então já fala na cara. **E preconceito:** preconceito você fala de raça ou no geral? **No geral?** Às vezes a gente não aceita o outro pela a maneira que ele é, assim, por exemplo, se você tem um estudante ele já tem um jeitinho de que vai ser um homossexual você já [...] é uma realidade na escola você já começa a olhar diferente. **Oh Marta nessa series iniciais você já conseguiu identificar algum traço na criança ou não, só quando ele fica maior? Como é isso?** Já sim, já se percebi às vezes a gente se cala porque, por represaria não é? Assim no caso da família, eu mesmo não tenho coragem de olhar para um estudante e perceber que ele é homossexual e comentar com a família eu não tenho coragem, de jeito nenhum. **Mas já se percebe não é?** Já sim, já se percebe; e as vezes os pais nem aceita, quem é doido de falar nada? **E afro-descendente como você definiria?** Uma pessoa de descendência de negros realmente não é? E a gente olha a *fulano tem o*

cabelinhoduro, você já olha assim esse é afro-descendente, pelo o cabelo, pela pele negra não é? E muitas vezes a pessoa tem até cabelo mole mais também é afro. **E às vezes tem a pele clara e o cabelo duro, crespo.** E a gente já percebe que é afro descendente, mas por causa da pele a pessoa se acha que não é. **SePassa.** Como branca, é, como branca. **Acontece isso?** É acontece eu mesmo penso assim...porque eu sou alto [...] muito alta não é? Deus me fez milimetricamente alta para me amar poderosamente (rsrsrs). **Ainda deu a herança para família não é? (Rsrsrs).** Ainda deu a herança para família mais às vezes acredito que hoje ainda penso assim: se eu fosse alta e branca, da pele branca eu não era tão comentada. Eu percebo, porque eu vejo. **O seu perfil na cor da pele branca poderia ter outro?** “Oxente”, porque eu percebo assim que tem pessoas que tem a mesma altura que eu são mais claras e o povo não pega tanto no pé, mas eu por ser negra o povo “embaça” (rsrsrsr). **E você fala pegar no pé em que sentido Marta?** Assim de ta falando você é grandona entendeu? **A é pra marca?** É por essa questão, é pra marcar entendeu? Já marca ali por causa da cor. **A ainda tem essa questão?** Ainda tem essa questão, então eu tenho assim várias coisas (rsrsrs). Olha para mim e me ver mais alta que todo mundo. **A questão da altura você já ser em outro significado, que se fosse uma pessoa branca passa?** Passa e ninguém fala nada. Olha a altura de Cleide, Ela é mais clara que eu, só que o povo achava que eu era mais alta que Cleide. Por causa da minha cor. **Etnia:** seria pessoas de outros países, pessoas de outros países que estão em um mesmo lugar, e cada um vai se auto-definir. **Identidade:** Hoje eu tenho uma identidade definida, eu sou negra, me acho linda. Quando seus pais ainda não lhe e registraram você esta sem identidade, quando você se registra você tem identidade. Mais assim nesta questão identidade, identificar, eu sou Marta, eu sou professora, esposa, mãe, então isso para mim é tudo identidade. E ainda tem assim de quebra a esposa de “Careca” isso é identidade. **Estereotipo:** depende da maneira de quem ver, tem pessoas que tem maneira positiva de pensar sobre isso e tem outras são negativas e acaba passando esse negativismo e as vezes você fica frustrada. **E o estereotipo que se passa do negro é como?** Acha que negro é urubu, pela cor o negro é urubu, cabelo de pixaim. A tendência é fazer que o negro cada vez mais se sinta para baixo. **E a questão de classe marta? Você acha que um negro rico sofre a mesma questão de um negro pobre?** Por exemplo, Joaquim Barbosa, eu ouço, muitas pessoas falando assim, olha tai ai por que é rico, estudou, mas se fosse pobre tava limpando chão para o branco. Para mim isso é muito constrangedor ouvir isso. Pra mim que sou negra é um honra vê-lo ali. Mas mesmo quando chega lá sofre preconceito, as pessoas apontam, sempre tem uma piadinha [...] preconceito é terrível. **Belo e feio:** A feiúra é você saber que, não existe essa raça puro, branca totalmente branca, bambam, mas as pessoas querem ser assim, ela se autodenominam brancas, isso é feio e o belo é o quando o negro se assumir negro. Tem muito negro bonito e feio assim como branco feio e bonito. **Diferenças:** na questão da cor, na forma de se vestir, na forma de pensar. Mas na verdade somos todos iguais, eu posso ser negra e minha colega branca, mas na nossa veia corri um único sangue vermelho, e somos uma única raça a humana. **4ª BLOCO.** Eu procuro fazer do meu dia a dia, o melhor da minha vida, por que é lá na escola, que eu passo a maior parte do meu tempo, eu trabalho em uma escola só, eu posso até sair de minha casa chateada, mas eu creio assim que o meu colega, ele não tem obrigação nenhuma de agüentar as minhas dores de casa, então eu procuro fazer de meu dia o melhor, quando eu chego na escola e encontro alguém com a cara feia para mim é um choque, ai eu procuro sim, procuro fugir da pessoa, você vai passar o dia todo, é sua vida ali, e você passar o dia de cara feia, de cara amarrada, eu acho que esse dia para você não vai ser muito construtivo é a mesma coisa que eu não trago para minha casa. Isso já é meu: Eu posso chorar aqui, mas quando eu botar o pé no portão e encontrar alguém, o choro já foi embora. A minha relação com meus colegas de trabalho eu procuro fazer a melhor possível, quando eu percebo que não dá para mim eu procuro fugir, e agora os que me acolhem eu procuro me aproximar mais. As coisas só fluem se você estiver de bem com a vida e de bem consigo mesmo, senão fica difícil, pois já é tudo difícil. Se você não levar a vida na

alegria, ai não vai mesmo. **Com relação essa lei 10.639/2003 no ginásio ela já uma disciplina [...] Como você isso?** Eu acredito que isso é muito gratificante esse ensino de historia e cultura afro é realmente para incentivar as crianças para que eles possa se conhecer e ter a oportunidade de conviver com o outro, conviver com as diferenças e saber valorizar essas diferenças. Isso para mim é muito importante. **5ª BLOCO.** Na questão do planejamento nós planejamos na sexta-feira o período é curto, mas nós tentamos dá o melhor que pode, nós planejamos por ano/serie, sentamos, vemos o que vamos dá, o que ta faltando, cada sala tem uma maneira diferente, planejamos a mesma coisa, porem as nossas práticas são diferentes, na realidade são crianças com aprendizagens diferentes, ai cada uma faz, planeja junto, mas as nossas práticas são diferenciadas e na questão da 4ª serie planejamos juntas e fazemos as mesmas coisas, as mesmas práticas. **Como você trabalha a questão do preconceito, do racismo, da diversidade na escola?** Eu esse ano mesmo trabalhei com a questão da necessidade, surgiu a necessidade, eu pensei, e ai fui trabalhar com o projeto sobre o preconceito, e valeu a pena. A escola não teve um projeto esse não, mas teve um ano que nós trabalhamos. É necessário que haja esse trabalho que haja projetos, que a escola realize projetos para trabalhar com essa temática, com a diversidade, com esse preconceito isso é muito importante, o preconceito está lá na escola. No recreio eu ainda não vi uma atitude de preconceito, não sei se é porque pouco tempo vinte minutos. Retroprojeto, lápis, cartolina [...]. **Quando uma aula dá certo e quando não dá?** Quando você dá uma aula boa, você percebe que o menino participa muito, quer participar, quando o menino não está nem ai, é por que você não está atingindo seu objetivo. **Existe desigualdade na escola?** Existe desigualdade sim, as pessoas não querem enxergar o ser humano como ser humano, valorizam só as coisas e não as coisas, as coisas ficam para depois, vejo isso de modo geral, entre estudantes e professores. **Existe racismo:** Claro que existe como sei que existe. **Como você enfrenta uma atitude racista?** Eu agora já estou preparada, para mim enfrentar qualquer situação por que hoje eu sei, tenho certeza que sou negra e me valorizo, me valorizo como negra. Agora antes eu era inocente. Posso dizer inocente. O conhecimento me ajudou muito. Ajudou-me a crescer, mas antes eu. **Diferentes estereótipos como você age.** Eu estou pronta para passar o sermão, eu paro a minha aula para conversar sobre esse assunto, eu percebo e ai eu vou conversar com eles. Já aconteceu sim e eu parei para dizer que somos da mesma raça e temos um único Deus que nos ama, somos feitura dele e nós não sabemos nem qual é a cor de Deus. Já parei para conversar muito sobre isso. Aconteceu já chama, não deixo para depois não, meu negocio é na hora, meu pavio é curto. **Seu carisma [...] Mas acontece de um estudante está escanteado na sua sala [...].** Comigo nunca percebe isso [...]. **Panorama dos tipos de situações que vem para sala.** Meninos que usam drogas, meninas que já sofrem abuso, racismo, grávidas, relação sexual, homossexual. Muita diferença para você lidar com ela é só Jesus na causa. **Como você consegue ver que a brincadeira não é somente uma brincadeira?** Consigo ver que não é só uma brincadeira, por que o outro já sente logo, ele demonstra isso, eu vejo pela reação e quando percebo essa reação eu tenho uma frase para dizer para eles: A brincadeira só é boa quando ela agrada a todo mundo, se o seu colega não se agradou, vamos parar. Mas eu estava brincando, não, vamos pedir desculpas, e ele pede. **Lazer:** eu sou criança, gosto de brincar, gosto de sair mais fico com vontade de voltar para o meu canto, só tem uma casa que eu quero ir e ficar mais um pouco que é a casa de minha mãe [...] mais em casa. Eu participo da igreja, ultimamente não tenho participado, por causa do horário e eu só tenho o domingo para ver minha mãe. **Você sempre teve talento para musica, tinha um diferencial.** Eu cantei pela primeira vez eu tinha 04 anos de idade, na igreja, a canção para mim sempre foi uma alegria. Quando eu canto tão assim, tão focada, na canção. Que não sinto preconceito. A primeira vez que tive medo de cantar foi na 1ª igreja Batista. Se fosse para eu escolher entre musica e professora eu teria escolhido musica, quando eu era pequena, na época era disco de vinil, as pessoas me prometiam, nós vamos providenciar alguém para gravar seu disco, fiquei na maior expectativa, eu não tinha condição, minha mãe não tinha, eu me enchia

de esperança. Deus me superou, ele usou meus filhos, ele usou meus filhos, (choro) para me trazer essa alegria, então quando eles cantam, sinto assim que é uma compensação, eu estou me sentindo realizada, eu fico flutuando com o uso dos meus filhos cantando. **Você tem 03 filhos que cantam?** Dois cantam, já foram premiados. Hoje eu não sou mais uma mulher frustrada na música, por que Deus me abençoou, então ele fez com que a música prosperasse em minha vida através dos meus filhos. O que eu pude fazer pelos meus filhos com relação à música. Deus me premiou em dobro. Quando eles estão no palco eu sinto que sou eu que estou ali, e sinto, e choro e vibro, um deles já definiu a profissão com relação à música. **Você foi tímida alguma vez?** Com relação à música não, mas em outras situações sim. Música liberta e quando você canta para exaltar o criador aí você é livre mesmo. Eu sou evangélica, bem realizada, e feliz com o Deus que sirvo, a intimidade que eu tenho com ele é de pai para filho. Assim eu tive o genitor, mas eu não tive um pai e eu sempre coloquei depois como um superior um pai que eu amo de verdade. Eu não convivi com meu pai, tudo que eu preciso, sempre gosto de consultar a Deus, e às vezes eu peço e parece que ele está ali comigo, naquele momento eu digo assim Deus me empresta seu ombro, e me parece que eu estou assim no ombro dele, no colo dele, eu sinto a presença dele na minha vida, eu tenho uma relação muito grande com Deus, às vezes quando as coisas não acontecem na minha vida da forma que eu queria eu tenho certeza que Deus acha que não ia valer a pena, então eu tinha convicção disso, eu sou feliz por estar sentido sempre a presença de Deus na minha vida e tendo Deus sempre segurando a minha mão. Por que ele quando segura minha mãe eu nunca vou cair, ele segura e me dá suporte para todas as coisas. Em toda família às vezes tem momentos difíceis, tem situações que te deixam triste, mas eu estou sempre pronta para que DEUS faça o melhor e no outro dia tudo se resolve, quando eu penso tem uma coisa e eu digo não queria tá aqui, mas no outro dia tudo se transforma e com meus filhos procuro ter a melhor relação, essa menina é minha amiga, ela é filha da promessa (15 anos) Deus já tinha usado alguém para me dizer que ia me dar uma menina, eu já evangélica eu não acreditei, [...] até os parentes não acreditavam que ia ser uma menina [...]. **Existe alguma forma que a gente possa contribuir para acabar com o racismo [...].** Eu acredito assim que o professor não deve trabalhar preconceito não só como projeto, mas no seu dia a dia, aproveitar cada situação para ajudar, ajudar ao estudante a melhorar seu conhecimento, a sua postura em relação ao preconceito. Tudo que você chama atenção de seu estudante alguma coisa fica, você plantou a semente, ela pode não nascer naquele dia, naquele momento, mais futuramente ela vai germinar. Eles vão contar para os pais, a professora falou assim, assim. O professor tem um papel muito grande, por que além de você ensinar o menino, passar aquilo pro menino o menino vai passar para os pais, e de uma forma ou de outra os pais vão acordar para isso é muito importante. Por que as crianças devem se incomodar quando alguém o ofende. Eu não acho que ele deve colocar dentro de si e guardar para ele, para que isso não vire uma doença, mas ele tem que falar sim, se alguém fez alguma coisa comigo eu tenho que dizer, é como quando alguém leva um corte tem que gritar, alguém te magoou com palavras tem que falar.

APÊNDICE H – ENTREVISTA COM A PROFESSORA RITA

Rita: 2ª BLOCO.

Rita de Cássia Sampaio Sousa tenho 28 anos que trabalho na área de educação, professora publica municipal. Meu sonho assim não era, era e não era trabalhar na educação. Sempre gostei por que cresci vendo isso. Minha mãe é professora, minhas primas são professoras, a família quase toda só tem professora, cresci vendo o povo trabalhando nessa área, sempre brinquei e quando brincava, brincava com as bonecas dando aula. Por morar no interior da Bahia não tinha muita opção, não tinha nenhuma, era só o magistério e contabilidade, tinha que escolher um ou outro. Como eu não gosto de contabilidade por que não gosto de matemática, optei por magistério e fiz o magistério e fui trabalhar. Quando terminei o magistério com 18 anos, já comecei a trabalhar logo, no começo do ano seguinte sempre na mesma área, em sala de aula esses 28 anos. Que eu me lembre eu nunca pensei, só pensava em ser professora. É tanto que minha mãe e por eu ser filha única e minha mãe trabalhava pela manhã, tarde e a noite e pra ela não deixar, eu estudava em escola publica de manha e a tarde e de noite ela me levava para a escola (acompanhado). Criei na escola, por que ela não podia me deixar em casa sozinha, não tinha o pai, morava eu ela e meu avo, por ser só nós três ele já era mais idoso não deixava eu, as vezes ela deixava, mas não era sempre para a escola, eu estudava de manhã e a tarde e a noite eu ia. Estudei em escola publica da alfabetização a quarta serie (que antigamente era quarta serie), depois minha mãe conseguiu uma bolsa e eu era bolsista da escola Madre Savina Petrille, eu fiz da 5ª a 8ª serie, depois fui para o Alfredo Dutra que era Estadual. Eu sempre fui uma menina quieta, tímida, sossegada, [...] mainha fala que eu mudei depois que fiquei velha. Fiquei valente, mas eu sempre fui tímida, mainha dizia que eu puxei meu pai. **Quando você descobriu que tinha vocação para ser professora?** Eu já fui fazer magistério já, com vontade mesmo, já gostando, gostava mesmo de ser professora, sempre gostei, eu cresce brincava, até com as amigas da rua, as vizinhas, na mesma idade, eu morei lá no centro, e tinha as meninas, a gente já brincava de escola, filho de professor já sabe, compra logo um quadro, os livros velhos, os recortes que ela trazia da escola, eu sempre era a professora e as meninas (as bichinhas) era as alunas ai pronto do jeito que as professoras falavam na sala, a gente faz em casa com essas meninas, ai fazia brincava direitinho, eu sempre gostei. Quando fiz magistério já fui gostando. Teve um período que fui diretora, 04 anos na direção. Vinte e oito anos e agora que não sai, perto de aposentar, tenho 46 anos. Eu amo, hoje a única angustia que a gente tem é a falta de assistência dos pais, por que ficou tudo nas costas da gente, a responsabilidade é toda da gente, os pais hoje não tem aquela responsabilidade de quando eu comecei eles davam aquela assistência, tem hora que eu culpo e não culpo. Que hoje a vida que é tão corrida, a gente sai trabalha 40 horas, quase o dia todo fora de casa, os pais a gente sabe que a maioria deles, também é por esse motivo, os pais saem de casa o dia todo para trabalhar, o povo que trabalha na Azaléia, os que trabalham pela manha, sai de manha cedo e só volta à tarde, então tudo isso, as crianças ficaram assim muito soltas, então não tem assim aquela assistência, uma atividade que a gente passa não recebe pronta, estudante vai fazer proa não estuda, não tem aquela cobrança, os pais não olham o caderno. No plantão pedagógico, a gente ver a ausência dos pais, tem estudante que a gente passa o ano todinho e não conhece a família. Antes logo quando eu comecei a maioria estava presente em casa, ou trabalhava em casa de família, davam mais assistência, agora quem trabalha em comercio, em industria, então tudo ficou muito mais difícil, a assistência, hoje com essa geração que está ai, a internet, quando não é na rua é em computador. Eu acredito que um dia a educação melhor e esperar que melhore por que é a esperança , porque a educação e a base, tem que caminhar junto com a família, a educação é a base de tudo. Falta de compromisso da família, com a escola, com a gente, tem hora que a gente tem até que levar a criança em medico, às vezes acriança passa mal na escola. Professor tem

que ser psicólogo, tem que ser médico tem que ser tudo. **3ª blocoeducação e escola:** Educação é à base de tudo na vida do cidadão. É ao uma transformação. Em relação à educação a escola mudou muito. Os nossos pais de quando falam de quando estudaram até chegando hoje. A escola ficou assim, hoje o menino não tem mais respeito por nada, por professor não obedece ao diretor. Até os próprios colegas eles não se respeitam, não tem aquele respeito entre si. Tem menino que parece que está ali obrigado. Não tem aquele compromisso de estudar, de aprender, de estudar e crescer. Quando a gente dá conselho que estudar é para o futuro, que não pode parar que tem que ter até uma faculdade. Tens que fala eu venho por que minha mãe obrigada, outros que mal vai chegar no Polivalente (ginásios), não pensa mais do que isso na escola. Na época que eu comecei muitos estudantes começaram com um intuito de aprender e depois de estudar para fazer um concurso para ser alguém. Hoje os meninos não tão nem, não ligam, o 2ª ano. **Conhecimento escolar e currículo:** sempre a gente tenta inovar e mudando para atender a clientela da gente, a gente é cobrada para seguir aquilo, mas a nossa clientela cada vez que vai mudando, mudando, mudando e fica assim muito defasada, a gente tenta fazer uma coisa, as vezes é podado, por que tem que seguir aquele currículo ali, aquela coisa. **O currículo é fechado?** Dizem que não mais as vezes, na prática a gente vê, as vezes condiz com a clientela, as vezes não. Seis anos que eu estou com series iniciais, primeiro fiquei com o 1ª ano que é alfabetização e quatro anos que eu estou com o 2ª ano. O ano passado a gente pegou uma clientela e a clientela desse ano está pior de aprendizagem pior, de comportamento nem se fala. Pequeno 6 a 7 anos, Desse jeito então a clientela assim cada ano é diferente, então. Até que quando que a gente esta nesse curso do PENAC que o MEC criou pra atender as series iniciais que é 1ª ano ao 3ª que é alfabetização, que mudou não é? Que agora são 09 anos para alfabetizar, então agora atende o 1ª, 2ª, 3ª ano que é a 2ª serie a alfabetização é a 1ª e 2ª serie então esse curso atende essas 3 series iniciais. São 02 anos, começou o ano passado e vai até dezembro desse ano então eles mandam material, tem os instrutores que trabalha com a gente não é? Agora é assim não mudou muito, não sei pra mim ficou foi pior porque os estudantes não pode repetir o ano ai tem que passar, é aprovação automática só pode perder no 3ª ano, 1ª e 2ª não, então os meninos chegam no 2ª ano não sabem nem o A, não conhece nem o A, não sabe fazer nem o nome e ai vai não é? Tem hora que desanima é isso. O ano passado eu acompanhei a minha turma uns dois anos 1ª e 2ª ano, mandei pra o 3ª ano; ai foi bom, esse ano ai eu já peguei uma turma nova não é? São os novatos de outra escola; não, não, peguei o 1ª de novo, peguei o 2ª esse ano eu estou com o 2ª, não peguei o 1ª não que lá na escola acabou o 1ª só. Ai peguei só o 2ª ano que veio da escola pingo de gente, são 2 segundo ano eu e Livia, ai ainda vem esse problema, não acompanha, que a gente acompanha eles no 1ª ano ai o ano passado a gente acompanhou eles no 2ª, a gente já sabia o quê que eles tavão precisando como saíram do 1ª para levar para o 2ª ai a gente já mandou preparado para o 3ª não é? Agora a gente já pegou o 1ª ano que, naquele jeito que a gente tem que bota do jeito da gente e até olha ta difícil. **Qual a diferença da prática pedagógica para sua prática pedagógica, o que você faz?** A gente tem que ir mesclando não é? Aproveitar o que o menino já trouxe, que ele chegou na escola com aquilo que ele aprendeu no ano anterior e trabalhar com o da gente que no caso, como esse curso ele pega a rede municipal toda então a gente já trabalha mais ou menos parecido não é? É a mesma rede, então já trabalha, cada um que cada um tem o seu jeito não é? Mas no caso os conteúdos, os objetivos tudo é trabalhado não é? Tem a orientação, tem o acompanhamento da tutora que elas visitam as escolas para ver o que a gente esta fazendo, então até na própria escola a gente começa o projeto que trabalha mais encima de projetos, seqüência didática, todas a mesma seqüência didática de acordo com a serie/ano, cada um de acordo com sua sala, a seqüência didática que elas dão, pensando de um jeito, no caso mais adiantado, um nível mais avançado, a minha sala não acompanha eu tenho que fazer o meu jeito, eu como professora ali, tenho que ver né, como é que é a minha prática, tenho que me virar para fazer, para adaptar com o tipo de meu estudante e a gente sabe, na minha sala mesmo tem um menino com um

problema de saúde, ele não faz nada, ele tem problema de coração, ele tem sete anos, mas parece uma criança de 04 anos, o bracinho é dessa finura, ele é todo delicado, tem hora que ele pedi para ir ao banheiro, eu fico com medo do menino até cair no vaso, é tão pequenininho, o bracinho é dessa finurinha. Ele tem vez que fica quinze dias sem vir para escola, faz tratamento em Salvador e tudo, quando ele vai eu já coloco de junto de mim, ai eu já tento trabalhar de outro jeito né, diferente dos outros, por que ele não acompanha, por causa do problema de saúde dele é diferente dos outros, então tudo isso a gente tem que levar em conta, no caso a sala eu tenho 28 estudantes, então são trabalhos diferenciados, nem todos acompanham a mesma prática de ensino.

Saberes: não hoje não traz não, os únicos saberes que eles trazem são essas musicas pornográficas, a letra da musica no quadro eles não sabem, eles não trazem nada assim, a gente fica de mãos atadas, você manda o caderno de atividade para casa, quando volta com atividade respondida, pela letra você sabe que não foi ele foi a mãe. Por que a mãe responde para terminar mais ligeiro, é real, e os estudantes solta na hora. Elas (mães) não tão nem ai, quando chega no plantão que eu falo elas ficam vermelhas de vergonha, por que eles contam. Ai não traz novidade nada, os meninos vem pra sala nua e crua a gente que tem oh... se virar. **Raça:** como a gente sempre estudou os tipos de raça, a raça humana. Agora o racismo é uma coisa que diz com o tempo, antes no Brasil, era pior, muito tempo atrás foi muito pior, hoje já é menos mais ainda existe muito, demais, demais. Nas series iniciais os próprios coleguinhas mais moreninho do que o outro, xinga esse nego, esses dias eu até a falei com um ele xingou o colega de **preto**, ele é assim, ele não é escuro, ele é mais branco, mais o cabelo é bem ruizinho, eu sou branco, ai eu falei não olha o seu cabelo, seu cabelo não é liso (rsrsrsrsr), falei bem assim. Não só é preto por causa da cor da pele não é sim tia, depois você vai aprender isso, mas não é não, não só por que ele é mais escurinho na pele do que você que ele é preto e você é branco não, e todos nós.. eles não entendem ai eu não posso está explicando muito, todos nós somos pretos, nós temos sangue é nosso Brasil, você vai aprender isso quando você crescer. Ai você não vai xingar mais ninguém de preto, de neguinho igual você fala, nem preto é neguinho, “o pá esse neguinho” seis anos sete. **Discriminação e preconceito:** Para mim, é parecido, a discriminação tem muito, muito mesmo, tanto social, cor, tudo, tudo, hoje a discriminação é assim, quem tem um padrão de vida melhor, é discriminado é a classe social, tudo isso, hoje ainda existe e muito. Não devia existir, mais ainda existi, até que melhorou mais, no caso de faculdade particular faculdade publica, antigamente que era assim, só estudava em faculdade particular quem tinha a classe social alta, que os pais tinha condição de pagar, hoje não, classe media, classe baixa, estuda consegui ingressar em uma faculdade particular, mas em tudo, a discriminação hoje tem e muito, ainda existe muito, a gente na escola a gente ver muito, aquelas crianças, que tem uma aquisição mais ou menos aquelas que já são mais inferiores, são discriminados, tem uns que não tem nem o que comer, as vezes aquele que leva uma merenda, anda mais bem vestidinho, discrimina aquele, as vezes não quer em brincar, junto. E a gente que trabalha em escola de periferia a gente vê muito, ainda vê muito isso. **Afrodescendente e negro:** é negro mainha, eu digo, esse negocio de afro descendente, rsrsrsrs, para mim o afro descendente e o negro é a mesma coisa, só. Afro descendente foi para não ficar assim tão chocante e chamar negro é a mesma coisa. **Etnia:** o Brasil é bom por que é uma mistura, acho que acolheu tudo, a gente sabe que tem o racismo, que, que tem muita discriminação, mas é um país que abraçou todo tipo de etnia que aparecia, não tem aquela divisão que tem em certos países que a gente conhece, é dividido, eles não aceitam outras etnias, tem que ser aquela e pronto, no Brasil não, o Brasil abraça tudo. **Identidade:** cada pessoa tem que ter a sua identidade né, cada ser humano tem que ter a sua própria identidade, a pessoa não pode viver sem uma identidade. **Estereotipo:** o povo às vezes nem olha o que a pessoa, se é inteligente, ele olha logo, a cor da pele, discrimina logo na hora que ver, quando ver já fala logo, pela cor da pele, não tem aquela, não olha o que a pessoa é você já discrimina logo assim, não procura saber, conhecer a pessoa em si, no todo, só

vai logo pela cor, por que acha que é mais escuro, já vai logo, discriminado, xingando, não dá oportunidade, de conhecer aquela pessoa, Belo feio em uma pessoa não é a parte física, é o conjunto da pessoa, a pessoa ser integra, tudo isso conta, não é só o físico. Pessoas que não são amigas, colegas, companheiras, pensa só em si, não sabe Ser humilde. **Diferenças:** é bom quando não é uma diferença que não prejudica, mas não pode ser todo mundo igual, querer que todo mundo fosse igualzinho é querer demais, cada um tem uma natureza, cada um é de um jeito, tem que ser diferente mesmo, tem as diferenças que as vezes prejudica, por exemplo na parte social, uns são mais agressivos, outros são mais dóceis, mais meigos, tem criança que lhe trata assim com carinho, lhe abraça, beija até o jeito de falar, já tem outros que são mais agressivos, com os colegas, com a gente, não respeita ninguém, cada um com sua diferença, pode ser o que ver em casa, do mesmo jeito que é tratado, ou convivência em casa, chega na escola e trata todo mundo mal. Na minha sala predomina mais afro-descendente, branco é minoria. **Existe igualdade na escola:** ainda tem aquela diferença, no recreio, a gente percebe bastante, por mais que falam que está acabando o racismo, mas eu percebo que existe. 4ª bloco. Já estou nessa escola há seis anos, eu me dou muito bem nessa escola. **Prática docente e a lei.** Só lembra no dia, não trabalha o ano todo só nas datas, quando chega na data 20 de Novembro não é? vai falar do negro e vai, vai, vai como se fosse mais uma data comemorativa e não deveria ser tinha que trabalhar era durante o ano todinho no cotidiano não é? Ta ali trabalhando com a criança. Agora não só deixa pra falar na data, ali leva e mostra e bota data show não é? É a gente conseguiu é a gente sabe logo. No caso os meus como são pequenos eu já interfiro e como o entender deles não é tanto, tenho que explicar nesse momento tenho que falar o porquê daquela palavra, o porque falar assim com o colega não é? Então logo ali no momento tem que conversar às vezes já vem de casa essa atitude com o colega de cor não é? Então já ver em casa já ouvi, lá na rua, então a gente tem que conversar que as vezes em casa não tem assim essa conversa, os pais não falam, não explicam, então quando ver qualquer coisa que a gente nota já tem que conversar. Apelidos: as vezes chamam de negro, de baleia quando é gordo, é saci, são os mais comuns assim que eles falam. 5ª **Bloco. Recursos (estratégias):** Planejamento é coletivo ,como te falei, por causa do curso o PENAC nas series iniciais, então a gente trabalha em coletivo, no caso tem a parte pedagógica lá no curso e quando vem pra sala a prática, então semanal planejamento ai eu trabalho com a colega que trabalha com a mesma serie que eu e as outras no caso 3ª ano tudo junto ai desenvolve e os recursos a gente usa, a gente recebe no caso livros de literatura, no caso caixas de livros de literatura pra trabalhar que é mais voltado pra leitura então trabalhar mas a alfabetização com leitura com esses recursos então a gente trabalha histórias então a gente procura, hoje ta mais fácil por causa da internet então a gente baixa as histórias nos vídeos e a escola tem o data show a gente trabalha e ali vai fazendo a seqüência didática a gente trabalha encima daquela história e vai trabalhando todos conteúdos português, matemática a gente procura uma história que da pra trabalhar não é? Não é pra uma semana, é semanal, cada semana você trabalha uma seqüência didática, você procura, tem os recursos, agora tem semana que você tem o recurso, tem semana que você não tem o recurso fica assim você tem que ta é, tem assim a cota, no caso, você tem que (rsrsrsrs) você tem que ter a quantidade por semana, são 4 atividades ou 3 por semana ai você só pode dá aquelas digitada ai a impressa só aquela, ai você vai pra o quadro você vai trabalhar e você tem que se virar tem dia que você chega você planeja, oh, vai ter semana que é uma comedia, você planeja na sexta-feira a semana toda, ai você vai aquela seqüência didática, as atividades impressas quando chega começo de semana você entrega ao apoio pedagógico, que agora é Tatiana, ai a gente entrega o que a gente quer de atividades, eu quero isso e isso pra semana que vem, quando chega lá no dia cadê? Por quê? Acabou tonner, você tem que se virar ali ligeirinho pra mudar o seu planejamento, sua atividade tudo porque é pronto vai se virando. Na sala foi como eu falei: eu converso com as crianças e explico o preconceito, que a gente não pode ter preconceito com o coleguinha, quando acontece é. mas as vezes também não precisa; logo quando começa o ano que

a gente sempre fala com eles que a gente vai falar tudo das regras daquelas coisinhas todas então a gente já fala, do preconceito tudo já entra tudo aí e sempre vai pincelando, agora já é mais trabalhada como eu já falei só que é só no dia, é no dia 20. Pra mim a aula dá certo quando a gente conseguiu alcançar o objetivo da gente como a gente planejou aquela aula. É igual eu falei: quando você planeja a aula e tem tudo em suas mãos os recursos todos, você precisou de usar e tá tudo ali, sua aula vai ótima; agora quando você já antes de começar a aula você já passa aquele estresse de chegar e não ter material pronto, não tá ali o que você tem que mudar o planejamento na hora que você entra em sua sala, ali você já acaba sua aula; é você tem que improvisar; aí você já vê que a aula não vai estar você sabe que você vai dá alguma coisa agora não vai ser 100% igual você queria que fosse nem tem como que você já estressa antes de entrar, chegar na escola vai atrás de seu material, não, o material não tá pronto, não teve como fazer o material, você chegar ali oh; ainda tem a vantagem porque as crianças são pequenas não notam que quando é adolescente ele sabe se o professor tá seguro ou não, se aquilo ali é o que ele ia dá, por mais tempo que você tem, não tem como não transparecer. **6ª Bloco. Desigualdade:** tanto na escola como na vida da gente tem, desigualdade, mas só que a gente vê muito as crianças, as que tem um poder aquisitivo mais ou menos com aquelas que não tem tanto, as vezes são criadas que não tem o pai nem a mãe, a avó que criou então é mais assim, então a gente vê tudo isso, essa desigualdade racial tem muito, muito é isso que eu queria entender, eu mim pergunto isso todos os dias (rsrsrs) porque DEUS fez a gente deveria ser tudo mundo igual? Então tem aqueles que tem muito, outros coitados passam por uma necessidade, o Brasil tão rico, tão rico que não deveria ter desigualdade social, que pelo o país que a gente vive não deveria ter então a gente fica assim me pergunto todo dia porque isso? Porque tem que ser assim? A gente vê tanta gente que mesmo com todo esse recurso que hoje tem bolsa família essas coisas todas do governo federal mas a gente vê gente que passa fome e como tem, tem que ter... tem crianças que chegam na escola que já entra e já vai perguntando tem merenda "tia"? quer logo que não tomou café, e a gente tem que providenciar uma merendinha antes até chegar o horário da merenda porque não comeu nada em casa, então a gente pensa que não tem, tem as vezes você pensa que acabou que vê tanta coisa na televisão é: bolsa família, ajuda de não sei de quê, é aquelas coisas toda, minha casa minha vida e tem e tem criança que não tem nada. **O racismo existe?** Claro que tem (rsrsrs) **O que você faz em suas horas de lazer?** Lazer assim, não sou muito de sair não, a única coisa que faço é ir a academia quando chego da escola e vou a igreja aos domingos [...] passear só nas férias, as vezes, só visitar os filhos, meu passeio é em Conquista pra ver o filho. **Religião:** sou católica, cresci a minha família é toda católica, cresci no catolicismo e assim eu tento passar no caso, que a gente sabe que a gente não pode falar de religião na sala, que é uma mistura, de todas as crenças, tem as crenças cada um com a sua, agora tento passar o que escuto na minha religião, que principalmente com o próximo você trabalhar com o próximo, cuidar, respeitar, amar que é tudo isso que a gente aprende que a gente ouvi na igreja então tento fazer o possível, com as crianças e passar pra eles também o respeito que tem que ter com o seu colega tudo isso que a gente tem que crescer assim. **Família:** muito, a família é a base em tudo na vida de uma pessoa, a pessoa tem a família estruturada seguiu a vida toda de cabeça erguida, é a base mesmo na vida da gente é a família. **Valores:** não, aprendi com a minha que sempre foi professora que a gente tem que saber separar, que se tiver algum problema em casa você deixa em casa, você não pode levar seu problema pra escola. Com as colegas sim, você sempre tem uma colega que você tem mais afinidade, você conversa, desabafa, pois você vive mais na escola que em casa. **Como você se vê na questão da cor:** Minha mãe é branca, branca chega é vermelha, meu pai já é moreno eu sei lá que cor eu sou? Diz meu registro que antigamente não era parda? Diz que sou parda, agora meus meninos (filhos) são tudo preto (rsrsrsrs). Anderson fala assim mãe só tem olho pra preto falo assim pra Ester pra mim, o padre mais bonito é o padre Josué.

APÊNDICE I – ENTREVISTA COM A PROFESSORA LUCIANA

Luciana. 1. **Oh Lu, como foi sua infância na escola, na sua família?** Foi ótima, tive uma infância bem tranqüila; sempre estudei em escola particular, quando tinha mais ou menos uns oito anos meus pais passaram por uma crise financeira difícil fui para escola publica, depois retornei novamente para a escola particular e, [...]. [...] o que mais me deixou encantada com a profissão foi uma professora que tive no quarto ano. **Escola publica ou particular?** Particular. **A forma?** É a forma, o jeito dela falar, o jeito de trabalhar com a gente, fiquei muito encantada. **É viva ainda?** É viva ainda. **Você quer citar o nome?** Tia Iracema, da escola Adventista. **E como foi seu percurso, você estudou quanto tempo na escola particular, até que série?** Eu estudei oh foi assim quando tinha mais ou menos oito, nove anos, falei foi quando meus pais passaram uma situação difícil fui para escola publica estudei aqui na escola Dona Maria, acho que naquela época que tinha alfa I, alfa II? **Aqui, o Dona Maria era escola do Estado aqui?** Era no Estado e como na época era tia Edinalva, como ela percebeu que estava muito adiantada que era mais avançada que as outras crianças, ela não me deixou nem no alfa I já me passou direto para o alfa II, que foi com tia Moana e também era muito apegada a ela muito assim depois quando terminei, que alfa II na verdade era o 2º ano, ai quando terminei foi quando os meus pais já estavam mais estabilizados fui para a escola Adventista. **E qual foi a diferença que você achou da escola publica para a escola particular naquela época, você sentiu a diferença quando você voltou?** Sente a diferença, a diferença assim que tiveram mais cobranças, muito mais cobranças, a diferença em todos os aspectos nos colegas, nos professores esta ali sempre muito junto muito colado cobrando. **Qual a escola a publica ou a particular?** Na escola particular. **Ai você sentiu que na publica era o contrario?** Não, não era assim tão contrario, mas ficava mais a desejar. **Em que momento você decidiu que profissão você teria, como é que você pensava na adolescência, na infância a profissão que você ia seguir?** Olha vou contar um fato até engraçado, até hoje mainha faz resenha de mim; quando eu era pequena era invocada sempre em ser professora que eu tenho dois irmãos, um irmão e uma irmã né? E ai colocava eles pra serem os meus estudantes como estudavam os três irmãos, os meus dois irmãos estudava de manhã ai a tarde a gente ficava em casa minha mãe não trabalhava nessa época só meu pai, e a gente ficava em casa fazia a atividade assim que a gente chegava da escola tomava banho e almoçava e ia fazer as atividades, sempre minha mãe era muito assim comprometida, vamos fazer a atividade, terminar logo pra ficar a tarde livre acabou de almoçar descansava um pouquinho e fazer as atividades, quando terminava as atividades eu e meus irmãos brincar, então o que eu fazia eu colocava os dois sentadinhos no chão e a porta da minha casa era o meu quadro, o meu quadro de aula, sentava, os meus irmãos sentava e eu ia passar a atividade pra eles, minha mãe sempre, ela via assim que eu tinha muita vontade, ela comprava giz, comprava esponja e a porta da minha casa era o quadro, eu escrevia ali, passava as atividades para os meus irmãos, apagava quando o meu giz acabava a minha professora da escola Adventista, sempre eu pedia aquele pedacinho de giz que ficava pequenininho, o restinho, a sobrinha, ela mim dava e eu levava para casa. **E eles eram mais novos? Os seus irmãos?** É, são mais novos. **Eles chegaram a estudar em escola publica ou não pegou essa parte?** Estudaram em escola particular até o 6º ano, depois foram para a escola publica. **E sua mãe e seu pai incentivavam você a estudar ou era uma coisa só sua?** Muito, muito, muito, incentivava muito, principalmente o que meu pai mais incentivava era leitura ele comprava livrinhos pra mim, e para os meus irmãos, livrinhos de história, é tanto que hoje tanto quanto os meus irmãos a gente ama ler. **Isso realmente é uma cultura? Pra infância?** É da infância. **E assim, como foi essa decisão do magistério ou você não fez magistério?** Oh, foi assim terminei o nono ano no Savina, estudei lá do 6º ao 9º ano, que antigamente falava 5º a 8º série, terminei na época, aqui na época meus pais não tinham condições pra eu ir para Salvador, que

os meus colegas foi tudo estudar fora, terminou o nono ano, que era 8º série? Ensino médio, pra ir fazer o ensino médio em Salvador, em Itabuna, nesses lugar, mas como não podia sair foi na época que no Dutra colocou o científico que era o ensino médio, não sei se você se lembra? Colocou o científico que era tipo o ensino médio, porque no Dutra a tarde só tinha o magistério. **Era na década de 80?** Era 90, 1990. Colocou o científico fui fazer o 1º ano científico, só que achei muito complicado, achei tudo assim muito, sei lá muito complicado e a maioria das minhas colegas assim, algumas que tinha, as meninas, não foi nem tanto os meninos, a maioria das meninas foram estudar no Dutra e fazer magistério, eu sempre estava com as minhas colegas lá no Dutra vendo –as fazer magistério e no científico, elas começaram a me incentivar, oh Lu vem fazer magistério com a gente, vem fazer magistério, como eu já desde criança gostava que fui fazer científico por conta de meu pai e minha mãe, porque eles falavam não você vai estudar, pra ter um estudo melhor pra você ser uma médica, ser uma odontóloga, e minhas colegas começaram a falar, não Lu vem fazer magistério e eu vir as meninas fazendo trabalho, já no 1º ano fazendo aquelas apresentações fazendo os trabalhos, ai o quê que eu fiz, terminei o 1º ano científico, conversei na direção da escola e o ano seguinte de 91, foi 1991, ai eu fui fazer o magistério só que eu fiz o magistério e fazia dependência porque tinha algumas matérias no magistério no 1º ano como estática e outras que eu não tive no sentido, ai eu tive que fazer dependência ai eu fui estudar a tarde magistério e de manhã eu fazia dependência dessas matérias que eu não tinha. **E essa mudança causou algum problema em casa ou algum desconforto?** Não, não falei pra meus pais que queria que tava muito assim, cansativo pra mim, era muito difícil muito complicado, também eles não se opuseram não. **Eles respeitaram a sua opinião?** Respeitaram minha opinião. **Então você não foi pra fora porque não dava pra morar fora?** É porque meus pais não tinha condição na época de me sustentar fora por isso que eu não fui. **Fazer o 2º grau em outra cidade?** É em outra cidade. **Então a opção que tinha aqui era o científico?** Era o científico. **E quando você fez essa transição do magistério você se identificou ou você se arrependeu?** Identifiquei-me logo, porque eu já sabia o que eu queria, que era aquilo ali desde pequena, já sabia o que eu queria que era aquilo ali, ai começou ter apresentações, ai já apareceu, já surgiu uns boatos das colegas a vamos fazer o estagio já fiquei encantada, porque ia da aquela aula que eu dava para meus irmãos quando eu era pequena. **Então era um sonho de infância que tava se realizando?** Um sonho. **Então você terminou o magistério o estagio como é que foi?** A o estagio foi ótimo, fiz aquele pré-estagio que fala, que faz antes do estagio normal, a observação naquela escola que tinha enfrente o Dutra. Era uma escola ali, era o Dom Pedro II, era alguma coisa assim, não me lembro fiz a observação lá, só que estagiei. **Era uma escola particular?** Publica. **Publica?** É do estado também. Só que estagiei na escola Pompílio Espinheira que era do estado também que era lá no finalzinho da nova, ali na praça Juvino Oliveira. **Onde é o batalhão hoje?** Onde hoje é o batalhão da policia, eu estagiei no 2º ano que a gente fala 1ª série né? **E ai?** E ai foi ótimo, foi excelente. **Identificou mesmo?** Identifiquei-me, era uma turma de 35 estudantes, todos assim foram super amáveis foi muito bom, a turma era boa, a turma de você passar conteúdo todos prestarem atenção, tinham um maior amor comigo, a sala super tranqüila, a professora que era a professora da sala na época me deixou bem a vontade era esqueci o nome dela, ela é da 1ª igreja, eu não to lembrando o nome dela; toca piano, esqueci o nome, me deixou muito a vontade, eu me realizei naquela sala fiz todos os preparativos que antigamente a gente fazia tudo isso não é? Mural, painel, forrava caderninho, tudo arrumadinho, então foi ótimo a minha festa de encerramento mesmo foi assim show. E hoje o que fico mais encantada ainda que esses dias passei, fui no banco do Brasil, estava sentada lá e um rapaz trabalhando lá sentado e me observando, sempre olhava pra ele e ele também olhava pra mim, falei: meu Deus, conheço esse rapaz de algum lugar, quando minha ficha caiu que lembre do rosto dele ele tinha sido meu estudante, e era o melhor estudante da sala na época que eu estagiei, e ele tava trabalhando no banco do Brasil, e pra mim, fiquei assim tão grata, tão **E ele lembrou?** E ele lembrou de mim, e depois ele veio falar comigo, e falou assim

oh professora, a senhora lembra daqueles meninos assim,as vezes era um pouquinho trabalhosos,na conversa,que na sala não era assim muito trabalhosos não,você lembra e tal e tal... A eles não prosseguiram não foram em frente, entraram no mundo das drogas né,e ai um desses meninos que foi meu estudante foi morto pela policia na época né,então a gente fica triste mas por outro lado eu fiquei feliz porque pelo o reconhecimento por ele ter lembrado de mim.

APÊNDICE J – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MÔNICA

Monica: 16 anos de educação, sempre nas series iniciais, 1º ano, 2º e 3º. **Como foi a sua infância na escola, a sua entrada na escola?** Minha entrada na escola é motivo de muita emoção para mim, choro, eu já tinha oito anos, eu não tinha certidão de nascimento, por que a minha mãe foi mãe solteira e eu fui criada por minha avó. Mais a minha avó desde os seis anos começou a me ensinar em casa. Quando eu fui pra escola eu já fui sabendo muita coisa, já lendo, já escrevia palavras, já fui alfabetizada, com oito anos. Minha mãe não tinha condição de pagar o registro, por que naquela época se pagava registro. Uma diretora de escola viu minha situação e se ofereceu para pagar o registro. Minha avó estudou naquela época eu não sei falar, tipo assim 3ª série, ela lia jornal, romance, esses autores Machado de Assis, José de Alencar, esses livros Helena, Senhora, ela adorava ler jornal, e teve uma época da vida dela antes deu nascer que ela alfabetizou outras pessoas. **A sua mãe chegou a freqüentar a escola?** Naquela época eu lembro que elas falavam na admissão. Ela estudou até a quarta série, para entrar no ginásio tinha que fazer admissão, processo seletivo, e a minha mãe quando chegou esse período não passou, mas minha mãe era muito esclarecida, não lia tanto quanto a minha avó, mais me orientava. **Como foi sua relação na escola, você gostava, você sofreu alguma coisa, você foi feliz?** Quando eu entrei, eu era muito tímida, eu senti uma certa discriminação, por que quando eu entrei, eu fui para uma escola que na minha cidade quem freqüentava era a elite, era pública, mais quem freqüentava mais era as pessoas que os pais tinha comercio, eu me lembro que foi logo quando iniciou o processo de educação infantil, e quando eu cheguei nessa escola, eu não me lembro exatamente, quando eu cheguei a fui logo transferida para outra. Não fiquei, não estudei nessa escola. **Você achou estranho?** Eu, minha mãe, minha avó, ninguém comentou nada comigo mas no meu interior, eu achei que houve assim, naquela época eu não sabia que era discriminação, hoje eu penso que foi, mas eu não lembro se esse fato foi um fato real. **Qual era a década? Você era criança ainda não era?** Era, foi em 80 por ai, 82, 83. **Logo no inicio da década de 80? Foi. Para qual escola você foi?** Sim, ai eu fui para essa escola, lá eu mim sentir super feliz, eu não cheguei a estudar nessa escola não, que eu to te falando, logo no primeiro dia eu fui para essa outra escola só que lá só tinha essas meninas que filha de pessoas que era dona de comercio entendeu? Ai eu fui para essa outra escola, quando eu cheguei nessa outra escola eu mim sentir muito assim: amparada porque inclusive a diretora dessa escola, foi a moça que conseguiu pagar meu documento, a minha certidão para eu poder estudar, e ai eu mim sentir assim: a minha professora era maravilhosa tem hora que eu penso também que eu não fiquei lá que eu já tinha um conhecimento avançado, as vezes eu penso isso, mas [...]. naquele momento de criança eu pensei que eu estava sendo discriminada, mas hoje assim eu penso que eu já tinha leitura, eu tinha um conhecimento né? Minha idade também já era maior que a das crianças que estava juntas comigo. **Então mas sua relação tanto com os professores quanto com os outros colegas de 1ª a 4ª série?** Perfeito; eu tive uma relação assim muito boa, exceto com uma professora que vamos por parte, mas foi na 2ª série, marcou muito, marcou e hoje eu observo muito o que falo com os meus estudantes por conta disso, é porque eu tenho tipo um olhar assim né, e eu sentava na frente bem como essa menina esta e eu tava bem assim olhando para ela, o nome dela é Edmunda nunca mim esqueço, estava olhando para ela e ai ela teve uma fala muito dura comigo, tipo: o quê que você esta olhando para mim com esse olho? A indução é que eu sou muito feia, é de boi; porque eu estava com o olho muito assim fixo, não sei, eu não me lembro assim; mas ai ela me marcou e eu não lembro assim, mas ai eu fiquei muito chateada com ela que eu; só isso que eu tive de ruim na minha. **Marcou?** Marcou, e quando ela me falou isso ela não era dessa cidade, ela foi embora, ela mim marcou de tal maneira que assim, um tempo depois eu fiquei sabendo que ela tinha falecido, fiquei feliz, eu não sabia assim, hoje eu sei que, mas aquele momento eu mim sentia assim sabe? Eu era criança e ela falou aquilo comigo de uma

maneira que me marcou bastante mesmo, mas nas outras coisas foi tudo tranqüilo. **E o ginásio foi tranqüilo?** Super tranqüilo. **Você fez escola pública também?** Quando eu passei para o ginásio aí eu fui para essa escola que era considerada porque lá tinha o ginásio, e foi super tranqüilo assim; só que quando chegou no 7º ano, eu não sei por qual motivo, eu só sei que eu perdi o interesse de estudar, acho por motivo de namoro, eu não sei, só sei que foi por um motivo assim. **Na fase da adolescência?** Sim; eu parei, minha avó, porque eu fui criada com minha avó, ela me incentivava muito e eu perdi de ano na 7ª série, quando eu voltei para 8º série eu voltei com todo gás, inclusive eu era sempre uma das melhores da turma, porque sempre tirava as melhores notas, não queria tirar nota... **E esse período que você ficou sem ir para escola você sofre de certa forma uma pressão em casa?** Sofri e também sofri de arrependimento, eu sofri no mesmo período que eu me arrependi, quando eu voltei eu queria recuperar o tempo, esse tempo foi só um ano. **Mas você justifica que foi coisa da adolescência ou foi algo mais sério que aconteceu?** Não, só foi coisa da adolescência. **E o que você queria ser quando crescesse?** Naquela época a gente não tinha, quer dizer sonho tinha, fazer faculdade era impossível para nós, eu sempre pensava ser jornalista mas era uma coisa longe da minha realidade, era só um sonho. **Por quê? Você se espelhava em alguém?** Eu era, sempre na minha escola tinha aquelas premiações, melhor estudante, eu sempre era premiada por ser a mais informada, pois assistia muito jornal, eu contava: a eu vir isso em determinado canal, e eu gostava de ver as reportagens, até hoje eu gosto de ver as reportagens, então eu gostava mais que isso, agora uma pessoa profissional assim eu não lembro o nome, mas eu gostava muito, depois que eu sair assim, mas só que na minha cidade só tinha ou magistério, o ensino médio naquela época era magistério né? Não tinha outra coisa, eu quando iniciei o magistério eu iniciei não muito animada mas depois que eu comecei a estudar. **Você fez então por opção, não por uma escolha?** Foi a única opção que eu tinha e quando eu comecei a estudar eu já fui criando gosto quando veio os estágios. **Você começou a gostar nos estágios? No primeiro momento não?** Foi inclusive no meu trabalho final do magistério eu conto isso que quando eu criei amor mesmo pela profissão foi quando veio os estágios já no 2º ano, que eu já comecei a trabalhar, porque naquela época na minha cidade por ser muito pequena, pegava os estudantes destaque das turmas e aí a prefeitura já contratava para ir trabalhando, e aí nesse 2º ano eu comecei a trabalhar no meio rural, só que era contrato né, essa parte eu não conto nos meus anos de serviço não, que eu já comecei já no magistério. **Mas houve um incentivo de alguém para você se tornar professora?** Não porque eu me identifiquei com o ambiente nos estágios, com as crianças, naquele momento eu criei amor pela profissão por conta das crianças. **O que é educação para você, como você conceituaria educação?** Educação para mim é uma forma de se adquirir conhecimento, tem várias maneiras de se definir a educação não é? A educação que você é uma pessoa educada, mas educada com quê? Então educação para mim é assim o que a pessoa adquirir durante os anos, pode ser uma educação escolar ou educação fora da escola, educação que já vem da família, educação que vem do seu convívio religioso essa é educação, desde quando você nasce logo nos seus primeiros anos de vida, que você vai, o que você é com a família depois o que você é com a igreja, você vai adquirir depois você vem para escola, então essa é educação que é construída eu vejo assim.

Agora o conceito de escola, como é que você conceituaria a escola, qual a importância, você ver uma sociedade sem escola? Eu não vejo, apesar que a família é muito importante no processo, na educação da criança, como eu te falei, desde de bebezinho tendo perto da mãe já vem essa coisa, mas eu não vejo uma sociedade sem escola, apesar que tem alguns locais que eles não tem essa escola de espaço físico formal, tem uma escola mais informal, mas eu não vejo sociedade sem escola, que aqui apesar da família ter, eu sempre coloco a família como muito importante no processo porque para mim é a base, mas eu vejo aqui como a forma de aumentar o conhecimento de várias formas e do ambiente que essas crianças vivem. **Currículo, como é que você conceituaria para mim currículo?** Currículo são normas a serem seguidas por exemplo

nós seguimos um currículo da grade de disciplinas, então currículo seria normas, normas não, regras também não, é algo a ser seguido, a ser cumprido. **Você acha que a escola tem por exemplo, essa escola Dona Maria, o currículo do Dona Maria contempla a formação dessas crianças como cidadão, como intelectual, você acha que o currículo ele está de acordo?** Olha essa escola Dona Maria eu acho que tem deixado a desejar porque eu já trabalhei em uma outra escola aqui mesmo no município e eles tem o currículo além dessa disciplina. **Qual é o nome desta escola?** Isaura Costa, além dessas disciplinas são comuns, eles tem ainda uma que eles chamam de disciplina que ela não é comum, cada escola ou cada município acrescenta, lá nós tínhamos cultura afro, então é trabalhado lá, que até hoje tem né, apesar que tem uma coisa que eu acho assim: tem a disciplina mas ela não consta na grade curricular como nota faz provas, faz avaliações e tudo mas ela não conta, por exemplo: se você vai para outra cidade ela não é titular, mas eu acredito que tem uma lei que nomeia por agora que pode acrescentar essa disciplina. **É a 10639/2003?** Pois é, que é essa que é da história e cultura afro nas escolas, e aí aqui no Dona Maria eu não... porque eu vejo muito assim quando, não só o Dona Maria a maioria das escolas, pode ser aqui pode ser em outros lugares, não vai muito assim para o lado muito específico da cidade, vai muito assim por essas questões do português, matemática, apesar que nas matérias de história, geografia a gente trabalha até também na própria português, alguma necessidade extra. **Não é explorada?** Você percebe que é uma coisa assim não faz parte do currículo. **Como você define conhecimento?** É uma construção a gente constrói nosso conhecimento nas relações com as pessoas, na escola, nos ambientes então conhecimento eu acho que ele é construído ao longo dos anos da sua vida, porque o conhecimento que eu tinha quando eu iniciei a minha carreira, lógico que hoje eu tenho muito mais conhecimento, é uma construção que você vai adquirindo ao longo de sua vida. É tudo que o professor utiliza para poder desenvolver a sua aula, as práticas que nós utilizamos para que o estudante desenvolva o conhecimento, para que o estudante melhore o seu conhecimento, e a minha prática é uma avaliação que tem uma alta avaliação, ela tem melhorado durante esses anos, porque também muita coisa tem mudado na educação, apesar que o que acho hoje é que melhora possa ser que algumas colegas minhas não entenda como melhorar por exemplo: eu posso trabalhar com o estudante, faço essas intervenções mas, o estudante vai desenvolver o seu conhecimento suas estratégias, eu estou ali pronta para ajudar, para dizer olha aqui está correto, por esse lado aqui eu acho que fica melhor, e a minha prática ela é assim, eu trabalho muito com leitura de livros literários lendo para eles quase todos os dias, se não for todos os dias mas uma vez na semana, tem semana que leio tem semana que não, tenho tentado contribuir mesmo com o crescimento deles só que hoje em dia as coisas estão difíceis, tem estudante que estão chegando com muita dificuldade e aí você precisa ter uma maneira de lidar com a interatividade da sala, além de comportamento e de licitação social tem a questão da aprendizagem que tá cada vez mais gritante. Cultura vem de determinadas coisas, meu grupo social, por exemplo: o povo baiano, a cultura do povo baiano de uma parte é ligada ao misticismo, não é uma coisa generalizada mas tem essa parte da limitação que é uma coisa mais específica assim do baiano, aí outro grupo do sul ou do norte já tem outro tipo de alimentação, de gostar de determinadas músicas, não estou falando o povo todo de modo generalizado, estou falando assim: uma boa parte do povo, então cultura é característica do povo de um grupo. Olha antigamente, como eu te falei, muita coisa mudou ao longo dos anos, quando eu te falava em raça já pensava em raça negra, raça preta e hoje em dia eu já vejo como raça humana, todo mundo nós pertencemos a raça humana o que vai diferenciar é a etnia tipo, mas essa questão da etnia que é mais específica de um povo, o que vai diferenciar é a questão étnica não a raça, que eu penso que todo mundo é da raça humana mas o que diferencia é a etnia. **E a etnia significa o quê?** É a cultura de determinados grupos, cultura, características físicas né por exemplo: o Japão a cultura com as características físicas são as etnias daquele povo, eu penso assim hoje, nós somos raça humana, mas aí o Japão já tem as características do olho

puxado,a sua cultura é outra,de alimentação de crenças. . Racismo pode ser aquela pessoa que discrimina a outra pela sua cor ou pela sua cultura talvez não sei,hoje a gente ver mais por essa questão de cor,foi hoje ou foi ontem eu estava vendo uma reportagem,uma menina estudante colocou na justiça,foi ontem a loja da Riachuelo-Salvador, ela se sentiu discriminada pela sua cor,porque ela disse que entrou na loja e ai o gerente ficou o tempo todo seguindo até que ela passou no caixa para pagar,quando ela saiu da loja o alarme mesmo sem o senso na peça que ela comprou que foi um biquíni,o senso alarmou quando ela saiu da loja ela se sentiu assim,que tem muitas coisas que não entendo direito que é injuria racial e de racismo que eu sou leiga eu não entendi direito mas e a outra também professora mas por conta da cor,por esta bem vestida já pensa logo por ser negra é uma bandida ou uma pessoa que vai roubar ou que vai fazer alguma coisa. É discriminar o outro pela cor como eu te falei hoje eu vejo a raça humana no geral, seres humanos e o que vai diferenciar os povos são os grupos através das características,das culturas isso e quando fala discriminação racial é tratar mal o outro pela sua cor. É ter um conceito prévio de determinadas coisas,então mesmo sem conhecer o preconceito,não sei eu vejo até parecida as duas coisas,as respostas,preconceito é ter aquele conceito prévio mas assim,não gostar do outro também,por religião,pela a adversidade,pela questão do gênero ,por questão social. **Como é sua relação na escola, como é a sua relação com as pessoas com o ambiente escolar,com o ensino,com a aprendizagem vai interferir no seu trabalho? Como é a sua relação com o ensino e aprendizagem e o conhecimento com as crianças, como é essa relação?** A minha relação no ambiente é muito boa com todos, tudo tranquilo é claro que tem uma divergência de opinião de ideia mas é tranquilo e na sala de aula a questão de ensino e aprendizagem, eu sou uma pessoa que me cobro muito,então eu faço uma auto avaliação,será que estou indo pelo no caminho certo,será que os meninos estão aprendendo,uma parte né? E essa relação assim com as crianças eu tento fazer esse trabalho diversificado com aqueles que têm mais dificuldade para eles tentarem entender determinados assuntos que é conhecimento mais do jeito deles com as limitações que eles têm então essa relação que eu tenho na sala de aula é super tranquila com os meninos assim eles me tratam bem, eu trato eles bem também, tem uma relação harmoniosa, claro que tem horas que a gente tem que falar um pouquinho mais alto um pouco que senão se deixar assim também. **E a sua relação com os seus colegas com a direção, com o pessoa da infra-estrutura,de apoio?** Super tranquilo às vezes eu sou vista muito pela a diretora, ela mesma fala comigo, porque às vezes eu sou muito questionadora, se eu ver algo que não concordo eu falo,e tem momento que eu fico chateada comigo mesmo porque eu não consigo me controlar,se eu perceber que é algo que eu não concordo com aquele ambiente ali ou se é algo com as minhas colegas eu vou defender e para falar a minha opinião;agora se ela tenta me convencer,me mostrar uma justificativa que eu entenda que é melhor que a minha ai eu posso até aceitar,mas eu sou sempre questionadora,eu falo. **Como você se organiza, como é sua estratégia de planejamento,você planeja individual,em grupo,qual o seu tempo de estudo para planejar,seu planejamento é coletivo,como é essa relação?** Olha só,meu planejamento é o seguinte:nós temos um período na sexta-feira que a gente reuni eu e o grupo,nós do 3º ano,e a gente reúne e faz o planejamento com as colegas,sempre destacando que a gente fala assim:que o assunto,atividade pode variar de atividade que a minha atividade não vai bater com a da minha colega,então eu posso mudar alguma coisa,é porque tem vez que eu não posso trabalhar com a turma da tarde com o mesmo assunto que eu trabalho com a turma da manhã que são diferentes na questão de aprendizado,então o planejamento é coletivo esse momento eu acho muito pouco para a gente esta planejando,preparando atividade,deixando tudo prontinho para semana seguinte,geralmente eu levo para casa para poder prepara minhas atividades em casa,então eu acho esse momento aqui da escola muito pouco que só da para a gente anotar mesmo o que a gente vai trabalhar agora planejar preparar atividade o tempo é bem pouco. **Como você ver a importância e a ausência dessa disciplina?** Eu vejo como muito importante,a gente não deixa

de esta falando sobre o assunto,mas eu vejo como importante porque o nosso país ele tem essa mistura,cultura,tem muita coisa da cultura africana na nossa cultura e as vezes os nossos estudantes ainda não compreendeu isso porque eles não tem esse conhecimento de casa ou de outro lugar e isso é importante para esta direcionando essa questão de mostrar a importância dos negros para a formação do nosso povo,para formação do povo brasileiro,então eu acho importante mesmo que tem determinados momentos que a gente trabalha isso,quando surge uma situação na sala de aula de preconceito com relação ao um colega por causa da cor a gente sempre aproveita esses momentos para está abordando sobre isso. **Você pode citar algum exemplo que já ocorreu?** Vários, tenho observado que às vezes o negro, a própria criança negra ela fala de forma racista com o outro que é negro ela não tem ainda essa consciência que por exemplo ele é da mesma cor; tenho observado aqui que muitas crianças só ouvi esse negrinho,mas ele mesmo é negro e ele aponta o outro como negrinho de forma assim a fala é de forma grosseira que machuca,que ofende né,não é aquele negrinho que tem muita gente que é apelido,é aquele negrinho porque é negro,ele mesmo não tem ainda a consciência que ele é negro,que ele para ser respeitado ele precisa também respeitar o colega o outro eu tenho observado isso na minha sala. **É só na cor da pele?** Cabelo, aponta muito assim, nega do cabelo duro, o sua negra do cabelo duro e é como forma de xingamento entendeu,negra do cabelo duro,tenho observado isso também e outras coisas além da cor, já teve situações de ficar apontando o nariz da criança porque é um pouquinho aberto que é outra coisa, [...] é por isso que eu sinto falta da disciplina cultura afro, eu já tinha até comentado com as minha colegas aqui,que eu sempre trago quando venho de outro lugar eu sempre fico falando das coisas que eu olhei no outro lugar que é para poder contribuir? Porque é uma forma da criança ir se conscientizando, da mesma forma que esta sendo trabalhado muito nas escolas a questão do bullying, então eu acho que essa parte, mostrar,valorizar,mostrar o cachecol de valorização, fazer também a parte das contribuições para essa criança se identificar com essa historia tão bonita que é historia nossa que o povo brasileiro ta envolvida,ela se identificando,ela se sentindo parte desse corpo,dessa etnia vamos dizer,porque nós todos somos brasileiros,mas eu falo assim do que foi trazido lá da África tem que se identificar e se reconhecer e reconhecer o outro e respeitar o outro também. Desigualdade é o contrario de igual, observo que tem falado que todo mudo é igual,mas eu observo que nós somos diferentes agora devemos ser respeitado com as nossa diferenças;então a desigualdade em relação a desigualdade social,as vezes a questão da cor,em um determinado trabalho você não é contratado por causa da sua cor ou porque também pela sua maneira de vestir esse tipo de desigualdade que é a gente olha logo a questão de um querer ser melhor que o outro,então tem muito a questão de um querer ser melhor que o outro,então sempre a parte mais fraca acaba sofrendo mais. **A então você entrou na questão da classe social, o que seria a classe social e o que elas representam na escola?** As classes são divididas em classe média, classe c, classe A, ricos e pobres, miseráveis, e como elas apresentam na escola, nessa escola aqui eu observo que quase todo mundo tem o mesmo nível social. **Estudante?** Estudante, quase todo mundo no mesmo nível social tem uns por aquela questão assim de renda inferior mesmo mas a maioria todo mundo é equilibrado. **Você no decorrer da sua historia você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação?** Eu não sou muito de andar bem vestida, meu cabelo é ruim mesmo e eu não sou de anda em salão essas coisas e ai você observa falas relacionadas a determinadas coisas, cabelo, assim coisa mas pessoal mesmo que eu podia mim cuidar mais que o meu cabelo podia ser,entendeu? Esse tipo de coisa assim.Esses dias atrás mesmo eu tinha decidido que não ia passar mais alisante em meu cabelo, não ia passar nada,eu ia assumir o meu cabelo ai eu fiquei um período assumir,mas ai a cobrança foi muito “a não seu cabelo ta ruim demais” tanto em casa quanto dos colegas,a não da não,não da para assumir cabelo não, porque é muito alto,esse tipo de coisa. **A pressão social foi muito forte?** Então ai eu tive que ceder, ai tava tentando deixar ele cortei que ele já tava um pouco grande,ai cortei um pouco mais curto para poder tirar a química mas ai não

agüentei tive que voltar porque foi uma pressão grande,foi muita pressão para puder ,que tava feio mesmo né,e que era melhor eu relaxar e fazer ficar mais baixinho mas eu queria mesmo assumir meu cabelo para ele ficar do jeito que ele é mesmo mas não tem condições,é muita pressão. **E pelos dados do IBGE você se define como branca, amarela, parda, negra, preta?** Eu coloco sempre que sou uma pessoa parda. **Por quê? O que seria parda?** Eu não sei inclusive eu fui fazer a inscrição da minha filha no IFBA e ai eu fiquei eu falo para ela que ela é negra porque meu esposo é negro, eu mim considero negra, assim de cor eu sou amarela sei lá mainha me chamava de Sarara,tenho um olho meio castanho,mas ai na hora de colocar o dela eu fiquei na duvida se colocaria como parda ou como negra,por ultimo eu falei assim: oh filha fica assim sua cor é negra porque ela é mais moreninha do que eu. **E ai é para ela?** Mas ela já é tanto que minha filha é bem resolvida com isso, ela sabe que ela é negra ela não quer alisar o cabelo dela de jeito nenhum,as vezes eu já tentei convencer mas ela não quer ela não alisa de jeito nenhum o cabelo dela é aquele e ela gosta assim cacheado,ela dizmainha eu tenho que mim assumir eu sou assim,ai eu falo minha filha é melhor cuidar,ai ela fala não eu quero assim eu sou assim,e ai eu coloquei ela como negra porque ela se reconhece assim. **E seu pai e sua mãe?** Meu pai é negro e tem também descendência indígena a pele dele é escura mas o cabelo é muito liso e ele tem descendência mesmo indígena; a minha mãe já foi uma mistura , negro com branco assim:tem olhos azuis,o pai da minha mãe era branco de olhos azuis e a mãe da minha mãe era negra mesmo e ela se definia como parda,eu me defino como parda porque para mim é uma mistura eu entendo que é uma mistura,eu nem entendo direito esse negocio de pardo. **Como é ser mulher para você ser professora?** Eu vejo minha profissão como uma profissão mas assim feminina porque acaba que a gente vai muito pelo hábito de mãe as vezes isso não é bom,acabou que durante muito tempo pela a historia,parece ser a extensão da sua casa você lidar com crianças você ter a questão do amor pela a questão da mulher ser considerada assim sexo frágil então era profissão que mas cabia para mulher ,mas eu mim vejo assim hoje eu mim sinto realizada por minha profissão ser professora ser mulher ,mas hoje eu poderia ta exercendo qualquer outra profissão que mim desse vontade,eu acho que as pessoas de hoje também as crianças os adolescentes hoje eles estão mas assim,as meninas elas podem hoje pela a ampla diversidade de cursos elas podem entrar em qualquer área e competir igual ao homem. **Sua religião qual é? Como é sua relação com seu esposo? Com seus filhos como é sua vida fora da escola?** Eu sou evangélica,nasci em um lar evangélico desde criança quando eu me compreendi foi indo para igreja evangélica,sou Batista,na minha casa eu tenho uma relação muito boa com os meus filhos claro,hoje as crianças de hoje já nascem querendo ter mais conhecimento que os pais e por conta disso a gente tem assim divergências de opiniões mas a gente tenta resolver da melhor formar possível,eu sou casada a 18 anos,tenho um casamento estável,tenho divergência mas é tudo tranquilo na minha casa,quando nos casamos não tínhamos nada e durante esse anos de casamento nós conseguimos as coisas juntos ,tentamos da para nossos filhos mais oportunidades que tivemos,conseguimos superar nossas dificuldades,eu passei muitas dificuldades,passei fome,dificuldade financeira,eu tive no meu lar muito amor na minha infância e adolescência e tento fazer isso com os meus filhos.**Você pode me explicar porque existe preconceito, racismo, discriminação, desigualdade na sociedade brasileira? De onde vem isso?** Isso vem da nossa história, porque desde que os portugueses chegaram aqui eles já tentaram controlar os índios, os índios por alguns momentos ficaram sobre o comando deles mas eles depois fugiram pela floresta e eles ficaram sem mão de obra e trouxeram os negros da África para trabalhar para os europeus, a partir daí começa a diferença de classe.

ANEXOS**ANEXO A - OFÍCIO ENCAMINHADO À SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, DE
SALVADOR, PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO EXPLORATÓRIO NA ESCOLA MUNICIPAL
EUGÊNIA ANA DOS SANTOS**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd**

Vitória da Conquista, 16 de agosto de 2013

Ilmo(a) Sr (a) Gilmara Cunha
Secretaria Municipal de Educação de Salvador, Bahia

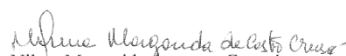
Vimos pelo presente, solicitar a V. Sa. Autorização para que possamos realizar estudos na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, para realizar entrevista, gravada, juntamente aos professores e ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da Escola.

Os citados estudos fazem parte de uma pesquisa de nossa Dissertação de Mestrado, em preparação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEd/UESB), com defesa prevista para 2015. A pesquisa aborda o tema “Práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental: sentidos atribuídos por professoras negras”, tem como objetivo analisar sentidos atribuídos por professoras negras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Escolhemos a referida instituição para realizar a parte exploratória de nossa pesquisa por ser localizada em um terreiro de candomblé, religião de origem africana, e as professoras vivenciarem situações de discriminação racial. O objetivo então, é de conhecer como lidam com o preconceito racial, em sala de aula, para melhor problematizar nosso objeto de estudo.

Colocamo-nos, portanto, à disposição para qualquer esclarecimento. Aguardamos confirmação da autorização solicitada.

Cordialmente,


Nilma Margarida de castro Crusó

Orientadora

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde.

Prezado (a) Lucimária Ribeiro Souza, eu Aline Oliveira Ramos estou realizando o estudo sobre PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: sentidos de professoras. Esta pesquisa tem como objetivo analisar sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental e como objetivo *específicos*: Identificar sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental; Analisar os sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental em que se aspectos se aproximam e se diferenciam.

A discriminação racial é uma ofensa à plena igualdade de direitos entre as pessoas, desrespeita os seus direitos humanos e deve, portanto, ser identificada e logo enfrentada em todas as suas formas e lugares, e, particularmente na escola. Esse entendimento é um avanço que abre possibilidades para um enfrentamento significativo diante do racismo, particularmente no campo de pesquisa que atuam a escola. Todas as informações reveladas por meio da entrevista são confidenciais e é garantido o anonimato. Você (participante) tem direito a esclarecimentos adicionais, a qualquer tempo desta pesquisa. Não há remuneração pela participação desta pesquisa. Caso você deseje desistir de participar da pesquisa, a qualquer tempo, não haverá nenhum prejuízo para você, família ou em nossa relação. Após ler e entender o conteúdo desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado duas vias, sendo que uma das vias fica com você, participante da pesquisa, e a outra será arquivada pela pesquisadora por cinco anos.

Vitória da Conquista, 11 de junho de 2014.

Lucimária Ribeiro Souza

Participante da pesquisa



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Lucimaria Ribeiro Souza, CPF 382.653.625-57,
 RG 02.476.987-94 depois de conhecer e entender os objetivos,
 procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar
 ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no
 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do
 presente termo, os pesquisadores **Aline Oliveira Ramos** e **Nilma Margarida de
 Castro Crusóe**, do projeto de pesquisa intitulado "Sentidos de professoras sobre
 práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental" a realizar
 as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer
 ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) o/ou
 depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e
 transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados,
 obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças
 e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990),
 dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência
 (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Vitória da Conquista - BA, 23 de maio de 2014.

Lucimaria R. Souza
 Participante da pesquisa

Aline Oliveira Ramos
 Pesquisador responsável pelo projeto

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde.

Prezado (a) Rosania Silva Rocha Lopes, eu Aline Oliveira Ramos estou realizando o estudo sobre PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: sentidos de professoras. Esta pesquisa tem como objetivo analisar sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental e como objetivo *específicos*: Identificar sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental; Analisar os sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental em que se aspectos se aproximam e se diferenciam.

A discriminação racial é uma ofensa à plena igualdade de direitos entre as pessoas, desrespeita os seus direitos humanos e deve, portanto, ser identificada e logo enfrentada em todas as suas formas e lugares, e, particularmente na escola. Esse entendimento é um avanço que abre possibilidades para um enfrentamento significativo diante do racismo, particularmente no campo de pesquisa que atuam a escola. Todas as informações reveladas por meio da entrevista são confidenciais e é garantido o anonimato. Você (participante) tem direito a esclarecimentos adicionais, a qualquer tempo desta pesquisa. Não há remuneração pela participação desta pesquisa. Caso você deseje desistir de participar da pesquisa, a qualquer tempo, não haverá nenhum prejuízo para você, família ou em nossa relação. Após ler e entender o conteúdo desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado duas vias, sendo que uma das vias fica com você, participante da pesquisa, e a outra será arquivada pela pesquisadora por cinco anos.

Vitória da Conquista, 11 de junho de 2014.

Rosania Silva Rocha Lopes

Participante da pesquisa



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Rosania S. Rocha Lopes CPF 938.706475-15 _____
 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Aline Oliveira Ramos** e **Nilma Margarida de Castro Crusoé**, do projeto de pesquisa intitulado “Sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Vitória da Conquista - BA, 23 de maio de 2014.

Rosania S. Rocha Lopes
 Participante da pesquisa

Aline Oliveira Ramos
 Pesquisador responsável pelo projeto



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Rita de Cássia Sampaio Souza, CPF 99705516553 RE 0501667401
 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Aline Oliveira Ramos** e **Nilma Margarida de Castro Crusoé**, do projeto de pesquisa intitulado “Sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Vitória da Conquista - BA, 23 de maio de 2014.

Rita de Cássia Sampaio Souza
 Participante da pesquisa

Aline Oliveira Ramos
 Pesquisador responsável pelo projeto

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde.

Prezado (a) Rita de Cássia Sampaio Souza, eu Aline Oliveira Ramos estou realizando o estudo sobre PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: sentidos de professoras. Esta pesquisa tem como objetivo analisar sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental e como objetivo *específicos*: Identificar sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental; Analisar os sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental em que se aspectos se aproximam e se diferenciam.

A discriminação racial é uma ofensa à plena igualdade de direitos entre as pessoas, desrespeita os seus direitos humanos e deve, portanto, ser identificada e logo enfrentada em todas as suas formas e lugares, e, particularmente na escola. Esse entendimento é um avanço que abre possibilidades para um enfrentamento significativo diante do racismo, particularmente no campo de pesquisa que atuam a escola. Todas as informações reveladas por meio da entrevista são confidenciais e é garantido o anonimato. Você (participante) tem direito a esclarecimentos adicionais, a qualquer tempo desta pesquisa. Não há remuneração pela participação desta pesquisa. Caso você deseje desistir de participar da pesquisa, a qualquer tempo, não haverá nenhum prejuízo para você, família ou em nossa relação. Após ler e entender o conteúdo desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado duas vias, sendo que uma das vias fica com você, participante da pesquisa, e a outra será arquivada pela pesquisadora por cinco anos.

Vitória da Conquista, 11 de junho de 2014.

Rita de Cássia Sampaio Souza

Participante da pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde.

Prezado (a) Mônica Santos P. Araújo, eu Aline Oliveira Ramos estou realizando o estudo sobre PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: sentidos de professoras. Esta pesquisa tem como objetivo analisar sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental e como objetivo *específicos*: Identificar sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental; Analisar os sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental em que se aspectos se aproximam e se diferenciam.

A discriminação racial é uma ofensa à plena igualdade de direitos entre as pessoas, desrespeita os seus direitos humanos e deve, portanto, ser identificada e logo enfrentada em todas as suas formas e lugares, e, particularmente na escola. Esse entendimento é um avanço que abre possibilidades para um enfrentamento significativo diante do racismo, particularmente no campo de pesquisa que atuam a escola. Todas as informações reveladas por meio da entrevista são confidenciais e é garantido o anonimato. Você (participante) tem direito a esclarecimentos adicionais, a qualquer tempo desta pesquisa. Não há remuneração pela participação desta pesquisa. Caso você deseje desistir de participar da pesquisa, a qualquer tempo, não haverá nenhum prejuízo para você, família ou em nossa relação. Após ler e entender o conteúdo desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado duas vias, sendo que uma das vias fica com você, participante da pesquisa, e a outra será arquivada pela pesquisadora por cinco anos.

Vitória da Conquista, 11 de junho de 2014.

Mônica Santos Pereira Araújo

Participante da pesquisa



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Mônica Santos Pereira Araújo, CPF 820.478.805-30
 RG 0826187633 depois de conhecer e entender os objetivos,
 procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar
 ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no
 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do
 presente termo, os pesquisadores **Aline Oliveira Ramos** e **Nilma Margarida de
 Castro Crusoé**, do projeto de pesquisa intitulado "Sentidos de professoras sobre
 práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental" a realizar
 as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer
 ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou
 depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e
 transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados,
 obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças
 e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990),
 dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência
 (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Vitória da Conquista - BA, 23 de maio de 2014.

Mônica Santos P. Araújo

Participante da pesquisa

Aline Ramos

Pesquisador responsável pelo projeto

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde.

Prezado(a) Luciana P. G. Santos, eu Aline Oliveira Ramos estou realizando o estudo sobre PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: sentidos de professoras. Esta pesquisa tem como objetivo analisar sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental e como objetivo *específicos*: Identificar sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental; Analisar os sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental em que se aspectos se aproximam e se diferenciam.

A discriminação racial é uma ofensa à plena igualdade de direitos entre as pessoas, desrespeita os seus direitos humanos e deve, portanto, ser identificada e logo enfrentada em todas as suas formas e lugares, e, particularmente na escola. Esse entendimento é um avanço que abre possibilidades para um enfrentamento significativo diante do racismo, particularmente no campo de pesquisa que atuam a escola. Todas as informações reveladas por meio da entrevista são confidenciais e é garantido o anonimato. Você (participante) tem direito a esclarecimentos adicionais, a qualquer tempo desta pesquisa. Não há remuneração pela participação desta pesquisa. Caso você deseje desistir de participar da pesquisa, a qualquer tempo, não haverá nenhum prejuízo para você, família ou em nossa relação. Após ler e entender o conteúdo desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado duas vias, sendo que uma das vias fica com você, participante da pesquisa, e a outra será arquivada pela pesquisadora por cinco anos.

Vitória da Conquista, 11 de junho de 2014.

Luciana Peneser Gama Santos
Participante da pesquisa



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa - CEP / UESB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Heluciana Lenise Gama Santos, CPF 930.164.505-00
 RG 6.031.492-47 depois de conhecer e entender os objetivos,
 procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar
 ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no
 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do
 presente termo, os pesquisadores Aline Oliveira Ramos e Nilma Margarida de
Castro Crusó, do projeto de pesquisa intitulado "Sentidos de professoras sobre
 práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental" a realizar
 as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer
 ônus financeiros e nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou
 depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e
 transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados,
 obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças
 e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei N.º 8.069/ 1990),
 dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência
 (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Vitória da Conquista - BA, 23 de maio de 2014.

Heluciana Lenise Gama Santos
 Participante da pesquisa

Aline O. Ramos
 Pesquisador responsável pelo projeto



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Barbara Santos O. Franca, CPF 378.164.625-49
 RG 2.566.903-67 depois de conhecer e entender os objetivos,
 procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar
 ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no
 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do
 presente termo, os pesquisadores **Aline Oliveira Ramos** e **Nilma Margarida de
 Castro Crusoé**, do projeto de pesquisa intitulado “Sentidos de professoras sobre
 práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental” a realizar
 as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer
 ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou
 depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e
 transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados,
 obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças
 e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990),
 dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência
 (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Vitória da Conquista - BA, 23 de maio de 2014.

Barbara Santos O. Franca
 Participante da pesquisa

Aline Oliveira Ramos
 Pesquisador responsável pelo projeto

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde.

Prezado (a) Marta Santos O. Franca, eu Aline Oliveira Ramos estou realizando o estudo sobre PRÁTICAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: sentidos de professoras. Esta pesquisa tem como objetivo analisar sentidos de professoras sobre práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental e como objetivo *específicos*: Identificar sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental; Analisar os sentidos atribuídos por professoras, às práticas de discriminação racial, nos anos iniciais do ensino fundamental em que se aspectos se aproximam e se diferenciam.

A discriminação racial é uma ofensa à plena igualdade de direitos entre as pessoas, desrespeita os seus direitos humanos e deve, portanto, ser identificada e logo enfrentada em todas as suas formas e lugares, e, particularmente na escola. Esse entendimento é um avanço que abre possibilidades para um enfrentamento significativo diante do racismo, particularmente no campo de pesquisa que atuam a escola. Todas as informações reveladas por meio da entrevista são confidenciais e é garantido o anonimato. Você (participante) tem direito a esclarecimentos adicionais, a qualquer tempo desta pesquisa. Não há remuneração pela participação desta pesquisa. Caso você deseje desistir de participar da pesquisa, a qualquer tempo, não haverá nenhum prejuízo para você, família ou em nossa relação. Após ler e entender o conteúdo desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado duas vias, sendo que uma das vias fica com você, participante da pesquisa, e a outra será arquivada pela pesquisadora por cinco anos.

Vitória da Conquista, 11 de junho de 2014.

Marta Santos Oliveira Franca

Participante da pesquisa